

A woman with long, wavy brown hair is captured in profile, running through a field of tall, golden grass. She is wearing a white, off-the-shoulder, long-sleeved dress with a thin brown belt. Her hair is blowing in the wind, and her expression is serene. The background is a soft, out-of-focus landscape with trees and a warm, golden light, suggesting a sunset or sunrise. The overall mood is romantic and ethereal.

LISA
KLEYPAS

*Amar para
Sempre*



Índice

Argumento
Sobre a autora
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15

Sinopse

Alex Faulkner, duque de Stafford, conhece Mireille Germain na luxuosa mansão de Sackville, em Hampshire, durante uma caçada. William Sackville, o anfitrião de meia-idade, deixa entrever a seus amigos e conhecidos que ela é sua amante quando, na realidade, sua relação não é mais que uma farsa.

Mira vive há dois anos na mansão, mas sua presença é puramente ornamental. Sackville é um homem poderoso com um segredo a ocultar, por isso, quando encontra Mira, não duvida em lhe oferecer amparo em troca de sua conivência na mentira. Ela aceita, pois tem algo a ocultar.

Mira e Alex sentem-se inevitavelmente atraídos desde o primeiro momento, e apesar da reticência de Mira em revelar seus segredos, Alex está destinado a descobrir tudo... Mas a jovem e gentil francesa está decidida a manter ocultas suas origens, assim como a verdadeira natureza da relação que a une a Sackville.

Sobre a Autora



Lisa Kleypas (1964) é uma escritora americana de grande êxito nas vendas dentro do gênero romântico histórico. Seus romances se ambientam principalmente no século XIX. Em 1985, foi escolhida Miss Massachusetts e competiu pelo título de Miss América. Kleypas atualmente reside no Texas com seu marido, Greg Ellis, e seus dois filhos, Griffin e Lindsay.

Lisa sempre gostou de ler, especialmente livros românticos. Começou a escrever seus próprios romances durante suas férias de verão na época que estudava ciências políticas no Wellesley College. Seus pais estiveram de acordo em apoiá-la durante uns meses depois de sua graduação de maneira que pudesse finalizar seu manuscrito. Aproximadamente dois meses depois, aos 21 anos de idade, Kleypas vendeu seu primeiro livro. Kleypas tem sido escritora de romances em tempo integral desde que vendeu seu primeiro livro. Seus romances estiveram sempre nas listas dos mais vendidos, vendendo milhões de cópias por todo mundo e traduzidos em quatorze idiomas diferentes.

Capítulo 1

Chamava-se Mireille Germain, mas ninguém o sabia em Sackville Manor. Na realidade, ninguém na Inglaterra sabia. Imaginava ser um grande problema que alguém conhecesse sua verdadeira identidade, algo que resolveu deixando aquele nome em seu país natal, a França. Aqui era Mira, um nome que gostava muito mais.

Apoiando os cotovelos no batente da janela da torre, inclinou-se para frente e desfrutou da brisa e da esplêndida vista que a altura do lugar lhe oferecia. Divertia-lhe observar a chegada dos convidados de lorde Sackville; damas e cavalheiros de alta linhagem que passavam o tempo pavoneando-se, um costume do qual Mira zombava abertamente, até que lorde Sackville a tomou sob sua tutela. Agora tinha melhores maneiras, mas apesar da rigorosa educação recebida, alguns de seus velhos costumes e crenças estavam muito arraigados para que pudesse mudá-los. Tinha crescido em um mundo muito diferente desse, em que a falsa cortesia da classe privilegiada era considerada algo desprezível.

Uma nova carruagem se aproximou da mansão e percorreu o comprido caminho arborizado do portão. O veículo trazia as cores azul marinho e negro, muito vistosas. Segundo os rumores que circulavam em Sackville sobre os convidados que assistiriam à caçada, o azul e o negro eram as cores dos Falkner. Quando a carruagem com elegantes cavalos parou bem diante do pórtico, Mira inclinou a cabeça um pouco mais, concentrando seus olhos cor de café na figura de Alexander Falkner, duque de Stafford, que neste momento descia do veículo.

Aparentava menos idade do que tinha imaginado e era muito elegante, tinha a pele morena e o cabelo escuro cortado na altura da nuca. Endireitou o casaco com porte arrogante e se encaminhou para a frente da carruagem. Em um homem menor, aquela caminhada teria sido considerada uma ostentação, pensou Mira sorrindo levemente, enquanto fixava o olhar nele. Esse homem estava rodeado

de vitalidade e fortaleza que o tornava muito atrativo. Nestes dias, estava muito na moda que os homens adotassem a romântica palidez que caracterizava Byron. A maioria dos cavalheiros pareciam indolentes e melancólicos, como se estivessem cheios de um desejo desesperado, mas este homem em particular parecia carecer de tais pretensões.

Mira apoiou o queixo nas mãos, enquanto o observava estender uma mão morena em volta de um dos cavalos e acariciar seu pescoço, com um gesto distraído. Sorriu por algo que havia dito o cocheiro e seus dentes brilharam em contraste com a pele escura. Seria realmente este homem o lorde Falkner que tanto sofreu com a morte de seu primo? Não parecia ter sofrido uma grande perda recentemente. Sackville disse que Falkner lamentava profundamente o assassinato do primo, mas Mira decidiu que aquele devia ser outro dos típicos exageros de Sackville. Em sua curta vida viu muito frequentemente a morte e as sombras, mas não havia rastros de aflição no rosto de lorde Falkner.

Apareceram dois lacaios de Sackville com perucas empoadas com talco e uma imponente pomposidade; inclinaram-se ante Falkner e abriram as portas. Depois que ele entrou na casa, chegaram mais carruagens com diversos convidados ricamente adornados, mas Mira os observou sem muito interesse, pois ainda tinha a mente no moreno recém-chegado.

William Sackville recebeu Alec na biblioteca, com uma bebida na mão e um sorriso no rosto. Esta expressão de prazer e bom humor era algo que oferecia muitas vezes, e por que não fazê-lo? Salvo uma esposa e herdeiros que perpetuassem sua linhagem, tinha tudo o que um homem podia desejar, uma propriedade bem administrada, muitos amigos, estabilidade financeira e o respeito de todos os que o conheciam. Seus principais interesses, a política e as caçadas, eram bem conhecidos por seus amigos e mudavam conforme as estações do ano: toda primavera ia a Londres para representar Hampshire nas sessões do Parlamento, e a cada outono se retirava para caçar em sua propriedade. Era um perito em ambas as tarefas. Um gênio da política, que não prometia sua lealdade a ninguém. Ninguém sabia que postura tomaria em um determinado assunto, mas todos davam

por certo que no final estaria do lado vencedor. Mira, que estava vivendo com ele há mais de dois anos, era a única pessoa que tinha descoberto sua debilidade, algo que só poderiam ter adivinhado seus amigos mais íntimos: não havia nada que assustasse mais Sackville do que cair no ridículo. Para ele sua imagem e sua reputação eram as coisas mais importantes, e seu medo à censura o levava, em certas ocasiões, a se mostrar irracional.

Ninguém conhecia seus antepassados além de seu pai, e Sackville pagara para conseguir uma distinta linhagem, que mascarasse os elementos menos admiráveis da história de sua família. O orgulho o despojou do senso de humor; embora Sackville gostasse de fazer brincadeiras com seus amigos e risse com eles, não tolerava que ninguém zombasse dele. E este marcado orgulho pareceu inibir também sua vida romântica. Corria o rumor de que a razão pela qual nunca se casou era porque jamais encontrou a uma mulher que possuísse os altos padrões que exigia de uma esposa.

— Falkner, chegou um pouco antes do esperado — comentou, oferecendo a Alec um brandy e sentando-se no canto da escrivaninha de mogno escuro. Seus olhos azuis faiscaram. — Ansioso por começar a caçada deste ano?

— Aborrecido por Londres, mas estou bem — respondeu Alec, circundando com o braço o pescoço do busto de um antepassado de Sackville e tomando um gole do magnífico brandy. — O chá e a compaixão são uma combinação que sempre me aborreceram, mas nunca tanto como nos últimos meses.

— Oh...sim — resmungou Sackville. — Mas, meu amigo, tenha paciência com aqueles que desejam consolá-lo e com os que sentem a perda de seu primo com a mesma dor que você...

— Ninguém sentiu a perda com tanta dor como eu — interrompeu Alec, mesmo que agora esteja na moda dissimular. — A fisionomia de Falkner se manteve inexpressiva, mas algo em seus olhos levou Sackville à conclusão de que aquela declaração não era produto de autocompaixão, mas sim do cinismo.

— Holt era um bom homem — disse Sackville com voz suave, — estive considerando cancelar a caçada deste ano, por medo que ficasse apagada pela lembrança dele nesse mesmo evento, em

setembro passado.

— Não tema. Ofereça a seus distintos convidados algumas garrafas de bom vinho — Alec fez uma pausa e tomou outro gole de brandy antes de continuar, — uns agradados, boa música, um par de bailes.... e não demorarão a se esquecer dele.

— Falkner — disse Sackville, franzindo o cenho com preocupação, — não gosto de ouvi-lo falar assim. Sei que nunca foi uma alma compassiva, mas não quero que se converta em alguém duro de coração.

— E o que quer que faça? — inquiriu Alec em tom zombeteiro — Afogar as mágoas no vinho?

— Quem sou eu para dizer o que deve ou não deve fazer. Bem sabe Deus que faria justo o contrário. Mas passou mais de meio ano, Falkner, e, muito em breve, seus amigos deixarão de desculpar sua frieza pelo que ocorreu a Holt e começarão a se distanciar de você. Oh, sem dúvida seguirá tendo gente revoando ao seu redor, mas assim que os amigos de verdade comecem a abandoná-lo, será difícil conseguir que retornem.

Alec o olhou em silêncio, com uma expressão inescrutável no rosto, e logo sorriu.

— Não é próprio de você, Sackville, dar-me um sermão antes mesmo de dizer «olá, tudo bem?».

— Só dou sermões quando sei que os necessita.

— O que o converte em um amigo de verdade — refletiu Alec pousando sua mão enorme sobre a cabeça do busto e fazendo tamborilar os dedos na frente de mármore. — Bem, pois... largue o sermão, por favor. Diga-me o nome de um remédio contra o cinismo, diga-me como ver além dos falsos sorrisos, a falta de sinceridade e a hipocrisia... Por Deus, me ajude, pois não vejo outra coisa à minha volta.

— Mudar de lugar — propôs Sackville. — Faria bem a você. Talvez Itália, França...

— Já provei isso. As mesmas caras, os mesmos quadros, a mesma comida.... o mesmo aborrecimento.

— Um cavalo novo...

— Tenho mais cavalos do que posso contar.

— Talvez — disse Sackville esperançoso, — pudesse encontrar quietude na companhia de sua família.

Alec esboçou um sorriso e negou com a cabeça.

— Tenho muitos parentes. E todos e cada um deles são insuportáveis.

— Então tente com uma mulher.

— Tenho tentado...

— Não falo de uma amante — interrompeu Sackville. — Falo de uma mulher de verdade. A mesma mulher durante uns meses. Alguém com quem se encontre cômodo, alguém que saiba o que você gosta de beber e como atar a gravata. Por Deus, alguma vez tentou manter uma relação com uma boa mulher? É algo maravilhoso e que recomendo plenamente.

— Parece condenadamente entusiasmado com essa ideia — comentou Alec com ar pensativo. — Isto tem a ver com os rumores que ouvi sobre você? É certo que tem uma amante vivendo na propriedade com você?

Sackville sorriu amplamente.

— A mais deliciosa criatura que já viu em sua vida — admitiu. — Cálida, apaixonada... Encheu-me a vida e me trouxe o paraíso.

— Santo Deus! — Alec olhou-o com uma careta nos lábios. — Como pensa dirigir tudo... isto... com ela vivendo aqui?

— Refere-se à caçada? — perguntou Sackville, agitando a mão com um gesto depreciativo. — Ela se manterá fora de vista a maior parte do tempo, lerá e fará coisas assim em seu quarto. Não gosta de participar deste tipo de acontecimento. Prefere...

— Prefere outras coisas e imagino que as faça bem — terminou Alec por ele, sorrindo com tristeza. — Tem uma irmã?

— Temo que não. É única, Falkner e... não a compartilho.

A longa conversa continuou enquanto saíam da biblioteca e se dirigiam acima, onde os criados tinham preparado os quartos. Sempre tinham muito que discutir, pois apesar da diferença de idade — Alec tinha vinte e oito anos e Sackville quase trinta a mais, — tinham muito em comum. Ambos herdaram o título e a fortuna com pouca idade e, enfrentaram problemas por terem muito poder sendo muito jovens.

Em parte, Alec sempre se ressentiu por ser obrigado a assumir as responsabilidades da família, as terras e os arrendatários, quando ainda era um adolescente. A morte de seu pai o obrigou a se converter em um homem da noite para o dia, privando-o da falta de atenção e de se fazer alvo das provocações de seus iguais. Havia confiado em seu primo, e compartilhado com ele risadas e companheirismo. O intrépido e temerário Holt, que o arrastou a muitas e amalucadas aventuras, e que nunca tinha deixado de proporcionar uma pausa na monotonia que se supunham as responsabilidades e o trabalho, costumava enviar mulheres com pouca roupa a seu quarto, como presente surpresa, ou mensagens no meio da noite, em que, muito astutamente, suplicava que o acompanhasse a antros de má fama. Holt, peralta e vivaz, que se apaixonava e desapassionava ao menos uma vez por semana, tinha-o convencido, em mais de uma ocasião, a brindar com ele pela inconstância das mulheres. «Necessita-me a seu lado — dizia Holt frequentemente, — todos os outros o levam muito a sério.» Agora Holt se foi, e Alec sabia, sem nenhuma dúvida, quanta razão tivera seu primo.

Depois de acompanhá-lo a seu quarto, Sackville partiu para receber seus outros convidados. Alec passeou sem rumo, familiarizando-se de novo com a mansão. O interior de Sackville Manor era tão confortável como era cativante o exterior. Havia uma lareira acesa em cada sala, obras de arte distribuídas em quaisquer partes e livros interessantes, poltronas cômodas e ricamente estofadas, camas com luxuosos cortinados. Nas caçadas anuais de Sackville algumas dessas camas eram muito mais utilizadas que outras, pois em ocasiões como esta imperava a indulgência.

O exterior da mansão era poderoso e forte, mas ainda assim tão pitoresco que os olhos se moviam fascinados de um lugar a outro. As ameias que coroavam as fachadas e os telhados escalonados davam a aparência de um castelo. Eram particularmente chamativas as torres altas e quadradas que ficavam nos quatro cantos da construção, exatamente iguais às dos contos de fadas onde as princesas costumavam acabar prisioneiras.

O quarto de Alec ficava no final de um corredor, perto da entrada

de uma das torres quadradas. Deteve-se diante da escada e se apoiou contra a parede para tentar espiar o que devia ser um depósito ou um sótão utilizado pelos serviçais. De repente, seus pensamentos se viram interrompidos pelo som de passos nas escadas.

Mira descia de seu dormitório em direção à cozinha. A cozinheira e a governanta estavam ocupadas com os preparativos para os convidados, e Mira sabia que agradeceriam sua ajuda. Lorde Sackville se zangava cada vez que ouvia que tinha levantado um dedo para ajudar, mas Mira não era das que ficavam com os braços cruzados. Gostava de se fazer útil e, na sua situação atual, sentia-se como uma verdadeira inútil. Estacou no último degrau ao perceber que havia um homem parado à sua frente, um homem de grande estatura. Reconheceu o cabelo negro como o azeviche imediatamente, e fixou os olhos nele com descarada curiosidade.

Tinha os olhos cinzas como a chuva, cristalinos, emoldurados por cílios pretos e espessos. Suas sobrancelhas, bem definidas e um pouco enviesadas, pareciam veludo negro. Aqueles brilhantes e impactantes olhos cinzentos que se destacavam no rosto moreno se entrecerraram, e lhe pareceu que pudessem ver cada recôndito secreto de seu coração. Tinha a boca ampla e expressiva, e a ligeira curvatura de um canto revelava que o homem possuía gênio irônico, além dos traços bem agradáveis. Mira sentiu vontade de retroceder e se afastar dele. Aquela aura de intensa força masculina que percebeu de longe, era avassaladora de perto. Cada linha do corpo era perfeita, das firmes coxas delineadas por calças marrom até os ombros largos, passando pelo tórax delgado coberto por um casaco azul e colete de listras.

— Olá — disse Alec, com o rosto desprovido de expressão enquanto a olhava. Seus olhos se escureceram, como se absorvessem cada detalhe de sua aparência. Notou o movimento inquieto dos dedos dela quando os escondeu entre as dobras do vestido. — Espero não tê-la assustado — acrescentou com voz baixa e rouca.

— Oh, não o fez — respondeu Mira, baixando o olhar para ele. Nesse momento sorriu e ele sentiu-se fascinado pela risada que dançava em seus olhos. — Você é lorde Falkner, não é? — Ele assentiu com a cabeça, percorrendo o corredor com o olhar antes de responder. Com certeza não demoraria para aparecer uma

acompanhante em busca de sua pupila, pois uma garota com esse aspecto não deveria ficar só e indefesa muito tempo. Ela interpretou corretamente seu olhar e sorriu de novo. — Ia a caminho da... — começou a dizer e deu um passo adiante, sem perceber que não acabara de descer as escadas. Ao sentir que caía, Mira estendeu os braços instintivamente, para não bater o corpo contra o chão. Em um ato reflexo, Alec a apanhou entre seus firmes e protetores braços, evitando sua queda.

Aturdida, Mira o olhou com o coração martelando no peito. Ele exalava uma agradável e indescritível fragrância; uma sutil mescla de aroma masculino, roupa limpa e um leve toque de louro. Os olhos cinzas ficaram muito perto dos dela, e Mira não pôde evitar notar quão bonitos eram.

— Oh, como sou boba. — disse com voz entrecortada e amortecida contra o casaco.

— Não, de maneira nenhuma. Qualquer um poderia ter...

— Alegro-me que fosse tão rápido ou poderia...

— Sim, no chão...

— Não sei como agradecê-lo. — Levantou o olhar e os dois ficaram quietos. Ele ainda a segurava entre os braços, muito perto de seu corpo, e Mira soube de algum jeito que era tão consciente dela como ela era dele. Mas um homem como o duque estava proibido para ela, sempre estaria fora de seu alcance. — Pode me soltar agora — disse a contragosto.

Alec não afrouxou os braços.

— Seus pés já estão firmes? — perguntou com suavidade.

— Sim, acredito que sim.

— Deveria ter mais cuidado — murmurou, ainda a segurando. — Não gostaria que se machucasse. — O corpo dela era tão suave e flexível contra o seu que Alec relutava em soltá-la. Passaram muitas questões por sua cabeça. Perguntou-se quem demônios era ela, por que não a tinha visto antes... Por que o olhava com inquietação e o que ela faria se a beijasse. Que tentação! Seus olhos castanhos e aveludados eram escuros e estavam cheios de segredos, e parecia tão ansiosa para escapar que a prendeu com mais força. — Como se chama? — perguntou, inclinando ligeiramente a cabeça.

— Milorde, por favor. — Alarmada, tentou escapar dele.

Alec a soltou a contragosto, e sorriu quando se ruborizou e afastou o olhar do seu.

— Sinto — disse com os olhos faiscantes de diversão. — Parece que começamos com o pé esquerdo. Geralmente sou muito mais educado.

— E eu não estou acostumada a cair — disse.

— Acredito.

— Obrigada por... impedir. Agora devo ir.

— Espera — disse, estendendo impulsivamente o braço para detê-la, embora os deixasse cair de lado depois. — Como se chama? É uma das convidadas de Sackville?

Desconcertada, Mira quis desaparecer de sua vista. De modo que não tinha nem ideia de quem ela era. Sabia o que aconteceria a seguir, mas o orgulho não lhe permitia fugir dele.

— Meu nome é Mira — disse com voz tensa. — Sim, sou uma convidada de lorde Sackville, embora permanente. Vivo aqui na torre.

No princípio, Alec não podia acreditar no que ouvia. Era a amante de Sackville? O olhar cinzento se voltou gelado quando a percorreu da cabeça aos pés, tomando nota da suavidade de seu cabelo recolhido e da roupa elegante que vestia, da deliciosa forma de sua figura e da pele imaculada.

— Acabo de falar com ele de você — disse com uma voz muito fria.

— Imaginei que fosse um pouco mais velha.

— Pois estava equivocado.

— Muito equivocado — concordou com suavidade.

— Tenho que ir — disse, dando a volta. Mas se deteve ao ouvir sua voz.

— Ouvi que pretende ficar aí em cima.

— Sim — respondeu sem olhá-lo.

— Por quê?

— Porque eu gosto de estar sozinha.

Mira podia sentir os olhos dele demorando-se no amplo decote do vestido e nos montes suaves dos seios. Os olhos que antes se tinham mostrado com cálida admiração agora continham uma aguda insolência.

— Não posso evitar me perguntar. — murmurou. — A que se dedicava antes?

— Antes? — repetiu com cautela.

— Antes de se converter na amante de Sackville. Era uma garota do povoado disposta a se vender por roupa cara e um quarto na casa? Ou possivelmente a filha de um impulsivo comerciante, que estava convencida que Sackville ia se casar antes que acabasse sendo sua...?

— Nenhuma das duas coisas — interrompeu Mira com um sorriso desdenhoso. Então, Falkner era igual aos outros: alguém disposto a julgar as pessoas, depreciativo com a classe baixa e convencido de que os de sua categoria estavam acima de qualquer crítica ou recriminação. — Se me desculpar, milorde. Não quero sujar sua imaculada presença com minha companhia por mais tempo.

E o deixou ali plantado, seguindo-a com o olhar, com a boca apertada e uma expressão gelada no rosto.

Essa noite, quando se sentou junto aos sessenta convidados de lorde Sackville na enorme mesa da sala de jantar, Alec adotou uma máscara de encanto e amabilidade. Estava com um humor apenas agradável e só tinha que pensar na moça de traje rosa, Mira, para ficar com um humor de cães. Como era possível que fosse a amante de William Sackville, um homem que dobrava sua idade? Sentiria em realidade algo como a compaixão por um homem mais velho, ou seria só um acordo financeiro? Concluiu que devia ser por dinheiro, ao recordar o vestido com pedraria no sutiã e nas mangas que a moça levava. Sim, era uma mercenária, como todas de seu gênero.

Apesar de sua intenção de desfrutar da comida, mastigou e engoliu sem degustar os sabores delicados. A ele, o frango assado pareceu insípido, tanto quanto a truta ao vinho branco, o guisado de ganso e as verduras brilhantes. A conversa do jantar se fez interminável. Sentada à sua esquerda, tinha lady Clara Ellesmere, uma das mulheres mais promíscuas de Londres. E à direita sentava lady Caroline Lamb, uma jovem vivaz mas um pouco desequilibrada. Alec mal podia esperar a caçada no dia seguinte, ao menos isto reduziria sua vida a termos mais básicos e menos complicados: de predador e presa, caça e vitória. Gostava de caçar porque era um esporte emocionante, e no campo podia se esquecer das coisas que não

tinham sentido, como Sackville e sua amante.

O pior de caçar na propriedade de Sackville era a grande quantidade de campos cercados que havia; numerosas sebes e cercas que os cavaleiros tinham que saltar, algo que fazia o esporte mais arriscado e também mais excitante. Para evitar que os cavalos se esgotassem atrás de longas perseguições, cada convidado levava consigo duas ou mais montarias que trocavam com a frequência que fosse necessária. Alec havia trazido três cavalos; seu favorito era Soberano, um castanho de espírito fegoso que, necessitava uma dura cavalgada antes do grande acontecimento que teria lugar na última hora da manhã.

Mais ou menos uma hora depois de amanhecer, Alec saiu a cavalgar com Soberano. Mais tarde teria que vestir um traje apropriado para a caçada, que incluía uma cartola e uma jaqueta vermelha, mas agora ia vestido de maneira informal com uma camisa branca, calças marrom claro e botas de cano alto. O fresco ar matutino umedecia a roupa e salpicava o cabelo negro com brilhantes gotas, enquanto cavalgava através do bosque. O cavalo estava mais nervoso que o habitual e Alec sorriu amplamente, enquanto decidia dar rédea solta ao animal.

— Muito bem, menino, vamos deixar que gaste toda essa energia restante — disse, cravando os calcanhares no flanco do animal e saindo em disparada através do bosque.

O ar limpo e fresco enchia seus pulmões de oxigênio, despertando seus sentidos. Era nesses momentos que Alec se dava conta do que era se sentir completamente vivo. Era livre para não ter que pensar, para deixar que a força de seus músculos, de seus reflexos e de seus movimentos tomassem as rédeas por ele. Saltou sobre uma sebe sulcando o ar, enquanto o galope se interrompia durante uns breves instantes. Logo, os afiados e velozes cascos afundaram de novo na terra e a amalucada corrida continuou. Mais tarde saltou outro obstáculo, mas pouco depois de saltar, Alec viu uma cerca diante dele. Era muito tarde para retroceder e não estava se aproximando com velocidade suficiente para saltar com destreza. Não teve tempo de reagir antes de que os cascos dianteiros do cavalo batessem contra a barra superior.

Mira passeava pelo bosque, balançando uma bolsa de tecido enquanto olhava o chão atentamente. Todas as manhãs saía para recolher ervas e raízes para fazer pós e bálsamos. Usava um vestido simples de cor azul claro, que devido às muitas lavagens tinha adquirido um tom cinza pálido. A prega ficava entre os joelhos e os tornozelos, quase à altura de suas calças bufantes, mostrando mais do que se considerava respeitável. Mas Mira não queria ser vista vestindo-se desta maneira estranha. Assim o fazia porque podia se mover com mais comodidade pelo bosque, já que o tecido não enrolava nas pernas como faziam as saias mais longas.

Deteve-se ao ouvir o longínquo retumbar de cascos, e ficou escutando até que o ruído se interrompeu de repente. Ela se perguntou se o cavaleiro teria sofrido alguma queda. Só sua incomum vestimenta impediu que corresse na direção de onde veio o som. Não queria fazer ridículo e submeter-se às zombarias do cavaleiro caído, mas tampouco podia ignorar a possibilidade de que estivesse ferido. Depois de caminhar uns minutos, Mira encontrou um cavalo sem cavaleiro que ofegava com um olhar selvagem. Tinha as veias do focinho e do pescoço inchadas e palpitantes. O cavalo se deteve quando ela se aproximou lentamente e lhe falou com voz tranquila.

— Pobrezinho.... meu pobrezinho, não farei mal. *Qu'est-ce qui ne va pas? Quel est le problème?* — De maneira instintiva, Mira dirigiu-se ao animal em francês, pois era uma língua mais fluida e tranquilizadora que o brusco acento inglês. — *Où est ton maître?* — Agarrou as rédeas com cautela e as atou a um ramo, antes de avançar na direção da qual viera o cavalo.

Alec se arrastou até o tronco de uma árvore com a respiração entrecortada pela dor. Tinha o braço em um ângulo estranho; não sabia se estava quebrado ou se só deslocado. Sentiu como se uma mão gigantesca tivesse retorcido a extremidade para trás, a arrancando do ombro. A intensa dor fazia ver pontos de luz, e Alec se perguntou se não seria muito melhor para ele desmaiar. Lutou contra a perda de consciência, fixando o olhar na cerca quebrada. Lentamente, percebeu que se aproximava uma figura. Era... Mira. Levava um estranho vestido e o cabelo escuro recolhido em uma trança até a cintura. Tinha uma expressão no rosto que não soube decifrar. Nem

sequer perguntou por que, ou como estava ali.

— Vá procurar alguém — disse Alec entre arquejos, com a testa salpicada de suor.

— Seu braço...

— Acredito que desloquei... Terão que colocar o osso em seu lugar. Maldição, vá procurar ajuda já! — Alec sabia que não podia suportar muito mais a dor, e as vísceras lhe retorciam ao pensar que podia estar quebrado. Tinha visto homens uivar em sua situação, e agora entendia por quê.

Mira se aproximou dele e o avaliou com rapidez.

— Acredito que posso ajudá-lo. Muitos vem a mim para que os cure...

— Já disse que vá — grunhiu.

— Pode mover os dedos? — perguntou em voz baixa enquanto Alec apoiava a cabeça contra o tronco da árvore, olhando-a com olhos fragilizados.

— Se o que quer é se vingar de mim por ontem — resmungou, — esqueça-o. Ainda sou capaz de... — Piscou em um titânico esforço para focalizar a atenção nela. — Ainda posso...

— Entendo — disse Mira com ironia, sentindo uma indesejada simpatia por aquele bruto irascível. — Mas lhe asseguro que não dei maior importância ao que me disse ontem. — Aproximou-se dele, mantendo um tom baixo e suave. — É óbvio que procurarei ajuda tal e como me pediu. Dói somente o ombro?

— Se me ajudar a ficar mais cômodo... — aproximou-se dele lentamente, perguntando-se se Falkner estaria desacordado, pois tinha os olhos fechados e a tez pálida.

Mira estava agora suficientemente perto para ver as mechas úmidas da cor do ébano que caíam sobre sua testa e ouvir o rilhar dos dentes. Ele levantou os olhos quando a olhou, um olhar que provocou uma estranha ansiedade no ventre de Mira. Apesar de seu fraco estado, não pôde evitar notar a força física deste homem. O mais inteligente seria deixá-lo ali e retornar à mansão. Apesar da preocupação dele sobre o dano que ela podia causar, a intenção dela era o oposto.

Pois não havia ninguém que pudesse ajudá-lo melhor que ela. O

médico local era inepto e repulsivo, um bêbado. E mesmo que não houvesse nenhuma razão pela qual deveria sentir compaixão por Alec Falkner, não gostaria que sofresse sem necessidade. Ajoelhando-se ao seu lado, afastou com suavidade o cabelo da testa.

— Deixe que o ajude a ficar mais cômodo — disse e, antes que Alec pudesse protestar, explorou o ombro ferido com os dedos. — Ah, já sei qual é o problema. Não é tão mal como parece... Acredito que não está quebrado.

Alec agarrou a cintura de Mira com a mão sadia, apertando sua pele com tanta força que Mira fez uma careta.

— Não me toque... — começou a dizer com voz rouca, enquanto Mira segurava o ombro com uma mão e a parte superior do braço com a outra.

— Deixe-me fazer.

— Não... não o...

— Chsss, sei o que tenho que fazer — murmurou.

— Maldição, não me toque!

O protesto de Alec se desvaneceu e soltou um grito abafado quando Mira virou brandamente o braço para colocá-lo em seu lugar. Parecia conhecer as intrincadas conexões dos músculos, ossos e nervos. Alec sobressaltou-se e estendeu os dedos quando notou o estalo do ombro. De repente a dor, aquela horrível dor, desapareceu. Abriu os olhos lentamente, com as pupilas tão dilatadas que o negro devorava o cinza. Alec fixou o olhar na face dela e abriu os lábios com assombro. A princípio sentiu que tinha o braço adormecido, e depois sentiu diminutas agulhas se cravando nele. Um estremecimento de alívio percorreu o corpo.

— Espere — disse Mira, deslizando as mãos pelo colarinho aberto da camisa até o nó tenso do ombro. — Ainda poderá haver danos se mover-se bruscamente.

Ela procurou os nervos doloridos com a ponta dos dedos, massageando-os com suavidade. Ele não tinha esperado que aquelas pequenas mãos fossem tão fortes. Suspirando, Alec afrouxou a mão mas a manteve apoiada na cintura dela enquanto fechava os olhos.

— Como fez? — sussurrou, sentindo-se tomado por uma sensação de lassidão.

— Sempre me dei bem com estas coisas — disse Mira, enquanto massageava o ombro com uma expressão absorta. Falkner tinha a pele suave e tensa sobre os músculos marcados pelo exercício. Tinha o peito salpicado de pelo negro como uma pelagem luxuriosa. «Agora sei (pensou ela ironicamente) o que se sente ao tirar um espinho de um leão.» Em tais situações se deixava levar mais pela compaixão do que pela sabedoria. — Mas é mais por necessidade do que por um autêntico talento — continuou ela. — Tenho...

— Segundo Sackville, tem muitos talentos — interrompeu. — Embora seja melhor nos atermos só ao da cura. — Ela afrouxou os dedos e Alex apertou o braço ao redor de sua cintura. Imediatamente adotou um tom persuasivo. — Não.... não se detenha.

— Mesmo precisando de minha ajuda, comporta-se de uma maneira muito arrogante — observou Mira, retornando a minuciosa massagem.

— Agradecerei assim que possa me levantar daqui de uma vez — disse Alec, com os olhos ainda fechados em um bendito êxtase. Também sentia como se fosse condenadamente natural que seu braço rodeasse a cintura da moça. O quente fôlego de Mira acariciou sua face quando se aproximou mais e, a sedosa trança roçou a pele nua de seu peito. Por que seu tato parecia maravilhoso? Por que suas mãos eram pura magia sobre sua pele? «É a amante de Sackville», recordou Alec a si mesmo, «pertence a outro homem.... não é minha». — Sua voz — murmurou. — Seu acento. Parece estrangeiro.

— Francês — disse e, como se aquele comentário pessoal a tivesse assustado ou incomodado, fez ameaça de retirar-se. — Agora com certeza se sente melhor.

Alec abriu os olhos e seu pálido olhar quase sobressaltou Mira.

— Ainda não — disse com voz rouca. — Dói-me o pescoço.

— Aqui? — Mira levou os dedos um pouco mais acima dos ombros.

— Não, um pouco mais à direita... Oh, Deus, sim. — Alec se sentia completamente extasiado. Ele parecia com um enorme gato ronronando, e Mira se sentiu ligeiramente inquieta quando ele afundou os dedos em suas costas.

— Galopando pelo bosque dessa maneira — reprovou ela, — não é

de estranhar que o cavalo o jogasse no chão. Surpreende-me não ter encontrado pedacinhos seus espalhados por toda parte.

— Posso assegurar que ainda conservo as partes essenciais.

— Pois não dá a impressão de levar a cabeça sobre os ombros, milorde. Não quando parece galopar como um demônio por...

— Agora que meu braço está melhor — interrompeu Alec, — pode fazer algo com a dor de cabeça?

Mira riu brandamente, roçando sem querer as pontas dos dedos contra o espesso cabelo negro que enrolava na nuca.

— Não. Sinto muito, lorde Falkner, mas não sou uma bruxa. Não posso tirar uma varinha mágica, nem recitar um encantamento para fazer desaparecer as dores de cabeça.

— Tem umas mãos mágicas — disse Alec com voz grave.

Mira deteve bruscamente os movimentos de seus dedos ao se dar conta de que ele enroscava sua trança na mão e com ela aproximava sua cabeça para mais perto da dele.

— Solte-me — disse, tensa e fria de uma só vez.

Ele se deteve, mas não soltou a trança. Seus lábios estavam separados agora por só uns centímetros. Mira não pôde conter o estremecimento que a atravessou. Sentia-se envolvida e dominada por ele.

Alec engoliu seco, tão tentado pela deliciosa sensação de tê-la entre seus braços que precisou se conter para não a estreitar contra seu corpo. Desta maneira podia beijá-la sem nenhum tipo de esforço. O que acontecia com ele? Não podia beijá-la. Se o fazia, não deixaria que partisse depois. O aroma dela era um potente afrodisíaco que o fazia reagir como um touro no cio.

— Suponho — disse em um sussurro — que prefere que a paguem antes.

Mira arregalou os olhos e o esbofeteou, recuperando a liberdade no mesmo instante em que deixava uma marca vermelha na face de Alec. A cabeça dele girou com a força do golpe, antes que seus olhares se encontrassem de novo.

— Sua maneira de mostrar gratidão deixa muito a desejar, milorde.

— Mira ficou em pé e se afastou dele.

Alec sorriu com ferocidade enquanto a olhava. Ela se ruborizara, e

seus olhos brilhavam com uma chama escura. Seria essa sua imagem depois que fazia amor com Sackville?

— Particularmente não desejo sentir gratidão por você. — Burlou-se. — E sua impressionante ajuda desta manhã não muda o que é, nem o que penso de você.

Ela o olhou com incredulidade, logo deu a volta e fugiu daquele sorriso zombeteiro. A pálida luz do amanhecer iluminou suas longas e delgadas pernas quando se pôs a correr.

Custou a Alec se comportar de maneira civilizada com Sackville, que percebeu que algo ia mal embora não perguntasse o que. Por sorte, a caçada foi rápida e intensa, e não houve tempo para conversa. Ainda lhe doía o ombro um pouco, mas era só um vago aborrecimento. Mas, cada vez que recordava o incidente, não podia evitar pensar nas mãos de Mira sob sua camisa, e aquele pensamento ameaçava lhe fazer perder a prudência.

Neste dia as mulheres decidiram não participar, uma afortunada circunstância, já que a caçada perdia a graça com a visão de plumas, laços e cachos femininos. Cada vez que uma mulher, não importava quão hábil ela fosse, participava de uma caçada, os homens se preocupavam mais com a própria segurança que com outra coisa. Mas hoje, as damas tinham preferido dar um passeio de carruagem pelo campo, ou visitar as propriedades vizinhas. Dedicaram-se a fofocar ou jogar cartas, em grupos que raramente formariam longe dali. Algumas se animaram a aprontar alguma travessura, ou a caluniar a quem não estava perto para se defender. Outras falaram entre sussurros de livros e poesia e, em alguma ocasião, de política. Muitas conversaram de moda ou de interlúdios românticos. Havia perto de noventa convidados naquela caçada e todos se reuniriam de novo esta noite. Jantariam, dançariam, conversariam, cantariam ou tocariam algum instrumento musical, e participariam de jogos tais como charadas, xadrez ou cartas. E o mesmo padrão se repetiria todos os dias durante três semanas, até que os homens se cansassem de caçar e as mulheres da monotonia. Então, todos partiriam em busca de novas festas e atividades.

Mira manteve-se separada de todos, salvo dos serviçais da casa. Conquistou a simpatia das criadas, da cozinheira e da governanta,

dos lacaios e, inclusive, dos cavaleiros. Todos sabiam como tinha chegado a Sackville Manor dois anos atrás, e Mira acreditava que eram amáveis com ela porque suspeitavam das verdadeiras razões de sua posição como amante de Sackville.

Ao contrário, os convidados da caçada e os serviçais que os acompanhavam não eram tão amáveis. Sabia que lorde Sackville falava dela frequentemente, assegurando que todos soubessem a posição que ocupava. Não importava o fato de que rara vez se deixava ver; o mistério que a rodeava só aumentava mais a intriga das mulheres e despertava a inveja nos homens. Mira não se incomodava com o que Sackville dizia dela, pois era parte do trato que tinham feito. Parte do prazer do nobre era a imagem que a presença dela projetava na casa.

Mira desfrutava das horas de solidão que tinha. Lia incansavelmente na bem sortida biblioteca. Tinha tempo para tomar um banho perfumado todos os dias e para se vestir com esmero. Sackville insistiu em comprar roupas luxuosas e deixou que escolhesse os desenhos e tecidos dos vestidos. Mira não gostava da moda atual, nem das frias cores pastel que estavam tão em voga: amarelo, lavanda, cinza, rosa. Assim escolhia cores vivas e exóticas que eram mais de seu gosto: vermelhos brilhantes, azuis elétricos, violetas e inclusive um vestido negro de veludo que ressaltava seus olhos escuros e os exóticos traços de seu rosto. Montava a cavalo ou passeava sozinha e, em algumas ocasiões, acompanhava Sackville em suas saídas para o povoado, fazendo-o rir com as histórias de suas aventuras na França.

A maioria dos dias comia em seus aposentos na torre, um lugar tão espaçoso e luxuosamente decorado que, em algumas ocasiões, Mira sentia como se vivesse entre as nuvens. Fora feliz ali durante os últimos dois anos, com seu orgulho intacto, apesar de sua posição como amante de Sackville; até agora.

«Parece — refletiu Mira, — que me tornei exageradamente vulnerável. Talvez, não possa ser feliz num mesmo lugar por muito tempo.»

Durante toda a sua vida, Mira quis pertencer a algum lugar, mas estivera sempre em constante movimento. Jamais tivera raízes. Este

foi o período de estabilidade mais comprido que viveu. Havia uma grande satisfação em se familiarizar com o lugar e as pessoas que o rodeavam. Havia paz em criar rotinas, em saber quando comeria e dormiria, em se sentir protegida. É obvio, não era totalmente feliz. Não ia negar que em algumas ocasiões se sentia sozinha. E hoje, depois do que disse Alec Falkner, sentiu-se muito perturbada. Mas acaso a segurança não tinha sempre um preço? Um preço que incluía se sentir desprezada por um homem arrogante, que não duvidava que ela fosse a amante de Sackville?

«O que fiz — perguntou-se, — para que Falkner me odeie dessa maneira?»

Desconcertada e chateada, Mira desceu até a sala de música e viu que estava vazia. Fechando a porta para abafar os sons, sentou-se ao piano e começou a tocar. Durante os últimos dois anos tomou aulas para tocar com destreza algumas simples melodias. Moveu os dedos com habilidade pelas teclas, enquanto cantava em voz baixa. A canção era de Touraine, um de seus lugares favoritos na França e, que geralmente levantava-lhe o ânimo assim que tocava a primeira nota. Mas hoje não proporcionava nenhum prazer. Enquanto tocava, não percebeu que a porta foi aberta e que alguém a observava.

— Que encantador! — Uma voz feminina ressoou no ambiente. Mira se virou e viu alguém na porta.

Era uma mulher muito bonita, de cabelo loiro e pele cremosa, que devia rondar os vinte e cinco ou trinta anos. A mulher estava elegantemente embelezada com um sofisticado vestido de seda negra, que lhe assentava como uma luva.

— Assim que é você o pequeno tesouro de Sackville. Meu marido leva dias me falando das histórias que Sackville conta sobre você, querida. — Sua voz era sedosa e ligeiramente aguda.

— Sinto-o — disse Mira, levantando-se de um salto do banco e retrocedendo uns passos como se pensasse fugir, mas não havia jeito de sair da sala exceto pela porta que a mulher bloqueava. — Não tinha a intenção de incomodar ninguém. Acreditei que não me ouviriam enquanto...

— Deixe-me adivinhar. Enquanto fofocávamos? — perguntou a loira e riu baixo. — Não incomodou ninguém, querida. Passava por

aqui e ouvi a melodia. Sou lady Ellesmere, e realmente é um prazer conhecê-la por fim. Posso entender por que Sackville está encantado com você.

Mira não gostou do contraste entre as amáveis palavras de lady Ellesmere e a frieza de seu olhar.

— Tenho que ir — disse se aproximando da porta e baixando o olhar do duro e formoso rosto da mulher.

— Mas por quê? — perguntou Clara Ellesmere, virando-se com um sorriso zombador, para observar como Mira fugia pela porta. A risada da mulher fez arder suas orelhas. — Considera-se muito boa para estar em minha companhia? Ou se envergonha da relação que mantém com Sackville? Não tem por quê. É uma sorte que o tenha caçado. Como fez? Deve ser uma jovem muito preparada.

Mira correu, com as faces ardendo pela vergonha, enquanto a risada da mulher a seguia pelo corredor. Lady Ellesmere zombou dela. Aquilo não deveria lhe ter feito mal, mas fez. Inexplicavelmente, a imagem do lindo e sarcástico rosto de Falkner apareceu em sua mente, e sentiu que os olhos se enchiam de lágrimas.

— E as horas dedicadas à «nobre arte da caça» terminaram — disse Sackville, dando um tapinha nas costas de Alec.

— Nobre arte — repetiu Alec laconicamente. — É mais uma maneira de montar um bom cavalo.

— Ainda pensa na montaria de Stamford? Bom, eu só vi que montava de uma maneira agressiva...

— Uma coisa é a agressividade e outra é a falta de responsabilidade. Devia trocar de cavalo mais frequentemente.

— E você deveria ter dito de maneira mais suave, Falkner.

— Por acaso ele foi suave com o cavalo? — perguntou Alec secamente. — Fez o cavalo cair!

Houve um breve silêncio.

— E aprendeu a lição — disse Sackville. — Tente esquecer, meu amigo. Sabe que ocorrem acidentes em todas as caçadas.

Alec suspirou.

— Sei.

— Esteve muito calado hoje — disse Sackville, brindando-o com

um sorriso conciliador. — Está cansado? Que demônios! Foi um dia muito longo, não foi?

— Sim, com efeito.

Alec lhe dirigiu uma expressão sombria, enquanto encolhia os ombros sob a jaqueta vermelha e começava a subir a escada, que tinha uma ornamentada balaustrada, para seu quarto. Por alguma razão, Sackville o seguiu sem dar por finalizada a conversa.

— Com sorte, apanharemos um par de raposas no fim de semana, mas espero que chegue Berkeley com sua matilha. Possui os melhores cães de caça do país e todos sabem.

— Berkeley se unirá à caçada?

— Dentro de três semanas.

O interesse de Alec se avivou apesar de seu mau humor. O conde de Berkeley e sua esposa, Rosalie, viviam em Warwick, não longe de sua propriedade em Staffordshire. O casal era muito popular, o agudo engenho do conde e o encanto de sua esposa animariam a reunião de Sackville Manor de maneira considerável.

— Lady Berkeley — disse Alec, entrecerrando seus olhos cinzas pensativamente enquanto subiam as escadas. — É a mulher ideal. Formosa, encantadora e toda uma dama. — Pensou em Mira, franziu o cenho e continuou. — Uma esposa fiel. Bem educada e...

— Muitos agradeceriam se fosse menos perfeita — interrompeu Sackville, rindo entredentes.

— Não acredito que tenha razão para procurar prazer fora de Sackville Manor.

— Correto. — admitiu Sackville com um amplo sorriso. — Mira é tudo o que um homem pode desejar numa mulher.

Enquanto subiam, Sackville não notou o longo e calculado olhar que Alec lhe lançou. Pela primeira vez, Alec observou a barriga de seu velho amigo e seu escasso cabelo vermelho. Sackville não estava em muito boa forma física, nem possuía o vigor da juventude. Indubitavelmente, era generoso e bom com sua amante, mas a satisfaria na cama? Mesmo desagradando a Alec o rumo que tomavam seus pensamentos, não podia evitar se perguntar essas coisas. A pele de Sackville era suave, com algumas rugas próprias da idade, e seu corpo tinha perdido a elasticidade e a força que uma vez

havia possuído. Mira não preferiria um jovem de vinte anos a um homem da idade de Sackville? Não preferiria um homem vigoroso e apaixonado, capaz de satisfazer às mulheres?

Imediatamente apareceu uma imagem na mente de Alec: o corpo nu e esbelto de Mira contorcendo-se sob o seu, a boca procurando a dele, as coxas abrindo-se com suas mãos, os quadris se arqueando para ele. O cabelo, sedoso e escuro, roçando sua pele, e os doces gemidos em seus ouvidos, enquanto a fazia alcançar o êxtase uma e outra vez.

— Maldição! — bufou furioso consigo mesmo, enquanto tentava aplacar o crescente calor de sua virilha. Era como se a moça o tivesse enfeitado. Mas ele resolveu resistir. A caçada duraria ainda três semanas mais. Como ia reprimir seu desejo todo esse tempo, sabendo que ela estava perto?

— Disse algo? — perguntou Sackville.

— Não. — Chegaram ao quarto de Alec e este conseguiu dirigir um sorriso ao amigo. — Bom, nos veremos no jantar.

— Até então — respondeu Sackville, e seu rosto redondo adquiriu uma expressão divertida. Enquanto Alec o observava, Sackville começou a subir a escada que conduzia ao quarto da torre. Sem dúvida ia ver Mira. — Tentarei não me atrasar — murmurou o homem de mais idade em tom confidencial, piscando-lhe os olhos, antes de seguir seu caminho.

Alec entrou em seu dormitório e se deixou cair na cama com dossel, colocando as mãos atrás da cabeça, enquanto cravava a vista no relógio. Ficou sozinho com seus inquietantes pensamentos, soltando uma lista de suaves maldições a cada quinze minutos. Depois de uma hora Alec ouviu o som dos passos de Sackville descendo da torre.

«Uma hora», pensou desolado. Passou uma hora ali em cima com ela.

Perguntou que aspecto ela teria neste momento. Provavelmente estaria nua sob os lençóis. Com a pele clara marcada pelas carícias de outro homem, com o cabelo escuro caindo em cascata sobre os travesseiros. Mostrariam seus olhos satisfação ou um triste desejo insatisfeito? Gostaria que a abraçassem depois de fazer amor?

Gostaria que a acariciassem e a beijassem? Pensou no que sentiu ao segura-la em seus braços essa manhã. Ela estremeceu e se retirou, indignada. Mas ele queria voltar a abraçá-la.

Sentindo que necessitava companhia, Mira desceu as escadas para jantar com os servos de maior categoria. Os membros mais significativos da casa de lorde Sackville jantavam nesta mesa, que era presidida pela governanta. Embora o ambiente fosse mais cálido e sem tensão que o dos convidados que comiam acima, neste jantar se respeitavam todas as regras de etiqueta. O cozinheiro, o mordomo, os criados e os lacaios se sentavam de acordo com sua categoria, e a senhora Daniel, a governanta, ocupava seu lugar na cabeceira. Mira, sentada à esquerda da senhora Daniel, dirigia seus olhos castanhos com curiosidade à porta, de onde chegava o som dos criados que comiam na outra mesa. A maioria dos convidados de lorde Sackville trouxera seus criados pessoais, e nenhum membro do pessoal de Sackville gostava dessa intrusão.

— São muito agitados — comentou a senhora Daniel, levantando seus faiscantes olhos azuis com fingida consternação. Tinha a face corada e jovial, pela boa saúde e o bom humor. — Devemos dar graças a Deus por não ter que compartilhar nossa mesa com eles.

— Sim, devemos, obrigado — repôs asperamente Joseph, o criado. — O criado pessoal do duque do Bedford é o jovem mais narcisista que já conheci.

Todos riram entredentes, enquanto comiam com prazer e entusiasmo. Havia rosbife, frango e embutidos, pudim ao vapor e grossas fatias de pão. Mira levou um copo de vinho agüado à boca e olhou inquisitivamente por cima da borda a um dos lacaios que virava a cabeça para tossir. Era Pauly, um homem alto de uns trinta e cinco anos, que estava há muito tempo sofrendo com um resfriado.

— Pauly, não sabia que ainda tinha tosse — disse Mira, baixando o copo e o olhando com preocupação. — As pastilhas não o aliviaram?

— Foi melhor que outros remédios — respondeu Pauly, cobrindo a boca com um guardanapo ao sofrer um novo ataque de tosse. — Mas não me preocupa muito, a tosse irá embora quando tiver que ir, não antes.

— Deveria ter dado a você uma pastilha com sabor pior — disse

Mira suspirando e dirigindo-lhe um olhar travesso. — Quanto pior o sabor mais efetivas são, sabe?

— Prefiro seus remédios aos do médico, Mira — comentou a senhora Daniel, e a seguir se ouviu um murmúrio de aprovação.

Não havia ninguém ali que não houvesse tomado um dos remédios de Mira. Iam a ela cada vez que tinham uma doença. Ela era, sem sombra de dúvida, mais popular que o médico local, um homem que insistia em dar poções aleatoriamente, e em sangrar seus pacientes como remédio para tudo, das picadas de vespa até a febre. A compaixão de Mira e sua habilidade natural para aliviar as dores, tinham feito que a aceitassem com facilidade na pequena comunidade. Em outras circunstâncias, a amante do senhor não teria conseguido mais que desprezo de quaisquer deles.

— Farei uma infusão de calamina depois do jantar, Pauly. Se isso não aliviar, nada mais poderá fazê-lo — disse Mira.

Ele agradeceu com um assentimento da cabeça, se ruborizando enquanto continha a tosse que o impedia de falar.

— Está sendo um setembro muito frio — comentou Percy, o criado de lorde Sackville. Percy, um homem mais velho, com cabelos brancos nas têmporas, sempre tinha sido muito amável com Mira. Sabia que ele compreendia sua relação com Sackville e, embora não a aprovasse, tratava-a com o educado respeito que costumava mostrar às damas de alto berço. — O inverno se adiantou este ano.

— Um inverno mais — disse com ar sombrio a senhora Comfit. — Mal posso suportar a ideia, já que tivemos uma primavera e um verão tão curtos.

— É meu terceiro inverno aqui — murmurou Mira, ficando em pé lentamente.

Três invernos em Sackville Manor. Algum dia, despertaria pela manhã, para descobrir que tinha trinta anos em vez de vinte? Mira observou os rostos familiares que a rodeavam, desconcertada pela repentina sensação de solidão que a invadiu. Por que era infeliz quando todos pareciam satisfeitos com suas vidas? Quem sabe, deveria tomar algum de meus próprios remédios, refletiu. Mas apesar de todos os remédios e ervas que levava em sua bolsa — confrei, coentro, linho, manjerição e outros — não tinha nada que curasse

aquela aflição desconhecida.

Capítulo 2

Depois de uma noite insone, Alec despertou com dificuldade, para descobrir que, surpreendentemente, ainda era muito cedo. Vestiu calças claras, camisa branca, jaqueta marrom e botas gastas, e desceu para tomar o café da manhã. Diferente da noite anterior, havia poucas pessoas sentadas à mesa. Lorde Palmerston, o conde de Bridgewater, sir John Waide e o dignitário Bentinck embalavam nas mãos uma xícara de café ou uma taça de licor, enquanto Sackville mastigava com gosto pãezinhos untados generosamente com manteiga. Todos pareciam ter uma ressaca descomunal. Depois de receber algumas saudações apagadas, Alec se uniu ao grupo e perguntou se alguém queria acompanhá-lo a um passeio a cavalo.

— Um passeio? — repetiu Sackville, limpando a boca com um guardanapo de linho. — Quando vai começar a caçada em umas horas?

— O ar matutino é bom para limpar a... — começou Alec, e Sackville apressou-se em interromper.

— Falkner, não me interessa saber para que serve o ar matutino. Descansarei aqui enquanto você vai dar esse vigoroso passeio.

— Como queira — murmurou Alec com um sorriso, deixando a xícara de café sem acabar na mesa, antes de sair.

Esta manhã, o céu estava sem nuvens e não havia névoa. Parecia que ia fazer um bom dia. Alec montou Soberano e tomou a mesma direção do dia anterior, mantendo o cavalo sob um férreo controle. As dores e a tensão que se apropriaram de seu corpo na noite anterior, foram desaparecendo de maneira gradual. Alec desfrutou da manhã luminosa, da quietude que envolvia o lugar e do solitário passeio, mas mesmo assim a paz o evitava. Finalmente admitiu que procurava Mira, que desejava encontrá-la no bosque outra vez e, mesmo sabendo que se comportava como um tolo, continuou a procurá-la.

Não demorou muito a vê-la. Estava sentada em um tronco caído e

um raio de sol fazia brilhar seu cabelo escuro. Alec deteve Soberano e quase ficou sem fôlego com sua aparência. Estava despenteada e tão formosa que não parecia real. Sacudiu a cabeça e começou a brigar consigo mesmo. Não podia se permitir desejá-la por muitas razões, uma das quais era seu sentido de honra. O código segundo o qual se regia: um cavalheiro não cobiçava a propriedade de um amigo, nem a sua mulher.

Mira levantou o olhar do livro que estava lendo; tinha os pés nus, recolhidos sobre a casca do tronco em que estava sentada. Ao se dar conta de que ele a estava observando, escondeu as pernas debaixo da descolorida e curta saia, mas não foi suficientemente rápida para que os olhos cinza não vissem a curva de suas panturrilhas. Olharam-se em silêncio, só quebrado pelo sussurro do bosque e o relinchar do cavalo.

Ela tinha um rosto encantador. Notava-se que existia sangue nobre e refinamento nela, embora também possuísse traços fortes que falavam de origens mais vigorosas. Tal como estava vestida, poderia ser confundida com uma linda camponesa, mas seus olhos, imensamente profundos e escuros como o outono, continham uma ânsia de conhecimento imprópria em alguém de sua idade. Alec se perguntou do que teria sido testemunha aquele olhar agriado.

— Tem intenção de passear por aqui todas as manhãs? — perguntou ela em voz baixa e firme, matizada com um acento estrangeiro.

Alec gostava de como falava; embora tivesse uma pronúncia perfeita, sibilava um pouco, o que conferia à sua voz um som mais fluido do que o habitual. Em resposta a sua pergunta, Alec olhou ao redor do pequeno e encantador bosque.

— É um lugar agradável; assim, suponho que sim.

— Nesse caso, procurarei outro lugar no bosque, onde passar um momento.

Alec riu. Seu sorriso foi como um brilho branco em sua bela face morena.

— Senta-se aqui todos os dias?

— Gosto de estar sozinha — disse Mira causticamente, fechando o livro com um estalo.

Os olhos de Alec se deslocaram para a capa do livro e logo retornaram ao rosto dela.

— Jane Austen, *A Abadia de Northanger*. Grata surpresa.

— Por quê?

— Teria esperado — disse Alec brandamente — algo como *Afetos Desconcertantes*, ou *Rosa*, ou *A Menina Mendiga*.

Pretendia acossá-la com aquele comentário, já que eram novelas românticas, absurdas e sensacionalistas, muito populares entre as mulheres que assistiam à caçada. Ela sorriu a contragosto, observando o pícaro brilho nos olhos de Alec e logo riu.

— Não — disse, — mas confesso que recentemente adquiri um exemplar de *Maneiras do Dia a Dia* que penso ler atentamente.

Alec sorriu amplamente.

— Seriamente? Não posso imaginar por que.

— Quer que empreste a você quando acabar? Poderia servir muito bem — sugeriu Mira.

— Oh, muito amável de sua parte — respondeu com deliciosa cortesia. — Mas temo que meus costumes estejam muito arraigados para mudá-los.

— Que pena.

— Sim. — Os olhos de Alec não eram tão frios quando a olhou. — Você gosta de ler?

— Sim, muito. Leio qualquer coisa que caia em minhas mãos. Mas Jane Austen é minha autora favorita.

— Por quê?

A expressão de Mira se tornou distante. Recordou aqueles lânguidos dias de verão no povoado francês de Anjou, quando tinha quinze anos, e Rosalie Belleau a tinha ensinado o complicado acento nasal inglês. Tinham ficado tão absortas na leitura de poesias, periódicos e novelas de Defoe e Addison, estudando e lendo, até que a risada ou o brilho do sol nas páginas as interrompiam. Rosalie havia ampliado os rudimentares conhecimentos de Mira, e esta, ávida por aprender, tinha absorvido as lições com rapidez. Cinco anos se haviam passado desde que tinha sido Mireille Germain, uma garota que amava a vida, que queria a seu irmão com loucura, e que ignorava os planos dele para trair a ela, a Rosalie e a Rand Berkeley.

— Lia seus livros quando vivia na França — disse finalmente. — Graças a eles aprendi que o inglês era...

— Superficial? — perguntou Alec. — Materialista? Algo hedonista?

Mira tinha a sensação de que tentava pilhá-la de algum jeito. Não sabia o que queria que admitisse, por isso escolheu suas palavras com muito tato.

— Descobri em pouco tempo que suas obras eram mais satíricas que reais — disse brandamente. — Mas seu uso do inglês é muito preciso. Seu idioma soa estranho em algumas ocasiões e é difícil de compreender. Estranha vez os ingleses se pronunciam com franqueza.

— E os franceses sim?

— Os que eu conheci, sim.

— Com que tipo de pessoas se relacionava na França?

— Acredito que já sabe — disse, sustentando o olhar cinza. — É evidente que não sou nobre. Nota-se que minhas origens são diferentes das suas e que não sou de alta classe como você.

— Pois não me parece tão evidente — respondeu lentamente. — Tem um ar de orgulho, impróprio em alguém do povo.

Ela riu.

— Alguém do povo. Que esnobe soa.

Alec mostrou-se surpreso. Que meretriz tão atrevida! Ninguém ousava criticá-lo à sua frente, em especial uma mulher de sua classe. Mas ela seguia ali sentada, e caçoava dele com um brilho travesso nos olhos.

— Por que parece tão surpreso? — perguntou com gesto inocente.

— Acaso as pessoas do povo não têm direito a ser orgulhosas?

— Suponho que sim — disse. Escureceu-lhe o rosto ao franzir o cenho.

— Acredito que as pessoas do povo têm muito do que se orgulhar — ela disse sorrindo com impertinência, atrevendo-se a provocar um pouco mais, e encontrando um inexplicável prazer nisso. — Tem mais mérito estar em família, que passar o tempo indo de festa em festa. É mais importante caçar para ter comida na mesa, que perseguir uma pequena raposa por diversão.

— Parece que seria mais feliz com um homem pobre e virtuoso, que com um homem rico e decadente — murmurou Alec. — Mas está claro qual é a companhia que prefere.

Tinha acertado do alvo e o prazer de Mira se sombreou imediatamente. Oh, deveria pensar melhor ao cruzar armas com alguém como Alec Falkner. O que passava com ela? Por que tentava zombar dele? Inclinou a cabeça incapaz de olhá-lo.

— E certamente não é a sua também. — disse bruscamente. — Assim, você vai embora ou vou eu?

Alec fez girar Soberano, antes que acabasse de dizer a frase.

No dia seguinte, ela foi para outro lugar do bosque, mas não se surpreendeu ao ouvir o barulho de cascos de um cavalo, e que uma voz preguiçosa interrompesse suas tarefas.

— Alimentam-na tão mal que se vê obrigada a recolher raízes e ervas para completar sua dieta?

Mira voltou-se com um sorriso relutante nos lábios, com uma raiz de forma estranha na mão e uma mancha na face. Parecia uma menina travessa que tinha estado brincando com barro, e Alec não pôde evitar sorrir diante daquela imagem. A maturidade dela se manifestava pela firme curva dos seios sob o vestido solto e descolorido, e pelas pernas torneadas que revelava a bainha da roupa. Alguns cachos escuros escapavam da trança e emolduravam serenamente o rosto, cachos que tentavam um homem a entrelaçar seus dedos neles, para elevar aquele rosto lindo e dar um beijo.

— Começo a suspeitar que me segue.

— O bosque é pequeno — respondeu Alec, girando ligeiramente seu cavalo, ignorando o impulso de se inclinar e limpar a mancha da face dela, — é impossível evitá-la.

Mira deu-lhe as costas rapidamente e centrou sua atenção na raiz, enquanto Alec desmontava e se aproximava dela. Parecia-lhe mais atrativo cada vez que o via e, embora a desagradasse, Mira não podia ignorar o peculiar efeito que parecia exercer nela. Sentia-se atraída por ele. Talvez o fosse porque recordava a um inglês que tinha conhecido cinco anos antes, um homem grande, saudável e muito masculino, mesmo que Alec não parecesse tão educado e amável quanto Rand Berkeley.

— O que é isso? — perguntou, detendo-se a alguns metros dela.

— Algo para lorde Sackville — disse, e logo desejou haver mordido a língua e não ter cometido aquele deslize. Ocultou a raiz entre os dedos.

— Seriamente? — A voz de Alec era afiada. — E o que é?

— Nada.

— Acredito recordar algo um pouco parecido antes. É uma raiz de mandrágora, verdade?

— Você vem aqui só para me atormentar? — estalou Mira, tentando mudar de assunto com uma corrente de palavras irritadas.

— É... uma planta medicinal. Sou a única que se atreve a coletá-la porque todos os outros são muito supersticiosos.

— Por quê? Dá má sorte desenterrá-las?

— Sim. Supõe-se que se converte em um cão negro, assim a menos que queira acabar desta maneira, deveria ir embora daqui.

As seguintes palavras de Alec estavam plenas de zombaria.

— Mandrágora. Se não me equivoco, os ciganos a chamam «a planta do homem de duas pernas». Insistir em arrancar isso do chão, não é bom para sua reputação.

— Se há algo com o que não tenho que me preocupar é com minha reputação — disse Mira. — Está um tanto quanto manchada.

— Pulverizada seria um termo mais correto.

— Pois a sua também é muito admirável de contar — assinalou ela.

— Em meu caso, a má reputação é uma característica familiar — respondeu Alec, recostando-se contra um tronco inclinado e cruzando as pernas; em um gesto depravado continuou: — Do contrário não seria um autêntico Falkner. Todos temos esse defeito, inclusive minha mãe. — Especialmente sua mãe, Juliana Penrhyn Falkner, que tinha deixado bem claro, antes de abandonar Staffordshire, que esperava ouvir logo seu nome relacionado a um par de escândalos.

«Esteve muito formal desde antes da morte de seu primo — havia dito com seriedade. — Sempre o animei a ser briguento e problemático... É mais saudável assim. Não o criei para ser educado, e não tolerarei que comece a ser agora.» Sua mãe possuía uma sábia e agressiva língua viperina, mas suspeitava que ocultasse um coração

gentil, embora não estivesse seguro disso.

— Tem uma família numerosa? — perguntou Mira, brincando com um ramo de coentro cheio de flores rosadas e o olhando de soslaio.

— Numerosa. E muito excêntrica.

Mira riu, um som espontâneo e natural, muito diferente das risadas tolas e com falta de naturalidade que Alec costumava ouvir nas mulheres.

— Excêntrica? O que quer dizer?

— Suponho que possuem uma inumerável quantidade de defeitos.

— E quais são os seus? — perguntou, desafiando-o com aqueles olhos castanhos para que respondesse com sinceridade.

Alec sorriu levemente e se desencostou da árvore, dirigindo-se a Soberano. Mira esperou em silêncio, perguntando se obteria uma resposta ou não. Com um ágil movimento, subiu à sela de montar, os raios de sol acariciaram seu cabelo negro como azeviche, enquanto inclinava a cabeça escura para olhá-la.

— Jamais peço permissão.

— Oh...! Suponho que isso lhe cria muitos problemas, não é?

— No que concerne a você, suspeito que sim — disse brandamente, e cravou os calcanhares nos flancos do cavalo.

Sobressaltada, Mira nem sequer pôde dizer adeus quando se foi.

À quarta manhã, Mira estava exasperada consigo mesma por esperar de maneira inconsciente que ele aparecesse. Antes de sair, esteve discutindo consigo mesma diante do espelho, por vários minutos, enquanto tentava fazer um penteado mais elaborado que uma simples trança, e se amaldiçoando pelo fato. «Está aprendendo algo novo sobre si mesma — pensou com ironia, — não sabia que era tão vaidosa para querer estar atraente para um homem que a desagrada. E que é muito provável que nem sequer veja hoje!» Apertando os dentes, fez a trança de costume e saiu em direção ao bosque.

Os dias começavam a ser mais frios. Razão a mais para que Mira desfrutasse de seus passeios matutinos, antes que o clima a impedisse de sair. Os bosques que rodeavam os jardins e a grama de Sackville Manor eram exuberantes e misteriosos, e despertavam sua imaginação. Grandes samambaias e cheirosas folhas de pinheiro

atapetavam o chão, e algumas pequenas e brilhantes flores impregnavam o ar com seu intenso perfume. Ali estava escuro, a luz ficava oculta pelas altas copas das árvores, mas em alguns lugares, os raios de sol penetravam entre os ramos e salpicavam o chão. Suspirando com satisfação, Mira se sentou em uma enorme rocha e abraçou os joelhos com os braços.

Quando Alec se aproximou dela, desejou não ter cedido ao desejo de vê-la outra vez. Tinha que encontrar uma maneira de conter essa condenada fascinação que sentia por ela. Desde que a tinha conhecido, não fazia mais que pensar nela, nem sequer dormia. Inconscientemente, comparava-a com todas as mulheres que estavam dispostas a agradá-lo, mas só desejava Mira. Para sua consternação, começava a suspeitar que este desejo por ela não seria algo passageiro. Desmontando do cavalo, Alec atou as rédeas no tronco de uma árvore e se aproximou de Mira lentamente. Ela pareceu não se advertir de sua presença, mas logo falou com o olhar fixo em algum ponto longínquo do bosque.

— Ouvi que ontem não caçaram raposa — disse.

— Cercamo-la.

— Lorde Sackville me contou que muitos dos cavalheiros queriam fazê-la sair do buraco em que se escondeu, mas que você os convenceu do contrário.

— Sim — respondeu Alec, apoiando o ombro contra uma árvore e a olhando com aqueles olhos cinzas como a chuva, provocando-lhe uma cálida sensação que a fez ruborizar. — Não é muito esportivo ir atrás de uma raposa que encontrou um lugar onde se esconder.

— Vindo de você, parece-me um inesperado gesto de misericórdia — comentou Mira pensativamente.

— Pela maneira que o diz, é evidente que sua simpatia está com a raposa — disse, esboçando um sorriso divertido. Ela assentiu em silêncio. — Não trouxe nenhum livro hoje? — perguntou.

— Não.

— Também não está desenterrando raízes estranhas nem colhendo flores?

Mira riu ante suas palavras.

— Não. Já tenho tudo o que necessito.

— Onde aprendeu esse tipo de coisa?

— Sempre me interessou conhecer os remédios para curar as enfermidades — respondeu com um sorriso doce. — Quando vivia na França, viajava de um lugar a outro e adquiri muito conhecimento sobre medicina natural. — Fez uma pausa e acrescentou com os olhos brilhantes: — Tenho uma memória excelente. Raramente esqueço algo que vi ou que me disseram.

— Então, em alguma parte dessa mente tão notável — disse Alec ignorando o último comentário, — há informação sobre seu lugar de origem. Diga-me, onde está seu lar além de Sackville Manor?

Alec sabia que não responderia a pergunta.

— Meu lar está em todas as partes — disse Mira com suavidade. A expressão perdida e ardente em seus olhos provocou em Alec uma estranha sensação. — Não pertenço a nada nem a ninguém. — A expressão dela era sincera e travessa, como se lhe causasse um prazer pessoal evitar suas perguntas com esse disparate.

Alec se sentiu exasperado por essa ambiguidade; queria saber mais dela, tinha que saber quem era, e não tinha nem ideia de como obrigá-la a dar as respostas que necessitava.

— Pertence a quem paga seu preço — respondeu Alec com estudada frieza.

— Acredita mesmo nisso? — perguntou, imperturbável ante a crescente raiva do homem. — Acredita que pertenço a Sackville?

— Suponho que isso depende do que entenda por lealdade.

— Tenho um forte sentido de lealdade, assim suponho que sim, pertenço a ele. Hum, tem o cenho franzido; não é essa a resposta que esperava ouvir? Sem dúvida alguma sabe apreciá-la, já que a lealdade é algo com o que está muito familiarizado. É você tão leal às regras da caçada que protege uma raposa, por muito que os cães e seus companheiros de caça queiram seu sangue. É tão leal a seu amigo, que não tentará tirar sua amante, embora acredite que a deseja para si mesmo.

Alec apertou a boca em uma linha tensa, e seus olhos arderam com chamadas prateadas.

— Não desejo você — resmungou. — Mas sentiria muito prazer em pô-la sobre meus joelhos e lhe dar uma boa surra por sua insolência,

diabinho de Satã.

— Quem ou o que o detém? — perguntou com suavidade.

Aquilo parecia uma autêntica competição para ver qual dos dois cederia antes. Alec resmungou baixo. Estudou o rosto dela e sorriu de uma maneira encantadora, com a mesma expressão de um menino que tinha acendido uma bombinha e estava esperando que explodisse. E depois, sorrindo mais amplamente, cruzou os braços sobre o peito e deixou que a ira se desvanecesse.

— Surpreende-me — disse, — que ainda não tenha provocado uma apoplexia em Sackville.

— Lorde Sackville acha minha conversa muito prazerosa.

— Então o subestimei imperdoavelmente.

Mira riu sem poder se conter, ocultando o rosto contra os joelhos, e o som do riso abafado de Alec foi como uma cascata deliciosa para seus ouvidos.

— Acredito que o menosprezei, milorde — disse, com voz afogada. Logo levantou a cabeça e fixou nele um brilhante e penetrante olhar.

— Mas como?

— Até agora pensava que era só um grosseiro pomposo e preconceituoso.

— E agora? — perguntou ele.

— Já não me parece pomposo. Nem grosseiro.

Alec era perito dissimulando suas emoções, assim ela não pôde ler nada em sua expressão. Quando o silêncio se prolongou, Mira se perguntou se teria ido muito longe. Possivelmente zangou-se com ela. Possuía um temperamento imprevisível que se inflamava com rapidez. E suspeitava que não estava acostumado a que ninguém pusesse a prova sua paciência de propósito.

— Mas pensa que sou preconceituoso — disse finalmente.

— Por acaso me equivoco? — contra-atacou. — Gosta de formar opiniões com muita rapidez... e uma vez que o faz, não gosta de mudá-las. — Mira estava segura de que era o tipo de homem que defendia os que amava sem titubear, e que combatia contra seus inimigos até ficar sem forças. — É um defeito perigoso; algum dia pode perder algo importante só porque não se encaixa em seu esquema das coisas.

— Por que diz isso? — sussurrou, parecendo tão cauteloso e irado que Mira soube que tocou em um nervo sensível.

Ela se retraiu imediatamente com voz trêmula.

— Não-não sei... Só pensei...

— Alguém me disse uma vez quase essas mesmas palavras.

— Quem?

— Meu primo.

— Aquele que morreu num duelo? — perguntou com acanhamento.

Alec a perfurou com um olhar tão cru e gelado que desejou ter mantido a boca fechada.

— Não foi em um duelo. Encontrei-o em um beco ferido e morto.

Alec fechou os olhos, incapaz de reprimir as sombrias lembranças. Holt era quase idêntico a ele, o mesmo cabelo negro e os bem definidos traços dos Falkner. Na infância se ajudaram mutuamente e confiaram mais um no outro que em seus próprios irmãos. Holt era mais amável que Alec, menos sarcástico, mais despreocupado, mais terno com as pessoas. Era o único capaz de fazer Alec rir em meio a uma impressionante tormenta de fúria... Este tinha sido o maior talento do Holt: ver as ironias da vida e as debilidades da natureza humana, e querer as pessoas apesar de seus defeitos. Alec e ele dariam sua vida um pelo outro, tinham um vínculo muito forte porque eram Falkner e porque se compreendiam à perfeição.

Depois que Holt não apareceu uma noite no Rummer, uma popular taverna londrina onde combinaram se encontrar, Alec saiu para procurá-lo. Reuniu todos os seus amigos e procuraram em becos e ruas escuras. Alec foi quem o encontrou. Oh, Deus, a imagem daquele corpo comprido, atirado no chão. Holt! Enterrou a cara no colete de linho de seu primo, horrorizado com a visão dos machucados e o sangue que havia por toda parte. Nesse momento, Alec se converteu em um desconhecido inclusive para ele mesmo. Tornou-se agressivo e começou a gritar, incapaz de se deter mesmo depois que seus amigos o arrancaram do corpo de seu primo. Alguns desses amigos seguiam sem o olhar nos olhos, inclusive agora, muitos meses depois que ocorreu aquilo. Afundado na dor, Alec se deixou levar pelo mau humor, odiando todo mundo durante meses, em

especial a ele mesmo. Se soubesse.... se pudesse ter ajudado Holt... Mas depois de um tempo, teve que superar o acontecido e seguir em frente com sua vida, mesmo ainda estando obcecado pelas perguntas sem resposta. Quem matou Holt? E por que razão? Por que, pelo amor de Deus, se ninguém levou dinheiro nem os objetos de valor de seu primo? Nem sequer levaram o medalhão de ouro dos Falkner, que seu primo usava no pescoço. O assassino se conformou em matá-lo.

E foi então que Alec soube por que não podia tirar da cabeça a amante de Sackville. Ria-se dele da mesma forma que Holt fazia, não temia zombar dele, nem despertar sua ira. «Como riria, Holt — pensou sombriamente, — se soubesse que finalmente conheci a mulher que pode ser meu par perfeito. Tem a cara de um anjo e é mais sedutora que o pecado, mas... pertence a outro homem.»

— Tenho que ir — disse, e Mira assentiu lentamente com a cabeça.

«É um homem pouco paciente», pensou, o observando se afastar a cavalo como uma alma que leva o diabo.

A sala estava cheia de convidados, o aroma de café, o chá e o perfume flutuavam no ar. Eram onze da noite, e todos se reuniram depois da caçada do dia em reuniões sociais para compartilhar um esplêndido jantar. Em particular, Alec considerava que aquele aposento era o menos indicado para a reunião após o jantar, pois estava decorado em um tom vermelho brilhante que agredia os olhos. O papel escuro ornamentado em tons carmesim e dourado formava intermináveis padrões entre o chão e o teto, com curvas rococó que se uniam umas às outras em um intrincado desenho. Havia querubins entre os desenhos do papel pintado e o teto ornamentado. A sala, as janelas e as cortinas tinham ao menos cinco metros de altura. Era uma imagem de excessivo mau gosto.

Quando todos se sentaram para relaxar e desfrutar do entretenimento estabelecido, Alec fez uma careta ao observar que Clara Ellesmere conseguiu se sentar a seu lado. Era uma mulher totalmente carente de moral, insensível a outras necessidades e desejos que não fossem os seus, uma mulher voraz, que desfrutava do prazer físico em todas as suas formas. Provavelmente, a única opinião

que lhe importava além da própria era a do marido, que parecia ser indiferente a Clara e a todos os seus reprováveis hábitos. Às vezes, ela interrompia seus flertes para olhar o resignado semblante de lorde Ellesmere com uma careta zombadora, mas ele sempre se mostrava impassível diante de suas atividades. Todo mundo esperava que algum dia Ellesmere tomasse as rédeas e a jogasse na rua. As exposições públicas de sua esposa podiam ser divertidas ou também exasperantes. Era muito provável que já tivesse se deitado com mais da metade dos homens presentes na sala; uma grande façanha, tendo em conta o grande número de cavalheiros que havia ali. Se Alec lamentava algo era ter sido um deles.

Foi um grande engano de sua parte deitar-se com Clara uma noite, há dois anos. Tinha sido divertida na cama, mas os sofisticados truques sexuais que a mulher utilizou só excitaram seu corpo, não seu intelecto. Não tornou a desejá-la depois disso, e era justamente o contrário ocorria com ela. Era uma mulher bonita, sem moral nem consciência, uma mulher luxuriosa que utilizava os homens e que era utilizada por eles. Não tinha nada a oferecer, exceto um corpo perfeito; nada comparável a uma mulher de verdade, com sentimentos sinceros.

— Aproveitou a caçada hoje? — perguntou com voz sedosa.

— E você? — respondeu Alec.

Ela soltou um risinho tolo.

— Ouvi que teve um êxito considerável, lorde Falkner.

— Mas um êxito bem pouco satisfatório — respondeu, fixando seu olhar cinza no piano quando a condessa de Shrewsbury começou a tocar.

— Que irônico — disse Clara curvando os lábios vermelhos provocadores, — passa-me o mesmo. — Baixou a voz com cumplicidade. — Mas jamais esqueci o que produz a satisfação, Alec.... e você é muito satisfatório. — aproximou-se mais dele e começou a falar em um sussurro enjoativo. — Recorda a noite que compartilhamos juntos? Poderíamos repeti-la... Possivelmente esta mesma noite. Recordo tudo, tudo o que fizemos, e cada vez que o olho volto a recordar...

— Não duvido que tenha tais lembranças — disse arrastando a voz,

— mas acredito que está me confundindo com outro.

— Não, jamais o confundiria, Alec — disse, levantando-se com um movimento sinuoso para sair do ambiente. — Desculpe-me, *mon cher*, voltarei logo.

Lorde Sackville, que estava sentado à esquerda de Alec, deu-lhe um golpe no ombro quando Clara desapareceu.

— Lady Ellesmere já se retira? — perguntou Sackville.

— Por desgraça não, mas quando o fizer não será comigo.

— Coitadinho, quando o aconselhei que procurasse uma mulher, não me referia a uma de sua classe.

— Sei perfeitamente que mulher desejo — assegurou Alec convicto.

— Proponho — disse Osbaldeston, entre os poucos entusiasmados aplausos que recebeu a atuação de lady Shrewsbury, e com o rosto vermelho pela quantidade de vinho ingerida — que minha mulher, lady Osbaldeston, deleite-os com outra canção.

Alec gemeu internamente e se afundou no assento.

Mira ouviu uma canção mal interpretada por outra aspirante a cantora enquanto ia à cozinha. Sorrindo amplamente, diminuiu o passo e se aproximou das portas fechadas da sala para ouvir melhor. Os convidados podiam ser os aristocratas mais ricos e elegantes da Inglaterra, mas careciam de talento. A voz que saía do aposento era aguda e desafinada ao cantar um poema de Byron que recentemente haviam posto em música.

— Pobrezinha, o que está fazendo aqui fora? — Mira deu a volta e viu lady Clara Ellesmere atrás dela. O sorriso dela desapareceu imediatamente. Lady Ellesmere se aproximou da porta e inclinou a cabeça loira para ouvir a horrível nota do verso final. — Oh, não é uma boa interpretação, não é verdade? — perguntou lady Ellesmere.

— Mas não há muita gente com tanto talento como você, querida.

— Milady — começou Mira, — se me desculpar...

— Mas por que está ouvindo aqui sozinha? — perguntou lady Ellesmere com suavidade. — Devia estar com o restante dos convidados, apoiando os esforços do anfitrião.

— Não, devo... — Mira interrompeu com um grito afogado ao ver que a mulher a segurava pelo pulso com força. — Ai, o que faz?

O aplauso pela canção soou amortecido através das portas.

— Venha, acompanharei você — disse lady Ellesmere com os olhos brilhantes de malícia.

— Não! — respondeu Mira cheia de pânico, puxando o pulso. A mulher era surpreendentemente forte; seu aperto parecia inflexível.
— Solte-me!

Clara abriu as portas, empurrando-as com tal força que bateram contra as paredes, captando a atenção de todo mundo. Mira começou a tremer quando muito cabeças se dirigiram para elas. Jamais tinha visto tantos rostos, tantos olhos, e todos centrados nela.

— Entre, querida — ronronou lady Ellesmere, arrastando-a para dentro da sala. Quando as pessoas perceberam quem ela era, uma multidão de murmúrios e sussurros envolveram Mira, asfixiando-a. Sentiu que o sangue fugia do rosto. E então, os cochichos cessaram e o silêncio foi ainda mais angustiante. — Lorde Sackville observou lady Ellesmere curvando os lábios vermelhos em um sorriso, — acredito que ainda não apresentou essa convidada. Mas escutava atrás da porta como se fosse uma menina abandonada, e estou segura de que desejará que a incluamos nos eventos desta noite.

Lorde Sackville ficou em pé, lentamente, enquanto Carolina Lamb e outras mulheres riam dissimuladas atrás das mãos enluvadas. Que escândalo! Só Clara Ellesmere se atreveria a introduzir a misteriosa amante de Sackville em uma respeitável reunião da sociedade, e só ela o faria com essa alegre malícia.

A neblina que cobria os olhos de Mira desapareceu ao ouvir a risada dissimulada das mulheres. Seus olhos castanhos escuros passearam pelo aposento lentamente, face por face. Viu desprezo, interesse, mofa. Sentiu na boca do estômago uma raiva gelada, uma fria cólera que esfriou sua vergonha. Fixou-se em lorde Sackville que parecia irritado; um homem que protegia seu orgulho com tal ferocidade, evitava sobre todas as coisas ser objeto de ridículo. Estava sentado junto a Alec Falkner, que tinha uma expressão ilegível e uma contração severa na boca. Mira fixou o olhar naqueles olhos cinzentos e sentiu que a envolvia uma estranha e cálida sensação quando lhe devolveu o olhar. Sabia instintivamente que se lhe dirigia um gesto de súplica, ele a ajudaria. Mas não queria pedir ajuda, nem a ele nem

a ninguém.

— Não acredita que ela devia tocar também? — perguntou lady Ellesmere a lorde Sackville. — Pode ser divertido.

Sobre a sala se estendia agora um silêncio sepulcral. A situação tinha adquirido proporções absurdas. Sem dúvida alguma, lady Ellesmere não sugeria que ficassem ali sentados enquanto eram entretidos por nada menos que a amante de Sackville! Mira olhou lorde Sackville com uma expressão inescrutável no rosto. Havia tocado para ele em privado, e ele sabia que o fazia bem. Mira quase podia ver como se moviam as engrenagens na mente de seu protetor enquanto calculava como resolver a situação a seu favor. Depois de um longo momento, ele assentiu com a cabeça.

— Mira, por que não toca algo para meus convidados?

Ela assentiu com a cabeça com o rosto branco como o papel.

— Será um prazer, milorde. Assim que lady Ellesmere solte meu pulso.

Houve uma repentina risada entre os presentes. Clara a soltou imediatamente, o sorriso desapareceu de seus lábios ao se dar conta de que corria perigo de se converter na vilã da história.

Incapaz de se conter mais, Alec se pôs em pé.

— Santo Deus, William! — silvou no ouvido de Sackville. — Detém isto imediatamente, acaso não lhe importam os sentimentos dela? Não é uma posse para ser exibida desta maneira!

Sackville se virou e cravou os olhos azuis nele.

— Está me dizendo como devo tratar minha amante, Falkner? — repreendeu-o. — Se tanto o preocupa os sentimentos dela, sente-se antes de montar uma cena.

Lentamente, Alec se afundou na cadeira, com todos os músculos em tensão. O sufocante silêncio do aposento só foi quebrado pelo sussurro das saias de Mira quando se dirigiu ao piano. Movia-se com graça, com as costas erguida, com todos os olhares fixados nela. Usava um vestido de veludo negro, as linhas de sua figura ficavam enfatizadas pela simplicidade da roupa. As mangas eram bufantes acima e apertadas no braço no mais puro estilo elisabetano, e uma fileira de diminutos botões fechavam o corpete. A firme curva de seus seios e a linha da garganta destacavam contra o veludo negro.

Puxou o cabelo do rosto com uma fita, e eles caíam nas costas formando longos cachos. Parecia jovem e muito vulnerável. Justamente o contrário do que se esperava da amante de Sackville.

Um brilho de admiração apareceu nos olhos de Alec quando Mira se sentou ao piano sem ajuda. Viu-a sorrir de uma maneira depreciativa ao observar a sala enquanto várias mulheres a olhavam e riam detrás dos leques.

Mira tinha direito de se mostrar desafiante, refletiu Alec, torcendo a boca com cinismo. A maioria das mulheres presentes carecia de moralidade. O adultério era um estilo de vida para elas, não sabiam o que era lealdade nem modéstia. Se Mira era uma amante, então elas não ficavam atrás, pois o tinham sido durante mais tempo e com um grau mais elevado de discriminação. «Você a está desculpando?», perguntou voz misteriosa e pessoal. E Alec apertou os dentes.

Os olhos de Mira baixaram quando vacilou diante das teclas do piano. Mas assim que lhe pousou as mãos, iniciou uma balada francesa, uma melodia encantadora e ao mesmo tempo triste, e ninguém ousou fazer o mínimo ruído enquanto ela cantava em sua língua materna. Sua voz era inesperadamente baixa e, embora faltasse refinamento, era pura e vibrante. A descarada emoção que tinha a canção era evidente e comovedora. Alec a observou com os olhos entrecerrados, suspeitando que ela sabia as reações que seu aspecto e sua música provocavam. «Gatinha», pensou fazendo uma careta; tinha a intenção de deixar a todos nervosos, e estava conseguindo. Não era uma canção apropriada — algo ligeiro e divertido teria posto fim à situação com dignidade, — mas tinha escolhido uma peça apaixonada e agri-doce que fazia com que as pessoas se sentissem incômodas. As mãos da dela arrancaram sons das teclas que provocaram suspiros de desejo. Logo, a última nota flutuou no ar e, quando a canção terminou, ela observou as mãos.

Os aplausos suaves e apagados romperam a concentração de Mira. Ficou em pé e os olhou, mantendo um olhar neutro ao ver que Caroline Lamb e algumas de suas amigas cochichavam sob os leques e os lenços, mas já não riam bobamente. Mira esboçou um sorriso forçado. Lorde Sackville ficou em pé e se aproximou dela sorrindo. Levou os dedos frios dela aos lábios, muito satisfeito pela maneira

como tudo se resolveu.

— Todos os homens da sala me invejam, carinho, muito bem! Desejava ter planejado. Muito bem!

Ela assentiu e retirou a mão. Quando saía da sala, deteve-se diante da cadeira de lady Ellesmere. Procurou os olhos da mulher e fez uma reverência zombadora.

— Espero que tenha gostado de minha atuação, milady.

Clara Ellesmere assentiu com frieza.

Com calma, Mira saiu do aposento e ouviu um montão de excitados murmúrios quando as portas se fecharam.

Sentia os joelhos débeis e lhe custou subir as escadas. Nunca se havia sentido tão esgotada e entorpecida. Agora, depois que a prova acabara e a tensão desaparecera, encontrava-se cansada pelo esforço de fazer frente aos convidados de lorde Sackville. Por que lady Ellesmere quis fazê-la ficar em ridículo diante de todo mundo? Que cruéis eram às vezes as pessoas. Lentamente, Mira se dirigiu ao seu quarto; queria se meter na cama e não voltar a levantar. Quando chegou às escadas, ouviu ruído de passos às suas costas e se virou bruscamente.

— Lorde Sackville, eu...

— Felicitações. — Não era Sackville, a não ser Alec Falkner, que se deteve a uns metros dela, e se recostou na parede com ar indolente. Estava entre as sombras e Mira não pode ler a expressão de sua fisionomia. — Estava impressionante.

— Recebi aulas — murmurou, encolhendo os ombros desdenhosamente.

— Não me referia às suas habilidades musicais.

— Então não sei a que se refere — respondeu bruscamente, levando a mão à testa para aliviar a dor de cabeça. Estava farta daquelas batalhas verbais com ele, farta de ter que se defender a todo instante. Algo no interior dela pareceu se quebrar e tudo por culpa dele. Alec tinha o poder de a magoar, quando aquela sala repleta de gente não o fez.

— Admiro sua coragem. Não lhe falta fibra, poderia fazer qualquer coisa que...

— Sentime como um animal amestrado em um número de feira —

interrompeu-o bruscamente. — Desprezo os de sua classe. Nenhum de vocês tem o direito de me julgar. Diga-me, por que compartilhar a cama com Sackville me converte em uma mulher sem sentimentos? Por que tive que ceder ao capricho de uma mulher vazia, como se não só tivesse vendido meu corpo, mas também minha mente e minha alma? — Os olhos de Mira resplandeciam quando se aproximou dele com os punhos apertados. — Por que está aqui? — sussurrou. — Por que me seguiu? Certamente não foi para me elogiar. Vá, em frente! Diga o que quer, zombe. Não importa o que diga de mim! Nem você — disse golpeando-o no peito com o punho — nem nenhum outro! — Golpeou-o de novo... com o pulso meio adormecido pelo golpe anterior. — Não me importa!

E então, repentinamente estava em seus braços, estremecendo dos pés à cabeça. Tentou se afastar, mas não parava de tremer, e deixou que ele a abraçasse. Instintivamente se agarrou a ele, afundando o rosto na lapela da jaqueta de veludo de Alec, até que moveu o rosto e sentiu a cálida pele através da camisa.

Alec se sentou nos degraus escuros da torre, embalando-a entre os braços.

— Por isso a segui — murmurou, inclinando a cabeça sobre ela, que lhe rodeou o pescoço com os braços. Mira fechou os olhos com força, enquanto ele murmurava palavras incompreensíveis contra seu cabelo, em um tom tranquilizador, rouco e terno.

— Não ria de mim — murmurou furiosa, incapaz de acreditar que ele se transformara naquele amável desconhecido.

— Não, não a magoarei... Chsss.

— Não preciso que você...

— Sei, mas por que não se cala um momento e me deixa abraçá-la.

Ela obedeceu, permitindo que o calor daquele corpo penetrasse em sua pele, em sua carne, em seus ossos, até que deixou de tremer. A brutal força de Alec já não era algo contra a qual tinha que lutar, porque se converteu em um escudo protetor. A fragrância familiar e envolvente a acalmava, e inspirou profundamente o aroma de sua pele, da roupa cara com um suave toque de louro. Nunca mais estaria tão perto dele, e queria entesourar este momento. Nunca se sentiu tão segura, reconfortada, protegida.

- Todos riram de mim — sussurrou, rangendo os dentes.
- Não, não o fizeram. Fariam se tivesse medo...
- Tinha-o.
- Ninguém se deu conta. Nem sequer eu.
- Teria escapado se pudesse.
- Já passou.... já passou.

Com um suspiro quebrado, Mira apoiou a testa no ombro de Alec, enquanto o peito dele subia e descia debaixo dela. Não soube quanto tempo esteve assim, relaxando contra ele, mas pouco a pouco se sentiu como se flutuasse no meio do mais doce sonho imaginável. Os lábios dele roçaram sua testa, provocando um calafrio de excitação nas costas dela, e o musculoso braço apertou sua nuca quando elevou sua cabeça.

Mira continuou com os olhos firmemente fechados, ainda sem querer abandonar aquele sonho. Seu mundo era seguro agora, cheio de uma tranquila escuridão e agradáveis aromas, com o calor do corpo de Alec inundando o dela. O prazer percorria seu corpo, um prazer que era cada vez mais forte. Deixava-a indefesa ante o ardente desejo de ceder, de sentir suas carícias, seus lábios nos dela. Mira sentiu o fôlego quente e úmido de Alec contra seu pescoço, sua boca roçando sua pele, deslizando prazerosamente por sua garganta. Vagarosamente, Mira virou o rosto contra o ombro dele, quando a cabeça de Alec inclinou-se sobre ela, acariciando com a língua a parte mais sensível de seu pescoço.

— Mira — resmungou, deslizando a boca com avidez sobre sua pele. — Desejo-a... Quero lhe fazer sentir coisas que nunca sonhou. — Ela abriu os olhos, e ele pareceu se perder em seu escuro e desconcertado olhar. — Não pertence a Sackville — disse com voz rouca.

— Prometi-lhe...

— Ao diabo o que seja que tenha lhe prometido. Não é o homem adequado para você. Não a deseja como eu. E não me diga que a satisfaz. Não quando responde a mim dessa maneira. Merece um homem que gaste seu tempo para agradá-la na cama, alguém que se ocupe de suas necessidades igualmente. Um homem jovem e forte...

— Ele me agrada — disse entrecortadamente, tentando se levantar

de seu colo.

— Um caralho que o faz. Olhe-se, está ofegando e ainda não a beijei. Vi muitas mulheres satisfeitas em minha vida, para saber que você não é uma delas.

A indignação limpou a mente de Mira como uma jarra de água. Tentou esbofeteá-lo, mas ele a deteve fechando a mão sobre o seu pulso pequeno.

— Não minta — disse Alec secamente.

Mira, envergonhada, fez um esforço para se acalmar.

— Eu não minto. Solte-me.

— Olhe-me e diga sinceramente que não me deseja e...

— Solte-me — interrompeu-o ofegante e furiosa, — presunçoso bastardo...

A chuva de insultos teria continuado um bom momento se Alec não ouvisse ruído de passos.

— Silêncio. Vem alguém — disse, levantando-a de seu colo, cobrindo-lhe a boca com uma mão e a arrastando para seu quarto através do corredor. Mira tentou se libertar, tirando o pulso quando a porta se fechou atrás deles. — Deixa de lutar e escuta — murmurou-lhe no ouvido. Mira relaxou lentamente para ouvir passos depois da porta. Arregalou os olhos quando os passos se dirigiram à torre. — Sackville — resmungou Alec com desgosto. — Sem dúvida ia terminar a tarefa.

— Tenho que sair daqui! — disse Mira com firmeza. — Perguntará o que estive fazendo.

— Não se preocupe, pode dizer que estava considerando uma proposta mais interessante.

Mira tentou se afastar dele, detendo-se confusa quando os braços de Alec se fecharam em torno de sua cintura.

— Deixe-me sair antes que comece a me procurar!

— Quando acabar com você. Quero saber como chegou a ser a amante de Sackville. Evidentemente não foi seu físico atrativo que a atraiu nele. Assim me diga como e por que...

— Não! — Quando os olhos de Mira se encontraram com o brilhante e insensível olhar cinza, tentou suavizar a resposta. — Não tenho tempo.

— Tem todo o tempo do mundo — ronronou Alec. — Não vou a nenhum lugar.

— Oh, já basta! — disse Mira desesperada, empurrando-lhe o peito.

— Não pode esperar para estar com ele? Terei que dizer a William que me agradeça por havê-la excitado dessa maneira.

— Você é detestável!

— O tempo está passando. E você não vai a nenhuma parte até que me diga como é que acabou unida a Sackville.

— Pelo amor de Deus! — exclamou, fixando os olhos na porta. — Certo, direi. Estou com ele desde... Estou aqui há dois anos. Desde que completei dezoito anos. Conheci-o depois de abandonar a França e vir para a Inglaterra.

— Sozinha?

— Sim, sozinha. Não tinha dinheiro nem trabalho e estava a ponto de morrer de fome. Era setembro e fazia bastante frio. Tive febre e fiquei muito doente para procurar trabalho ou encontrar comida. Em Dover me enrolei no fundo de um vagão de feno para dormir.... e suponho que perdi a consciência, porque a única coisa de que me lembro é que despertei aqui. Lorde Sackville é um homem muito compassivo. Recolheu-me, gastou seu dinheiro em me alimentar e me vestir até que me pus bem de novo.

Alec esperou que continuasse, arqueando uma sobrancelha negra quando ela guardou silêncio com teimosia.

— Acabou em sua cama por gratidão? — perguntou.

— Tenho-lhe carinho.

— A ele, a seu dinheiro e a viver em sua casa.

— Sim — disse com brusquidão. — Já satisfez sua curiosidade?

— Não. Para começar, por que saiu da França?

Mira o olhou exasperada, soltando um conjunto de afogadas maldições, em um tom tão irado e venenoso que a expressão de Alec se tornou menos séria, e seus olhos começaram a brilhar de diversão.

— Ou me deixa sair já — ameaçou-o, — ou jogarei ruibarbo em pó em seu vinho e roubarei seu urinol.

Alec soltou uma risada afogada e a contragosto tirou os braços de seu corpo.

— Já que me pede isso dessa maneira tão encantadora não vou negar — disse, fazendo uma pequena reverência e um gesto teatral ao abrir a porta. Com ar indignado ela saiu para o corredor e Alec fechou a porta. «Santo Deus. Ameaçaram-me com facas, balas, punhos, espadas e boas mãos de cartas, mas nunca com ruibarbo», refletiu, e se pôs a rir de novo.

Mira subiu ao seu quarto e sorriu candidamente ao ver que lorde Sackville ainda estava ali.

— Olá, milorde — disse.

— Onde estava?

Mira sabia mentir de maneira convincente quando tinha que fazê-lo.

— Estive falando com a senhora Daniel na cozinha. Está esperando há muito tempo?

— Não, não muito — disse Sackville, negando-se a sustentar o olhar. — Subi para ver se estava desgostosa por esta noite. Pareceu-me que ficou muito bem, mas queria estar seguro.

Mira pensou que parecia um menino culpado, e sorriu, sentindo uma dolorosa pontada de carinho por ele. Sabia que não teve a intenção de causar mal-estar algum. O William Sackville que conhecia jamais machucaria a ninguém de propósito. Se não fosse por ele, teria morrido de febre e tremores fazia dois anos. Nunca esqueceria quão bondoso foi para com ela.

— Devo admitir — disse suavemente, — que fiquei muito surpreendida pelo ocorrido.

— Não tinha como sair da situação de uma maneira elegante — apressou-se em dizer Sackville. — E logo pensei: acorda homem, ela toca bastante bem. Que diabos, deixe-a tocar! E fez um trabalho fantástico, Mira. Um trabalho maravilhoso!

— Prefiro não falar mais disso — replicou. — Milorde, não quero voltar a fazer algo assim de novo.

— É obvio, é obvio! — tranquilizou-a Sackville, tirando um lenço do bolso e secando a testa úmida. — Alegro-me de que seja tão sensata com isso. Não suporto as mulheres que se zangam comigo, sabe?

— Sei — disse, brindando-o com um pequeno sorriso. Voltou-se

para sua penteadeira dourada e tirou um pacotinho embrulhado em tecido. — Já que está aqui quero aproveitar para dizer que encontrei outra raiz de mandrágora para você. Só um pouco em...

— Conheço a dose de sobra — disse, agarrando o tecido com entusiasmo e guardando-o no bolso. — Acredito que me ajuda, de verdade acredito.

— Isso espero — respondeu, inclinando a cabeça e o olhando maliciosamente.

— Não contou nada disto, verdade? — perguntou entrecerrando os olhos azuis com desconfiança. Fazia a mesma pergunta cada vez que ela encontrava uma raiz para ele.

Por um segundo, Mira recordou seu deslize com Alec Falkner, mas certamente ele já não o recordava, verdade?

— Nosso segredo está a salvo, milorde.

— Walter — perguntou Alec com ar distraído, tamborilando os dedos na lateral da banheira de porcelana. — Sabe algo sobre ervas ou plantas?

Alec tinha o cabelo tão molhado e brilhante como a pele de uma foca e gotas de água nos cílios. Em seu rosto moreno apareceu um cenho franzido.

Walter, seu fiel criado pessoal durante os últimos cinco anos, deteve-se no meio do quarto. Era a quintessência do ajudante de um cavalheiro: trabalhador, educado, discreto, com um seco e sadio senso de humor que só mostrava em ocasiões especiais e, aos quarenta e quatro anos, era suficientemente velho para lhe dar conselhos quando os pedia, mas bastante jovem para sobreviver aos rigores de acompanhar alguém tão inquieto e viajante como Alec.

— Milorde — respondeu Walter com voz tranquila, — não sei nada de plantas, não distingo um torrão de terra de um excremento de cavalo.

— Maldição — suspirou Alec com expressão sombria. — Dê-me uma toalha.

— Entretanto — disse Walter, estendendo uma enorme toalha de linho para ele se secar, — vou recolhendo informação daqui e dali; se quiser, pode me fazer a pergunta de todas as formas.

— Por que não? — Alec envolveu os quadris com a toalha e pegou

outra menor quando saiu da banheira. — Para que serve exatamente a raiz da mandrágora?

Walter começou a tossir e ficou rubro no rosto. Geralmente o homem nunca ria, nem ao menos esboçava um sorriso, a não ser que fosse absolutamente inevitável. Alec observou com cenho franzido o inusitado ataque de riso que Walter tratava de dissimular. No final, o criado recuperou o controle de sua régia postura.

— Alguém disse que a necessita? — perguntou com voz neutra embora curvava a boca involuntariamente.

— Não. Pergunto-lhe isso por algo que escutei outro dia. — A expressão de Alec escureceu enquanto acrescentava com sarcasmo: — até agora não precisei deste conhecimento tão importante, que me foi omitido em minha educação.

— Você seria o último homem da Inglaterra a sabê-lo, milorde, pela simples razão de que não necessita dos efeitos da raiz da mandrágora.

— Certo, Walter, deixa de esboçar esse sorriso de satisfação e fala já.

— Os homens a utilizam por determinadas razões relacionadas com... os órgãos reprodutores. Pode aumentar a fertilidade...

«Oh, Deus — pensou Alec, — quer que ela tenha um filho dele.»

— ...ou mais frequentemente — continuou Walter, — utilizam-na com a esperança de curar a impotência.

Alec manteve o rosto imperturbável.

— Vejamos, só para esclarecer as coisas — conseguiu dizer ao cabo de uns segundos. — Estamos falando de impotência no sentido sexual da palavra?

Walter assentiu brevemente, antes de continuar suas tarefas no aposento.

— Obrigado — disse Alec, franzindo o cenho pensativo antes de secar a cabeça com a toalha.

O que fazia Mira? Seria possível que só conversasse com Sackville? Seria seu amigo realmente impotente? Ou só foi uma brincadeira de Mira?

Capítulo 3

Durante os dias seguintes. Mira pôs especial cuidado em evitar Alec. Não se aventurou a sair pelas manhãs mais tempo do que o necessário, mesmo porque a repentina queda da temperatura, própria do outono, reduziu drasticamente essa possibilidade. Para manter-se afastada do homem que com tanta facilidade a punha nervosa, passava o tempo na cozinha, em algum lugar afastado do jardim ou acocorando-se com um livro na poltrona de qualquer aposento vazio. Por desgraça, apesar de todos estes esforços, não conseguia manter lorde Falkner afastado de seus pensamentos.

Reconheceu que não seria difícil se apaixonar por Alec Falkner, pois a atraía em todos os sentidos. Apesar de seu mau gênio e do senso de humor tão sardônico, Alec podia ser encantador quando queria. Pensar que ele a desejava a enchia de excitação, e também de angústia. Sabia que ele não queria sentir-se atraído por ela e se pudesse evitá-lo de algum jeito, faria. Mira pensava frequentemente naqueles instantes vividos na escada da torre, quando o duque a tomou entre seus braços; se perguntava se ele também pensava nisso. Incapaz de controlar a fascinação que esse homem exercia sobre ela, começou a fazer perguntas sobre ele. Tinha até chegado a perguntar a Sackville com discrição.

— Como o conheceu? — perguntou a Sackville enquanto servia uma xícara de chá e a oferecia com um prato de suas massas favoritas.

A luz do fogo brilhava ao redor do casal sentado a sós na sala. Sackville, tinha a face ruborizada, depois de um longo dia de caça; aceitou a xícara agradecido e esticou as pernas para o fogo acolhedor. Gostava de conversar e relaxar com uma xícara de chá com umas gotas de conhaque, depois de uma atividade tão intensa.

— Faz aproximadamente sete anos, durante uma caçada. Era um jovem diabo de cabelo negro, o tipo de homem que gosto de enfrentar e diminuir a arrogância. Quando estava sozinho era um tipo agradável, educado e tranquilo, mas em companhia de seu

primo, o defunto Holt, era o patife mais rebelde que alguma vez conheci.

— Por que era tão diferente quando estava com seu primo? — perguntou Mira em tom casual.

— Holt sempre o animava a fazer loucuras. — Sackville riu entredentes e meneou a cabeça com ar pensativo. — Veja, embora os dois fossem parecidos fisicamente, Holt era imprudente, enquanto Alec sempre se conteve mais. Juntos, entretanto, complementavam-se à perfeição.

— Mas gostava mais de lorde Falkner?

— No princípio não simpatizei com nenhum dos dois. Holt preferia perseguir as mulheres antes de ir à caçada. E quanto a Alec, no primeiro dia da caçada discutimos sobre se um rifle “Westley Richards” de dois canhões era mais efetivo que um “Joe Morton”. Fizemos uma aposta sobre qual dos dois conseguiria caçar mais aves.

Mira sorriu, imaginando um Alec mais jovem envolvido numa discussão com Sackville.

— Quem ganhou? — perguntou.

— Fizemos a recontagem no final da caçada e descobrimos que tínhamos empatado. Foi o princípio de nossa amizade. Não demorei a descobrir que é um arquiteto de muito talento; redesenhou parte da propriedade, sabia?

Mira estava surpreendida com a revelação. Arquiteto... Acaso Alec era mais fascinante ainda do que tinha pensado? Perguntou se a ele encantaria o clássico estilo palaciano ou o estilo gótico. Quando fez mais perguntas a Sackville para conhecer mais detalhes, ele lhe dirigiu um olhar estranho antes de murmurar uma resposta evasiva sobre os desenhos de Falkner, fazendo que Mira se contivesse ao compreender que seu interesse pelo duque se tornara muito evidente. Não se dera conta de que havia mencionado o nome de Falkner mais vezes do que devia. E não percebeu este fato perturbador até o dia em que tomava chá na cozinha com a senhora Comfit e duas das criadas, Lizzie e Tessie.

— Esse é o grupo de cavalheiros mais libertino que lorde Sackville há muito convidou — exclamou Lizzie, fazendo oscilar os cachos do cabelo avermelhado ao falar enfaticamente. — Tornaram a beliscar

meu traseiro esta manhã!

— Quem fez o quê? — perguntou fascinada Tessie, uma tímida garota de dezessete anos.

— Quando entrei em um quarto com a bandeja do café da manhã, seu ocupante me devorou com o olhar e beliscou meu traseiro, isso é o que fez, e logo me perseguiu!

— Meu Deus! — exclamou Tessie.

— É o terceiro esta semana — disse Mira secamente, olhando à senhora Comfit que meneava a cabeça com resignação. A senhora Comfit, uma figura sábia e alegre, de complexão forte e rechonchuda e expressão travessa, parecia um gnomo do bosque.

— Sim, assim são os homens, Mira — disse a cozinheira. — Depois de uma semana de boa caça, comida e álcool se tornam mais desinibidos do que eram ao chegar. Mas estou de acordo com Lizzie de que, nesta ocasião, os cavalheiros são mais atrevidos do que o normal.

— Lizzie — inquiriu Mira em tom casual. — Lembra quem foi que a beliscou esta manhã?

— Meu Deus, por que pergunta por isso, Mira? — A criada deslizou manteiga na metade de um pão e deu uma mordida com gosto.

— Bom... Só quero saber quem é para evitá-lo — disse Mira. Algum desses homens que se insinuaram era jovem, alto, bonito? De cabelo escuro?

— Santo Deus, não. Se fosse assim, não me queixaria. Era como um homem liso, branco e velho que poderia ser meu pai.

— Mira — perguntou a senhora Comfit brandamente, — em quem estava pensando?

— Oh — Mira ficou vermelha como um tomate, e se ocultou do olhar da governanta tomando um gole do chá fumegante, que quase queimou sua língua. — Bom, não pude evitar de observar que os olhos do duque de Stafford, lorde Falkner, vão para as saias. Concluí que podia ser ele. Assim tome cuidado, Lizzie, e você também, Tessie. Não é alguém em quem confiar. Pelo que vi, será melhor que não fiquem a sós com ele...

— Santo Deus, se o quiser para si, só tem que dizer, Mira — disse

Lizzie esticando a mão para pegar outro pão.

— Não, é obvio que não o estou dizendo por isto.

— Mira, esta é a enésima vez que menciona lorde Falkner — disse a senhora Comfit com um sorriso pensativo.

— Não, isso não é certo! — Mira negou a acusação, deixando a xícara de chá sobre a mesa e olhando-as, cheia de indignação. — Eu não... — Sua voz desvanecendo, enquanto olhava os três plácidos semblantes do outro lado da mesa. — Fiz?

— Sim — afirmou Tessie enfática, e Lizzie confirmou.

— Mira gosta do duque, Mira gosta do duque...

— Cale a boca! — deixou escapar Mira, com os olhos brilhantes de raiva. — Importa-me um nada esse miserável presunçoso! Por que não colocam os narizes em seus assuntos e me deixam em paz? — Mira paralisou e levou uma das mãos à boca, enquanto olhava horrorizada as duas criadas. — Oh, sinto muito. Sou muito geniosa. Por favor, esqueçam o que eu disse. — levou os dedos às têmporas e fechou os olhos. — É esta horrível dor de cabeça.

— Garotas — disse a senhora Comfit serenamente. — É hora de encerar o chão para o baile desta noite. Vão e me deixem a sós com Mira.

Lizzie e Tessie pegaram os últimos bolinhos e os puseram nos bolsos de trás, lançando a Mira um par de olhares compreensivos e saíram do local, entre sussurros e risadas tolas.

— Mira — disse a senhora Comfit, — temos de falar. Sei que normalmente desabafa com a senhora Daniel, mas agora está muito ocupada e sou tão boa como qualquer outra para falar.

— Não tenho nada a dizer — disse Mira, deixando cair a cabeça no vão de seus braços. Sua voz soou amortecida quando acrescentou: — Se o fizesse, pensaria o pior de mim.

A senhora Comfit riu com carinho.

— Sei que tem a ver com lorde Falkner, e não me surpreende que se sinta atraída por um homem tão bonito. Mira, tem vinte anos, não é a mesma garota que chegou aqui faz dois anos, é uma mulher, e necessita de um homem, por mais dores de cabeça que isso dê. Deitou com ele? É isso?

Incômoda ante a franqueza da cozinheira. Mira se conteve para

não estalar indignada.

— Como pode sugerir isso? Como pode me perguntar tal coisa quando sabe que estou com lorde Sackville?

— Booom... — A senhora Comfit alongou as vogais enquanto a olhava com uma mescla de ironia e recriminação. — Mira, a esta altura da vida devia saber que os serventes são piores que uma família; sabemos mais coisas e somos muito mais preparados. Crê que Percy não sabe o que passou faz um ano mais ou menos? Crê que não sabe a senhora Daniel? Ou que eu não sei? Por que não é sincera de uma vez e deixa de jogos?

— Jogos? — perguntou Mira desesperada, tentando ocultar suas emoções para que a senhora Comfit não lesse a verdade em seu rosto.

— Acaso acredita que Sackville nos engana com essas visitas a seu quarto? Embora o apreciemos muito, sabemos que tem problemas, a classe de problemas que não se pode ocultar. Imagino que os dois acordaram guardar segredo, mas é evidente que você e ele só fingem manter um *affair*.

— O que a faz pensar isso?

— Para começar, os lençóis. Carinho, é muito ingênua se não sabe que a roupa de cama se troca todos os dias. A senhora Daniel diz que os lençóis de seu aposento sempre estão sem rugas e os do quarto de lorde Sackville também, assim, a menos que o façam em pé ou no chão...

— Oh, por favor! — gritou Mira, cobrindo as orelhas com as mãos. — Não siga!

— Pensei o mesmo — disse a senhora Comfit, meneando a cabeça com ar satisfeito. — Mas agora me diga: sente-se atraída por seu duque, não é verdade?

Mira suspirou e apoiou a testa nas mãos.

— Não é meu duque. E não há nada a falar. Odeia-me.

— Carinho, não existe homem que possa odiá-la.

— Asseguro que sim — insistiu Mira. — No início pensei que o odiava, mas penso nele o tempo todo, imaginando toda classe de coisas que... Oh, é muito embaraçoso. Quando me sorri, sinto coisas das mais estranhas e não posso evitar notar como me percorrem os estremecimentos. É como se fosse uma enfermidade mortal. E não,

não me deitei com ele. De fato, algumas vezes ele atua como se odiasse me desejar. Entretanto — sua voz se converteu em um sussurro, — estreitou-me entre seus braços e eu não pude pensar em nada que não fosse nele. Embora sempre o ponho furioso. — Mira suspirou e concluiu o solilóquio com uma observação sombria: — Creio que não gosta de mim.

— Jesus! — disse a senhora Comfit no silêncio da cozinha. — Não é a primeira, nem será a última, Mira.

— Saber não me ajuda. Estou atada a lorde Sackville, e lorde Falkner acredita que sou a amante de seu amigo.

— Então se liberte! Me diga, que classe de futuro espera aqui? Tem que escolher entre ser uma amante de verdade ou ser a esposa de um bom homem. Mas como espera conhecer alguém fingindo ser a amante de Sackville? Serei a primeira a lamentar que se vá daqui, Mira, mas acredito que tem o direito de viver sua própria vida.

— Eu sei — disse Mira sombriamente. — Mas não é fácil partir outra vez. — Já deixara para trás tantos lugares, que não sabia se seria capaz de se afastar de outro. Teria forças para se exilar? Sabia que cedo ou tarde Sackville se cansaria dela.

— Então não o faça sozinha — animou-a a senhora Comfit com os olhos brilhantes pelo afeto e piedade. — Poderia pedir ao duque que a levasse consigo, quando se for.

Aquele dia, foram caçar a pé, em busca das perdizes e dos faisões que abundavam nos campos. Durante a manhã, Alec não acertou ave alguma, por isso, aqueles que sempre invejavam sua pontaria, se mostravam mais amáveis com ele. Uma brisa suave agitou seu cabelo, e ele tirou o chapéu para secar a testa com o dorso da mão. Estava irritado com a caçada. Não sabia como, mas a emoção que a caça sempre proporcionava desaparecera, e não mais sentia paixão por aquele esporte. Agora tinha a cabeça em outro lugar, num tema mais interessante, imaginando a forma de acabar com aquela exasperante e amalucada situação. Nunca permitira que um problema o importunasse por muito tempo, por isso devia tomar uma decisão. Quanto antes melhor. Não podia se permitir perder a razão por uma jovem de olhos escuros e sorriso provocador.

Mas o que decidiria com respeito a Mira? Considerou todas as

possibilidades. Podia sequestra-la e levá-la à sua residência em Londres, desafiar Sackville abertamente ou seduzi-la, para que o acompanhasse a uma das pequenas propriedades que os Falkner possuíam... Ou até levá-la à França, se ela o quisesse. Não importava qual, encontraria uma maneira para que fosse com ele, nem que para isso tivesse que sacrificar sua amizade com Sackville e uma das poucas virtudes que ainda tinha, sua lealdade. Não sabia quanto tempo passaria antes que se esvanecesse sua obsessão por Mira, mas tinha intenção de desfrutar de cada momento que passasse com ela. Se Mira tivesse mostrado algum sinal de ser feliz com Sackville, teria se comportado como um cavalheiro e teria se mantido à margem. Mas Mira não era feliz, ou do contrário não lhe corresponderia à outra noite, quando a abraçara; nem se deteria para falar com ele nos passeios matutinos. Não, Mira não era feliz, via-se em seus olhos.

— Falkner, velho amigo, parece estar em outro mundo.

Kip Sanborn, um alegre rapaz de vinte e quatro anos, aproximou-se dele com passo cambaleante. Desde que começou a caçada de Sackville, fazia uma semana, Sanborn passou os dias bebendo sem parar. Esta era a primeira vez que os acompanhava a uma caçada, e tinha ingerido uma grande quantidade de álcool, para acalmar os nervos que o alteravam por portar uma arma. Alec o estudou com os olhos entrecerrados, pensando que era muito provável que demorasse uma semana para recuperar a sobriedade.

— Vou recarregar minha arma — disse Sanborn colocando-se junto à equipe de caça, e baixando o olhar para selecionar um carregador com uma ou duas balas para seu rifle.

— Sanborn — disse Alec secamente, — sei que Sackville disse...

— Sackville? — interrompeu Sanborn, agarrando o recipiente de pólvora. — Oh, sempre faço caso ao velho Sack. É um grande tipo, sabe? E...

— É obvio. Sei que lhe disse que comesse um sanduíche e tragasse um gole de conhaque, cada vez que se sentisse nervoso.... mas, com todo respeito, gostaria que deixasse o sanduíche e o licor na bolsa enquanto estamos caçando.

— Mas me acalmam os nervos — replicou enquanto colocava o carregador no rifle.

— Preocupam-me menos seus nervos — disse Alec colocando o chapéu e baixando a aba sobre a testa, — que a presa a que mire.

— Não tem com o que se preocupar — assegurou Sanborn com entusiasmo, e logo os olhos iluminaram quando um bando de pássaros passou voando por cima deles.

— Espera — acudiu Alec ao se dar conta de que Sanborn não deixou o recipiente de pólvora no chão. — Não dispare, imbecil, a pólv...!

Pôs-se a correr para o homem meio bêbado. Alec o ouviu disparar. O frasco de pólvora estalou. A violenta explosão jogou Alec no chão. Foi como se um raio o tivesse atravessado, sentiu um intenso assobio nos ouvidos. Aturdido, permaneceu caído no chão, apenas consciente da terra fria sob a face e os gritos dos outros homens ao se darem conta do ocorrido.

— Sanborn? — resmungou, piscando ligeiramente; mas o forte assobio nos seus ouvidos impediu que escutasse uma resposta, e neste momento uma nuvem escura se abateu sobre ele.

Mira estava lendo um livro na sala de estar, sentada em um sofá estofado de cor azul, com os pés recolhidos debaixo de seu corpo. Ouvia os homens que chegavam da caçada e as mulheres que retornavam de suas excursões, pois o ruído de passos ressoava além da porta fechada. Acomodou-se melhor e ignorou a gritaria que reinava fora; sabia que nenhum dos convidados de Sackville irromperia naquela sala, enquanto não fossem trocar de roupa para o jantar. De novo voltou a se concentrar no livro e leu durante uma hora, até que ouviu o tinir dos pratos do jantar. Supôs que todos estariam já à mesa, assim fechou o livro, ficou em pé e se espreguiçou.

Mas alguém abriu a porta e Mira vislumbrou o branco familiar da touca de uma criada, antes que aparecesse a cabeça da moça.

— Tessie? — inquiriu com curiosidade, e a criada apareceu por completo.

— Oh, por fim a encontro.

— Não devia ajudar a servir o jantar?

— Tenho... tenho que contar algo a você. Está na boca de todo mundo e escapuli tão rápido quanto pude para contar.

— Do que se trata?

— Parece que houve um acidente na caçada, uma explosão, um homem ficou ferido e chamaram o médico.

— O médico? — disse Mira franzindo o cenho. — *Dieu*, certamente fará uma sangria no pobre homem.

— Não sei... Mas tem que saber o mais interessante. Lizzie acredita que o duque estava envolvido na explosão.

O livro caiu no chão com um ruído surdo. Mira levou a mão à bochecha e emitiu um som inarticulado ao passar a toda velocidade junto a Tessie. Dirigiu-se apressadamente às escadas, se apoiando no corrimão para subir mais depressa.

— Está mesmo bem? — perguntou Walter com ar de desconfiança, enquanto Alec se afundava no colchão agradecido.

— Perfeitamente bem — foi a amortecida resposta. Logo elevou o rosto do travesseiro para acrescentar: — Só estou um pouco cansado. Livrei-me por um triz.

— De se ferir?

— Não, de Clara Ellesmere. Assim que chegamos, grudou-se como um marisco e se ofereceu para cuidar de mim, até minha completa recuperação. — Riu secamente. — Grande enfermeira!

— Não acredito que o deixaria dormir nem sequer uma hora — admitiu Walter. — E falando em dormir, quanto tempo pensa descansar?

— Só uma hora, — disse Alec, ficando de barriga para cima e colocando as mãos sob a cabeça, — necessito paz e tranquilidade. Tenho muito que pensar e não posso fazê-lo com todos chiando ao meu redor. Meu Deus, que dia tão cheio! Espero que Sanborn esteja melhor.

— O médico o está atendendo. Várias queimaduras dolorosas, mas nada grave. — Walter sorriu cheio de sarcasmo. — Surpreende-me e me tranquiliza que saiu quase ileso. Os tolos e os bêbados como Sanborn são mais perigosos para os outros que para si mesmos. — O criado fez uma pausa e lançou um olhar dúbio. — Tem certeza que não deseja tomar um banho antes de descansar?

— Tomarei banho e comerei quando despertar. Agora não seria capaz de me mover nem que minha vida dependesse disso.

— Pois pelo que vi é algo que já fez mais de uma vez —

acrescentou Walter secamente antes de sair do aposento.

Sob a tênue luz do abajur nada se movia, exceto a sombra de uma traça que revoava contra a janela. Alec bocejou e fechou os olhos, deixando que o silêncio e a cálida luz do ambiente o envolvessem como um bálsamo purificador. Finalmente relaxou e se deixou levar pelo sono.

Mira se aproximou da porta de Alec e hesitou, o coração pulsando forte. Tinha medo de descobrir que era ele quem ficara ferido, porque conhecia o tipo de acidente que uma caçada podia produzir, desde perder um pé ou uma mão até ser alvo de uma bala perdida ou da explosão dos frascos de pólvora, que às vezes tinham tampas defeituosas. «Por favor, que não seja nada sério», rogou mentalmente, enquanto chamava com temor à porta. Não houve resposta. Com apreensão, girou a maçaneta e pôs a cabeça para dentro do quarto mordendo os lábios, quando viu o duque estendido na cama. Vê-lo assim, a afetou mais do que esperava.

— Lorde Falkner? — sussurrou, deslizando pela porta e correndo até ele.

Com o rosto relaxado e livre de seu habitual cinismo, a boca firme e suave e os cílios negros sombreando as duras maçãs do rosto, parecia mais jovem do que quando estava acordado. Tinha a pele bronzeada manchada de fuligem, a roupa impregnada do aroma acre da pólvora e da fumaça. Mira não viu nenhuma bandagem nem ferida. Aquilo queria dizer que os danos eram internos? Mira, que nunca se permitiu chorar, deu-se conta de que estava perto do pranto. Olhou-o com angustiada. Apoiou um quadril contra a borda da cama e se inclinou sobre o corpo grande. Sob a tênue luz não podia saber se a cor de sua pele era normal ou não. «Como esse médico bêbado se atreveu a lhe sangrar! Vou matá-lo», pensou com ar sombrio, estendendo a mão com inquietação para examinar o pescoço.

Alec se moveu sob aquele contato. Um suspiro sonolento escapou de seus lábios. Abriu lentamente os olhos e se esticou ao vê-la.

— Mira?

Ela pôs os dedos frios sobre a testa, comprovando sua temperatura.

— Ouvi que sofreu um acidente — murmurou. — Por que não há

ninguém aqui com você?

Ao ver aqueles olhos da cor do outono cheios de preocupação e, também ao notar como ela separava as mechas de cabelo de sua testa como uma carícia, Alec pensou que ainda estava dormindo, tendo um sonho encantador.

— Eu...? — perguntou com inequívoco gesto de atordoamento. — Quem disse...?

— Como se feriu?

Apesar do estado sonolento em que se encontrava, Alec chegou à conclusão de que valia a pena sofrer, infinitas vezes, ferimentos dolorosos, para sentir as carícias e os carinhos de Mira. Por desgraça, não sofrera nem um só arranhão.

Respirou fundo quando seu perfume embriagador inflou suas narinas. Moveu a mão com cuidado até a ponta da trança dela, que repousava sobre a colcha e entrelaçou os dedos nos fios pesados.

— Lorde Falkner? Dói-lhe algo? — apressou-se em perguntar, olhando fixamente sua fisionomia.

— Sim, Oh Deus, sim.

— Onde?

— Não estou de todo seguro.

— O médico o viu?

— Não.

— Ah... Então ainda há esperança para você — disse, dissimulando sua preocupação com um pouco de humor. Alec lhe dedicou um suave sorriso.

— Vejo que não o tem em alta conta.

— O tratamento a que submete os pacientes é uma selvageria. Não deixe que se aproxime de você, entendido?

— Então será você quem se encarregará de cuidar de mim, se não quiser que os ferimentos fiquem piores e infeccionem. — disse, começando a desabotoar a camisa. Depois de lutar com o primeiro botão, deitou-se simulando uma careta de dor e deixou a mão cair sobre o travesseiro.

— Não se mova — disse Mira com o coração pequenininho, enquanto observava, compungida, o gesto de sofrimento do duque.

Pagaria o resgate de um rei para poder abraçar e consolar Alec,

beijar sua testa e alisar seu cabelo desordenado. Desabotoou com agilidade os botões da camisa até que a abriu por completo. Mas o que viu não foi o que esperava encontrar. Não havia nenhuma ferida de bala! Nem um só corte! Nem queimaduras... ou manchas de terra! Tinha a pele morena e limpa, o estômago plano e musculoso e o peito ligeiramente coberto por pelo negro. Nas incontáveis vezes que curara ferimentos, viu muitos homens com o peito nu, mas nunca um tão magnífico como esse. Nenhum homem tinha o direito de ser tão arrebatador! Mira elevou a cabeça para descobrir que a olhava com os olhos camuflando uma risada.

— Pelo amor de Deus! — exclamou furiosa, golpeando aquele peito invulnerável. — É um canalha miserável! Não está ferido, mas deveria estar!

Como um gato preguiçoso se pondo em movimento, Alec pegou seus pulsos e a fez girar sobre a cama, imobilizando-a debaixo de seu corpo. Mira continuou insultando-o com palavras obscenas, coisa que ele jamais tinha ouvido antes numa mulher como aquela, as quais desejavam um destino doloroso a certas partes de sua anatomia; e continuou assim, até que ambos ficaram sem fôlego, ela de raiva, ele de rir.

— Não pude evitar — disse Alec ofegante, enquanto segurava as mãos dela de ambos os lados da cabeça e tratava de conter sua violenta resistência. — Simplesmente não pude... Mira.... Espere... Reconheça, sabe que não pode me culpar.

— É você um descarado — espicou, enquanto tentava golpeá-lo. — Como se atreve a fingir quando eu estava...? É você um rastejante, um miserável, um verme.

Enquanto fazia aquelas observações ferinas à sua pessoa, o medalhão de ouro preso a um cordão finamente lavrado, que estava pendurado no pescoço de Alec, caiu sobre os seios de Mira, queimando-a como se a marcassem com um ferro quente. Mas ela não deu muita atenção, ocupada em liberar os pulsos. Dirigiu um olhar furioso àqueles olhos cinzentos que brilhavam divertidos. Passou muito tempo desde que alguém lhe fez uma brincadeira, muito tempo desde que foi motivo de pilhéria. Sem poder evitar, um riso abafado lhe escapou, fato de que ele se aproveitou

imediatamente.

— Riu!

— Não fiz — protestou Mira com veemência. Tentou franzir o cenho, mas o esforço foi arruinado ao soltar outro riso abafado. No final, deu-se por vencida e deixou que a raiva esvanecesse, enquanto começava a tremer de tanto rir. — Acreditei que estava no leito de morte! Não sabia que você era um ator de tanto talento.

— Os Falkner sabem como fingir estar doentes. Era a melhor maneira de nos liberar de nossas lições.

— Devia ser um menino terrível.

— É provável que o fosse. — disse com um amplo sorriso. — Mas sempre fui o favorito de minha mãe.

Ela riu entredentes e meneou a cabeça.

— Você é impossível. — Levantou o olhar para ele, mostrando preocupação. — Mas não está ferido, não é? O que foi que aconteceu? Tem manchas de fuligem na roupa e cheira pólvora.

— O frasco de pólvora de Sanborn explodiu e me pegou por perto. O rapaz está bem. Tem algumas queimaduras, mas já está sendo tratado.

— Talvez devesse ver se posso fazer algo para ajudá-lo — disse, lutando para sair da cama.

Alec a segurou com mais força, e seu cabelo negro caiu sobre a testa. Mira franziu o cenho ao perceber como era fácil para ele mantê-la imóvel. Podia lutar com todas as suas forças para se libertar, mas sabia que ele não cederia nem um ápice.

— Eu preciso mais de você do que ele.

— O que você precisa é descansar e de um bom banho com água e sabão — disse, retorcendo os pulsos com crescente agitação. — Já pode me soltar. Não o golpearei novamente.

— Como posso estar seguro disso? — ronronou, sem liberar os pulsos.

Com inquietação. Mira mudou de posição, e pela primeira vez se deu conta de quão indefesa estava sob o corpo dele.

— Lorde Falkner...

— Alec — corrigiu, olhando-a com olhos que se tornaram mais escuros e sérios, assim como sua expressão.

— Não posso chamar você assim.
— Não a soltarei até que o faça.
— Utiliza sempre a força física para se sair bem?
— No seu caso, acredito que é o mais conveniente.
— Alec — disse obedientemente, e tentou se arrumar, mas ele ainda a imobilizava sobre a cama.

Seus corpos se tocavam intimamente; o tórax dele pressionava os seios de Mira e uma de suas coxas estava entre as dela. Ele cheirava a suor, a cavalo e a fumaça, um aroma primitivo que provocou um estremecimento nas entranhas dela.

— Alec, por favor — disse, virando o rosto para um lado, mas ele se limitou a prender suas mãos com uma das dele e segurar seu queixo com a outra, enquanto a fazia voltar o rosto para ele. Mira estremeceu e fechou os olhos, ao sentir que sua pele ardia e o coração pulsava de ansiedade. — Não o faça — protestou fracamente.

— Mira, sabe por que não posso soltá-la? — A voz rouca e profunda de Alec provocou em Mira um arrepio no ouvido. Ficou sem fôlego quando ele a beijou atrás da orelha, e estremeceu dos pés à cabeça. — Sabe o quanto significa para mim? — murmurou Alec roçando com os lábios as têmporas e as pálpebras suaves. — Pertence-me como nunca pertenceu a Sackville... Desejo-a mais do que alguma vez desejou Sackville. Tem algo que me atrai, algo a que não posso resistir. Não sei o que é. Não sei por que provoca isto em mim, mas sei que você também o sente. E sabe tão bem como eu que no final acabaremos juntos, não importa o quanto resista a mim.

Com a suavidade de uma pluma, roçou-lhe o lábio inferior com o polegar em uma carícia lenta e sensual. Ela engoliu em seco e os lábios tremeram sob a carícia. Para Alec não passou despercebido aquele detalhe, e curvou a boca em um lento sorriso. Lentamente, deslizou os dedos e roçou a pele do queixo e do pescoço dela, com a mesma carícia sensual. Com a ponta dos dedos riscou um círculo sobre sua garganta, olhando-a fixamente até que viu que suas pupilas dilatavam, a respiração acelerava e se elevavam os seios involuntariamente, contra seu torso nu.

— Para você sou só uma novidade — disse Mira, surpreendida ante o tom rouco de sua voz. — Por isso me deseja.

— Foi o que pensei no início.

— É só porque sou a amante de seu amigo — disse, a fim de provocar sua raiva. — Excita-o a ideia de possuir alguém proibido para você.

Roçou brandamente a boca com a sua. Ela ficou totalmente imóvel debaixo dele; temerosa e confusa. Os lábios de Alec eram suaves, mas ela não respondia a eles. Sem pressa, lambeu-lhe o lábio superior e logo o inferior, como se tivesse planejado passar toda a eternidade beijando-a e estreitando-a entre seus braços. Enquanto a boca de Alec seguia brincando provocadora, Mira sentiu que um fogo ardente crescia em seu interior. Gemeu e tentou se afastar dele, mas o corpo pesado a mantinha prisioneira sobre a colcha. Era impossível, totalmente impossível lutar contra ele quando o desejava tanto. Com um som abafado, rendeu-se àquele quente e lânguido beijo, permitindo que os lábios dele separassem os seus.

Alec soltou-lhe os pulsos para estreitá-la com ainda mais força contra seu corpo e deslizou uma das mãos sob a cabeça dela para a sustentar. Os lábios suaves se abriram para os dele, famintos de sua calidez e de seu sabor. Quando ele roçou sua língua com a dela ela estremeceu, respondendo timidamente a seu beijo, e o desejo atravessou seu corpo, inundando-a como uma onda. Mira rodeou-lhe o pescoço com os braços para aproximar mais a cabeça. Ela nunca imaginou que pudesse existir um desejo tão poderoso, tão forte, mais intenso inclusive que a fome ou a sede. Separando sua boca da dela, Alec a observou com um olhar cheio de intensas promessas nos olhos cinzentos.

— Sempre fui capaz de resistir à tentação... — sussurrou ele, beijando-lhe uma comissura e logo a outra — exceto com você. Exceto com você, Mira.

Alec saboreou o pequeno suspiro que Mira emitiu quando a beijou de novo. Deslizou a mão possessivamente por todo o seu corpo, tocando um seio através do tecido que o cobria, acariciando-o até que o mamilo se ergueu sob o veludo do vestido. Mira gemeu e se arqueou contra aquela provocadora carícia com o corpo ardendo de desejo. As sombras do aposento pareceram se abater sobre ela e Mira sentiu que afundava nesta profunda escuridão, uma escuridão que

não era fria, a não ser cálida e vibrante, cheia de intensas sensações. Abriu os olhos e viu o brilho dourado da pele de Alec e seus próprios dedos enterrados em seu cabelo negro. Jogou a cabeça para trás quando ele deslizou a boca por seu pescoço e, nesse momento, Mira só pôde pensar que morreria se Alec não se detivesse.

— Alec — sussurrou, acariciando os ombros dele e sentindo que os músculos se estiravam involuntariamente sob seus dedos.

— Meu Deus, o que estou fazendo? — resmungou. Tirou depressa a boca do pulso acelerado do pescoço de Mira e respirou fundo, sacudindo a cabeça como que para limpá-la. — Agora não — disse, parecendo ter dificuldade para falar. — Maldição! Não temos tempo e não quero que seja uma coisa rápida a primeira vez.

Desconcertada, Mira piscou e tirou os braços do pescoço de Alec, estremecendo com uma espécie de frustração que nunca sentiu antes. Recuperou a prudência lentamente, dando-se conta do que o permitira fazer, do que o animara a fazer. Não acreditava que tinha respondido de uma maneira tão lasciva. Que perigosa classe de feitiço possuía o duque?

— Nem agora nem nunca — disse com voz tremente. — *Bon Dieu, qu'est-ce que j'ai fait?* Não entendo como pude fazer... Solte-me!

Separou-se dele, se levantou da cama com um salto e levou as mãos ao peito para acalmar a respiração ofegante. Alec ficou de lado, apoiando-se em um cotovelo para olhá-la. Tinha o corpo tombado em uma postura deselegante, como uma pantera tomando sol.

— Parece horrorizada — observou com serenidade, esboçando um sorriso satisfeito enquanto aparecia um brilho em seus olhos. — Alguma vez sentiu algo um pouco parecido com Sackville?

— Não estou horrorizada — disse com o acento francês cingindo as palavras. Alec sorriu amplamente ao notá-lo. — Estou desgostosa — continuou com veemência — e não quero voltar a vê-lo nunca mais! — Encaminhou-se para a porta, mas o som da voz dele a deteve ao girar a maçaneta.

— Mira.

— O quê? — perguntou com rigidez.

— Obrigado por seus atentos cuidados em minhas horas mais desgraçadas. Agora me sinto melhor.

Lançando-lhe um venenoso olhar, saiu do quarto e, muda de raiva, conteve a vontade de fechar a porta com estrondo. Não queria chamar a atenção de ninguém.

O sol da manhã tentava com valentia esquentar o ar e a terra, mas não importava, pois era um frio diferente o que fazia que Mira fechasse a jaqueta curta que vestia. O dia era frio e seco, e havia rajadas de vento que levantavam pequenas nuvens de pó no caminho. Para o passeio ao povoado vestiu-se com cores apagadas para não atrair a atenção de ninguém, e também porque camuflava melhor a sujeira. Usava um vestido azul pálido com cós azul marinho e uma faixa da mesma cor, além de botas de pele de salto baixo. Sabendo que ainda era muito cedo e pouca gente poderia vê-la, tirou o odiado chapeuzinho e o guardou na bolsa que levava.

A estrada era plana e estava em bom estado, tinham enchido os buracos com madeira e os sulcos com pedras grandes. Com frequência conduziam o gado por aquele caminho que atravessava os pastos verdes. Absorta em seus pensamentos, Mira cantarolava uma suave melodia até que ouviu o som de cascos às suas costas. Virou-se e, elevando uma mão para se proteger da luz do sol, viu que um cavaleiro se aproximava dela no lombo de um cavalo branco. Mira cambaleou boquiaberta pela surpresa. Alec fez que o garanhão mudasse o passo; e o vento agitou o cabelo negro azeviche quando lhe dirigiu um sorriso preguiçoso.

— Não posso acreditar que seja você. O que está fazendo aqui? — inquiriu Mira, continuando a andar enquanto lançava um olhar perplexo.

Vestido com calças cinzentas, casaco azul-escuro, camisa, e um colete aberto de brocado, ele parecia tão bonito e viril que qualquer mulher em são julgamento desmaiaria ao vê-lo. Desviou o olhar e apertou o passo, resolvida a permanecer indiferente a ele.

— Há um complô contra você em Sackville Manor — disse, observando-a com os olhos prateados.

— Seriamente? — perguntou com frieza.

— Esta manhã, duas criadas comentavam seus planos para o dia. Detiveram-se diante de minha porta para conversar em voz alta sobre você. Era evidente que queriam que eu soubesse...

— Oh! *C'est attentat!* — exclamou Mira ruborizando de irritação. — Lizzie e Tessie! Pagarão por isso! Se acreditam que... Bom, não importa o que acreditam, equivocam-se!

— Não fizeram com má intenção. Além disso, me facilitaram uma informação extremamente útil.

— Ah, é? Saber que vou visitar um doente e sua esposa, e que considero que algumas dessas visitas chegam a se tornar incômodas é extremamente útil para você?

— Não.... não me refiro a isso, refiro-me a terem dito que era uma lástima que tivesse que fazer sozinha um trajeto tão longo.

— Gosto de caminhar! Se quisesse, pegaria um cavalo ou uma carruagem! E não é um caminho tão longo. De fato, já estamos quase nos arredores do povoado.

— Posso levá-la o restante do caminho. — Alec ofereceu a mão, que ela ignorou com indiferença. — Bom, se você gosta tanto de caminhar...

Os cascos do cavalo branco mantiveram um passo perfeitamente compassado ao dela.

— Não há uma caçada para participar? — perguntou sem rodeios.

— Pude me ausentar hoje devido às sequelas do acidente de ontem.

— Sequelas! — mofou, espirrando com força quando o pó da estrada entrou em seu nariz. — Só alguém com uma imaginação extraordinária pode pensar que está ferido.

— Mas me sinto muito dolorido.

— Não acredito.

— Falo sério. Estou a muitíssimas horas dolorido, desde que me abandonou ontem à noite.

Mira corou, e qualquer frio que pudesse sentir evaporou-se, quando cada centímetro de sua pele resplandeceu com um indesejado rubor.

— A única coisa ferida ontem foi seu orgulho — atacou entredentes, e levou a mão à boca ao voltar a espirrar.

— Sério. Nunca conheci antes uma mulher tão desejosa de abandonar minha cama. Deus bendito, a poeira incomoda você?

— Sim — respondeu, cobrindo o rosto com a mão e espirrando outra vez. — Os cascos do cavalo estão levantando nuvens de pó.

— É impossível evitá-lo...

— Sim, se der a volta e retornar.

— ...a menos que monte comigo.

— Não o faria nem que fosse o último... — Voltou a cobrir o nariz e a boca com a mão para se proteger do pó. — Oh, por favor, pare! Merendo, está bem? Mas nem pense que venceu de novo.

Um leve sorriso deixou transluzir a satisfação de Alec quando se inclinou e lhe ofereceu a mão. Ela aceitou-a e ambos se prenderam com força pelo pulso. Mira conteve a respiração ao ver que os músculos de Alec se estiraram sob a roupa, enquanto a subia no cavalo com facilidade. O traseiro de Mira aterrissou na sela na frente dele, e seus pés se penduraram na lateral do cavalo. Em um ato reflexo, Mira se agarrou ao casaco de Alec para não perder o equilíbrio, e Alec a envolveu protetoramente com o braço. Imediatamente, Mira sentiu a força desse corpo e lhe voltou as costas, olhando para a estrada à frente, e soltando o casaco para procurar outra coisa a que se aferrar. Roçou a tensa e musculosa coxa dele sem querer e, assustada, deu um pulo, o que quase a fez cair do cavalo.

— Deixa de se mover — disse Alec ao seu ouvido, num tom rouco e divertido. — Eu seguro você.

Rodeou sua cintura com os braços firmes, algo que não ajudou a amainar seu estado de agitação. Por um instante Mira pensou em dizer que mudara de ideia e que queria desmontar, mas então ele a rodeou com o outro braço, e quando o enorme cavalo branco avançou com rapidez, não houve outro jeito que se apoiar no peito sólido de Alec. E foi então que Mira teve a sensação de estar no melhor lugar do mundo, rodeada pelo poderoso amparo que o corpo de Alec proporcionava e com a brisa alvoroçando seu cabelo.

— Onde... onde está o outro cavalo? — perguntou. Não era o tema ideal para iniciar uma conversa, mas teria que servir.

— Soberano? Deixei-o descansando nos estábulos. Este é Réquiem.

— Réquiem? Que nome horrível.

Sentiu que encolhia ligeiramente os ombros atrás dela.

— A ele serve. Gosta de atirar as pessoas de quem não gosta, às

vezes inclusive com muita rudeza.

— E me convidou a subir nele? — inquiriu com um olhar de indignação.

— Fique tranquila — repôs, acariciando-lhe a têmpora com o fôlego. — Não tem com o que se preocupar. Acaso acredita que sou capaz de arriscar seu precioso pescoço? — Mira estremeceu levemente ao sentir o fôlego quente contra a pele, e ele abraçou-a mais apertado entre seus braços. — Tem frio? — perguntou.

— Um pouco — mentiu sem se sentir culpada. — Faz muito frio para ser setembro... É um bom dia para sair e caçar. Não devia perder a caçada.

— Posso prescindir da caça à raposa durante um dia.

— E de mim também — disse significativamente, e ele riu entredentes.

— Ao menos admita que a alegria não ter que caminhar.

— Admito-o — reconheceu com pesar, e se permitiu relaxar contra o corpo dele.

Com a voz aveludada sussurrando a seu ouvido, e os quentes e irresistíveis braços rodeando-a, Alec era tão terno que Mira não pôde evitar se sentir atraída para ele como uma traça à luz. E assim como o bicho, foi pega, tão encantada pela fascinação que Alec exercia sobre ela que nem sequer lamentava o engano cometido.

— Primeiro iremos à casa da senhora Daniel — disse. — É nossa governanta... Seu filho está resfriado.

— Sempre gostou de cuidar dos doentes e aprender tudo sobre curar as enfermidades?

— Sim, comecei na França. Em qualquer lugar que fôssemos... que fosse, sempre aprendia algo sobre remédios e curas. Cada lugar tem suas próprias tradições e receitas.

— Disse «fôssemos». Viajava com alguém mais?

— Não — disse com rapidez, com muita rapidez. — foi um deslize.

— O que diz de sua família? Sem dúvida provém de alguma parte.

— Não tenho família.

— Quem cuidou de você quando era pequena?

— Por isso que me seguiu? Para satisfazer sua curiosidade com perguntas indiscretas? — inquiriu Mira.

— Por que diabos está tão na defensiva comigo? Tem razão, são perguntas indiscretas, mas que me condene se voltar a fazer outra. Por mim pode ser tão misteriosa como queira.

Ela guardou silêncio durante um minuto, tão surpreendida pela inesperada rendição de Alec, que fez algo que nunca tinha imaginado que faria: falar de Guillaume.

— Meu irmão cuidou de mim. Viajei com ele por toda a França. — Como Alec manteve silêncio, Mira se atreveu a dizer um pouco mais.

— Meu irmão fazia amigos facilmente.... mas sempre andava se metendo em confusão, assim não tive outra opção que aprender a curar ferimentos e encaixar ossos, e acabei descobrindo que me dava muito bem.

— Como fez com meu ombro.

— Sim. Não é sempre tão fácil. Mas adoro ajudar. Faz-me sentir útil e nece...

— Necessária? — perguntou Alec com suavidade. Mira meneou a cabeça, horrorizada pela quantidade de coisas que acabava de contar.

— Não — disse, negando com a cabeça firmemente. — Não sei o que ia dizer. Só estava divagando.

— E o que diz de Sackville? — continuou como se não a tivesse ouvido, — Faz sentir-se útil e necessária?

— É obvio que sim.

— Seriamente? — perguntou com tom feroz. Mira ficou rígida, mas ele a apertou de novo contra o corpo com um ligeiro movimento do braço. — Sabe que não precisa de você Mira, não como devia. Pode ser que goste, possivelmente receba prazer desse seu delicioso corpo, mas quando fala de você, quando canta tantos louvores de sua relação, dá vontade de amordaçá-lo, não percebo paixão em sua voz, só petulância. A que crê que se deve isso, Mira?

Um violento conflito de emoções se apropriou de Mira. Ele a mantinha prisioneira entre seus braços e a obrigava a escutar palavras que não queria ouvir. Estava cada vez mais perto da verdade e era quase impossível continuar enganando-o. Parecia capaz de ler entre as evasivas e falsas respostas de Mira, e não podia se sentir mais alarmada com sua aguda perspicácia.

— Crê que viveria com ele se não me necessitasse? — respondeu

com outra pergunta. — Acaso crê que permaneço na mansão por outro motivo ?

— Não sei por que vive com ele — admitiu bruscamente. — Mas que me condene se for pela razão que todo mundo assume, inclusive você. Por ventura disse alguma vez que precisa de você?

— Todo o tempo.

— E que sonha com você? Que perde o sentido cada vez que pensa em você? Que quando sorri, o coração palpita como se tivesse corrido durante horas? Que não sabia o que era viver até que a encontrou? Que nunca conheceu o autêntico sabor do desejo até que a teve entre seus braços? Porque isso é ser necessário de verdade. E não me diga que prefere sua débil paixão ao verdadeiro desejo, porque mostrarei a diferença que há entre...

— Já chegamos — interrompeu-o com voz trêmula. Estava tão agitada que não acreditava que pudesse ser útil a algum membro da família Daniel. — Cuidado com o que diz diante dessas pessoas e, por favor, por favor, não volte a falar disso nunca mais. Há tantas coisas que não compreende...

Alec soltou as rédeas e desmontou primeiro. Sustentou Mira pela cintura e a olhou diretamente nos olhos.

— Pois espero que me explique — disse com voz rouca. — Logo. — Mira afastou o olhar incapaz de falar, e ele aproveitou este momento para baixá-la do cavalo. Lentamente, desceu-a contra seu corpo e logo sustentou-a entre seus braços, negando-se a soltá-la. Mira apoiou as mãos no peito amplo, e sentiu como seu corpo macio se moldava ao dele, mais forte. — Logo. — repetiu sem soltá-la até que ela o olhou nos olhos e assentiu com a cabeça.

Os Daniel, uma pequena família de agricultores, viviam em uma pitoresca casa de campo. O pátio estava rodeado de sebes e olmos. O aroma de turfa impregnava o ar, e da parte de trás da casa chegavam os grasnidos dos gansos. Mira se separou de Alec rapidamente quando a porta da casa se abriu. Duas meninas pequenas, de cabelos castanho encaracolados e bochechas rosadas, aproximaram-se correndo de Mira entre exclamações e risinhos tolos. Mira agachou-se, soltou a bolsa no chão e procurou em seu interior.

— Estas são as gêmeas, milorde, Mary e Kitty... Oh, senhor, como

saber quem é quem?... Ah, já recordo. Kitty é a mais tímida, não é, *ma chérie*? — Mira sorriu para a menina que estava atrás de sua irmã e Alec, por sua vez, sorriu quando as gêmeas se inclinaram e olharam no interior da bolsa de Mira. As duas agitaram os cachos castanhos, cheias de excitação. Com ar triunfal, Mira tirou um pacote embrulhado. — *C'est un cadeau*, massas de amêndoas desta vez — disse estendendo o pacote a Mary. — Agora, divida com sua irmã enquanto falo com seus pais. Este amável cavalheiro contará tudo o que queiram saber sobre seu precioso cavalo, mas não o persigam muito, ou será uma má companhia para mim na viagem de volta. — Lançou um olhar à expressão cínica de Alec, e ficou em pé com a bolsa na mão. — Não demorarei muito — murmurou.

— Use todo o tempo que necessite, eu esperarei — replicou Alec e Mira deu um sorriso receoso antes de entrar na casa.

Parecia que Rachel Daniel pegara o mesmo resfriado que seu marido. Tinha a pele quente e seca, e o nariz e a garganta congestionados. Havia pouco a fazer, salvo deixar que a doença seguisse seu curso. Mira tirou uvas passas da bolsa e se voltou para o fogo, lançando um olhar compassivo a Rachel.

— Lamento muito que os dois tenham adoecido de uma vez e ainda mais nesta época do ano. Ninguém pode lhes dar uma mão no campo?

— Alguns amigos nos estão ajudando — disse Rachel. A face avermelhou-se enquanto levava um lenço à boca e tossia bruscamente. — Rezo para que nos recuperemos o mais breve possível.

— Para isso tem que descansar.

— Não tenho tempo para descansar.

— Eu sei — disse Mira com um suspiro. Depois de colocar meia medida de brandy em uma panela abaulada, deixou que o líquido esquentasse lentamente, antes de acrescentar um punhado de uvas passas.

— Isso não cheira muito bem — disse Rachel quase sem voz, e Mira não pôde evitar o riso.

— E cheirárá pior ainda quando começar a ferver. Mas tem que

tomar porque não existe nada melhor para aliviar a garganta. Oh, e tenho uma mensagem para você que a fará muito feliz. A senhora Daniel se ofereceu para cuidar das netas a fim de que vocês possam descansar e evitar que as meninas fiquem doentes.

— Oh, isso é maravilhoso! — exclamou Rachel com expressão radiante. — Por favor, diga-lhe que agradecemos enormemente e...

— Esta tarde ela enviará alguém para levá-las a Sackville Manor.

Depois de ferver as passas, Mira acrescentou algumas ervas, e enrugando o nariz com o aroma da bebida, trocou um sorriso resignado com a outra mulher.

— Que tortura! Espero que o remédio funcione.

— Rezo para que o faça — respondeu Rachel, olhando com ar duvidoso para dentro da panela.

Mira deixou um punhado de velas no canto da mesa, onde as encontrariam depois que se fosse.

Ao sair da casa, surpreendeu-se com a cena tranquila que encontrou. Mary e Kitty estavam sentadas na cerca com os olhos cravados em Alec, e mostravam boas maneiras, o que era pouco comum nelas. Suas vozes agudas subiam e desciam de tom enquanto assediavam de perguntas Alec, que lhes respondia com algo gracioso, pois as meninas davam risadinhas ao mesmo tempo em que balançavam os pés alegremente. Mira sorriu e se aproximou deles, para descobrir que Alec desenhava as gêmeas usando um pedaço de carvão vegetal e o papel que embrulhara as massas de amêndoas. As duas observavam Alec fixamente, encantadas que as retratasse.

— Não sabia que era um artista — disse Mira suavemente.

Alec a percorreu rapidamente com o olhar, com o cabelo negro brilhando sob a luz do sol e a boca torcida em um gesto de diversão.

— Nada mais longe da realidade. Embora seja bastante bom com carvão vegetal e papel de embrulho — disse atirando parte do carvão no chão e entregando o retrato finalizado às gêmeas. — E, é obvio, só faço retratos das mais belas senhoritas. — Virando-se para as gêmeas, ajudou-as a descer da cerca ao mesmo tempo.

Mira sentiu uma estranha emoção ao ver como as mãos pequenas se seguravam firmemente no braço musculoso de Alec, enquanto ele as descia com cuidado. Eram tão frágeis, tão indefesas comparadas

com Alec e, entretanto, confiavam nele cegamente.

Aproximando-se de Mary, Mira olhou o retrato e sorriu. Em poucos traços, Alec tinha captado a essência das gêmeas; o ar travesso de Mary, o acanhamento de Kitty, o encanto das duas meninas sentadas numa cerca balançando as pernas alegremente.

— De verdade, desenha muito bem — disse Mira levantando o olhar para ele. — É inegável o talento que possui, milorde.

— Obrigado, Mira. — replicou com voz rouca e um sorriso zombeteiro nos lábios — agradeço o elogio, mas é uma pena que não conheça meu maior talento... ainda.

Capítulo 4

Os últimos dias da caçada foram os mais espetaculares, excitantes e glamourosos. No jantar de sábado estavam presentes mais de trezentos convidados. Os lustres e os candelabros cercavam a mansão com suas luzes brilhantes, e as mesas quase cediam sob o peso da comida e dos manjares deliciosamente elaborados. Havia recipientes de cristal com frutas frescas e saborosas figurinhas de açúcar em cada prato. Na cozinha mais de cinquenta pessoas ajudaram a preparar toda aquela comida, e um exército de empregados lá estava para servir as mesas. O delicioso aroma de carne assada e molhos impregnava o ar e o vinho corria como espuma, enquanto os convidados de lorde Sackville conversavam alegremente comentando que esta tinha sido a melhor festa da temporada; a comida fazia inveja aos esplendorosos jantares em Brighton, com quatro tipos de sopa diferentes, uma seleção variada de pescado, enormes bandejas de presunto, aves e vitela, além de quarenta antepastos.

Devido à multidão de luzes e à grande quantidade de lareiras acesas, fazia muito calor no interior da mansão, e embora as portas e as janelas estivessem abertas para que entrasse o ar fresco da noite, a atmosfera era muito asfixiante. O som da música, as conversas e o tinir dos pratos flutuavam na noite e Mira, que nesse momento percorria um dos corredores desertos da mansão, deteve-se em uma das janelas e olhou o pátio. As enormes portas do salão de jantar estavam abertas e deixavam ver o suntuoso banquete. Mordendo o lábio inferior, Mira se repreendeu mentalmente por ter sucumbido a uma repentina sensação de solidão. Recordou que lady Ellesmere a chamara «pobrezinha» e era assim como se sentia agora. «A autocompaixão — pensou com ironia — é certamente o pior de todos os defeitos que pode ter um ser humano.» Com um suspiro, abraçou-se e continuou olhando pela janela.

Talvez pudesse ver Alec, cujo cabelo negro brilhava como azeviche sob as luzes, entre a multidão de convidados. Estaria sentado junto a

um par de belas mulheres que ririam de seus gracejos, enquanto se perguntavam com qual das duas dançaria esta noite?

Não tornou a vê-lo desde a tarde anterior, quando a levou de volta à mansão no lombo de Réquiem. Mira desmontou antes de chegar à propriedade, percorrendo a pé a última parte do caminho, para evitar que alguém a visse com ele. Falkner lhe dirigiu um sorriso amplo e provocador antes de se afastar a cavalo, como se dissesse que sabia por que estava contendo o fôlego, enquanto ela se perguntava se ele lhe daria um beijo de despedida. Mas não deu o beijo, nem acariciou sua face, só a brindou com aquele sorriso arrogante. Mira disse a si mesma que era um alívio — um imenso alívio — não ter que suportar outro beijo dele.

Era um homem muito contraditório. Como podia soltar aqueles escandalosos comentários sobre o muito que a desejava e logo ignorá-la por completo? Como podia abraçá-la tão intimamente, sussurrando doces e escandalosas palavras ao ouvido, e logo fazer um comentário sarcástico sobre sua relação com Sackville? A partir de agora, ela prometeu que não permitiria que voltasse a alterá-la desta maneira. Adotaria uma atitude serena e fria, e de vez em quando lhe dirigiria um olhar indiferente, para demonstrar o pouco que se importava. Com este pensamento Mira sentiu-se um pouco melhor. Fixou o olhar na multidão, do outro lado do pátio, e esboçou um amplo sorriso ao ver as gêmeas Mary e Kitty Daniel — que só provocaram problemas desde que chegaram à mansão na tarde anterior, — estavam escondidas no pequeno balcão de uma das salas que davam ao pátio, com os rostos colados entre as barras do corrimão. Desapareceram depois que começou o jantar, mas a senhora Daniel estava muito ocupada para procurá-las.

— *Pauvres filles* — murmurou Mira, compadecendo-se das meninas. Saiu da janela e percorreu o corredor até a sala. — São como eu. Sentem curiosidade pela música e a festa. — Entrou silenciosa na sala e saiu ao balcão. Ajoelhou-se detrás das meninas e deslizou os braços ao redor dos pequenos ombros. — Estão procurando sua avó — sussurrou, e as gêmeas se viraram para ela com sorrisos contagiantes em seus doces rostos.

— Senhorita Mira! — sussurrou Mary. — Queremos ver a festa. As

damas estão preciosas.

— Sim, é verdade. — concordou Mira, enrugando o nariz graciosamente à menina.

— Podemos ficar até que acabem os fogos de artifício? — perguntou Kitty timidamente.

Mira deu de ombros.

— *Pourquoi pas?*

— O que significa isso? — perguntou Mary.

— Significa, «por que não?». Podem ficar um momento. Não acredito que acabe muito tarde, acompanharei vocês.

As três permaneceram no balcão escutando a música que chegava até elas. Mira experimentou uma estranha paz, quando as gêmeas se acomodaram em seu colo sobre o vestido de veludo. Seria isto o que se sentia ao ter seus próprios filhos? Ao abraçar àqueles corpinhos, cheirar o doce e limpo perfume de seus cabelos e acariciar a suave pele daqueles tenros bracinhos?

Depois que foi servido o vinho doce e foi concluído o jantar, os cavalheiros acompanharam as damas ao pátio para ver os fogos. Foi um espetáculo magnífico. Enormes explosões coloridas iluminaram o céu; cascatas de luzes douradas, vermelhas e verdes caíram como pétalas das alturas. A cada explosão de luz, os convidados rompiam em alegres ovações até que o som das vozes e dos fogos formou uma estranha sinfonia. Sem que ninguém soubesse, Mira e as gêmeas desfrutavam dos fogos no balcão, com os rostos elevados ao céu.

— Olhem todas essas estrelas fugazes — murmurou Mira, consciente da excitação das meninas e esquecendo-se por um momento de procurar Falkner entre os convidados — por que não pedem um desejo?

— Minha estrela já desapareceu — exclamou Mary.

Mira sorriu.

— Mesmo assim pode pedir o desejo.

— E o que você deseja?

— Eu não desejo «algo» — Mira riu entredentes, — a não ser «alguém».

— Parecem trovões — disse Kitty dividida entre o prazer e a inquietação que produziam as intensas explosões de cores, e

aconchegaram-se mais a Mira até se encolherem em seu colo.

— Kitty — disse Mary — não seja infantil.

— Não sou infantil. Você sim que é infantil e...

— Olhem ali — interveio Mira, assinalando uma nuvem de brilhos multicoloridos, com a intenção de distrair as meninas que imediatamente se acalmaram e olharam para o céu.

Alec contemplou os últimos fogos com o olhar vago. Parecia um homem com a mente em outra parte, conforme pôde observar lady Alice Hartley, uma jovem viúva que estava acostumada a que os homens prestassem mais atenção nela do que ele fazia. Possuía uma voluptuosa figura, tinha cachos dourados e grandes olhos azuis, e nunca tivera problema para atrair a atenção dos homens. Por que então, perguntou-se olhando com um encantador cenho franzido, Falkner não mostrava nem o mínimo interesse nela?

— Oh, senhor, esse sim esteve muito perto! — gritou ela quando um foguete passou voando por cima de suas cabeças. Apoiou-se no musculoso antebraço de Alec e mostrou uma expressão indefesa, enquanto fingia sentir-se sobressaltada pelos fogos. Alec não disse nada. Olhou-a brevemente com os olhos cinzentos e logo voltou a elevar a vista ao céu. Os estúpidos flertes teatrais de alguém como Alice Hartley o teriam divertido uma ou duas semanas antes, inclusive poderiam atraí-lo suficientemente para ir à cama com ela (algo que obviamente ela esperava para esta noite). Mas ao olhá-la, só sentiu uma falta de desejo imprópria dele. A esta altura, já deveria ter se deitado com a metade das mulheres presentes na caçada. Demônios, esta era a razão pela qual as mulheres assistiam a um evento daquele tipo, e a maioria dos homens — incluindo seus maridos, — sabiam. Quase todos os cavalheiros da idade de Alec foram de cama em cama, tomando nota mental dos defeitos e das virtudes da dama em questão, para logo trocar os detalhes mais íntimos com outros. Mas até o momento Alec não sentiu interesse por ninguém, salvo pela única mulher que não podia ter: Mira, a inocente e materialista Mira, a bela e atormentadora Mira. Mira somente, pois seu sobrenome era um mistério para ele. Recriminou-se mentalmente, ela não era sua incumbência.

Devia esquecê-la. Não era diferente do restante das mulheres.

Tinha dois olhos, um nariz, uma boca, dois peitos, cinco dedos em cada mão e cada pé; não existia razão aparente para que a desejasse mais que a qualquer outra. Não era mais que um condenado aborrecimento, uma pequena sabichona de língua afiada, com a reputação arruinada. Uma mulher que preferia uma velha figura paternal como Sackville, alguém que só exigiria que ficasse quieta na cama. Requeria muito tempo e paciência para ensiná-la a agradar um homem de verdade. E para cúmulo dos males era francesa, caprichosa e... Só Deus sabia por que se sentia tão atraído por ela.

E assim era, sentia-se atraído.

Enquanto lady Hartley continuava agarrada firmemente a seu braço sem deixar de soltar exclamações estúpidas, Alec tinha que se conter para não a afastar como se fosse um mosquito molesto. Uma estrela chapeada estalou no alto, e foi neste momento que Alec sentiu um estranho arrepio na nuca. Virou a cabeça e olhou por cima da multidão que o rodeava e viu um pequeno balcão que ficava quase oculto à vista. A brilhante luz de um foguete iluminou o pátio como um raio, e Alec chegou a vislumbrar um vestido de cor escarlate, um braço magro e um cabelo escuro cuidadosamente recolhido. Era Mira. Estava sentada no balcão e, a menos que estivesse equivocado, segurava as gêmeas Daniel em seu colo, enquanto apontava o céu. Mira não o viu, e ninguém mais percebeu que estava ali. Alec sorriu discretamente e voltou a elevar a vista ao céu, evitando olhá-la, para que nenhum outro sua presença.

Finalmente a exibição acabou e Alec olhou Alice Hartley, que o observava com uma expressão que ela obviamente considerava encantadora e confusa.

— Foi espetacular, não foi? — perguntou. — Que explosões tão fortes...

— Sim, foi — concordou Alec, levando uma mão à testa para esfregar as sobrancelhas. — De fato, tantas explosões agravaram a dor de cabeça que tenho desde o acidente de caça de anteontem.

— Oh, querido, que pena — disse lady Hartley cuja expressão tornou-se aborrecida e decepcionada com rapidez.

— Acredito que tomarei um remédio para dor e que me deitarei um momento.

— Irei com você e refrescarei sua testa com água fria...

— Não, não — apressou-se em interromper Alec. — É muito amável, mas não posso privá-la do baile para que cuide de mim. Não, obrigado, prefiro estar sozinho e talvez possa descer antes de que termine a festa e dançar uma valsa com você.

— Espero que sim — murmurou lady Hartley e, enquanto Alec a brindava com um sorriso, pareceu olhar através dela como se fosse invisível e seus pensamentos estivessem já em outra parte. Mas tal fato não diminuiu o efeito daquele arrebatador sorriso e ela teve que fazer um grande esforço para permanecer impassível ante tão inegável atitude.

— Agradeço sua compreensão, lady Hartley — respondeu parecendo arrependido. — Até mais tarde.

Quando o observou se afastar para a mansão, deixando-a em companhia das outras mulheres, Alice Hartley suspirou com indisfarçável desgosto.

— Não sei o que mais posso fazer — comentou.

— Alice, querida — disse Clara Ellesmere enlaçando-a no cotovelo, — se o peixe não agarrar o anzol é porque não se está usando a isca correta.

— A menos que alguém já tenha jogado o anzol, o que também poderia ser o caso.

— Seriamente acredita nisso? — perguntou Clara inclinando a cabeça. — Bom, não há com o que se preocupar. Os homens como Alec não se deixam pescar durante muito tempo. Já terá sua oportunidade com ele.

— Ouvem a música? — sussurrou Mira às meninas. — É uma valsa. A melhor música do mundo para dançar.

— Alguma vez dançou uma valsa? — perguntou Mary, apoiando a bochecha contra o joelho dobrado de Mira e entrecerrando os olhos com ar sonhador, diante da cena que se desenrolava no salão de baile.

Mira sorriu, observando também o torvelinho de vestidos de cetim e a cintilação das joias.

— Sim, não em um baile como este, mas sim dancei antes uma valsa.

— E por que não dança agora neste baile?

As gêmeas a olharam, com expectativa. Mira titubeou, sem saber o que responder. Não podia explicar às duas pequenas que elas não tinha lugar num mundo como aquele, que havia limites que não podiam ser ultrapassados, ou sonhos que nunca se fariam realidade.

— Oh, não acredito que me encaixasse nesta festa — disse finalmente. — Meu vestido não é tão bonito como os dessas damas.

As meninas consideraram que aquela era uma explicação bastante crível. E então, as três ouviram uma voz às suas costas.

— Pois opino que é um vestido precioso, embora agora mesmo esteja um pouco amassado.

As três se voltaram e viram Alec na entrada do balcão. Mira tentou timidamente ficar em pé, muito consciente do aspecto desalinhado que tinha, especialmente se comparado com o dele. Alec era uma imagem magnífica vestido com jaqueta negra, calças brancas, camisa branca engomada e gravata correspondente, que fazia realçar o bronzeado de sua pele e o negrume de seu cabelo. Tinha uma aparência impressionante e Mira nunca vira ninguém tão bonito. O seu coração se deteve quando ele lhe sorriu.

— Milorde — conseguiu gaguejar Mira, que após tirar as gêmeas de seu colo, ficou em pé para olhá-lo. — Como sabia que nós... que eu... que estávamos...?

— Vi-a durante os fogos de artifício.

— Assim que ele deve ser o desejo que pediu — deduziu Kitty com sagacidade.

— Eu? — inquiriu Alec com ar presunçoso, e Mira corou.

— Não, claro que não! Bom, meninas, chegou a hora de irem à cama. Vamos, levarei...

— Não, não pode ir ainda — disse Alec — vim aqui arriscando minha honra e minha reputação para dançar com você, recorri ao engano e a...

— Isso não é novo para você — interrompeu ela. Tinha intenção de soar dura e fria, mas por alguma misteriosa razão a voz saiu tão entrecortada que Alec riu.

— Só uma dança. Até que finalize esta valsa.

— Oh, vá! — exclamou Mary.

E Kitty acrescentou: — Queremos vê-la dançar!

— Eu... não posso — disse Mira com voz falha, esgueirando-se para passar ao seu lado, mas ele a segurou pelo pulso, deslizando a cálida mão na sua.

— Só um baile — tentou-a, acariciando o dorso dos nódulos com o polegar até que ela fechou os dedos sobre os seus. — Só os dois — acrescentou com um rouco sussurro.

Ainda sem o olhar, permitiu que a conduzisse ao centro do balcão curvo enquanto a música flutuava na noite com seu ritmo suave. Mary e Kitty se afastaram de lado e observaram a cena com deleite. Alec sorriu-lhes e logo fixou seu olhar em Mira. O etéreo vestido de veludo cor escarlata rodeava a magra cintura antes de cair nos quadris. O decote quadrado era tão baixo que deixava à vista os deliciosos montículos de seus pálidos seios, que contrastavam com as mangas largas debruadas de negro. Tinha o cabelo escuro recolhido com uma rede para cabelo adornada com pérolas. Algumas mechas tinham escapado de seu confinamento, emoldurando-lhe o rosto e realçando seus olhos marrons.

— Será difícil dançarmos se insistir em manter tanta distância — murmurou Alec. — A dança é uma valsa e não uma quadrilha.

— Sei — disse, e deu um passo adiante a contragosto, sentindo-se muito tímida.

— Por que está tão rígida? — perguntou tão brandamente que quase sussurrou. — Já estive antes nos meus braços.

— Isto é diferente. N-não me sinto cômoda nesta situação. Não devíamos fazer isto.

— Covarde — disse, acariciando-a com seus quentes olhos prateados.

— Apenas ouça a música.

— Ouviria se guardasse silêncio.

Mira sorriu, estendendo a mão esquerda para o ombro largo de Alec e colocando a outra mão na dele. O duque pareceu perceber seu acanhamento, e esperou com inusitada paciência que se aproximasse um pouco mais. E então, deslizou lentamente o braço ao redor da sua cintura, colocando a mão no pé de suas costas. Quando começaram a mover-se, Mira fixou os olhos no peito amplo, concentrando-se na brancura imaculada da camisa. Nunca pensou que seguir os passos de

seu par em uma dança podia ser tão fácil. Não só porque a pressão de sua mão nas costas a guiava com firmeza, como também porque havia uma espécie de mudo entendimento entre eles, como se seus corpos soubessem com exatidão como se mover juntos.

O fôlego de Alec agitou seu cabelo. Ele sentia um forte desejo de acariciar aquele cabelo com o nariz e beijar sua testa, mas se conteve ao pensar nas gêmeas. Colocando Mira de costas para as meninas, pediu-lhes com gestos que partissem enquanto piscava um olho. As meninas tamparam a boca com suas mãozinhas para conter as risadas e afastaram-se correndo. Mira levantou a cabeça, olhando Alec com desconcerto.

— Foram-se. Onde...? O que lhes disse?

— Se disser, deixará de dançar comigo.

— Deixou as duas pequenas e destrutivas pestinhas soltas dentro da mansão — disse Mira. — Lavo minhas mãos de toda responsabilidade. Se fizerem algo, será por sua culpa. — Quando ele esboçou um amplo sorriso, acrescentou obstinada: — Devia voltar para os outros, Alec.

— Por que se empenha em dizer o que tenho que fazer?

— Porque alguém deve fazê-lo.

— Mulher sem coração. Na realidade quer que retorne ao baile para me condenar a horas de estúpidos bate-papos e tediosas danças.

— É o lugar a que pertence.

— E onde está seu lugar?

— Acima, na cama — e, ao ver o brilho diabólico nos olhos cinzentos, apressou-se a acrescentar: — sozinha.

— Mas também temos o direito de escapar durante uns minutos de onde se supõe que devíamos estar, e por isso estamos aqui.

— Do que você quer escapar? Um homem de sua posição...

— ...que tem também seus próprios problemas — interrompeu-a Alec com secura.

— Pequenos problemas. Suponho que um deles é o aborrecimento, não? Bom, é praticamente imperdoável. O aborrecimento não é tolerável, não quando há tantas coisas a fazer no mundo.

— E o que acontece com a solidão?

— A solidão... Bom, isso é mais difícil de resolver — disse com ar

pensativo. — Mas também não é este o seu problema, é? Há muitas pessoas que querem estar com você, que querem ser seus amigos, mulheres que querem...

— «Mulheres que querem»? — repetiu com rapidez. — E o que você quer? Quer algo de mim? Estou há duas semanas tentando averiguar.

Ela não respondeu e, sem deixar de observá-lo, perguntou-se que classe de jogo estava jogando com ela. Mira era muito transparente para ele. Se não tomasse cuidado, sabia que ele descobriria coisas que ela tinha medo de reconhecer. Mantinha-a presa com o olhar e, embora soubesse que a estava lendo como um livro aberto, não pôde separar os olhos dele.

As coxas de ambos se roçaram quando a dança os obrigou a se aproximarem mais; as palmas de suas mãos estavam tão unidas que Mira não sabia onde acabava sua pele e começava a dele. Uma vez mais se viu envolta por aquela debilidade embriagadora, consciente dele, e o momento pareceu se tornar eterno, um instante roubado no tempo, que recordaria durante o resto de sua vida. Um por um, entrelaçaram todos os dedos, unindo a mão menor com a de maior tamanho. Mira não pôde articular uma palavra enquanto o olhava com aqueles olhos tão negros como a meia-noite; soube que estava se apaixonando por ele. Aquilo a fez se sentir exultante e audaz. Podia ver que as linhas duras da boca ampla eram agora suaves, assim como os traços de seu rosto, iluminado pelas estrelas e a luz da lua. Ele era como um sonho feito realidade. Com o rosto envolto em prata e sombras. Alec inclinou a cabeça e beijou-a na face.

Ela tremeu ante o roçar aveludado desses lábios. Tinha os nervos agitados e a excitação lhe corria pelas veias. Não resistiu, não virou o rosto quando ele deslizou a boca por sua face. Alec franzia ligeiramente o cenho quando levantou a cabeça para olhá-la, e pareceu que se debatia entre impulsos contraditórios. Fixou o olhar em lábios dela e se amaldiçoou, antes de baixar a boca sobre a dela, para que se abrisse para ele. E Mira o fez, sucumbindo à magia abrasadora de seu beijo, caindo contra ele quando deixaram de dançar a valsa e simplesmente ficaram ali, um junto do outro. Mira cruzou o pescoço dele com seus braços e deslizou as mãos por sua

nuca, enterrando os dedos naquele suave cabelo negro como azeviche.

Aferrando-se a ele, Mira respondeu com paixão, amoldando a boca à sua, juntando seu corpo ao dele, enquanto aquelas mãos a percorriam de cima a baixo. Alec introduziu um de seus joelhos entre as pernas dela, encaixando-lhe as nádegas e elevando-a ligeiramente. Ela estremeceu quando a coxa do duque pressionou brandamente entre suas pernas, aliviando ligeiramente a crescente frustração que sentia, embora não o suficiente; nem um pouco. Mira ronronou e suspirou, contorcendo-se contra ele num esforço por se aproximar mais. Inundou-a a embriagadora fragrância masculina, e se embebedou com ela, com a noite, e com os sentimentos doces que a tomavam.

Alec acariciou a delgada figura de Mira envolta em veludo e, sua paixão, provocou que o sangue do duque corresse por suas veias na velocidade do mercúrio. Abraçou-a gentilmente, procurando não a assustar com a força de seu desejo. A ansiosa resposta dela era prova evidente do muito que o desejava, e sua virilha se inchou e endureceu com dolorosa rapidez. Sentiu que as mãos tremiam, enquanto lutava por se controlar, ao mesmo tempo que deslizava os dedos dentro do decote entre os seios, até que deteve as pontas contra o sensível mamilo. Brandamente, esfregou-as contra o suave pico até que se contraiu e endureceu, e Mira estremeceu e gemeu contra seus lábios. Alec quis dar voz aos pensamentos que cruzavam por sua cabeça; que ela era tão suave como a seda, que era muito formosa, que a desejava mais do que desejara, jamais, a uma mulher, mas não podia deixar de beijá-la por tempo suficiente para articular uma só palavra. Devorou-lhe os lábios com avidez, provocando a língua da com a sua, em uma dança erótica.

As chamas da paixão se incrementaram, fazendo-se mais ardentes até que Alec se afastou com um gemido, e Mira piscou atordoada quando o ar frio roçou seus lábios. Atônita, Mira se abraçou, enquanto Alec virava e se aproximava do corrimão soltando uma série de maldições. Com a respiração ofegante, ele apoiou os braços na balaustrada e elevou o rosto ao céu para que o ar fresco da noite o sossegasse. Respirou profundamente inalando o ar para seus

pulmões, até que o desejo começou a amainar.

Mira sentia as pernas trêmulas. Despojada das tenras carícias de Alec, aproximou-se dele timidamente e acariciou-lhe as costas com a mão aberta. Abriu a boca para dizer algo, mas ficou calada quando ele virou a cabeça e a olhou com os olhos entrecerrados.

— Vamos a algum lugar — disse com voz rouca. Um comprido silêncio seguiu suas palavras enquanto Mira arregalava os olhos. O que ele estava pedindo? Possivelmente nenhum dos dois soubesse.

— Aonde quer ir? — perguntou Mira com voz quase inaudível.

— Isso importa?

— Não — sussurrou ela.

Um brilhante fogo iluminou o olhar de Alec.

— Se pedisse para vir comigo, que deixasse Sackville, faria?

— Sim.

Olharam-se surpreendidos e logo Alec emoldurou a diminuta face de Mira entre suas mãos, liberando seu cabelo da rede de pérolas que o prendia. Beijou-a com firmeza, inclinando-se sobre ela com suavidade até ela emitir um gemido afogado.

— Vamos — disse ele. Tomou a pequena mão de Mira na sua e a guiou da sala para o corredor. — Iremos agora, antes que mude de ideia.

Mira seguiu-o às cegas, com o coração palpitando violentamente. De alguma maneira já sabia que iria com ele. Não importavam as cartas que tinham jogado o destino para seus caminhos se cruzarem, o resultado era inegável: precisavam um do outro, gostavam-se e se davam bem juntos. Alec apertou sua mão e se deteve para murmurar o muito que a desejava. Mas assim que saíram no corredor, tudo foi arruinado.

William Sackville estava ali.

— Falkner — começou a dizer com um agradável sorriso no rosto. — Estava buscando você... — interrompeu-se ao perceber a figura mais miúda de Mira atrás de Alec, e aumentou os olhos alarmado. — Mira — disse com voz crispada, — pensei que a estas horas estaria em seu quarto.

— Estava fora, no balcão, olhando os fogos — disse, soltando-se da mão de Alec.

O rosto normalmente corado de Sackville empalideceu visivelmente ao observar aquele diminuto movimento e se dar conta de que estiveram com as mãos dadas. Olhou na direção de Alec, que mostrava uma expressão ilegível.

— Disseram que não se encontrava bem, Falkner. Que sua cabeça doía...

— Já me encontro melhor — disse Alec com secura, sustentando o olhar.

Os três ficaram em silêncio. Mira sentiu que seu rosto adquiria vários tons de vermelho, enquanto o ar pesava por causa da tensão. Tinha que dizer algo para romper o silêncio ou ficaria louca.

— Encontramo-nos aqui e saímos para ver os fogos — gaguejou, e logo ficou sem palavras.

Alec, maldição, observava — os com uma mortífera calma e atitude provocadora e desafiante, enquanto Sackville parecia tão machucado e desesperado... Este estendeu a mão para Mira com enganosa naturalidade.

— Vem aqui, Mira.

Mira sentiu que Alec ficava tenso.

«Oh, não, isto não pode estar acontecendo», pensou a jovem com desespero, dividida entre seu desejo por um e as promessas de lealdade para com o outro. Importava muito o que Alec pensava dela, mas fizera uma promessa a Sackville, um juramento em que dera sua palavra de honra de que não o trairia, e o fizera porque salvou sua vida. Arriscou um olhar a Alec, que em vez de o devolver, mantinha uma expressão impávida, enquanto esperava que desse o seguinte passo.

«Tem que saber que não se trata de escolher um ou outro — quis gritar. — Por favor não faça isto mais difícil do que já é!»

Com rigidez, tomou a mão de Sackville e permitiu que ele a distanciasse de Alec. Seu protetor passou o braço seus ombros com ar possessivo, enquanto passeava o olhar do rosto de Alec ao de Mira.

— Bom, espero que tenham mantido uma conversa agradável. — disse com suavidade.

Alec distendeu a mandíbula. Sackville pretendia dar por resolvido o assunto, fingindo que aquela situação não existia, que entre seu

amigo e sua amante não existia aquela evidente atração.

— Sim — murmurou Mira, sem se atrever a olhar Alec.

— É hora de que suba ao seu aposento — continuou Sackville, olhando-a com carinho. — Espere-me acordada, irei vê-la dentro de um momento.

Horrorizada pela incomum franqueza do homem e pela flagrante implicação de suas palavras, Mira o olhou surpresa. E se surpreendeu ainda mais quando inclinou sua cabeça avermelhada e grisalha e a beijou profundamente, exibindo posse absoluta sobre ela para que Alec ficasse ciente do fato. Quando a boca fria e úmida cobriu a dela, o primeiro impulso de Mira foi afastar-se automaticamente, mas logo deixou cair os braços de lado enquanto Sackville endurecia o beijo. «Devo-o! — pensou com firmeza, — e por Deus e minha honra permanecerei quieta sem emitir um único som de protesto.»

Alec os observava com o rosto pétreo mas seus olhos brilhavam como lascas geladas, e algo em seu interior morreu com a raiva que provocava aquela ofensa dolorosa.

Finalmente Sackville levantou a cabeça e sorriu para ele. Mira se obrigou a esboçar um trêmulo sorriso, com as faces ardendo, enquanto resistia ao impulso de passar o dorso da mão pela boca. O beijo de Sackville distava muito do de Alec, como o gelo do fogo.

— Mira, querida — disse Sackville com satisfação, — reunir-me-ei com você dentro de um momento.

Ela assentiu com um gesto nervoso de cabeça e olhou para Alec.

— Lorde Falkner — murmurou educadamente.

Ele não respondeu, mas curvou os lábios em um dos mais desagradáveis e cínicos sorrisos que vira alguma vez. Afastou-se dos dois homens arrasada pela angústia e se dirigiu às escadas da torre. Teve que recorrer a toda sua força de vontade para não correr.

— É uma mulher muito pouco comum — comentou Sackville.

— É perfeita para você — replicou Alec com suavidade. — Mas é um pouco dócil para mim.

Essas palavras desdenhosas enganariam Sackville? Provavelmente não. Alec conteve uma careta desgostosa quando a prudência começou a infiltrar-se em seus sentidos tão aturdidos. Uns minutos antes devia ter perdido a cabeça. Uma simples mulher não merecia o

sacrifício de uma boa amizade. Como é que chegara a pensar seriamente em roubar a mulher de um homem que tinha sido leal a ele durante tantos anos? Certamente encontraria uma maneira de evitá-la e de não pensar nunca mais nela.

— Sim, sempre gostou delas um pouco mais selvagens, não é? — disse Sackville forçando uma gargalhada cordial.

Ambos fingiram que não aconteceu nada fora do comum. Mesmo assim nenhum dos dois estava contente com a charada que estavam jogando. Possivelmente as coisas seguiriam sendo iguais na aparência, mas no fundo sabiam que não era o correto. De algum jeito, a natureza da relação deles mudou para sempre.

— Temos que falar.

— Sim — respondeu Mira em voz baixa enquanto abria a porta de seu dormitório.

Sackville entrou lentamente, com o rosto mortalmente sério. O acento de dândi que costumava utilizar havia desaparecido.

— Com respeito a esta noite, gostaria de perguntar se...

— Não ocorreu nada. — Mira fechou a porta e se apoiou contra ela, enquanto olhava com apreensão para seu protetor. — Sinto muito, muitíssimo. Não sei o que aconteceu. Eu nunca...

— Sei — disse Sackville com o rosto pálido. Sabia que chegaria o momento em que ia querer pôr fim ao nosso acordo. É uma jovem saudável com um... forte apetite pela vida. De fato, surpreendeu-me que ficasse tanto tempo.

— Não quero pôr fim a nada. É que impus minha presença durante muito tempo... — a vista de Mira nublou ao sentir que brotavam as lágrimas. Piscou para fazê-las desaparecer. — Já devia ter ido embora.

— Queria que ficasse, sempre e enquanto estivesse disposta a manter as aparências — falou Sackville, cruzando as mãos nas costas e suspirando. — Sua presença aqui foi boa para mim, ajudou-me a fingir o mesmo estilo de vida que tinha antes. Permitiu-me manter o orgulho intacto e sempre estarei agradecido por isso.

— Fui muito feliz durante os dois últimos anos e...

— Mas chegará um momento em que já não poderá continuar assim. — Mira estremeceu com essa declaração franca. — Estive pensando em você e em mim — Sackville continuou com um sorriso

cansado — fomos dois bons amigos que se ajudaram mutuamente quando mais necessitavam.

— Você me salvou a vida — sussurrou Mira, — jamais poderei pagar-lhe.

— Você o tem feito, querida, lhe asseguro que o tem feito. Mas já não poderá continuar me ajudando se ficar, e nem eu tampouco poderei mais ajuda-la a se ocultar do resto do mundo. Quantos... quantos anos tem?

— Vinte.

— Vinte anos... — repetiu Sackville com um gesto irônico e triste.

— Há vinte anos, eu já tinha quarenta.

Mira sacudiu a cabeça sem compreender o que a idade tinha a ver com tudo isso.

— Acredite, milorde, quando digo que vivi o bastante.

Sackville riu entredentes.

— Não o duvido, querida. Jamais me contou como uma francesinha como você acabou meio morta, no fundo de um vagão de feno no sul da Inglaterra; imagino que tenha vivido muita coisa para que isso acontecesse. Nunca me contou como nem porque, mas seu corpo e sua alma estavam esgotados, e eu ofereci a oportunidade de que se recuperasse aqui. Tentei ajudá-la, fazê-la brilhar, educá-la...

— E o fez. Agora sou uma pessoa diferente. Ajudou-me muito e...

— Sim. Era uma garota e agora é uma mulher. Acredito que você se tenha aferrado à ilusão de segurança que encontrou aqui, em lugar de viver sua vida como dispôs o destino. Você me entende?

— Quão único entendo é que quer que eu vá.

— Pelo seu bem e pelo meu — disse Sackville. — Não o esqueça.

— E quando quer que o faça? — perguntou, engolindo o nó que tinha na garganta.

— Acredito que o mais conveniente é que se vá depois que termine a caçada, dentro de uma semana. Darei dinheiro, mantimentos e boas referências para que encontre um emprego respeitável em Londres. Mas antes tenho que pedir outra coisa.

— É obvio — disse, com expressão aflita.

— Por favor, continue com esta farsa até que meus convidados tenham ido embora. Por favor, ajude-me a fazê-los acreditar o que

quero que acreditem. Minha reputação como homem depende disso. Eu também preciso aferrar-me às minhas ilusões, e esta é a única maneira que tenho de manter meu orgulho intato. Por mim, e como agradecimento pelo que fiz por você, conceda-me mais uma semana.

As mãos de Mira tremeram e ela entrelaçou os dedos.

— E com respeito a lorde Falkner... — começou com voz rouca.

— Ele também deve acreditar. Valorizo sua amizade e se descobrir a verdade, perderei seu respeito. Ele não tolera a debilidade, nem sequer permite a si mesmo.

Confusa, Mira sacudiu a cabeça ligeiramente.

— Não pensei que fosse um homem tão superficial.

— Não sabe nada dos homens como Falkner.

Seu tom era pensativo. Quando Mira olhou os olhos azuis, soube imediatamente por que Sackville queria impedir uma relação entre Alec Falkner e ela. Não era só porque temia que Falkner já não o respeitasse se descobrisse seu segredo. Era também porque o atraía a ideia de possuir algo que o duque desejasse. Junto com seu respeito por Falkner havia também um indício de competitividade. Essa era uma nova faceta de Sackville que nunca imaginou conhecer.

— É obvio, farei o que me pede — disse Mira com relutância, incapaz de contradizê-lo. Depois de ver o desprezo nos olhos de Alec, sabia que já não a queria. Não tinha nada a perder continuando uns dias mais a farsa com Sackville.

— Obrigado. — Sackville se deteve antes de sair, ao ver o gesto compungido de Mira. — Não se compadeça, querida. Cada situação tem sua recompensa. Você o descobrirá algum dia.

Se Mira pudesse pedir um desejo seria o de evitar ver ou ouvir falar de Alec Falkner durante toda a semana seguinte. Permaneceria em seus aposentos até que ele e os demais convidados partissem da mansão. Mas Sackville tinha planejado que aquela semana de final de caçada fosse grande, e queria se valer de Mira para espalhar uma imagem de intimidade, diante de seus amigos e em especial diante de Falkner. Sackville passeava com ela pelo jardim, pela galeria de retratos familiares e tomava o chá a sós com ela em uma sala onde todo mundo pudesse vê-los. Por volta do fim de semana, pediu que se reunisse com ele na biblioteca para tomar uma taça. E era por esta

razão que Mira se encontrava agora sentada no braço da poltrona de seu protetor com os olhos cravados no fogo da lareira, ignorando o fato de que Sackville planejava receber uma visita da qual não a informara. Quando Alec entrou pela porta com passo tranquilo, parou bruscamente quando a viu. A luz alaranjada do fogo iluminava os pequenos e belos traços de Mira; o curvilíneo quadril parecia estar escorado no ombro de Sackville, o vestido azul de veludo com nós branco acentuava sua pele de porcelana e, conferia resplendor a seus olhos rasgados de gata. Alec odiou a si mesmo pela pontada de desejo que sentiu ao vê-la e, rilhou os dentes.

— Perdão — resmungou, — entendi que queria me ver aqui, William.

— Em efeito, meu amigo! — disse Sackville, tomando um gole de brandy e dando uma palmada no quadril de Mira. — deixe-nos sozinhos, querida. Obrigado por uma tarde tão agradável.

Ela se levantou em silêncio. Por um segundo seus olhos se cruzaram com os de Alec. Ele a olhava com uma raiva fria, como se nem sequer a considerasse merecedora de seu desprezo. Mira conteve o fôlego e se abraçou enquanto saía do aposento.

Cada vez que Alec a olhava enfrentava mais uma prova da estreita relação entre Mira e Sackville. Suas primeiras impressões dela começavam a vir abaixo. Perguntava-se se todos os sinais de sua inocência eram falsos. Brincara com ele para divertir-se? Seria uma atriz consumada que, depois de pensar melhor, decidiu ficar com Sackville? O ressentimento e o desejo se mesclavam nas veias de Alec, fazendo-o arder cada vez que a via.

Depois de passar a noite bebendo, cruzou novamente com ela junto aos degraus da torre e ambos se olharam com dolorosa confusão. Estavam sozinhos no corredor. A expressão dele era indiferente e a dela, incerta. De repente, agarrou-a pelos ombros, fazendo-a ficar nas pontas dos pés de maneira que mal tocava o chão. Fulminou-a com o olhar.

— Que diabos tenta fazer? — Perguntou com rudeza, apertando os dedos até que ela ofegou de dor. — Não quero voltar a vê-la, entende? Não quero voltar a ver como Sackville coloca as mãos sob seu vestido. Nem quero mais encontros acidentais, onde me mostre

como paquera com outro homem. Já captei a ideia e pode dizer a Sackville que não tenho o mais mínimo interesse em uma pequena promíscua como você.

Aquele encolerizado monólogo se interromper quando ela lhe deu um chute na tibia.

— Ai, maldição! — Alec a soltou imediatamente para massagear a perna, enquanto uma chuva de impropérios caía sobre sua cabeça.

— É um enorme... estúpido... e cego... bárbaro! — despejou Mira, levando as mãos aos ombros doloridos. — Não volte a me tocar mais. Pode pensar o que quiser de mim, não me importa absolutamente, mas jamais volte a atacar uma mulher indefesa!

— É tão indefesa como uma píton! — disse Alec com frieza, esfregando a canela no momento em que a olhava com o cenho franzido.

Mira se ergueu com dignidade.

— Se sou uma píton, então você é algo muito pior — disse, com voz altiva. Logo subiu os degraus para a torre com régia dignidade, perguntando-se o que seria exatamente uma píton.

Da mansão chegavam a Mira os sons do quarteto de corda que entretinham o jantar. Estava há horas sentada em um banco de pedra do jardim, com as pernas dobradas e os joelhos envoltos com os braços enquanto pensava. Voltou a olhar a tranquila e verde paisagem com um suspiro, pensando no muito que sentiria falta do jardim de Sackville. Era um lugar bonito e solitário, composto por imensas pradarias de grama cuidadosamente cortada, pequenos grupos de abetos e pinheiros, e um lago artificial com pequenas cascatas. Sobre o lago, havia uma ponte que conduzia a uma pérgula coberta por uma trepadeira. O desenho seguia as inovadoras diretrizes de Capability Brown, um paisagista que preferia os jardins com aparência natural, em vez dos artificiais que estiveram tão em moda anos antes. Brown tinha aconselhado Sackville que se desfizesse da pérgula, mas ele tinha muito carinho à estrutura para se desfazer dela.

Enquanto escutava o sussurro da água e cravava os olhos pensativamente na pérgula, Mira se perguntou o que faria em Londres. Não seria a primeira vez que estaria na enorme cidade,

concretamente no leste sujo, pior que qualquer outra coisa que vira em Paris. Pelas manhãs o céu era negro pela fumaça do carvão que ardia em centenas de lareiras. As ruas estavam cheias de lixo e bêbados, e os homens a olhavam de uma maneira que a assustava. As mulheres pareciam muito cansadas, e os meninos mostravam ter deixado para trás a inocência. Estavam desesperados, muito magros e selvagens para agir como meninos de sua idade. Mira se sentiu assustada ao ver as pequenas criaturas selvagens e, não demorou muito para sucumbir à desesperança naquela parte lotada de Londres. Afundou-se, convertendo-se em mais um daqueles que rebuscavam no lixo até que não pôde mais reconhecer a si mesma. Mas fora muito vulnerável para sobreviver ali e muito forte para morrer com facilidade; assim, chegou a um ponto de inflexão entre a sobrevivência e a morte quando subiu naquele vagão de feno, deixando sua vida à mercê do destino.

— Como vou retornar? — perguntou-se Mira, contendo um estremecimento. Sabia que desta vez teria dinheiro e referências, e que não voltaria a viver dessa maneira, mas ainda sentia um medo incontido por Londres.

Quando ouviu o rangido próximo de passos sobre o cascalho do caminho, Mira continuou imóvel, procurando não fazer ruído, pois os atalhos que percorriam os jardins estavam separados dos bancos de pedra por uma sebe alta e não queria que ninguém a descobrisse ali.

— ...alguém deveria dizer a Clara que está fazendo ridículo — dizia uma das vozes, cheia de indignação.

A voz da segunda pessoa era mais calma e divertida.

— Querida, ela já sabe. Está mais claro do que água que Falkner não a deseja. Só espero que se dê conta e não continue...

— Ora! Isso não a desanimará por muito tempo. Lorde Falkner é um demônio de aparência muito agradável, mas Clara só espera o momento que apareça o homem que realmente deseja.

— A quem se refere?

— Como? Não sabe? Clara sempre foi louca por Rand Berkeley, e chegará amanhã.

— Aposto o que quiser que a esposa o acompanha.

— É provável. Rosalie Berkeley... até o nome é irritante! Não é

suficiente que tenha conseguido caçar o conde de Berkeley, ainda por cima tem que o acompanhar a todas as partes como se fosse um cãozinho.

— É, nunca se separa do marido, e o abraça cada vez que uma de nós tenta se aproximar dele.

— Acaso não sabe que está fora de moda a atenção de uma esposa?

As duas mulheres soltaram uma risada boba.

— Fora de moda ou não — concluiu uma delas, — Rosalie virá com ele. Crê que isso impedirá que Clara...?

As risadas se desvaneceram à medida que as mulheres continuaram percorrendo o atalho, enquanto Mira permanecia no banco de pedra, tão petrificada como uma das estátuas de mármore do jardim.

— Rand Berkeley — sussurrou, com os olhos muito abertos. — Rosalie.

Sackville jamais os tinha mencionado antes. Mira não sabia que ele sequer os conhecia. Não acreditava que assistiriam à caçada. Estremeceu de desespero e lhe encolheu o estômago, ao pensar que logo estariam ali. Levou uma mão ao abdômen e ficou olhando o vazio, quando um horrível panorama se estendeu diante dela.

Rosalie voltaria a vê-la e ficaria paralisada pela surpresa, enquanto seu precioso rosto empalidecia de medo e ódio.

«Mireille, rezei para não voltar a vê-la nunca mais... traidora, mentirosa. Enganou-me, aproveitou-se de nossa amizade e tentou me destruir.»

— Eu não queria — sussurrou Mira. — Perdão.

«Odeio-a. Não merece que a perdoe pela dor que nos causou.»

Então, Mira se voltaria para Rand só para ver a mesma condenação gelada em seu rosto.

«Não só foi desleal — diria ele, — foi uma covarde. Deveria ter ficado para assumir as consequências de seus atos, não deveria ter fugido.»

— Temia... Não sabia que... — Mira piscou e se balançou, enquanto estava presa do pânico. — Tenho que ir — disse, puxando com nervosismo a gola do vestido que de repente a afogava. — Tenho que

ir... *Mon Dieu*... esta mesma noite.

Pôs-se a chorar e levou uma das mãos ao rosto, enquanto as lágrimas escorriam pelas faces. Rand e Rosalie estariam ali no dia seguinte. Tinha que planejar o que fazer, mas não podia pensar. Chorando com desespero, Mira baixou a cabeça, pensando em quão ingênua fora ao tentar fugir do passado. Uma vez mais, voltava a lhe acossar o pesadelo de cinco anos atrás, tão claro como se tivesse ocorrido ontem mesmo.

Lorde Sefton estava de bom humor, a grande quantidade de porto ingerida soltou sua língua e adoçou seu caráter. Sefton estava sendo mais fofoqueiro que o habitual, e recitava uma longa lista de rumores e acontecimentos sociais que não importavam o mínimo a Alec. Um dos inconvenientes de participar de uma caçada era que, cedo ou tarde, se via obrigado a suportar uma tediosa conversa como essa. Ambos caminhavam devagar para a mesa do jantar, deixando passar o tempo antes que se servisse a comida.

— E me diga, sabe algo da próxima visita do rei a Hanover? Parece que vai no fim do mês.

— Por assuntos de estado? — perguntou Alec.

— Não. Conforme entendi, há ali algumas princesas protestantes que ele tem intenção de ver mais de perto. Parece que deseja voltar a se casar.

— É obvio — murmurou Alec com sarcasmo. Jorge IV não mostrou muita lástima pela morte de sua esposa, Caroline, no ano anterior, apesar do muito que tinham tido em comum (gordura e um ar descuidado, assim como uma moral flexível e vingativa). A única diferença entre ambos foi que, enquanto Caroline era gorda, Jorge era vaidoso e superficial. E agora, o rei que sempre se encantou por mulheres grandes e maduras, estava de olho em garotas jovens e saudáveis. — E como voltará a se casar se já tem esposa?

— Refere-se à senhora Fitzherbert? Jamais se provou que estivessem legalmente casados e, além disso, já estão há nove anos separados...

— Separados, mas não divorciados.

— De verdade acredita que estavam casados? — perguntou Sefton.

Tendo conhecido a senhora Fitzherbert, Alec acreditava que os rumores sobre esse matrimônio fossem verdadeiros. Maria Fitzherbert era uma mulher honrada e leal, nunca falou mal do rei, apesar da maneira que ele a utilizou. Não deixou o orgulho de lado para suplicar o favor do soberano, mas não negou seu afeto. Possivelmente se adulasse a vaidade do rei, ou se reprovasse a maneira com que a afastou do seu lado ainda seria sua companheira, mas havia algo no sacrifício da senhora Fitzherbert pelo bem de seu amor, que fazia que Alec a apoiasse incondicionalmente.

— Não importa o que eu creia — disse.

Seu tom distante provocou que lorde Sefton olhasse ao redor em busca de outro ouvinte. Era evidente que, embora Falkner dominasse a arte do bate-papo banal, que com muita dificuldade suportava ter que se submeter a ele.

— Ali estão o dignitário Bentinek e sua preciosa esposa — exclamou Sefton, e Alec sorriu com ironia. — Perdoe, Falkner, mas devo apresentar meus respeitos a eles.

— Certamente — murmurou Alec, observando a rápida fuga de Sefton com certo alívio.

A pressa daquele homem por se afastar era de uma só vez engraçada e perturbadora. «Não suporto a maioria deles», pensou. Sua diversão se evaporou como uma baforada de fumaça. O que acontecera com sua compaixão e tolerância aos outros? Por que não podia sentir algo mais que uma leve indiferença?

Aproximando-se da janela, apoiou-se no batente e fitou o céu escuro.

Tudo aquilo desapareceu com Holt. Tinha que reconhecer que não era o mesmo homem de antes que seu primo morresse. Havia muitas coisas que já não lhe importavam mais, e outras que fazer antes que suas feridas cicatrizassem totalmente, antes de se permitir esquecer. Havia tido só uma pequena promessa de consolo, uma oportunidade de ser feliz, mas agora sabia que só fora uma ilusão.

— Oh, maldição — sussurrou Alec silenciosamente, quando seus pensamentos aflitivos foram interrompidos pela imagem de uma pequena figura nos jardins.

Uma mulher cruzava a ponte que conduzia à pérgula no fundo do

jardim. Estava muito longe para ver com clareza, mas Alec sabia que era Mira. Não podia ser outra. Reconhecia cabelo escuro e o vestido de cor safira. Reconhecia até as curvas de sua figura.

O que será que aconteceu? perguntou-se, inclinando a cabeça para observá-la. Em sua pressa, ela caiu sobre as mãos e os joelhos. Quando ficou em pé, continuou correndo para a pérgula. Era como se alguém a perseguisse. Mais jogos? Ou a haviam machucado de verdade? Amaldiçoando baixo, Alec permaneceu no corredor entre a multidão que se dirigia ao salão.

«Não é minha», pensou com o cenho franzido. «Sackville se encarregará dela, se precisar de alguma coisa.»

— Lorde Falkner, espera alguém? — Uma voz feminina se intrometeu em seus pensamentos. Os condes de Shrewsbury se detiveram diante dele, com expressões gentis em seus rostos e Alec respondeu com um leve sorriso.

— Temo que sim.

— Se quiser pode nos acompanhar ao jantar.

— Obrigado, são muito amáveis — repôs cordialmente, — mas acredito que esperarei uns minutos mais. — Trocou sorrisos com o casal e depois que ambos se foram, Alec tamborilou os dedos com impaciência sobre o batente e, voltou a olhar para fora. Mira havia desaparecido de vista. Não havia ninguém mais nos jardins, nem Sackville nem nenhum outro convidado. — Por todos os demônios — resmungou — não posso sair, não se ainda mantenho o comando de minha razão.

Capítulo 5

Amontoada em um recanto da pérgula, Mira fechou os olhos para não ver o obstáculo que tinha à sua frente. Viveu fugindo durante toda sua vida, sem destino nem esperança de refúgio, correndo de um lado para outro sem descanso, porque nunca conheceu outro estilo de vida, até este momento. Agora estava muito cansada para seguir fugindo. Derrotada, tentou pensar com clareza, mas não tinha forças para tomar mais decisões.

Para Alec, Mira parecia uma raposa acossada que procurou refúgio em uma toca. Não tinha conseguido evitar procurá-la. Mira era uma obsessão para ele, uma enorme tentação. Enquanto a olhava, soube que alguém ou algo a assustara, e zombou de si mesmo, consciente de que a única coisa que queria era tomá-la entre seus braços e protegê-la de todo mal. Lutando contra a crescente ternura, endureceu o gesto até adotar uma pose de fria indiferença.

— Bom, bom... — disse com suavidade, deixando aberta a pequena porta da pérgula para que entrasse a luz do crepúsculo. — Parece-me ser você da janela. Foi a um encontro secreto?

O pranto silencioso dela foi cortado bruscamente.

— Vá embora daqui — disse, com um leve tremor traindo sua voz.

Alec se sentou de frente para ela esticando as pernas, até que seus pés descansaram sobre a almofada que Mira tinha ao lado. Ela dirigiu um olhar venenoso para suas botas, pouco antes de levar o lenço ao nariz, assoar e apoiar a testa sobre seus joelhos dobrados.

— O que aconteceu?

— Nada. — Mira se negou a olhá-lo. — Oh, Deus, não quero falar com você! Por favor, tenha compaixão de mim e vá embora! Não suporto sua companhia neste momento, e não sei por que está aqui, mas...

— Não sabe? Talvez seja porque não pude reprimir minha incontrolável curiosidade. Ou talvez, porque brinque de bom samaritano.

— Bom samaritano? — repetiu Mira, engasgando-se com uma repentina mescla de diversão e desdém. — Você? Que ridículo! Jamais conheci alguém a quem sirva menos esse papel. Pode até ser que seja bondoso de vez em quando, mas nada mais. E mesmo que possa me ajudar, não o deixaria fazer porque sei que quer algo em troca. Todos os de sua classe querem sempre algo em troca de...

— Fique tranquila... — disse Alec levantando as mãos em um gesto de rendição. — Não vim aqui para que se enfureça comigo. Só queria ver que tempo fazia aqui fora. Pareceu-me ver algumas nuvens.

— Não há nada para contar — disse, sem entrar em seu jogo. — Não o compreenderia!

— Sei o que é ter problemas. — Alec se recostou contra as almofadas e a olhou fixamente. — Tenho uma vasta experiência em me colocar em confusão. E se algo aprendi com elas, é que as coisas são melhores em retrospectiva.

— Não sei nem por onde começar a explicar.

— Por quê? Acaso crê que pode me deixar horrorizado?

Por estranho que pareça, foi o tom zombador da voz de Alec o que fez que Mira considerasse contar tudo a ele. Levantando a cabeça para olhá-lo, soltou um suspiro. Ele não era mais que uma sombra enorme dentro da pérgula, uma sombra diabólica em meio à escuridão. Não, não acreditava que podia deixá-lo horrorizado, pois se sabia algo de Alec, era que não se escandalizava com facilidade. Em certos aspectos era um dos homens mais cínicos que conhecia.

— Suponho que é possível que me compreenda. Quero dizer que... é provável que tenha feito coisas indesejáveis ao longo de sua vida, mas...

— E desfrutei da maior parte delas sem me envergonhar um mínimo — acrescentou solicitamente.

— ...Pergunto-me quais são seus motivos para querer escutar minha confissão — concluiu com um tom brandamente ácido. — Acaso está aborrecido? Você gostaria que o entretivesse com anedotas de meu sórdido passado durante os poucos minutos que faltam para o jantar?

— De fato, sim, gostaria. Não é que não tenha alguma ideia do tipo de problema que tem, mas gostaria de ouvir sua versão.

— Não é ninguém para me julgar!

— Oh, não julgo você — falou sarcasticamente. — Como você mesma disse, não sou ninguém para fazê-lo. Só me ofereço para escutá-la.

Olhando-o com receio, Mira decidiu confiar nele. Só um pouco, porque mesmo não tendo nada a perder, tampouco queria correr riscos.

— T-tenho que ir esta noite — disse, esperando alguma reação da sua parte, mas não houve nenhuma. — Quero dizer partir, ir para sempre. Hoje descobri algo que não sabia, e é por este motivo que não posso ficar. Sabe, Rand Berkeley e sua esposa chegarão aqui amanhã.

— Berkeley — pontuou Alec, com o olhar fixo na jovem. — Quer dizer que já o conhecia?

— Sim. Eu o conheci na França.

Alec considerou as possíveis conexões que Mira poderia ter com o conde de Berkeley, que era conhecido por todo mundo por ser um dos mais poderosos e atraentes homens da Inglaterra e, não gostou da resposta mais evidente.

— Foi sua amante? — perguntou com brutalidade.

Mira se sentiu muito aborrecida pela franca pergunta, para notar o ciúmes que tingia sua voz.

— Não — respondeu com frieza. — Acredite no que quiser mas eu nunca tive um... — interrompeu-se bruscamente e fechou a boca bruscamente.

— Continue — disse Alec, tamborilando impacientemente com os dedos na coxa, — fale-me de Berkeley.

— Não sabe que estou na Inglaterra. Quando me conheceu, chamava-me Mireille Germain.

— Mireille — repetiu, saboreando o som. Tinha-o pronunciado de uma maneira diferente dela; com seu brusco acento inglês, soava muito diferente do acento francês com que Mira dizia seu nome. — Um nome precioso. Por que mudou?

— Porque Mireille era uma jovem que não tinha ideia dos enganos que cometia. Não sabia o suficiente para se envergonhar de quem era.

— E Mira sim?

— Sim. — Escondeu o rosto entre as mãos e começou a chorar de

novo.

Alec a deixou desabafar um par de minutos, descobrindo que era muito difícil se conter e ficar onde estava, em vez de tomá-la entre seus braços e estreitá-la com suavidade contra seu corpo. Obrigou-se a se concentrar nas questões mais desconcertantes, nos mistérios que rodeavam Mira. Que classe de vida levava no passado? Que tipos de experiências a converteram numa criatura tão contraditória? Tinha a força de uma mulher e a vulnerabilidade de uma menina e, Alec se via constantemente dividido entre o desejo selvagem que provocava nele e o impulso alarmante de protegê-la de tudo. Neste momento, Alec daria uma fortuna para que fosse qualquer outra coisa que a amante de seu melhor amigo. Por que não podia ser a filha de uma respeitável família, jamais maculada por outro homem? Ou uma prima longínqua, o suficientemente longínqua para que pudesse prestar atenção sem ter que despertar fofocas? Ou inclusive a filha de um comerciante? Poderia cortejá-la em qualquer dessas circunstâncias, não teria tido nenhuma dúvida nem obstáculos em seu caminho.

Mira deixou de chorar e dando um profundo suspiro se recompôs por fim, ignorando por completo os pensamentos que cruzavam a cabeça de seu acompanhante.

— Berkeley fez mal a você? — perguntou Alec com voz suave e fria.

Mira negou com a cabeça, enquanto enxugava os olhos com o dorso da mão.

— Não me fez mal. Foi justo o contrário. Fiz mal a ele e à mulher que ama. E ele jamais esquece nem perdoa a quem machuca Rosalie.

— Que demônios fez a eles?

— Antes tenho que falar de Guillaume, meu irmão. Ele tem muito a ver com o assunto. A primeira vez que o vi, eu tinha doze anos. Nossa mãe acabava de morrer, ela era...

Mira se interrompeu de repente, dando-se conta de que era algo que não podia lhe dizer. Olhou diretamente os perspicazes olhos cinza e se deu conta de que todos seus instintos insistiam em guardar segredo sobre sua mãe. Ele não o entenderia. Alec e ela provinham de extremos opostos de um amplo espectro, e era totalmente alheio ao

tipo de vida que ela tinha levado. Alec Falkner provinha de um vida de riqueza e prosperidade. Seu lugar estava em um mundo de opulência e tempo livre, onde sobressaíam as maneiras deliciosas e a reputação irrepreensível. Criou-se nas melhores instituições, vestia roupa cara, montava cavalos de raça, bebia e comia os manjares mais suculentos, e se relacionava com as pessoas mais ricas da Inglaterra. Sentir-se-ia ofendido ao saber que a mãe de Mira foi uma prostituta e, consideraria Mira um trapo sujo. Já não se sentiria atraído por ela... nem voltaria a tocá-la.

— Mira — disse Alec com secura, — não se mostre tímida agora. Com total franqueza, nunca acreditei que procedia de uma boa família. O que ia dizer de sua mãe?

— Nada — sussurrou Mira.

— O que fez que sua mãe...?

— Nada! — repetiu furiosa.

Alec soltou um suspiro de exasperação e deixou passar o tema. — Está bem, não falaremos dela. O que ia me dizer de seu irmão?

— Cuidou de mim depois que minha mãe morreu — disse Mira tranquilamente. — Foi minha única família. Íamos juntos a todos os lados. Ganhava dinheiro aqui e ali, trabalhando em qualquer coisa. Mas não era suficiente para viver, e tivemos que fazer... teve que fazer algumas coisas desagradáveis para conseguir mais dinheiro. Guillaume me ensinou muito: roubar, mentir, enganar. — Guillaume estava encantado que ela pudesse fazer amigos com facilidade, porque mesmo gostando deles, podia se aproveitar com mais facilidade. — Eu odiava. Sempre odiei o que tínhamos que fazer para conseguir dinheiro. Odiava fazer mal às pessoas, mas odiava ainda mais passar fome. É algo que você não pode entender.

Alec não respondeu enquanto a perfurava com um olhar sagaz.

— E inclusive, mesmo que não tivesse tanto medo de passar fome — continuou Mira, — tê-lo-ia feito para agradar Guillaume. Era a única pessoa no mundo que se preocupava comigo. Queria-me, sei que o fazia, e sem ele estaria sozinha. Aterrorizava-me ficar sozinha. Mas tudo mudou quando fiz quinze anos. Trabalhava em um hotel de Paris como garçoneiro, quando Guillaume me abandonou durante algumas semanas.

Uma jovem sozinha em Paris, trabalhando em um hotel. Alec sabia que tinha que ser extraordinariamente forte para poder sobreviver. Devia ter sido exposta ao perigo muito frequentemente. Mas não estava pedindo que se compadecesse, limitava-se a contar os fatos. A contragosto, Alec sentiu uma dolorosa pontada de admiração por ela. Como já dissera em outra ocasião, não faltava coragem a Mira.

— No hotel — ela continuou — conheci Rand Berkeley. Havia uma mulher com ele, não estavam casados mas pareciam cuidar um do outro. A mulher era Rosalie Belleau. Estava doente e o ajudei a cuidar dela enquanto se hospedaram no hotel. Mudei-me com Berkeley e Rosalie quando foram para o campo, a fim de que ela se recuperasse. Durante esse verão fui sua acompanhante e tivemos muito carinho uma pela outra. — Mira sorriu com tristeza. — Mas havia muitas coisas que não sabia de Rosalie, incluindo a grande polêmica que tinha lugar na Inglaterra nesse momento. Havia rumores de que era a filha ilegítima de Beau Brummell.

— Ah — assentiu Alec pensativo. — Lembro do escândalo. Saiu em todos os periódicos. Os Berkeley encobriram o assunto muito bem, mas o certo é que lady Rosalie tem um passado escabroso.

— Sim. Guillaume, meu irmão, veio me buscar e me seguiu até o *chateau* onde nos alojávamos. Estava envolvido com gente pouco recomendável, uma organização que se estendia da Inglaterra a França. Convenceram-no para que fizesse coisas terríveis. Eu não sabia o que tinham planejado, mas sim que Guillaume utilizaria minha amizade com lorde Berkeley e Rosalie e, que se aproveitaria da confiança que me professavam. Não disse nada, esperando ingenuamente que ele não fizesse nada mau. Era feliz pela primeira vez em minha vida. Tinha casa e me sentia segura, e queria que seguisse sendo assim sempre. Berkeley e Rosalie me pediram que retornasse com eles à Inglaterra. E queria fazê-lo, mas então, então...

— Intrometeu-se Guillaume?

Mira assentiu lentamente.

— Sim, Guillaume, jogou por terra tudo aquilo. Planejou tudo para sequestrar Rosalie, debaixo do nariz de Berkeley. A... vendeu-a a alguém por uma grande quantidade de dinheiro, alguém que a queria porque era a filha de Brummell. E eu que, sem querer, tornei tudo

isso possível. Minha amizade com Berkeley e Rosalie quase lhes arruinou a vida. — Fechou os olhos e os esfregou brandamente. — Fugi como uma covarde quando soube o que Guillaume fizera. Não podia enfrentar Berkeley. Temi que me matasse. Adorava Rosalie e quis morrer quando descobri o que podia sofrer. Não sei como Berkeley conseguiu recuperá-la, mas o fez. Depois averigui que estavam bem, mas me sentia muito culpada e envergonhada para me aproximar deles. Durante minha permanência com os Berkeley aprendi muitas coisas, me dei conta de quanto dano tinha feito às pessoas, de quantas coisas más fiz com Guillaume. Assim, abandonei-o e vim para cá. Ele me seguiu, mas fugi e me ocultei, já não queria seu carinho.

— Por isso está tão aflita? Pela chegada dos Berkeley? — Perguntou Alec quando pareceu que Mira tinha acabado. Seu tom era seco e algo zombador, como se o medo e a vergonha de Mira fossem infundados.

— Se não fosse por mim, essa gente não teria sofrido tanto, e não sequestrariam Rosalie...

— Espera, espera um segundo. Ajudou Guillaume a planejar o sequestro?

— Não, mas...

— Nesse caso não tem por que se culpar de nada — disse com firmeza.

— Mas todas essas pessoas às quais roubei...

— De verdade crê que se importam com seu remorso de consciência? Não. Já se esqueceram da jogada que lhes fez certa vez um duendezinho francês, e seguem vivendo sua vida, enquanto você se atormenta e se curva por nada. Mira, minha pequena diabinha confusa, devia empregar sua energia em algo melhor que isso.

— Na verdade nunca pensei muito nisso — disse Mira com pesar, embora confortada por sua prática análise da situação. — Mas meu problema agora é como ir embora daqui.

De repente, o rosto de Alec se endureceu.

— Isso é muito singelo, carinho. Só tem que escolher um par de seus vestidos favoritos, uma muda interior e um par de bons sapatos. Coloca-os em uma bolsa e procura tirar um pouco de dinheiro de

Sackville antes de ir. Não acredita que resolve o problema? Ou há algo mais que a impeça de sair pela porta? Quem sabe, Sackville importe a você mais do que pensava? Ou talvez seja difícil deixar para trás todos estes luxos?

— Agora está sendo odioso — disse Mira furiosa, fixando os olhos na porta aberta da pérgula.

Por que Alec tinha essas bruscas mudanças de humor? Por que, de repente, se dedicava a fustigá-la verbalmente, quando tinha sido amável há só uns minutos?

— Por que ir agora? Tem medo do que os Berkeley possam dizer quando a virem?

— Sim! É obvio que tenho medo! Seria uma estúpida se não o tivesse! Berkeley me esmagará como uma formiga para averiguar onde está Guillaume. E eu não sei. Faz anos que não o vejo.... mas Berkeley não acreditará.

— Então peça a Sackville que a proteja.

Continuava zombando dela. Mira mordiscou o lábio inferior, em um esforço para conter a raiva. Alec sabia quão indefeso estaria Sackville contra alguém tão poderoso como Rand Berkeley. Mira rangeu os dentes, enquanto tentava procurar uma resposta apropriada.

— Talvez o faça — disse, e ele bufou. Mira se recriminou impotente. — Não ria de mim! Sabe tão bem como eu que Sackville desmoronaria como um castelo de naipes, e não há ninguém mais que... — Mira o olhou e se deteve. — Bom, você poderia se encarregar de Berkeley. Não se atreveria a enfrentar alguém como você, e não me faria mal se estivesse aí para... Mas não está disposto a me ajudar, não é?

— Posso, se me pedir amavelmente.

Mira lhe dirigiu um olhar receoso.

— O que exigiria em troca de seu amparo?

Alec sorriu.

— Aprende muito depressa, não é verdade? O lógico é que o pagamento dependa do esforço que tiver que fazer para mantê-la a salvo.

— Já me deve um favor — assinalou Mira pensando com rapidez.

— Recorda o que fiz por você na manhã em que Soberano o jogou no chão?

— Claro que o recordo — disse com suavidade. — Mas não devo nada por isso. Não pedi sua ajuda.

— Homem ingrato!

— Cuidado com o que diz, querida. Pode ferir meus sentimentos e, agora mesmo, não se pode permitir esse luxo.

— Acaso tem sentimentos? — perguntou, fingindo assombro. — Oh, sinto muito.... não tinha nem ideia.

— Eu já a adverti — disse. — E só por isso, provavelmente exija meu pagamento agora. — Olhou-a da mesma maneira que antes, com os olhos brilhantes, e a pérgula pareceu encolher de tamanho. — O quanto pagaria por meu amparo? — perguntou, descruzando suas largas pernas e aproximando-se de onde Mira estava sentada.

Ela se sentiu inquieta pela forma lenta e predadora com que ele se sentou na almofada a seu lado, mas tentou se mostrar despreocupada.

— Por favor, o assunto é muito sério. Deixe de brincar comigo — disse, sobressaltando-se quando ele se inclinou sobre ela, colocando as mãos de ambos os lados de seus quadris. Nessa posição, Mira podia ver os cílios negros que emolduravam seus olhos cinza e, a sombra sutil da barba na parte inferior de seu rosto. Seus lábios só estavam separados por uns centímetros, provocando que o pulso dela disparasse e que seus nervos retorcessem de inquietação. — Que tipo de pagamento você quer? — perguntou com desdém. — Um beijo? Ou crê que merece algo mais por se rebaixar a me proteger? Possivelmente devo deixar que me ponha as mãos e que obtenha o que quer que seja...

— O que quero — repetiu Alec, pronunciando as palavras quase contra seus lábios. — Sabe o que quero de verdade? Saber por que a amante de Sackville me olha com uma inocência desconcertante quando a toco. Saber por que quando a beijei pareceu que era a primeira vez que a beijavam. — Fez uma pausa e logo seu sussurro fez arder as orelhas de Mira. — O único pagamento que exijo é que responda a uma pergunta. Só uma, Mira.

— Sabe tudo sobre mim — disse com ar inseguro. — Conte tudo o...

- Não. Não me contou tudo.
- Então, faça a pergunta.
- É realmente a amante de Sackville?

Mira tentou se separar dele, mas Alec a segurou pela cintura com facilidade, fazendo que caísse contra seu peito. Ela se retorceu para escapar do braço que a prendia. O pânico aumentou, quando o duque inclinou a cabeça para sussurrar no seu ouvido: — Possivelmente devia fazer a pergunta de outra maneira — ronronou. — É Sackville suficiente homem para você? Alguma vez pertenceu a um homem? Acredito que a resposta é não.

Ela emitiu um pequeno gemido.

- Solte-me — disse sem fôlego, tentando escapar dele.

— De fato, chego a apostar o que for que jamais deitou com ninguém. Pode ser que me equivoque. Mas, apesar de tudo o que tem feito, apesar de todas as suas desventuras, tem menos experiência do que quer me fazer crer, não é verdade? E depois que responda a isso, diga-me quanto tempo faz que Sackville é impotente. É a única explicação para o que vejo a algum tempo.

— Oh, odeio-o! — gemeu ela, soluçando entrecortadamente. — Pare de uma vez! Está equivocados. Sim, estive antes com outros homens, com centenas deles, centenas...

— Mentirosa. Mas deixa que o comprove por mim mesmo antes que tome a palavra.

— Oh, não o faça! — Mira ficou rígida quando sentiu que elevava suas saias, deslizando a mão com rudeza até encontrar a fina suavidade das calças. — O que está fazendo? Detenha-se!

Alec fechou os dedos na coxa e, de repente, sua voz continha o que parecia ser um rastro de desespero.

- Mira, escute-me.
- Não posso dizer isso, não posso!

— Sei que fez algum tipo de promessa. Sei que teme rompê-la mas, pelo amor de Deus, tenho que saber ou ficarei louco. Não me importa se é virgem ou não. Não me importa se esteve com centenas de homens. Só quero saber se em realidade é a amante de Sackville. Diga-me, tenho que saber a verdade. — Moveu a mão lentamente de cima a baixo pelo interior da coxa daquela, fazendo-a arder com uma

suave carícia através do tecido fino. — É amante de Sackville?

— Alec... — disse quase sem fôlego.

Ele voltou a subir a mão, aproximando-se perigosamente da cálida fenda entre suas coxas.

— Diga a verdade, Mira.

— Não posso...

— É amante de Sackville?

— Oh...

— É? — insistiu.

De repente, Mira se afundou entre seus braços. Não podia seguir lutando contra ele.

— Não — soluçou.

Com um gemido de alívio, abraçou-a e a estreitou contra seu corpo. Ela sentiu os lábios dele contra seu cabelo. Ficaram assim por um tempo que pareceu com horas, ele a abraçando forte. Mira deixando que a sustentasse, sem querer se mover nunca mais do seu lado. Era inútil negar por mais tempo que amava Alec Falkner; jamais amaria outro homem desta maneira. Amava tudo nele, a forma que a intimidava, como brincava com ela e logo a consolava. A forma que ria e a abraçava; sua ira e seu desejo... Amava-o com todas as suas forças sem importar quais fossem seus defeitos.

— Sackville teve um acidente de equitação antes que eu entrasse em sua vida — disse, aconchegando-se contra ele e enterrando o rosto em seu pescoço. — Machucou as costas. Demorou muito tempo para se recuperar, mas estava bem quando cheguei aqui. Converteu-me em uma espécie de projeto especial.

— Imagino.

— Se não tivesse sido por sua bondade, teria morrido. Quando me recuperei, disse que tinha cuidado de mim e que queria... que fosse sua amante. Sabia que lhe devia a vida, e não tinha outra maneira de o pagar. Foi algumas vezes à minha cama... mas nunca pôde... já sabe.

— Sei.

— O acidente acabou com sua habilidade para... fazer amor. Mas é um homem orgulhoso e temia que alguém descobrisse. Sackville disse que ainda podia ajudá-lo se fingisse ser sua amante. É muito orgulhoso e teme o que as pessoas possam pensar dele. Prometi-lhe

que jamais diria a ninguém e que o ajudaria a convencer a todos de que...

— Está bem. — Alec afrouxou seu abraço punitivo. Trouxe sua cabeça com uma mão e elevou sua face para poder olhá-la diretamente nos olhos. — Não vai partir daqui — disse com voz baixa. — Pelo que pude observar, sempre resolveu seus problemas fugindo. Não vai voltar a fazê-lo.

Mira se mexeu para tentar escapar dele. Alec não sabia toda verdade. Não imaginava que seu passado era muito complicado, que havia muitos obstáculos que não podia resolver e esquecer assim sem mais. Cedo ou tarde voltariam a alcançá-la, ameaçando-a durante o resto de sua vida. Tinha que fugir dali, era sua única saída.

— Não quero enfrentá-los — disse.

— Não pode passar a vida fugindo dos Berkeley. Não terá nada que temer uma vez que os enfrente.

Mira queria acreditar, e como podia não fazê-lo quando falava com tal autoridade, com tal certeza absoluta? Assentiu com relutância, fechando os olhos quando depositou um beijo em sua testa. A boca de Alec era cálida e suave, e acendeu seus sentidos de uma maneira prazerosa. Mira recordou o aperto de sua mão na coxa e, de repente, sentiu-se indignada, excitada e nervosa de uma vez.

— Alec? — perguntou com voz trêmula. — Tem...? Alguma vez manteve uma amante?

Nesse momento, Mira desejou ter um terceiro pé para dar uma pontapé no seu traseiro ao ver como ele sorria em resposta. Parecia saber com exatidão o que pensara. Tinha uma expressão sardônica e divertida no rosto, enquanto baixava o olhar para ela e subia a mão livre até as linhas de seu pescoço, com uma suave carícia sensual.

— Vamos passo a passo, carinho — murmurou. — Resolvamos primeiro esta confusão antes de nos colocar em outra.

— Não perguntava por... — começou a dizer endireitando os ombros com rigidez.

— Sei por que perguntou.

— Bom, a verdade é que não me importa...

— A resposta é não. Jamais conheci uma mulher capaz de me deslumbrar durante tanto tempo. Nunca tive interesse em manter

uma amante a que dedicar todo o meu tempo e satisfazer todas as suas necessidades.

— Deus ajude a mulher com que decida casar — disse Mira bruscamente. — Uma só mulher jamais seria capaz de satisfazê-lo!

— Oh, não estou de acordo. Não penso andar borboleteando por aí depois de me casar. Já que exigirei fidelidade absoluta de minha mulher, é justo que ofereça o mesmo, não crê?

— Oh, sim, acredito que é muito... muito...

— Prático — disse enquanto procurava inutilmente a palavra adequada. — E muito conveniente. Para não mencionar que é mais barato manter uma esposa que uma amante. Embora a tarefa de encontrar a esposa adequada não seja tão fácil.

Mira se sentiu inquieta ante o giro que tinha dado a conversa. Era evidente, pensou tristemente, que não era o tipo de mulher que podia casar com alguém como ele. Mas se era para ser a amante de alguém... Então não seria tão terrível se fosse a de Alec. Absolutamente.

— Suponho que suas exigências são muito elevadas — comentou lentamente.

— Elevadas, mas não impossíveis. Além disso, sou muito aberto a negociações — disse com um sorriso zombador. — Asseguro-a que se não fosse por seu temperamento, por seu passado turbulento e seu costume de me olhar com o cenho franzido, seria minha primeira opção.

Por que gostava de zombar dela dessa maneira?

— Não sei por que me incomodo em falar com você — disse Mira secamente.

— Provavelmente porque a maioria das vezes não a condeno por ser como é. Somos roupas feitas com o mesmo tecido e, por alguma misteriosa razão, o traje vai bem nos dois.

Como podia dizer isso? perguntou-se Mira, contendo a vontade de tornar a rir ou gritar ante essas palavras. Não sabia que era filha de uma prostituta. Feitos do mesmo tecido... Embora fosse certo, havia diferenças significativas entre eles. Eram opostos em todos os sentidos. Abriu a boca para dizer, mas ele a interrompeu.

— Não se incomode em negar. Tem uma mente rápida e nunca se

deixa enganar pelas aparências. Igual a mim. Tampouco respeita à maioria das pessoas.... como eu.

— É evidente que a mim, particularmente, não respeita, ou não estaria me falando com tal grosseria — replicou Mira furiosa. — É esta a ideia que tem de mostrar simpatia? Recitar uma lista com todos meus defeitos?

— Mas para mim não são defeitos, minha preciosa diabinha. De fato, acabo de lhe fazer um elogio.

— Pois espero que deixe de fazer essa classe de elogios!

— Se tanto a incomoda minha companhia, pode ir — sugeriu Alec.

E riu quando ela fez precisamente o que disse.

O relógio deu as onze. Mira estava sentada diante do toucador numa cadeira com respaldo no formato de lira, com o queixo apoiado na palma da mão. Uma só vela iluminava a superfície da mesa e, sua fisionomia refletia no espelho, onde também se viam as sombras da tênue luz das estrelas que entrava pelas janelas. O aposento na torre tinha móveis muito femininos e delicados de madeira pintada de branco; o papel de parede estava adornado com intrincados desenhos de rosas combinando com as cortinas e os estofados. Os vestidos de Mira estavam guardados em um armário de mogno, e as luvas e chapéus em uma cômoda com puxadores de latão. Era um quarto cômodo e funcional, com multidão de objetos de cerâmica pintada, utensílios de costura e adornos de porcelana chinesa. No passado, Mira nunca se imaginou em um cômodo tão luxuoso como aquele, com seus grossos tapetes de lã sobre o chão polido de carvalho, e as escovas com cabo de marfim que até então eram desconhecidas para ela.

A primeira vez que conheceu aquela classe de vida luxuosa foi quando viveu com Rosalie e Rand Berkeley no *chateau d'Angoux*. Em vez de se sentir intimidada por um mundo tão estranho, Mira se acostumara a ele imediatamente. Possuía uma natureza curiosa e uma mente hábil. Aprender nunca foi um problema para ela. Absorvia as línguas estrangeiras e outros conhecimentos com muita facilidade. Aprendeu a imitar as boas maneiras com tal rapidez, que se converteu num costume natural para ela. Com suficiente tempo, Mira podia se adaptar a qualquer situação. Era um talento natural

que possuía e se não fosse assim, jamais sobreviveria aos seus primeiros anos de vida. Fora muitas coisas até este momento: atriz, garçonne, acompanhante, amante. Que mais papéis adotaria no futuro? Só o tempo diria.

Olhou-se com curiosidade no espelho, perguntando-se que traços de seu rosto a delataram para Alec Falkner. Por que podia lê-la com tanta facilidade? Enquanto observava seus grandes olhos castanhos no espelho, seu reflexo se esfumou e só pôde ver o rosto de seu irmão, os olhos de Guillaume. Apesar de terem tido pais diferentes, ambos podiam ser gêmeos.

Cansada, Mira fechou os olhos e esfregou as têmporas, mas a imagem de seu irmão não desapareceu de sua mente. Tinha os olhos escuros, da agri-doce cor do outono, um sorriso radiante que podia significar tanto cordialidade, malícia ou bom humor. O cabelo era escuro, quase negro, e caía ligeiramente encaracolado sobre a fronte. Mira acreditava que ele realmente gostava dela. Mas era estranho descobrir que o irmão que sempre parecera tão sábio e sagaz, podia chegar a ser realmente cruel quando se deixava levar pela avareza e o desespero. Mira compreendia sua sede pela segurança que o dinheiro proporcionava, mas não podia perdoá-lo pelo que o levava a fazer. Ferir outras pessoas não era bom e, ela era tão culpada como ele. Mas destruir as pessoas de propósito era imperdoável e, Guillaume sabia tão bem como ela, que separar Rand Berkeley e Rosalie era a melhor maneira de destruir a ambos; tinha sido desumano.

— Oh, Guillaume — disse em voz alta, ficando em pé e apagando a vela de um sopro. — O que foi feito de você? Onde está agora? — Oxalá deixasse de se preocupar com seu irmão desaparecido. Mas, apesar de todas as coisas que fizera, seguia sentindo um profundo carinho por ele.

Mira custou a dormir. Permaneceu deitada na cama com os olhos abertos e o olhar fixo na escuridão da noite, até que por fim o sono a venceu. Ali a esperavam imagens inquietantes que enchiam sua mente de estranhas impressões. Viu-se sentada em um jardim florido com Rosalie, com o ar impregnado pelo aroma das samambaias e das rosas, os quentes raios de sol lhes esquentava a nuca, enquanto liam juntas. Rosalie sorria, com o rosto pálido e vulnerável e os olhos do

mais intenso azul imaginável.

— Aprende muito rápido — disse Rosalie com ternura. Logo assinalou com o dedo uma comprida passagem e acrescentou: — Prova essa.

Mira se inclinou alegremente sobre o livro. Nesse momento ouviu um som afogado e um sussurro ameaçador. Quando levantou o olhar, Rosalie desaparecera. O jardim verde estava tranquilo e misteriosamente vazio.

«Rosalie! Onde está? — intentou gritar Mira, mas as palavras não saíram da boca. Levantou-se com dificuldade em meio de um espantoso silêncio. — Guillaume! Guillaume levou Rosalie!»

Pôs-se a correr, mas custava mover os pés. Sentia-os pesados, como se tivesse grandes pedras em vez de pés. Começou a caminhar pesadamente e mãos enormes a seguraram pelos ombros.

— O que ocorreu a Rose? Onde está? — grunhiu uma voz masculina em seu ouvido.

Mira se viu olhando a face séria e os olhos dourados de Rand Berkeley. Estava furioso. Estremeceu de medo, incapaz de falar. Berkeley a atirou no chão e sentiu que caía muito, muito abaixo como uma pedra em um lago, e presa pelo pânico estendeu os braços para se agarrar a alguma coisa. Inesperadamente, a cena mudou e se viu no fundo de um vale, rodeada de altas colinas. Acima estavam Berkeley e Guillaume lutando, batendo-se com espadas. Ao escutar os sons de metal contra metal e ver a luz das lâminas brilhantes, Mira sentiu que as lágrimas deslizavam pelo rosto e pescoço. Subiu a colina e abriu a boca para chamá-los, mas não pôde articular som algum e ambos a ignoraram quando se aproximou deles. Em um feroz movimento, Guillaume cravou a espada no peito de Rand. Berkeley caiu, seu corpo caiu no chão. Soluçando de terror e tristeza, Mira engatinhou para a figura caída, enquanto Guillaume escapava.

Pequenos riachos de sangue corriam do peito de Rand pelo chão, onde eram absorvidos pela terra, como uma chuva escura. E o doloroso sofrimento de Mira se transformou em desespero, pois viu que o homem ferido não era Rand Berkeley. Embalou a cabeça em seu colo e soluçou ao se inclinar sobre o corpo ferido, enquanto tentava conter o sangue com as mãos. Os frágeis olhos cinzentos se

entreabriram e ele pareceu sorrir, zombeteiro, ante seu pânico. Alec Falkner morria nos seus braços e ela não podia fazer nada para evitar. Um frio negrume os rodeou, e Mira se aferrou a Alec com todas as suas forças. Foi quando ela recuperou a voz e um horrível grito saiu de sua garganta.

Mira acordou bruscamente, sacudiu a cabeça e abriu os olhos, com o peito subindo e descendo pela respiração acelerada. Tinha o rosto úmido pelas lágrimas e o corpo tenso. Levando uma mão ao coração, tentou acalmar seus frenéticos batimentos enquanto olhava a seu redor. Só tinha sido um sonho, pensou. Mesmo se sentindo tranquilizar pouco a pouco, o medo ainda a paralisava.

E então duas batidas fortes ecoaram na porta. Mira fixou os olhos nela, incapaz de se mover. Mas os golpes soaram com mais força e, desta vez, se levantou e sem se deter para pôr um robe sobre a camisola, abriu a porta com as mãos trêmulas. Não podia acreditar no que via. Mas não havia dúvida: Alec Falkner estava ali com o rosto sonolento, irritado e um pouco preocupado. Seu robe de seda cinza escuro brilhava tenuemente na penumbra do quarto. Como soubera que o necessitava? Por que se incomodara em subir até ali?

Alec suspirou ao ver que ela estava bem.

— Deve ter sido um pesadelo. Estava em meu quarto, quando a ouvi gritar e pensei que... Bom. Parece que você está bem, assim voltarei à...

Alec se interrompeu quando Mira jogou os braços ao redor de seu pescoço e, alterada e trêmula, soltou uma rápida corrente de palavras.

— Estava sonhando, mas parecia real, e não podia falar. Foi horrível, horrível... Guillaume estava aqui, e tudo voltava a acontecer mais uma vez. Levou Rosalie e...

— Chsss... — Nos olhos de Alec apareceu uma repentina simpatia, fechou a porta e a envolveu com os braços. Ela usava uma fina camisola de pescoço alto. Uma roupa modesta, que caía com graça sobre seu corpo. Alec acariciou suas costas com suavidade, roçando a curva da coluna com a ponta dos dedos. — Foi só um pesadelo.

— ...e não podia encontrar... não podia falar, nem dizer a ninguém...

— Não importa o quão real parecesse, não aconteceu. Sabe que os

pesadelos não são reais.

— Sim, algumas vezes são — disse entre lágrimas, abraçando-o com desespero.

Alec a levantou e a levou para a cama. Mira se aferrou a ele, cravando os dedos na seda que cobria os ombros. O corpo de Alec era grande, reconfortante e sólido, e a fazia sentir como se nada nem ninguém pudesse fazer-lhe mal, enquanto estivesse com ele. Mira não o soltou nem sequer quando deslizou um par de travesseiros atrás de suas costas, recompôs a camisola enrugada e pôs para trás da orelha uma mecha escura, que lhe caíra sobre a testa. Seus gestos eram tranquilizadores, quase fraternais. Mira agarrou os braços de Alec quando ele se acomodou do seu lado, fazendo que inclinasse a cabeça para que ouvisse seu sussurro.

— Obrigada. D-dá medo estar sozinha.

— Não tem de quê — disse, sorrindo e acrescentando com desenvoltura: — Tenho muita experiência em levar mulheres à cama.

Em lugar de rir ou se incomodar por aquele comentário provocador, Mira o olhou com seriedade, com os olhos brilhantes pelas lágrimas não derramadas.

— Obrigada por se preocupar comigo.

— Mas será melhor que não fique muito tempo. — Alec assinalou a porta com um gesto da cabeça. Agora que estava tranquila na cama e que seus medos iniciais tinham desaparecido, Mira percebeu que estava inquieto e agitado. — Tenho o pressentimento de que desatará o inferno se alguém me encontrar aqui — disse.

Ela não queria que fosse embora.

— Aqui não vem ninguém salvo Sackville, e jamais o faz de noite.

— Feche os olhos e durma. — murmurou Alec com um sorriso cínico nos lábios. — De qualquer forma tenho que ir, porque se em algumas coisas sou capaz de me controlar, em outras me falta disciplina, como ocorre agora.

Baixou o olhar para ela com uma insólita ternura. Então, como se não pudesse resistir, inclinou a cabeça e roçou os lábios de Mira com os seus em um beijo desinteressado. Às cegas, Mira agarrou o pescoço dele com os braços e o atraiu para si, abrindo a boca debaixo da dele. Alec ficou rígido e, imediatamente, um gemido afogado ressonou em

sua garganta. Beijou-a com uma paixão abrasadora e, explorou com a língua o interior daquela boca, com uma sensualidade que a fez encolher os dedos dos pés. Nesse momento, Mira percebeu, surpreendida, de que tinha metido a língua na boca de Alec. Estremeceu enquanto o jogo sensual continuava; e também compreendeu que suas bocas imitavam o ato de amor. Um suave e ardente resplendor começou então a crescer em seu interior e invadir cada célula de seu corpo.

Lentamente, Alec finalizou o beijo e suspirou profundamente. Tentou se separar dela, mas os braços de Mira ainda agarravam seu pescoço.

— Não vá — disse com voz entrecortada. — Ainda tenho medo...

— Medo de quê?

— De estar sozinha. Jamais pertenci a alguém. Nem a nenhum lugar. Tenho medo de que isso aconteça jamais... Preciso pertencer a alguém, embora seja só por um breve instante.

— Mira...

— Não quero falar. As palavras não me servem para nada. — Seus olhos brilhavam de paixão, sua voz e suas mãos tremiam de excitação e seus lábios se suavizaram pelo beijo. — Faça amor comigo, Alec. Faça amor comigo.

Alec a olhou e seu coração palpitou a toda velocidade, enquanto continha a respiração. Obrigou-se a recordar que estava assustada e que não sabia o que estava pedindo.

— Não quero me aproveitar... — comentou, e ela silenciou suas palavras com os lábios, deslizando as mãos pela gola do robe e apertando as palmas contra suas costas. — Diabinho — acrescentou sem fôlego alegrando-se, enquanto levantava a cabeça para olhá-la.

— Está morta de medo e sou eu que quase não tenho controle. Não me sinto muito nobre neste momento; assim, será melhor que esteja preparada para aguentar as consequências. — Fez uma pausa e amaldiçoou baixo, quando sentiu que ela lutava com o cinturão de seu robe. Os olhos do Alec brilharam risonhos. Agarrou os pequenos pulsos com uma mão e deteve os movimentos acanhados, enquanto a olhava fixamente. — Só recorda quem deu o primeiro passo quando terminarmos — disse com voz rouca.

Com avidez, abriu-lhe os lábios com os seus e a beijou profundamente; o sabor de Mira era mais embriagador que o vinho. Soltou-lhe os pulsos e, levando as mãos à gola da camisola, começou a abrir, um a um, a longa fileira de botões. Mira estremeceu ao sentir os lentos movimentos dos dedos de Alec em sua roupa; sabia que logo não haveria nada que o impedisse de possuí-la por completo.

Alec subiu a camisola à cintura e ela não pôde evitar ficar rígida, quando a mão do duque se moveu com atrevimento de sua perna ao quadril nu. Cruzou os braços sobre o estômago quando ele tentou subir ainda mais a camisola.

— Quer me despir por completo? — sussurrou confundida. — É o normal?

— Levanta os braços — disse Alec, dividido entre a diversão e uma impaciência crepitante e voraz.

Foi a impaciência quem saiu vitoriosa pois, de repente, não era capaz de despojar Mira da camisola com rapidez suficiente. Alec percebeu que aquele desejo tão ardente o deixava surpreendentemente lento, ante uma tarefa tão singela. «Não seja rude com ela», advertiu-se, obrigando-se a ter paciência. Estava preparado para ela neste mesmo instante. Sua virilidade, tensa e dolorida, queria se introduzir nela sem mais demora, mas não podia permitir. Tinha que conseguir que Mira o desejasse tanto como ele a desejava.

Quando a acariciou com as mãos, Mira gemeu e se mexeu com inquietação; jamais em sua vida havia se sentido tão vulnerável ante outro ser humano. Alec eclipsava completamente aquele contorno feminino, as rendas e babados da cama; sua mera presença parecia uma invasão no quarto da torre. Ao tirar o robe, seus largos ombros bloquearam a vista de Mira.

Ficou sobre ela e a atraiu contra seu corpo, deslizando as mãos por suas costas para estreitá-la com força, procurando com os lábios a cavidade sensível de sua garganta.

— Mira — disse com voz grave, — nunca em minha vida desejei a ninguém tanto como desejo você.

— Também o desejo — replicou com suavidade, acariciando-o com o nariz detrás da orelha, arqueando seu corpo nu para o dele, com o

coração transbordando de amor.

— Desde a primeira vez que a vi... Não pude acreditar quão linda você é... Fez que eu passasse um inferno.

— Não era minha intenção.

— Não posso suportar a ideia de que alguém mais a possua.

— Ninguém o fez — disse, e ele a virou para pô-la sob seu corpo. E a olhou diretamente nos olhos.

— O que disse? — sussurrou.

— Quero que você seja o primeiro... Quero...

Mira não pôde acabar a frase porque a boca de Alec caiu sobre a sua, e suas mãos a acariciaram com uma vertiginosa lentidão. As sensações, doces e vibrantes, pareciam surgir dos dedos dele, onde a tocavam. Alec tocou o seio com a mão e a acariciou com uma suavidade deliciosa até que o mamilo se ergueu com firmeza contra sua palma. Mira soltou um suspiro, oferecendo-lhe os seios, e ele esfregou o duro pico com o polegar enquanto brincava com a comissura de sua boca, prodigalizando pequenos e tenros beijos.

Alec deslizou os lábios por seu pescoço até a curva superior de seus seios, lambendo a suave pele que encontrou no caminho. Seu fôlego, profundo e irregular, estendeu-se sobre a pele de Mira, antes que sua boca tomasse posse do sensível mamilo, excitando-o e envolvendo-o em um úmido calor. Mira se sentiu flutuar em muito prazer, um prazer líquido que invadia cada poro e célula de seu corpo. Remexeu-se com impaciência debaixo dele e gemeu seu nome, estremecendo com aquelas sensações que jamais havia sentido antes. Protestou fracamente quando Alec levantou a cabeça.

— Tranquila — disse com suavidade, acariciando a pequena curva da cintura e o quadril com um gesto tranquilizador. — Tenha paciência, querida. Quero amá-la devagar... Temos todo o tempo do mundo.

Ofegando, ela se obrigou a relaxar os dedos com os quais se aferrava a seus ombros. Lentamente, ele voltou a deslizar a boca pelo topo palpitante de seu seio, e ela envolveu seu pescoço com os braços, afundando a face no suave cabelo negro de Alec.

— Alec — soluçou quando ele explorou com a língua o duro e sensível mamilo, alternando as suaves carícias com outras mais duras.

Pouco a pouco foi se mostrando um novo tipo de comunicação entre eles, com palavras entrecortadas, com tenros beijos, com lentas e provocadoras carícias. Enquanto passava os minutos envolta em uma neblina de desejo, Mira pensou que Alec a conhecia melhor que ninguém em sua vida.

— Cuidarei de você agora — sussurrou, movendo suas mãos morenas pela pálida pele jovem como uma sombra sobre a neve de inverno. — Disse que no final seria minha, e jamais o lamentará. Conheço-a, sei como fazê-la feliz.

— Oh, por favor, não faça promessas — disse, virando o rosto para o travesseiro.

— Oh, claro que as farei — murmurou, mordiscando o pescoço dela. — E terá que as aprender a aceitar, porque sempre cumpro minhas promessas.

— Há tantas coisas que não sabe de mim...

— Não importam. Quão único importa é que a desejo.... que a desejei no primeiro momento em que a vi, com esse cabelo de cigana, esses grandes olhos castanhos e esse sorriso provocador. Desde este instante quis saber tudo sobre você, conhecer o sabor de seus lábios, o tato de sua pele.

Alec deslizou a mão da base do pescoço até o vale entre seus seios, acariciando brandamente com o polegar. Mira se ruborizou quando passou os dedos por seu estômago. Tocava-a como se a possuísse, como se conhecesse todos os segredos de seu corpo. Mira ofegou quando roçou o triângulo de cachos escuros entre suas pernas e, continuou, tocando ligeiramente o suave pelo encaracolado, provocando uma onda de surpresa que atravessou o corpo dela. Mira arregalou os olhos quando ele deslizou uma coxa entre seus joelhos, acariciando brandamente as pernas com aquela extremidade coberta de pelo.

Ela ficou paralisada, presa de uma desconcertante mescla de temor, desejo e crescente espera. Sem separar os olhos do rosto dela, Alec aventurou-se mais abaixo, procurando com a ponta dos dedos até encontrar o diminuto nó sensível. Tocou-o e acariciou com suavidade. Mira fechou os olhos e separou os lábios, e ele sentiu uma ferina satisfação ao ver o filete de suor que cobria a pele feminina.

Mira cravou os olhos na escuridão e estremeceu enquanto ouvia seus próprios e incoerentes sussurros. Tinha a voz trêmula, enquanto pedia que, por favor, aliviasse aquela tortura. Ardia com um desejo incontrollável, mas mesmo assim as pontas dos dedos de Alec não a liberaram do tumulto que causavam.

— Não lute contra isso — disse Alec com voz rouca, acariciando as sensíveis dobras entre suas coxas e sussurrando contra sua garganta.

— Não lute... deixe-me, deixe-me fazer.

O dedo indicador de Alec brincou na entrada do corpo de Mira, e logo deslizou dentro com suavidade. Ele ficou aturdido com a pressão que aquela carne virgem envolvia seu dedo indagador. Inclusive em meio da paixão, Alec não pôde evitar sorrir contra a curva do pescoço feminino, com o coração saltando freneticamente, ao sentir uma pontada de pura ternura. Alarmada por aquela íntima intrusão, Mira soltou um grito afogado e tentou se afastar.

— Oh... Oh, detenha-se, Alec.

— Não posso me deter agora — disse com voz grave. — Está quase... quase... — Deliberadamente acariciou aquele úmido e sedoso calor, investigando com o dedo seu interior e apertando a palma da mão contra o pequeno nó sensível. De repente, Mira gritou e estremeceu como se tivesse sido açoitada por uma tormenta, e sentiu como a envolvia uma imensa e estrondosa explosão de prazer. Apanhou a mão de Alec com as coxas e ficou sem respiração quando alcançou o êxtase com uma força violenta. — Sim, assim — ronronou, movendo os dedos para buscar outro estremecimento do indefeso corpo feminino, enquanto sussurrava brandamente no ouvido de Mira.

Depois a abraçou enquanto o fogo interior de Mira diminuía gradualmente. Deixou-a descansar um bom momento meio tombada sobre ele, com a cabeça da jovem sobre o ombro e seu corpo acomodado contra o seu.

— Não posso acreditar que fez isso — sussurrou, apoiando a ruborizada bochecha contra seu ombro.

— Disse que a faria feliz — murmurou, passando as mãos pelas largas e brilhantes mechas do cabelo de Mira. — E foi só o início.

— Também quero fazê-lo feliz — disse, brincando timidamente

com o pelo do peito de Alec e elevando o rosto para beijá-lo na base da garganta.

— E vai fazê-lo.

Alec a virou com um ágil movimento, tombando-a sobre o colchão. Um brilhante halo dourado captou o olhar de Mira; um medalhão de ouro pendurado em uma corrente no pescoço de Alec. O objeto, que parecia uma moeda, caiu sobre o travesseiro e deslizou pelo colchão quando Alec baixou a cabeça para ela. Mira recordava ter visto antes esse medalhão e ia perguntar sobre ele quando, Alec capturou bruscamente sua atenção. Mira sentiu que as mãos masculinas voltavam a percorrer todo seu corpo, acendendo novos fogos, despertando sua resposta uma vez mais com sensual habilidade.

— É muito pequena — disse, aproximando tanto sua boca da dela que Mira pôde sentir o sussurro de suas palavras contra os lábios. — Vai doer e, demônios, não quero lhe fazer mal.

— Não importa — disse com voz rouca. — Seriamente que não. Quero tudo... tudo de você...

Alec mordiscou ligeiramente as pontas dos seios e logo os lambeu brandamente com os lábios e a língua, enquanto Mira cravava as unhas no colchão.

— Ainda não está preparada — murmurou Alec, acariciando com o nariz a cavidade da garganta. — Pode me tocar.

— Onde quer que toque?

— Onde queira. Gosto de tudo o que faz.

Muito brandamente. Mira deslizou as pequenas mãos pelas costas, dos ombros musculosos à magra cintura. A pele de Alec era suave ao tato e se esticava sobre os músculos duros.

— É tão forte — disse, quase atemorizada pela força vigorosa do corpo masculino. — E tão formoso.

— Esperava que pensasse assim — replicou com um sorriso demolidor, — simplifica muito sua sedução.

— Minha sedução? Penso que sou eu quem o seduziu. — Com curiosidade, deslizou as mãos pelas costas de Alec, detendo-se nos vãos de sua coluna vertebral.

— E o fez. — Alec estremeceu e tomou ar entrecortadamente. Animada, Mira continuou explorando a larga superfície de suas

costas, arranhando a pele delicadamente com suas unhas, da cintura às omoplatas. — Sim — disse, traído pelo pequeno tremor de sua voz. — Caso siga me excitando desta maneira, não deixarei que nunca se separe de mim.

Mira sorriu, divertiu-se no recém-descoberto poder de excitá-lo. Com crescente confiança acariciou-o livremente, guiada por seus instintos. Desenhou círculos com as pontas dos dedos no sedoso pelo de seu peito, roçou-lhe os diminutos topos dos bicos planos com os polegares, e acariciou as costelas e os poderosos músculos do abdômen.

De repente, deteve-se, indecisa.

— Há algum lugar — perguntou com vacilação — onde não deva tocar?

— Não — disse com suavidade, sabendo com exatidão a que se referia. — Se quiser, dá sua mão e a ensinarei.

— Não, deixa que eu o toque. Eu sozinha.

Com cautela baixou as mãos até sua virilidade erguida. Estava nervosa e Alec gemeu quando sentiu esses frios e trêmulos dedos o circundando. Nenhuma sensação anterior, nem de prazer nem de dor, tinham lhe enfraquecido os joelhos daquela maneira. Estava dolorosamente duro e palpitante com aquelas lentas carícias que produzia. Sentiu como Mira baixava a palma da mão por seu membro e, como voltava a subir de novo. Seus dedos eram como o veludo e, quando levantou o rosto para ele, Alec cobriu a boca com a sua. Gemendo seu nome, Alec empurrou um par de vezes contra aquelas mãos tão extraordinariamente suaves. Umas cálidas sensações inundaram Mira ante os habilidosos lábios de Alec, a implacável força de sua masculinidade entre suas mãos e o desejo febril de seu próprio corpo. Pouco a pouco, Mira sentiu que um úmido calor tomava sua entreperna, e começou a estremecer quando ele separou seus joelhos com os dele. Mira enlaçou apaixonadamente o pescoço com os braços, e inclinou a cabeça para receber os profundos beijos de Alec.

Procurando não esmagá-la, Alec se colocou sobre ela, apoiando seu torso contra a plenitude dos seios femininos, e os cotovelos de ambos os lados da cabeça de Mira. Ela ficou aprisionada entre a maciça jaula

que formavam os braços e o peito do Alec, e seu aroma sutil invadiu seu olfato. O abrasador calor da virilidade de Alec aninhava no meio das coxas de Mira. Ambos contiveram a respiração ante o eletrizante contato de suas peles nuas, contraíram o ventre e se apertaram um contra o outro de uma vez.

— Alec — disse Mira em tom inquisitivo.

Ele a olhou fixamente, separando as mechas de cabelo da testa com a ponta dos dedos.

— O quê?

— Não espere mais.

Os olhos de Alec brilharam de uma maneira estranha quando a olhou.

— Serei suave — prometeu com voz rouca.

Mira fechou os punhos nas costas dele, ao sentir uma dura e insistente pressão entre as pernas. Ele baixou seu corpo lentamente, mas quando começou a deslizar languidamente dentro dela, Mira ofegou. A fusão da larga forma dele no corpo dela não era fácil e, ela mordeu o lábio inferior para conter um gemido de dor. Por puro instinto se moveu para escapar do exigente impulso, mas o movimento de seus quadris só serviu para que ele penetrasse com maior profundidade. Mira tentou albergá-lo em seu interior com todas suas forças, relaxando os músculos, abrindo-se para ele, e ele seguiu penetrando-a ainda mais, até ficar totalmente enterrado. Por um instante. Alec afundou a face no cabelo de Mira, aturdido pela incrível doçura de estar envolto pela carne tensa de Mira. Consciente do desconforto dela, murmurou-lhe palavras tranquilizadoras contra a têmpora.

— Chsss. Espera um momento. Mira, meu amor. — Alec moveu os dedos onde seus corpos se uniam e a tocou intimamente, roçando-a e acariciando-a. — Agora é minha — disse e deslizou nela. Logo se separou e voltou a penetrá-la profundamente. Lentamente, Mira abriu os punhos sobre seus ombros. Deixou de soluçar e, pouco a pouco, começou a gemer de prazer. Tinha as pernas abertas e os joelhos dobrados. — Tranquila — suspirou Alec, penetrando mais fundo com cada golpe, — mova-se comigo... Oh, assim, é tão condenadamente bom.

O ritmo era primitivo, tão básico como o pulsar de seus corações. Depois da leve dor da posse, Mira sentiu que um estranho e incrível êxtase a invadia, até que finalmente se arqueou contra Alec, transfigurada pelo prazer. Alec já ia a seu encontro entre suspiros quando o corpo dele estremeceu, também rendido ao incomensurável prazer da união.

Deixaram-se cair um nos braços do outro, cheios de uma profunda lassidão. Uma brisa fresca agitou as cortinas da janela e atravessou o lugar. O ar da noite era úmido e doce. Mira respirou fundo, enquanto se aconchegava contra o homem que tinha ao lado. Alec a abraçou com mais força, acariciando a cabeça dela com o nariz, enquanto o cabelo de Mira caía sobre seu peito como uma cortina de seda.

— Agora é minha — repetiu Alec com sonolência, e só quando adormeceu, Mira deixou que as lágrimas abandonassem seus olhos.

Capítulo 6

Mira relaxou na pequena mas profunda banheira e recostou a cabeça contra a borda. Com gesto distraído riscou com o dedo a forma da concha de porcelana, logo deslizou o olhar para as espirais de vapor que saíam da água. O banho impregnava sua pele com um ligeiro aroma floral enquanto relaxava cada centímetro de seu corpo. Deu a boa vinda ao efeito tranquilizador que a água quente tinha sobre seus nervos. Não sabia o que pensar ou sentir ao despertar esta manhã e ver que Alec havia ido embora.

Sentia um vago desconforto em todo o corpo, mas a mente estava cheia das lembranças da noite anterior. Reviveu sob as carícias de Alec e, agora conhecia sensações que jamais imaginou antes. Que afortunada era de desfrutar de uma noite gloriosa com o homem que amava, de conhecer sua ternura, sua paixão. Era mais do que muitas mulheres teriam alguma vez, e não se atrevia a pedir mais. Suspirando se afundou na água, desfrutando daquele prazer. Todos os detalhes do que tinham compartilhado estavam vívidos em sua mente, e jamais esqueceria nenhum deles. Despertou várias vezes durante a noite, aconchegada contra o enorme e quente corpo de Alec, com o rosto sobre o travesseiro ao lado do ombro dele, e os dedos enredados na larga corrente de ouro que descansava sobre seu peito.

— O que é isto? — perguntou durante uma daquelas agradáveis conversas que mantiveram entre sussurros, sustentando no alto o medalhão para examiná-lo à luz da lua que se filtrava na estadia. Tinha um desenho intrincado em ambos os lados: um falcão elevando o voo com as asas estendidas. A ave de ouro estava adornada com diminutas joias brilhantes; rubis nos olhos da ave e esmeraldas nas folhas dos ramos de azevinho, que foram esculpidas em cima da cabeça do falcão.

— É o brasão dos Falkner. Este medalhão foi um presente de Jorge II para meu bisavô, como recompensa por treinar os falcões reais.

— Seu bisavô era falcoeiro?

— Era uma tradição familiar que se extinguiu faz vários anos. — Alec passou então a ponta dos dedos pelo pulso de Mira e esboçou o desenho do medalhão. — Mas ainda havia falcões em casa quando era pequeno. Meu primo Holt e eu sentávamos para olhá-los durante horas. Enquanto as aves estavam atadas, é obvio. Vê as garras? É com elas que golpeiam e matam suas presas.

Mira estremeceu.

— Por que há um ramo de azevinho sobre a cabeça da ave?

— Faz parte de uma brincadeira privada entre meu bisavô e o rei. Alec esboçou um sorriso torcido. — O azevinho é um tipo de madeira dura e resistente. Quase não possui elasticidade, racha e rompe antes de se dobrar. Parece que o rei Jorge considerava que meu bisavô era um homem mal encarado e obstinado, assim ordenou que se incluísse o azevinho no medalhão. Desde então aparece no brasão de minha família.

— Você herdou essa obstinação — disse Mira e Alec riu entredentes.

— Não sou sempre teimoso, não quando utilizam a persuasão adequada — replicou e logo baixou a boca para lhe dar um beijo, e outro, e outro mais até que Mira soltou o medalhão e envolveu seu pescoço com os braços.

Ao despertar, Mira encontrou a corrente envolvendo seus quadris e o medalhão descansando sobre seu ventre. Como uma marca. Um sinal de posse. Olhou aturdida o adorno e sentiu que um estranho pânico se apoderava dela, até que descobriu como se abria e o tirou. Alec pôs como se fosse um presente? Ou mostrava uma parte daquele humor escuro que possuía encadeando-a a ele?

O medalhão era lindo, mas Mira não estava segura de querer possuí-lo. Jamais poderia olhá-lo sem recordar aquela noite, possivelmente a única noite de amor que teria em sua vida. Não necessitava nem desejava nenhum aviso visível, embora amar valia qualquer preço que tivesse que pagar, inclusive passar tendo saudades todas as noites durante o resto de sua vida. Ninguém poderia roubar aquelas lembranças, ninguém, nem sequer o próprio Alec poderia destruí-las. De agora em diante, quer a tratasse com

bondade ou com malícia, nada podia apagar aquela noite. As lembranças permaneceriam sempre em sua mente.

Depois de se levantar da banheira e se secar com uma toalha, Mira pôs um vestido de cor chocolate com adornos em seda cor creme. A cor intensificava seus olhos escuros até fazê-los parecer quase negros. Levava uma faixa da mesma cor creme atada com um elegante laço a um lado dos quadris, e as mangas franzidas e ajustadas nos pulsos. A bainha estava adornada com uma borda da mesma seda que o corpete. Mira se sentia satisfeita com sua aparência e, como toque final, tinha acrescentado uma rede para cabelo de pérolas para prender o cabelo. Era importante que esse dia mostrasse sua melhor imagem. Se tinha que enfrentar os Berkeley, fá-lo-ia apresentando-se com o melhor aspecto possível.

Mira se sentia muito nervosa por que finalmente voltaria a ver Rosalie, que poderia tê-la perdoado pelo ocorrido cinco anos antes. Mira desejava com desespero que assim fosse. Mordendo uma unha com ar distraído, sentou-se na borda da cama e soltou um comprido suspiro. O que faria quando chegassem?, perguntou-se com inquietação. Enviaria uma nota ao seu aposento? Não seria inteligente aparecer diante deles sem os avisar previamente. Esperaria a oportunidade de se encontrar com Rosalie a sós, enquanto Berkeley estivesse caçando. Mas uma coisa era certa: não se aproximaria deles a menos que Alec estivesse do seu lado. Não sabia como reagiria Rand Berkeley com sua presença pois, embora fosse um homem justo, jamais perdoaria ou esqueceria a quem, de algum jeito, colaborou no sequestro de Rosalie.

Não havia matilha de cães de caça no país — nem sequer nos canis reais de Windsor — que pudesse igualar às de Berkeley. Os cães de caça de Rand Berkeley possuíam uma velocidade incrível e um espírito indomável. A matilha que participava nos últimos dias da caçada de Sackville Manor atrasava a hora da saída consideravelmente, mas os cães de Berkeley rastrearão a raposa nas primeiras horas da manhã, quando o animal era mais rápido, já que tinha a barriga quase vazia ao romper do dia, o que representava maior desafio para os cães de caça.

A filosofia geral do conde de Berkeley era evitar fazer as coisas pela metade, sempre. Ou se envolvia por completo em algo ou não se envolvia. E essa atitude se estendia inclusive ao trato dos animais, dos quais exigia relatórios frequentes e meticulosos sobre seus progressos e comportamentos. À diferença dos treinadores de outros canis, os de Berkeley não tinham permissão para os tradicionais costumes de sangrar os cães antes de começar a caçada nem de lhes dar porto. Não é que fosse um treinamento pouco ortodoxo, simplesmente era conservador e prático. Os cães saíam a passear pelo terreno frequentemente. De fato, alguns dos arrendatários do conde eram remunerados para passear com os animais. Os cães de caça de Berkeley eram uma mescla de *yarborough* e *meynell* e possuíam uma maior velocidade, resistência e superioridade física. Em vista da caçada de Sackville, tinham enviado os cães de caça um dia antes, e já estavam alojados nos canis da propriedade.

A chegada dos condes de Berkeley estava prevista para a última hora da manhã, a tempo de se instalarem em seu aposento e se prepararem para o baile que se oferecia em sua honra esta noite. Sackville e muitos dos convidados se prepararam para receber o famoso casal. Sackville repassara, várias vezes, alguns documentos para se informar a fundo da política e notícias financeiras, pois o conde de Berkeley possuía prósperos negócios, que algum dia competiriam com a Companhia Holandesa das Índias Orientais. Por outra parte, as damas recolhiam intrigas dia a dia para contar a lady Berkeley, que se converteu em uma figura muito popular. Não havia mulher que não imitasse até o último detalhe de seus penteados e vestidos, e todas estavam impacientes por ver o vestuário que a condessa usaria durante o fim de semana.

Enquanto os preparativos eram levados a cabo em Sackville Manor, uma carruagem se movia pela sinuosa estrada de Warwick em Hampshire. A libré dos criados e a parte exterior era de cores azul-marinho e vermelha, tonalidades que se destacavam contra a silenciosa paisagem. O veículo de seis rodas avançava sem pressa pela estrada coberta de lodo e os lamacentos caminhos secundários. Os quatro cavalos negros trotavam com graça por aqueles caminhos vizinhos, puxando o veículo com passo tranquilo. Inclusive o cocheiro

tinha uma aparência irrepreensível, embelezado com abotoadura dourada, uma peruca branca e um chapéu na cabeça. Dois lacaios de escolta e duas donzelas vestidas com o mesmo esplêndido aprimoramento completavam a imagem. As cortinas das janelas da carruagem estavam fechadas para que os dois ocupantes do veículo pudessem desfrutar de certa intimidade. Intimidade que estavam aproveitando a fundo.

— Devia se envergonhar — disse Rosalie, passando a mão pelo dourado pelo que cobria o peito de seu marido. — Por sua culpa tenho o cabelo feito um desastre, os botões abertos e a roupa enrugada. E devemos estar a ponto de chegar em Sackville Manor.

Berkeley esboçou um amplo sorriso, seus traços suavizados pela paixão compartilhada. Era um homem de vontade e temperamento temível, mas nos cinco anos que estavam casados, Rosalie aprendeu que depois de fazer amor, Berkeley sempre estava de muito bom humor. Era em momentos como este que seu marido aceitava muitos de seus planos e petições até contra seu bom julgamento, pois era incapaz de lhe negar algo, quando se encontrava tão extremamente satisfeito. Rosalie achava muito divertido que Rand Berkeley pudesse intimidar os maiores capitalistas da Inglaterra, mas que ela tivesse o poder de fazê-lo dançar na palma da sua mão. E era como devia ser, pensou feliz Rosalie, aconchegando-se contra aquele peito quente.

— E estou envergonhado — respondeu Rand, acariciando-a com seus olhos cor avelã claro e brincando com os cachos negros, que caíam como uma cascata sobre as costas dela. — Passou muito tempo desde a última vez que fiz amor com você em uma carruagem. — Mordiscou-lhe o pescoço enquanto acrescentava; — não se preocupe. Sabe que sempre dou tempo de sobra, para que se arrume antes de chegarmos.

— É muito diabólico, jamais me dá o tempo que preciso — replicou Rosalie começando a se irritar. — Arrumar-me? Sabe tão bem como eu que nunca consigo luzir uma aparência decente depois de fazer amor com você.

— Discordo. Sempre aprovo a aparência que tem.

Rosalie soltou uma risada boba e acariciou as linhas definidas dos lábios de seu marido. Ele apanhou seus dedos entre os dentes brancos

e acariciou as pontas com a língua.

— O caso é que quando me olham, sempre tenho a desconcertante impressão de que todos sabem o que estivemos fazendo.

— *Fleur*, é obvio que sabem. Não sou o tipo de homem que perde o tempo quando está a sós com sua esposa.

— Deus me livre — disse Rosalie com voz rouca. — Sempre ouvi que a paixão entre os casados desaparece depois dos primeiros anos de matrimônio, mas você se mostra, inclusive, mais apaixonado agora do que quando nos casamos. Acredite-me, não é que me queixe e... por que franze o cenho?

— Acabo de me lembrar de Christian. — A expressão de Berkeley se fez menos complacente e franziu ainda mais o semblante. — Pergunto-me se estará bem.

Rosalie tentou ocultar o amplo sorriso que desenhava na boca. Jamais imaginara que Rand Berkeley, em outro tempo um libertino e solteiro contumaz, tornar-se-ia um pai tão amoroso e complacente. Levavam o filho com eles a muitos lugares exóticos e longínquos, e o jovem Christian, com apenas três anos, converteu-se em um veterano viajante e em um menino muito independente. Rosalie sabia que Rand mal suportava a ideia de se afastar dele embora só fosse um fim de semana; não importava o muito que tentasse dissimulá-lo.

— Querido — disse com paciência. — Sempre comentamos o mesmo cada vez que vamos a algum lugar sem ele. Christian está bem, deixamo-lo aos cuidados de um montão de pessoas que farão de tudo para agradá-lo. É como um pequeno marajá e, embora também pense que é um menino maravilhoso, estou de acordo com o que me disseram o outro dia: «está se convertendo em um menino mimado.»

— Quem se atreveu a dizer isso de meu filho? — perguntou Rand com o cenho franzido.

— Isso não importa — disse Rosalie com rapidez, sabendo que qualquer um que se atrevesse a criticar o angélico, peralta e loiro Christian ganharia a animosidade de Rand. Jamais conheceu um pai tão deslumbrado com seu filho. — O caso é, querido, que passa mais tempo com você que com sua babá, e em lugar de fazer o que outros meninos fazem, passa o tempo com você na agência marítima ou visitando os arrendatários. Está aprendendo a imitar você muito bem.

Estará de acordo comigo que tem uma atitude muito ditatorial para um menino de sua idade, não é verdade?

— E que demônios devia fazer para se comportar como outros meninos?

— Bom, suponho que montar em um pônei. Passar um tempo no jardim, ou jogar os jogos de meninos.

— Jogos de meninos — repetiu Rand enigmaticamente.

— Exato.

Rand se moveu com rapidez e a pôs de barriga para cima no assento acolchoado. Inclinando a cabeça, percorreu-a lentamente com o olhar, deslizando seus olhos por aquele rosto doce e vivaz, a sedutora pele nua e os babados franzidos do vestido enrugado. Depois de cinco anos de matrimônio, o amor que tinham era mais forte que nunca. Desde a primeira vez que se viram, nenhum deles tinha olhos para outra pessoa. O amor tinha reformado Rand e satisfeito a vida de Rosalie. Fazia que o lugar mais comum parecesse especial e que o impossível fosse possível. Rand ficou sem fôlego quando sua mulher sorriu. Amava-a com uma paixão que demoraria a acabar: toda a eternidade.

— Eu sim que tenho na mente um bonito jogo para você — informou com voz rouca, enquanto emitia um risinho tolo e tentava se libertar.

— Rand, não se atreva... Não temos tempo.

A mão de Berkeley deslizou com ousadia entre os muitos babados do vestido.

— O que parece isto? Sempre gostou que...

— Tire a mão daí!

Fingiram uma doce briga. Rand riu dos divertidos intentos de Rosalie para escapar dele. Os dois sabiam que depois de um breve conflito, Rosalie deixaria que ele ganhasse. Sempre o fazia.

Na biblioteca respirava-se um ambiente agradável. Alec, Sackville e o dignitário Osbaldeston estavam sentados ao redor de uma mesa de mogno, desfrutando do calor do fogo e da brilhante luz do sol que entrava pelas janelas. Já que a caçada do dia atrasou, os convidados e residentes de Sackville Manor se reuniram em pequenos grupos que conversavam por toda a propriedade. Alec estava de bom humor,

tinha um cálido olhar em seus olhos cinza e um sorriso que não era habitual nele. Reclinou-se na poltrona com uma atitude de profunda satisfação masculina. Era plenamente consciente de que aquela incomum sensação de bem-estar se devia ao ocorrido na noite anterior, e não fazia mais que recordar tudo que experimentou no pequeno aposento da torre.

Tinha sido um inferno abandonar a cálida cama de Mira esta manhã, desenredar do corpo miúdo e magro, quando tudo que desejava era voltar a fazer amor com ela. Mas Mira estava tão exausta que nem sequer se moveu quando a deixou. Alec tinha optado por não despertá-la, não só para que ela descansasse, mas também porque não tinha nem ideia do que dizer esta manhã. No que se referia a Mira, as emoções de Alec eram confusas e frustrantes. Que demônios faria para desenredar a meada que tecera?

— Falkner, ouviu o que acabo de dizer? — perguntou-lhe Osbaldeston, desfrutando de uma taça de porto, apesar de que só eram onze da manhã.

Era um indivíduo corado e musculoso, que rondava os cinquenta, brincalhão por natureza e com voz rouca e ensurdecadora. Era impossível ignorá-lo, pois sua voz correspondia a uma personalidade vigorosa, que não deixava ninguém indiferente.

— Cada palavra — mentiu Alec enquanto estendia uma mão para agarrar na mesa uma folha de papel que foi colocado no colo — Dê-me a pena. — Concentrou-se em recordar as últimas palavras do recente monólogo de Osbaldeston. — Comentou alguns planos que tem para uma nova casa nas suas propriedades...

— O disse é que sou condenadamente infeliz! — explicou o homem. — Um maldito palácio grego! Enormes colunas, estátuas por toda parte. Frio mármore em qualquer lugar que queira colocar minha bunda. E tudo porque permiti que as geniais ideias de lady Osbaldeston me nublassem o sentido comum. Dar-lhe-ei um bom conselho, jovem: jamais faça caso das palavras de sua esposa. Serão mais felizes dessa maneira.

Alec sorriu amplamente, molhando a pena num pequeno tinteiro.

— O estilo grego é muito popular neste momento, Osbaldeston — disse em tom razoável. — O clássico, entretanto, é mais adequado

para escritórios e lugares públicos que para residências privadas...

— Quero viver em uma casa, não em um altar — disse Osbaldeston com gravidade. — Na realidade, os arquitetos trocam de estilo todos os meses, como se as casas fossem adquiridas como chapéus.

— Falkner — interveio Sackville, — mencionei a Osbaldeston que é um arquiteto de talento. Seria capaz de fazer um desenho que agrade os gostos dele e os de sua esposa? Parece que lady Osbaldeston prefere o estilo neoclássico, enquanto que ele se inclina pelas casas de estilo gótico... como esta.

— Mais uma batalha entre o clássico e o gótico — comentou Alec com um sorriso. — Ou inclusive pior, uma batalha entre um bom homem e sua esposa. Osbaldeston, o que pareceria se sua casa tivesse a fachada da frente de um estilo e a de trás de outro? — Os olhos cinza de Alec eram todo inocência enquanto fazia a sugestão.

De repente, o dignitário riu, esquecendo-se de seu mau humor.

— Jovenzinho. Não, desta vez quero que a casa seja desenhada ao meu gosto. Algo quente e confortável como a mansão do regente em York. Ou a mansão Berkeley em Warwick.

— Sim — murmurou Alec, riscando linhas sobre o papel. — Essa última a desenhei.

— Oh, bem, bem — exclamou o dignitário, enquanto se iluminavam os pequenos olhos azuis. — Mas quero que a minha tenha os telhados mais inclinados. E possivelmente janelas de vidraças e corrimões de ferro forjado, o que parece a você?

— Acredito que se sentiria como se vivesse em uma igreja — respondeu Alec, sem levantar a vista do esboço.

A declaração pareceu desconcertar Osbaldeston.

— Oh, demônios, não o tinha pensado.

— Talvez gostassem mais de um estilo neogótico, um pouco mais pitoresco, mas com linhas clássicas. Desta maneira ficariam satisfeitos o seu desejo de comodidade e as expectativas de lady Osbaldeston. Muitas janelas, muitas lareiras, torres redondas, alguns arcos... Um estilo romântico mais simples, mas com bom gosto. Teria as qualidades estéticas de um castelo gótico, mas sem os desconfortos.

Osbaldeston se sentiu intrigado e se levantou para olhar por cima do ombro de Alec o esboço que este tinha feito.

— Pelo rei Jorge! Isso é justo o que quero.

Alec sorriu, terminou o esboço e o ofereceu.

— Esta é a ideia geral — disse Alec.

— Sackville, olhe isto! — exclamou Osbaldeston eufórico.

— Tem um grande talento, Falkner — disse Sackville, meneando a cabeça com admiração ao ver o esboço.

— Já me disseram — replicou Alec.

— E um ego terrível.

— Também me disseram isso.

— Poderia se encarregar deste projeto? — pediu Osbaldeston a Alec, que vacilou antes de responder.

— Se eu não puder, recomendarei alguém que fará um magnífico trabalho para você. Adoraria me encarregar do projeto, mas temo que não disponho de muito tempo...

— Que não dispõe de muito tempo? — repetiu Osbaldeston com o cenho franzido. — Mas como?

— Quero me concentrar em outras tarefas.

— Como quais? — seguiu indagando Osbaldeston.

Alec encolheu os ombros ligeiramente, e esboçou um sorriso enigmático.

— É possível que me dedique a procurar esposa.

— Esposa? — disse Osbaldeston, e Sackville se endireitou em sua poltrona com uma expressão de surpresa. — Meu bom amigo — continuou, — é uma tarefa pouco aconselhável nesta época do ano. É difícil cortejar as damas no inverno, pelo clima e... bom, confie em mim. Não procure esposa na baixa temporada. Espere a primavera, quando chegará uma nova leva de moças bonitas. As mais cobiçadas da temporada já foram monopolizadas este ano.

— Agradeço o conselho — disse Alec educadamente, com a risada aparecendo em seus olhos. — Mas há vezes em que um homem não pode esperar ver cumpridos seus desejos. E neste momento não me agrada passar o próximo inverno dormindo sozinho entre os lençóis frios.

— Então — interveio Sackville com um sorriso zombador, — assegure-se, Falkner, de escolher uma mulher que tenha inclinação por esquentar seus lençóis e não as de outro homem.

— Farei isso — disse Alec muito sério. E logo guardou silêncio.

Mira se deteve na porta da biblioteca antes de chamar. Sabia que Sackville tinha conversado durante mais de duas horas com alguém. Mas acabava de ver a figura corpulenta de Osbaldeston abandonar a biblioteca e possivelmente agora podia dispor de uns minutos em privado para falar com Sackville. Depois de passar a manhã pensando nos Berkeley, decidiu comunicar a Sackville que provavelmente teria que partir antes do previsto. Se sua presença fosse intolerável para eles, Mira iria neste mesmo dia, pois não desejava lhes infligir dor. Parecia justo avisar Sackville de sua repentina ida, embora ainda não soubesse que razões daria.

— Adiante — ouviu que dizia Sackville, e abriu a porta com cautela.

Imediatamente, Mira percebeu seu engano. Sackville não estava sozinho. Alec também estava na biblioteca sentado diante de uma pesada mesa de madeira e vestido com calças cinza-pérola, camisa estilo pirata e botas Hessian. Lentamente, ele levantou a cabeça, e seus olhos cinzentos brilharam com ardor quando a olhou.

— Perdão — disse Mira a Sackville, começando a retroceder. — Não sabia que estava reunido...

— Por favor, não se desculpe — disse Sackville imediatamente, agarrando-a pelo braço e a fazendo entrar no aposento. — Estava conversando com Falkner. Mas estou seguro de que tampouco se importará com uma interrupção tão agradável.

— Absolutamente — disse Alec com suavidade.

— Depois de tudo — continuou Sackville, deslizando o braço ao redor de sua cintura, — é um velho amigo e já conhece a verdadeira natureza de nossa relação.

Mira teve que fazer um esforço para não ficar vermelha como um tomate. Voltou os olhos com rapidez ao rosto impassível de Alec, e ele assentiu ligeiramente com a cabeça. Mira juraria que inclusive parecia divertido pela inconsciente exatidão das palavras de Sackville. Mas quando este a estreitou contra seu corpo, Mira observou que Alec apertava os lábios em uma linha tensa. E quando Sackville moveu seus grossos dedos para acariciar sua cintura, Alec parecia um homem que esqueceu o que era diversão. De repente,

Mira sentiu uma explosiva tensão no ambiente e franziu o cenho com inquietação.

— Milorde — disse a Sackville, — queria falar com você em privado. Mas é melhor vir mais tarde, agora o deixo e...

— Está muito bonita esta manhã — declarou Sackville, adotando seu papel. — Uma bela imagem, formosa como uma flor.

Inclinou a cabeça para beijá-la na comissura dos lábios. Mira ficou paralisada e enojada. Já era intolerável que a beijasse qualquer homem que não fosse Alec, mas que ele estivesse diante dela observando tudo era pior.

— Por favor, lorde Sackville — disse com rigidez.

Em resposta à evidente reticência de Mira, Sackville se mostrou brincalhão, abraçando-a com mais força.

— É a mulher perfeita — disse a Alec. — Sabe quando brincar e quando ser carinhosa. Um homem não se aborrece nunca com uma mulher como ela.

Alec não respondeu e adotou uma expressão inescrutável enquanto Mira tentava escapular de Sackville, sem conseguir. — Lorde Sackville — disse. Este não deixava de acariciar sua cintura, e se aproximava perigosamente da curva de seu seio. «O que quer provar?», pensou Mira a ponto de se voltar louca.

— Nem imagina os surpreendentes pensamentos que há nesta cabecinha — comentou Sackville, piscando para Alec que, entrecerrando os olhos, seguia a mão que seu amigo deslizava pela lateral do corpo de Mira. — Nunca diria apenas ao olhá-la o incrível talento que tem para...

— Por favor! — gemeu Mira, ruborizando-se quando Sackville acariciou a curva do quadril.

Alec não suportou mais.

— Desenterrar raízes de mandrágora? — perguntou. A contundente pergunta foi feita em um tom casualmente suave. Alec ficou em pé lentamente, lançando um suspiro quase imperceptível, quando a mão de Sackville abandonou o corpo de Mira. A bÍlis que subia pela garganta ao observar como outro homem a tocava arrefeceu levemente, mas Alec ainda tinha que conter o impulso de separá-la de Sackville. — Não é necessário que siga interpretando

este teatro na minha frente. Sei tudo. Absolutamente tudo.

Tanto Sackville como Mira cravaram os olhos nele como se não pudessem acreditar no que estavam ouvindo. Logo, Sackville se voltou para Mira com um olhar aturdido em seus olhos azuis.

— O que lhe disse?

Mira se obrigou a sustentar o olhar, sentindo-se uma traidora.

— Sinto-o — sussurrou.

— Confiei em você! — disse Sackville com voz áspera, com o rosto retorcida em uma careta de dor.

— Sim, eu sei. N-não sei o que dizer.

— Não queria dizer — interrompeu Alec em voz baixa. — Obriguei-a.

Sackville não se incomodou em olhar Falkner. Continuou com os olhos fixos em Mira, com a face contraída e a respiração entrecortada.

— Disse a ele. Prometeu-me que não diria a ninguém. Sabia o quanto era importante para mim que ninguém soubesse. Depois de tudo que fiz por você, depois de acolhê-la em minha casa em vez de jogá-la de volta às ruas. — retumbou a voz de Sackville. — Mentirosa desleal. Não é suficientemente boa nem... para pisoteá-la. Decepcionou-me. Por Deus, devia matá-la.

Mira se desequilibrou e abaixou a cabeça. No tapete viu se elevar a sombra de um braço para golpeá-la. Foi incapaz de se mover enquanto via como o braço começava a cair. Fechou os olhos e esperou durante uma fração de segundo o golpe e a dor que seguiria.

Em um rápido movimento, Alec segurou o pulso de Sackville, apertando os dentes enquanto exercia a força necessária para o conter. Alec se surpreendeu com a força que tinha seu amigo.

— Meu Deus — disse Alec segurando o pulso, enquanto fixava os olhos no punho trêmulo de Sackville. — Ia golpear a uma mulher, sabe quanto dano podia fazer? É uma jovem muito pequena. — Os olhos cinzentos do duque mostravam compaixão, surpresa e uma fúria sem limites. — Podia... — interrompeu-se e olhou a cabisbaixa cabeça de Mira e a delicada estrutura de seu queixo. Por um momento, a boca de Alec secou e não pôde falar.

Mira levantou o olhar para ele.

— Como pôde? — perguntou com a voz trêmula. — Jamais deveria

ter contado a você, mas nunca imaginei que o utilizaria contra ele. — Embora sua voz soasse vazia, não pôde ocultar a dor e a raiva que havia em seus olhos.

A charada tinha terminado.

«Foram três», pensou ela. Traiu Sackville ao contar seu segredo a Alec, que por sua vez traiu a confiança que ela depositara nele, e Sackville traiu aos dois: a ela, por obrigá-la a mentir a todo mundo e a Alec, porque sabia que algo estava surgindo entre eles.

— Não pude me conter — sussurrou Sackville com a voz trêmula pela tensão e confusão. — Não sabia o que fazia. Estou arruinado. — Entrecerrando os olhos observou Alec e Mira desconcertado, assustado e bastante afetado.

— Servirei uma taça — disse Alec, obrigando Sackville a se sentar em uma cadeira. — Mira, vá. Falarei mais tarde com você Mira fugiu da sala sem pensar duas vezes, e sem olhar a direção que tomavam seus pés. Saiu pela porta principal e desceu voando as escadas com a intenção de se dirigir ao bosque onde não havia ninguém, nem palavras duras, nem dor. Só uma bendita paz e solidão. Necessitava de um lugar para se refazer, para descansar.

Quando pôs o pé no caminho de cascalho, Mira se deteve em repentina confusão. Encontrava-se sob a sombra de uma carruagem recém-chegada. Os cavalos escoiceavam com impaciência, enquanto lacaios muito bem vestidos descarregavam a bagagem do veículo. Um homem alto de cabelo dourado que lhe parecia familiar estava de costas, falando com um cocheiro com peruca. Outro lacaio ajudava uma mulher a descer da carruagem, que Mira percebeu que tinha parado diante dela. De algum jeito soube quem era, e com uma profunda sensação de irrerealidade, Mira olhou o rosto da mulher, encontrando-se diante um par de olhos azul violeta que só poderiam pertencer a uma pessoa. E seu coração parou de bater em seu peito.

Foi justo nesse momento que se deu conta do que Rosalie Berkeley foi para ela: irmã, amiga, mãe. Rosalie era totalmente diferente dela, aberta e sincera, vulnerável e carinhosa. Rosalie não tinha medo de admitir que necessitava das pessoas, e animava-as a que a necessitassem com a mesma franqueza. Inclusive Guillaume se deslumbrou com ela o quanto podia, claro. Rosalie era o tipo de

mulher que parecia incapaz de albergar um mau pensamento de ninguém. Era tudo o que Mira desejava ser.

Recordava Rosalie como uma moça de uma beleza incomum, que sorria e se ruborizava com facilidade, de fisionomia serena, sincera e ingênua. Mas a mulher magra que apareceu na sua frente era surpreendentemente bela, uma encantadora criatura que irradiava confiança e segurança. Pusera um vestido de seda de cor água-marinha e branco, com mangas adornadas com gaze. O corpete verde contrastava com o branco puro da saia. Levava o cabelo castanho afastado por um diadema também de gaze, que revelava um perfeito rosto ovalado, cujas maçãs estavam mais marcados que cinco anos atrás. Rosalie parecia mais mulher e mais sofisticada. E a doçura inata de sua face estava embaçada pela emoção que lhe provocava esse encontro.

— Recordo uma juvenzinha — disse Rosalie, levantando a mão, — não mais alta que isto. — Logo secou as lágrimas que apareceram em seus olhos. — Mireille... Não acredito que seja você. Quando chegou à Inglaterra?

Mira vacilou e observou Rosalie com um olhar atormentado.

— Eu... — Mira se deteve ante o som de sua própria voz e logo se obrigou a continuar. — Vejo que Monsieur Berkeley a encontrou. Sentime... sentime muito feliz quando me inteirei de que se casaram.

Rosalie levou uma mão ao rosto, apertando a têmpora em um gesto vulnerável, antes de voltar a olhar Mira.

— Estamos há cinco anos a procurando. Por que não se pôs em contato conosco?

— Porque pensei que não queriam me ver.

Rosalie soltou uma risada afogada e meneou a cabeça.

— Levamos anos tentando localizá-la. Ficava louca de preocupação cada vez que pensava em você.

— Mas Guillaume... O que fez... Sabia que me odiariam pelo que lhes fez.

— Era só uma menina, uma menina assustada. Rand e eu jamais a culpamos. Nunca, Mireille. Sempre a consideramos uma amiga, sobretudo eu. — e sussurrou. — Jamais a culpamos por nada.

Mira se pôs a chorar e Rosalie se aproximou para abraçá-la.

Sentindo-se como se fosse a menina que fora cinco anos antes. Mira afundou a face no ombro coberto de seda e chorou sem poder se conter. Rosalie era a única coisa boa que houve em seu passado. Não tinha casa, nem família, nem amigo a quem recorrer, mas de repente, os Berkeley estavam ali, e eram reais como nada mais tinha sido.

— Mireille — disse Rosalie, dando-lhe tapinhas nas costas ao perceber que Mira não chorava de alegria mas sim de confusão e tristeza. — Por favor, não chore mais. Já não há razão para chorar. Está a salvo. O que é que quebrou seu coração?

— Tudo está mal — soluçou Mira, sem poder se controlar. Pensou em Alec e as lágrimas afloraram com mais força. — Fiz tudo errado. Agora já não posso remediá-lo...

— Não chore — consolou-a Rosalie com voz maternal. — Nada pode ser tão grave. Nós ajudaremos a resolver qualquer problema.

— Não podem. — Mira inspirou. Estava a ponto de explicar tudo quando levantou o olhar e viu o rosto moreno de Rand Berkeley. Seus olhos de cor avelã eram tão ferozes e penetrantes como sempre. Estremeceu de medo e ficou paralisada de terror. — *Monsieur* — disse com voz rouca, esperando que uma nuvem de raiva escurecesse aqueles traços bonitos. Mas ele não parecia zangado. De fato, tinha uma expressão amável, enquanto falava com aquela suave e ressonante voz que recordava tão bem.

— Mireille Germain. Por todos os demônios. — Uma mão enorme pousou sobre o ombro de Mira em um gesto quente e forte. Em seguida, já que Mira parecia incapaz de falar de maneira racional, deu palmadas breves no seu braço e olhou sua esposa. Sempre preocupado com o bem-estar de Rosalie, Rand decidiu afastar as mulheres dos olhares curiosos dos lacaios e dos espectadores cada vez mais numerosos. — Rose, por que não falam dentro da carruagem? — sussurrou no ouvido de Rosalie. — Sobretudo, averigua que diabos faz em Sackville Manor. E o que é mais importante ainda, pergunte-lhe onde...

— Perguntarei sobre Guillaume mais tarde — murmurou Rosalie. — Aconteceu-lhe algo terrível, Rand, e quero ajudá-la, não interrogá-la. Mais tarde teremos tempo de perguntar por seu irmão.

Berkeley estava a ponto de rebater suas palavras, já que seu

principal interesse era localizar Guillaume Germain, mas ver os olhos embaçados de lágrimas de Rosalie era demais para ele. Resmungando baixo, assentiu com a cabeça e as ajudou a subir na carruagem. Depois virou para lançar um olhar assassino à mansão e viu a figura escura e pouco visível de um homem em uma das janelas no andar térreo, um homem que observava a cena do caminho fixamente, com os dedos curvados como garras contra o vidro.

Rosalie desceu da carruagem uns minutos mais tarde. Com um sorriso, agarrou a mão que seu marido estendia para ajudá-la a descer, mas em seu rosto havia uma expressão preocupada que não podia ocultar. Ambos estavam tão sincronizados que podiam ler os pensamentos e emoções à perfeição, e só precisavam se olhar nos olhos para estabelecerem uma discussão privada sem palavras. Com passo lento, afastaram-se uns metros do veículo.

— Ainda não posso acreditar nisso — sussurrou Rosalie e Berkeley teve que inclinar a cabeça para ouvi-la. — Depois de cinco anos, por fim a encontramos.

— Seria mais correto dizer que foi ela quem nos encontrou — murmurou Rand.

Rosalie encolheu os ombros com impaciência.

— Não é o momento para entrar em uma discussão dialética, Rand.

— Nem tampouco o lugar, querida. Incomoda-me profundamente que falemos de nossa vida privada aqui fora, para a diversão dos convidados de Sackville. Não seria melhor manter esta discussão em nossos aposentos na mansão?

— Ainda não — respondeu Rosalie, enlaçando seu braço com o dele e o olhando com preocupação. — Tudo isto é um pouco confuso. Bom, na realidade é normal que esteja confusa, tendo em vista os acontecimentos da última meia hora. É tão estranho olhar o rosto dessa jovem mulher e ver os olhos de Mireille. Dá-se conta de que já tem a mesma idade que eu tinha quando nos conhecemos?

Berkeley negou com a cabeça distraidamente.

— De algum jeito seguia imaginando-a como uma menina.

— Não sabe quantas vezes durante os últimos anos pensei nela, perguntando-me onde estaria.

— Igual ao que fiz com o irmão dela — respondeu Berkeley

sombriamente. — Disse a você onde está?

— Querido, não falamos de Guillaume. Está tão alterada que mal consegui compreender algo do que disse. — Rosalie agarrou seu braço com mais força e pôs a outra mão em cima em um gesto automático. — Não sei muito bem o que ocorreu, mas sim que passou algum tempo em Londres quando chegou na Inglaterra. — estremeceu antes de continuar. — Mal posso suportar pensar em... Mireille ali nesse...

— Inferno — concluiu Berkeley, deixando de lado sua predileção por concluir suas frases de uma maneira mais distinta.

— Exato. Mas... Rand, a situação é ainda mais complicada. Há algo mais que tenho a dizer.

— Escuto-a.

— Acredito que foi amante de lorde Sackville durante os últimos dois anos. Não é que me confessou o fato, mas...

— Oh, Deus — resmungou ele.

Rosalie se ergueu como uma galinha protegendo os seus pintinhos. — Rand Berkeley, nem ocorra dizer uma palavra a respeito — sussurrou com rapidez. — Fez o que tinha que fazer. E sabe tão bem como eu que já estive na mesma posição. Por acaso não recorda que fui sua amante durante três meses antes de nos casarmos?

Rand se sobressaltou, e levou a mão para tampar sua boca.

— Não pode comparar aquilo com isto — disse ele. — Em primeiro lugar, não tinha o dobro da idade...

— Não vejo o que tem a ver a idade com tudo isto.

— Vejo, Rose, que quando convém, tem um código moral do mais ambíguo.

— Por favor, milorde — disse Rosalie franzindo o semblante, — só tento fazê-lo compreender como pode ser a vida para uma mulher só e desamparada. Uma vez estive nessa mesma situação e estava morta de medo. De algum jeito, Mireille conseguiu sobreviver, mas isso lhe tem feito mal...

— Mal? A que se refere? — Apesar de sua conduta mundana, Berkeley era um homem compassivo, e o tom suave de sua voz revelava quão preocupado estava.

— A verdade é que ainda não sei, mas está claro que Mireille

necessita descanso e cuidados. Era uma menina extremamente confiante, e agora não é capaz nem de me olhar nos olhos. Parece tão desanimada e desesperada, que me preocupa profundamente. De fato, está tão desgostosa que se nega a retornar à mansão. Não sei como vamos tirar suas coisas dali.

— Espera. Não tão depressa. O que quer dizer? De que coisas fala?

— Rand — disse respondendo — ajudou-me tanto na França. Foi minha única amiga, quando mais necessitava de uma. Cuidou-me quando estava doente, e agora gostaria de devolver o favor.

— Está me dizendo que quer que retorne a Warwickshire conosco? — perguntou com ar resignado.

— Há cinco anos não se importava — recordou Rosalie. — Não recorda que me disse que podia viver conosco?

Berkeley elevou o olhar ao céu.

— Maldição, não esquece de nada... Sim. A oferta ainda segue de pé.

Rosalie apertou sua mão.

— Oh, adoro você!

— Antes de que me cubra com palavras de afeto, advirto-a de que penso interrogá-la com respeito a Guillaume.

— É obvio, meu querido marido.

— Acredito que fui muito indulgente com você ultimamente — queixou-se Rand, encantado com o radiante sorriso que o brindou. — Não sei nem para que me pede permissão.

— Pois tenho que pedir uma coisa mais. Posso levá-la a Warwickshire agora?

— Agora? — repetiu Rand, franzindo o cenho com verdadeiro desgosto. — E perderemos a caçada?

— Não sei o que mais fazer com Mireille. Não quer ficar nenhuma noite mais em Sackville. Além disso sabe que não gosto de caçada, e muito menos da maioria das mulheres que há aqui, cuja companhia teria que suportar.

— Dá-se conta do que parecerá se der a volta e retornar à casa me deixando aqui sozinho?

— Em primeiro lugar, se de verdade desse importância ao que as pessoas pensam, não teria se casado comigo — disse Rosalie com

suavidade, acariciando com os dedos o dorso da mão, aplacando sua ira como só ela podia fazê-lo. — Sabe que me aterroriza a ideia de dormir um par de noites sem você e que esperarei com impaciência sua volta. — Ficou nas pontas dos pés para sussurrar ao seu ouvido. — E, assim que chegue, prometo recompensá-lo por tudo isto.

— Como? — perguntou Berkeley, indo direto ao ponto como era seu costume.

Ela sorriu lentamente antes de sussurrar as palavras corretas. Suas promessas obtiveram a resposta esperada, pois ele não voltou a discutir.

Capítulo 7

Rodeado por frondosos bosques e grutas naturais, Berkeley Hall parecia fazer parte de uma fantasia. Resplandecia em Warwickshire como um diamante esculpido. Parecia suspenso entre a terra e o céu, com seus arcos abobadados e suas altas ameias cuidadosamente distribuídas, que desapareciam entre as nuvens. As janelas de arcos no formato de trevo e os pilares estriados davam à construção um ar alegre. Quando dois lacaios ajudaram Rosalie e Mira a sair da carruagem e as escoltaram até o vestíbulo, Mira descobriu que o interior da casa era ainda mais belo que o exterior, com chãos de mármore amarelado importado de Siena, brilhantes painéis de mogno, corrimões de bronze e retratos luxuosamente emoldurados.

— Lady Berkeley! — exclamou com alegria uma corpulenta mulher, que parecia ser a governanta, aproximando-se delas. Seguiam-na duas criadas, uma das quais parecia pesarosa. — Retornou antes do previsto.

— Sim, senhora Grayson — disse Rosalie. — Houve mudança de planos porque... — fez uma pausa e franziu o cenho ao observar o rosto manchado de lágrimas de uma das criadas. — Minha mãe, Nell, por que chora?

— Temos um problema de disciplina — disse a senhora Grayson com seriedade. — Nell prefere tagarelar e fofocar durante todo o dia, em vez de fazer seu trabalho.

Apesar de Mira ter seus próprios problemas, observou os ombros caídos da criada e quase sorriu com simpatia. E parece que Rosalie também sentiu uma pontada de lástima, pois sua voz era muito suave ao falar com a jovem.

— Acreditava que já tivesse solucionado isto na última vez que falamos sobre seus costumes, Nell. Ocupar-me-ei de você assim que acompanhe a minha convidada ao seu quarto.

— Sim, senhora — falou a garota, lançando um olhar triunfante à governanta.

Mira descobriu mais tarde que, embora a senhora Grayson fosse uma governanta eficaz, era Rosalie quem em realidade dirigia Berkeley Hall. Encarregava-se dos inúmeros problemas que surgiam e tomava todas as decisões, empregando todas as artimanhas de um experiente diplomata para manter os serviços satisfeitos e em boa harmonia. Jamais se exaltava, participava ativamente de diversos projetos beneficentes, se relacionava com vizinhos e parentes, passava muito tempo com seu filho e se ocupava de todas as necessidades de seu marido. E, mesmo que sua jornada fosse, em algumas ocasiões, longa e difícil, jamais dizia uma palavra mais alta que outra, e suas maneiras eram sempre suaves e amáveis. Como conseguia fazer tudo aquilo sem nenhum esforço aparente?

A maioria dos empregados e arrendatários de Berkeley sempre procurava primeiro Rosalie para que se encarregasse de seus problemas, já que todos sabiam que não era só compassiva e compreensiva, como também tinha a virtude de influir sobre seu marido como nenhuma outra pessoa. Os convidados e familiares que passavam tempo em Berkeley também solicitavam seu tempo e atenção, desfrutando de sua companhia e procurando monopolizá-la tanto quanto possível. Tudo às costas de Rand Berkeley e com suma discrição, pois bem sabiam que era um marido muito ciumento e protetor, e que alguma coisa que alguém solicitasse a sua esposa o irritava profundamente. Deixara muito claro que ele era a primeira responsabilidade de Rosalie e não suportava que ninguém se atrevesse a interferir no tempo que passavam juntos.

Nesse momento, um laçao e outras duas criadas se aproximaram de Rosalie, tratando de falar de uma vez.

— Mireille, sei que está exausta — disse Rosalie, sem parecer alterada pela pequena multidão que se concentrou diante delas. — Perdoa o alvoroço, — dirigiu um significativo olhar ao grupo de criados que seguia reclamando sua atenção, — mas tenho que me ocupar de alguns assuntos. Você gostaria de tomar uma xícara de chá quente enquanto me encarrego deles?

Rosalie ordenou a uma gordinha e bonita criada que pedisse o chá, e conduziu Mira a uma salinha. No caminho, foi assinalando diversas figuras de esfinges aladas e grifos que lhes sorriam e franziam o

cenho das molduras do teto.

— Isto é precioso — disse Mira, depois que Rosalie a conduziu a um aposento belamente decorado, com delicado estuque e mármore rosado.

Aproximaram-se de umas cadeiras de brocado junto a uma lareira com as laterais adornadas fazendo jogo com as gravuras douradas das paredes. Rosalie sorriu amplamente diante do elogio.

— Obrigada. Pouco depois de nos casar um conhecido nosso, o duque do Stafford, desenhou-nos a casa.

— Alec Falkner? — gaguejou Mira, sentindo-se repentinamente presa naquela casa que pareceu tão encantadora um minuto antes.

— Ouviu falar dele? — perguntou Rosalie, aproximando-se da janela para endireitar uma das cortinas.

— Sim — disse Mira fracamente. — Veem-no frequentemente? É um amigo íntimo?

— Não realmente — respondeu Rosalie, com um olhar pensativo e o semblante ligeiramente franzido, enquanto considerava a pergunta.

— Bom, suponho que sim é um amigo, depois de tudo, não só desenhou a casa, mas além disso, mantemos muito boas relações com toda a família Falkner. As poucas vezes que vi lorde Falkner pareceu extremamente educado e cordial, e Rand também gosta dele, mas... não deixa de me resultar um pouco inquietante. Não sei como explicá-lo, é um homem muito cortês, mas mesmo assim... — Franziu a testa com rapidez e trocou de tema, brindando Mira com um sorriso alegre. — Bom, de todas maneiras, não acredito que se encontre com ele aqui.

Mira assentiu com incerteza.

— Milady...

— Preferiria que me chamasse Rosalie.

— Rosalie, pois. Gostaria de agradecer por me convidar a ficar aqui. Agradeço-lhe muitíssimo e adoraria aceitar sua hospitalidade. Mas temo que não poderei ficar muito tempo.

— Mireille, não pense agora em quando irá — Rosalie se apressou em dizer. Logo sorriu e continuou com sua serenidade habitual. — Dentro de umas semanas chegará o inverno e muitos dos membros da família Berkeley se alojarão conosco. Como pode observar é uma casa

muito grande e tem um excelente sistema de calefação, que atrai muitos parentes e amigos durante os meses de clima mais rude. Eles constituem uma companhia interessante, assim, embora não possa garantir que descanse muito, posso prometer uma estada entretida. Não será nenhum aborrecimento, já que um convidado a mais ou a menos não fará diferença alguma para nós, e além disso quero que fique comigo. Ajudou-me uma vez quando estava doente e necessitava de amigos. Não me prive de recompensá-la por sua bondade.

— Não acredito — disse Mira lentamente, com um olhar afligido em seus olhos castanhos — que me deva nada. Acredito que nunca poderei esquecer o que ocorreu na França. T-traí você...

— Mas não consciente nem voluntariamente — insistiu Rosalie. Logo mordeu os lábios e dirigiu um olhar preocupado à porta. — Falaremos disso mais tarde, quando estiver descansada e eu não ande tão escassa de tempo. Por agora, só quero dizer o feliz que me faz permanecendo aqui. Ah, está aqui Mary com o chá. Volto em seguida.

Rosalie saiu com um farfalhar de saias, mas o suave aroma de seu perfume permaneceu muito tempo na sala.

Mira se sentou em uma cadeira estofada em brocado e pegou uma xícara de chá, olhando os formosos jardins através das janelas. Mesmo que a luz do sol pudesse descolorir as vivas cores do tapete e dos móveis com o tempo, Rosalie sempre insistiu em deixar que o sol entrasse em todas os ambientes. Era um costume que Mira recordava dos dias passados na França. A maioria das pessoas preferia a semi-obscuridade e manter as cortinas fechadas, mas Rosalie não deixava que ninguém ditasse suas preferências.

Assim, foi Alec quem desenhou Berkeley Hall, refletiu Mira, sentindo uma intensa curiosidade a respeito. Conhecendo-o, não a surpreendiam os toques de fantasia que amenizavam o pouco que tinha visto da casa, como os grifos do corredor ou os armários ocultos desta mesma sala, decorados com aves chinesas, ou o cristal de espelho que emoldurava as janelas. Sorriu ligeiramente ante a ironia da situação. Escapou de Alec para acabar se refugiando num lugar que foi criado por ele.

Sabia com exatidão por que Alec provocava essas sensações em

Rosalie, que a mesma não sabia explicar. Rosalie estava acostumada aos homens sinceros como Rand Berkeley, não aos que diziam uma coisa, mas queriam dizer outra. Alec era um homem muito intenso para que Rosalie se sentisse à vontade em sua companhia, era muito bonito, muito imprevisível, muito perceptivo. «Qualquer mulher que o ame é completamente idiota», pensou Mira. Enquanto se recriminava em silêncio, uma lágrima rolou por sua face e caiu no chá. Logo a seguiu outra, e deixou a xícara na bandeja para procurar um lenço.

— Não mais lágrimas por hoje — disse uma voz da porta, e voltou a cabeça para encontrar o cálido olhar de Rosalie.

— Já terminou? — perguntou com voz suave, deixando de procurar o lenço.

— Consegui adiar os problemas de menor importância para mais tarde. Disse aos empregados que temos uma convidada muito especial, que ficará aqui indefinidamente, a quem deverão tratar como uma rainha.

— Sou a última pessoa da Inglaterra a quem deveriam tratar como uma rainha — disse Mira amargamente, colocando mais açúcar no chá e revolvendo-o nervosamente, até muito depois que houvesse dissolvido. — Não sabem quem ou o que sou...

— Sei — disse Rosalie com voz terna. Seus olhares se encontraram e o inquieto movimento da colherinha de Mira se deteve bruscamente. — Guillaume contou ao Rand muitas coisas faz cinco anos... antes que nos separássemos. Sei de sua mãe. E conheço sua educação e seus antecedentes.

— Sabe? — Mira ficou paralisada pelo assombro. — Sabe e mesmo assim me pediu que fique com você?

— Oh, Mireille. — Rosalie se sentou em uma cadeira próxima, alisou as saias com gesto automático e cruzou as mãos sobre o colo. Sua expressão era compassiva e carinhosa, e um pouco divertida. — Desde o dia em que nasci pensei que era filha de um padeiro e uma governanta... que era uma criada. Quando fui ficando mais velha, tive que trabalhar duramente em algumas ocasiões, esfreguei e poli o chão, soube o que era receber ordens. Mas quando tinha sua idade, descobri que era o produto de um amor secreto entre uma mulher da

nobreza e o dândi mais famoso do mundo...

— Beau Brummell?

— Sim, Brummell. — O sorriso de Rosalie se voltou melancólico. — É meu pai. Mas descobri que ser sua filha não era distinto ou melhor que ser a filha de um padeiro. Fossem meus pais quem fosse... ainda era a mesma mulher. Agora as pessoas me veem como lady Berkeley, e alguns não poupam reverências, outros murmuram sobre meu obscuro passado, mas a maioria deles jamais imaginaria que uma vez subi as escadas com baldes de carvão para as lareiras, temendo que me puxassem as orelhas por não ser suficientemente rápida. E se as coisas mudaram de uma maneira tão radical para mim, também podem mudar para você.

— Mas uma coisa é ser filha de um padeiro e outra, o que eu sou — Mira se obrigou a dizer as palavras com a cara branca como o papel, — a filha de uma prostituta. — Jamais o havia dito antes em voz alta. — Isso me converte no mais baixo...

— Não o diga. — Os olhos azuis de Rosalie cintilaram, e de repente, seu rosto pareceu estar esculpido em marfim. Logo acrescentou com uma lentidão significativa: — Não quero que volte a dizer jamais algo assim. Não por mim, nem pelo Rand, mas sim por você. Seu futuro depende disso, entende?

Mira negou com a cabeça, intimidada pela repentina severidade que transformava a expressão de Rosalie.

— Não, temo que não a entendo. Não tenho nenhuma classe de futuro.

— Tem um futuro maravilhoso — corrigiu-a Rosalie com determinação. — Assegurar-me-ei de que assim seja. — Continuou falando em um tom mais suave ao se precaver do crescente desconcerto de Mira. — Eu me encarregarei de tudo. Temos que atuar com suma discrição. Acredite, sou toda uma autoridade a respeito de como sobreviver a um escândalo. Os dois primeiros anos depois que Rand e eu nos casamos..., bom, é uma história muito longa. Durante os próximos meses descansará aqui enquanto as fofocas sobre sua relação com Sackville desaparecem.

— Não acontecerá.

— Acontecerá sim. As fofocas só são interessantes quando são

novas. Acabarão por desaparecer. E quando o fizerem, e todos as esqueceram, eu a converterei numa mulher diferente.

— *Sang de Dieu*, o que quer dizer? — perguntou Mira totalmente horrorizada. — Não pode fazer isso!

— Claro que posso. Converteremos você na pupila de Rand. Mireille Germain, uma jovem tímida que se criou na França com uma respeitável e antiga família francesa que cedeu a custódia de sua protegida a Berkeley junto com um muito atrativo dote.

— Não tenho dote.

— É obvio que o tem. Encarregar-me-ei disso.

— Não o aceitarei. Além disso, há centenas, milhares de maneiras pelas quais as pessoas podem descobrir minha verdadeira história.

— Ainda recordo a fantástica atriz que foi. Será tão convincente que ninguém duvidará do que tem diante de seus olhos.

— E o que acontece com as pessoas que me viram em Sackville Manor? — perguntou Mira com desespero. — Recordar-me-ão, e todos sabem que não procedo de uma respeitável família francesa.

— Este é um problema menor.

— É um problema enorme!

— Rand nos ajudará a alinhar uma boa história. E convencerá Sackville de que não a desminta. Rand sabe ser muito persuasivo.

— Há outro problema — disse Mira com voz rouca, pensando em Alec, no seu olhar quando sorria, em seus lábios beijando-a meigamente. Não queria nenhum outro homem, só ele, e só de pensar em pertencer a outro era insuportável. — Não quero me casar. Nem com um limpador de chaminés nem com o rei da Inglaterra, nem com nenhum outro. Assim não vale a pena tanto esforço, nem as mentiras, nem as histórias, nem nada que ajude a encontrar um marido. Não quero me casar.

— O quê? — perguntou Rosalie assombrada. — É obvio que quer! Não quererá ficar sozinha toda a vida, verdade?

— Sim, quero. Quero estar sozinha.

— Não, nem pensar. Pode pensar assim neste momento, mas sabe que não é certo — insistiu Rosalie. Estava a ponto de exortar à sua protegida sobre os problemas de ficar sozinha, mas ao ver a expressão obstinada na face de Mira, deixou-os para outro momento. — Não

falemos agora sobre isso. —disse com um sorriso. — Enquanto descansa, disporei de vários meses para convencê-la do quanto necessita de um marido.

— Não mudarei de ideia.

— Parece cansada. Por que não tira um cochilo durante um par de horas? Enquanto aproveito para estar com Christian.

— Não sei se poderei dormir — disse Mira inquieta. — Tenho muitas coisas nas quais pensar.

— Pensa só nisto — disse Rosalie, ficando em pé e a olhando carinhosamente. — Assim que leve aqui uns dias, começará a ver as coisas de outra maneira. Recorda como era alegre e vivaz? Jamais conheci ninguém que vivesse a vida com tanta energia como você.

— Quão único recorde é que sempre estava metida em confusões —disse Mira.

— Isso, ao menos, não mudou.

Era impossível combater o implacável otimismo de Rosalie. Mira sentiu que se animava um pouco quando sua amiga a conduziu até um encantador dormitório decorado com cortinas azuis e brancas, e móveis de nogueira e carvalho. Os vestidos que trouxe de Hampshire já estavam pendurados no armário de pau-rosa e seus acessórios colocados cuidadosamente numa cômoda de gavetas estilo Carlos II. Mira brincou distraidamente com os puxadores das gavetas da cômoda enquanto observava o restante do aposento. Havia um jogo de escovas com cabo de marfim em cima de uma penteadeira estilo rainha Ana, e uns frascos de estanho pintados com figuras chinesas em cima do suporte da lareira. Não era difícil dormir num quarto tão agradável como aquele, e Mira despertou um par de horas depois com uma estranha sensação de paz. Com a ajuda da tímida e gordinha criada que servira o chá antes, trocou de roupa e escovou o cabelo embaraçado, recolhendo seus espessos cabelos negros em uma rede para cabelo adornada com pérolas.

Logo passeou com Rosalie e Christian pelos formosos jardins, desfrutando do ar frio de outubro e da incansável vitalidade do filho de Rosalie. Christian era o menino mais encantador que Mira jamais tinha visto. Tinha o cabelo loiro e os olhos verdes, a carinha redonda e as pernas gordinhas. Vestido com uma singela camisa e calças,

corria a toda velocidade de um lado a outro enquanto as duas mulheres percorriam os caminhos do jardim, interrompendo-as em ocasiões com perguntas e observações sinceras.

— É muito inteligente para ter só três anos — disse Mira depois que Christian recitou o nome de todos os tipos de folhas que estava recolhendo, e Rosalie riu com deleite.

— Isso é o que diz seu pai. E, por desgrça, Christian é um Berkeley dos pés à cabeça.

— E é mau ser um Berkeley dos pés à cabeça?

— Pressagia um grande número de problemas — disse Rosalie, levantando a mão num gesto indefeso e sorrindo com ar resignado.

— Os Berkeley são muito temerários e entre seus antepassados se encontram salteadores de estradas, incendiários, arruaceiros e... Não tenho a menor dúvida de que Christian seguirá a tradição familiar.

— Mas lorde Berkeley é um homem muito responsável — assinalou Mira.

— É graças à minha influência.

— Observei o muito que o matrimônio o mudou — disse Mira, pensando naquele longo verão na França. Berkeley fora mais jovem, mais brusco e irritável cada vez que tinha que se separar de Rosalie.

— Especialmente desde que nasceu Christian — disse Rosalie, olhando com olhos brilhantes como seu filho brincava de correr de um lado a outro. — Este menino fez vir à luz um aspecto de Rand que não tinha visto antes. Tornou-se mais acessível, mais terno... — Rosalie esboçou um amplo e travesso sorriso. — Estava acostumado a intimidar a maioria das pessoas de uma maneira terrível.

Como se ainda não o fizesse.

— Recordo-o — disse Mira secamente.

— Mas agora, Rand e eu estamos mais unidos do que nunca sonhei que podíamos estar. Ouvindo minhas amigas falar das dúvidas e preocupações sobre a fidelidade e a falta de confiança de seus maridos, sei que jamais terei esses temores.

— É muito afortunada — comentou Mira com suavidade, e enquanto olhava o menino que ia à frente sentiu uma pontada de desejo pela classe de amor e segurança que Rosalie descreveu.

— Você terá o mesmo algum dia — disse Rosalie.

Mira deu de ombros, ocultando suas emoções com um sorriso forçado.

— Possivelmente — disse sem se comprometer, sabendo que se negava a declaração, sua amiga daria outro sermão.

— Conheceu algum homem que...? Bom, apaixonou-se alguma vez?

Mira vacilou antes de responder. Não queria mentir a Rosalie, mas havia coisas que não podia contar a ninguém. O fato que Alec Falkner tinha sido seu amante sempre seria um segredo.

— Sim — murmurou.

— Lorde Sackville — disse Rosalie, franzindo a testa, perplexa.

— Não posso dizer nem que sim nem que não.

— Mireille, se for lorde Sackville — disse Rosalie com suavidade, — acredito que neste caso era mais como um pai para você que outra coisa. — Interrompeu-se com inquietação e suspirou. — Suponho que não devia dar opinião sobre algo que sei tão pouco. Mas asseguro que o amor de verdade só surge entre duas pessoas que têm muito mais em comum do que têm lorde Sackville e você.

— Sei o que é o amor de verdade — disse Mira suavemente enquanto as lembranças cruzavam sua mente como um relâmpago: Alec a sustentando contra seu largo peito nu, seus olhos faiscando com picardia ou ardente fúria, ou simplesmente sérios. Recordava aquela vulnerabilidade que ocultava de todo mundo. A expressão contida e faminta que às vezes aparecia em seu rosto quando a olhava. «Oh, Alec (sussurrou seu coração com desespero), por que permitiu que o deixasse?». — Embora meus sentimentos não fossem correspondidos — obrigou-se a continuar — amei tão profundamente que não fica nada para oferecer. Não posso amar mais ninguém desta maneira, seria impossível.

— É muito jovem para dizer tal coisa — disse Rosalie. — Sabe no que acreditam os ciganos? Que os homens e as mulheres são metades de uma só unidade que foi cortada e separada, e que vagamos em busca de nosso companheiro de alma, este a que estamos destinados. Se seriamente estiver apaixonada por Sackville...

— Não disse que é Sackville...

— Se seriamente estiver apaixonada por este homem — corrigiu

Rosalie — o destino fará com que estejam juntos. E se não, seu companheiro de alma estará ainda aí fora, esperando-a em algum lugar.

— E estará me esperando na próxima temporada?

— Sim — disse Rosalie, renda-se. — Com certeza aparece depois de passar um inverno frio, comprido e solitário.

— Solitário? — repetiu Mira. — Não, não acredito que seja um inverno solitário para ele.

Em meio de sua angústia sentiu uma repentina pontada de ira, e tentou se aferrar a ela. A ira era uma emoção muito mais saudável que a pena e, possivelmente, se tivesse sorte, podia se converter em indiferença. Jamais superaria totalmente seus sentimentos por Alec Falkner, mas encontraria a maneira de sobreviver.

— Quer tomar o café da manhã, milorde?

— Obrigado, mas não.

Georgiana Bradbourne, a recente condessa viúva de Helmsley, cruzou descalça o aposento para a mesinha onde pusera a bandeja do café da manhã. O aroma amargo do café flutuava no ambiente. A mulher serviu com ágeis movimentos, sustentando com graça entre suas mãos brancas a cafeteira de prata e as xícaras de porcelana chinesa. Enquanto a observava, Alec refletiu sobre o esmero com que aquela mulher realizava tudo, quer fosse dançar, paquerar, servir o café ou fazer amor. Não havia surpresas em Georgiana. Inclusive seu corpo, claramente visível através do robe semitransparente que pusera, era suave e normal, sem marcas de nascimento nem manchas que danificassem sua pele aveludada. Tinha uma conversa agradável, pois raramente discutia, preferindo sempre se mostrar de acordo com ele. A maioria dos homens se sentiriam abençoado se possuísse o afeto de lady Bradbourne, uma mulher que quase beirava a perfeição. Alec fitou a fisionomia ligeiramente sombria, dando-se conta de que a infinita perfeição de Georgiana começava a aborrecê-lo. Endireitou-se e apoiou os ombros contra a cabeceira dos painéis da cama, recolhendo a borda do lençol que deslizava pelos quadris.

— Não suba o lençol — disse Georgiana, sorrindo e se aproximando para sentar na borda da cama enquanto tomava o café. Gosto de olhá-lo.

Era uma mulher formosa, uma loira voluptuosa de pele pálida e régias maneiras.

Sabendo o que esperava dele, Alec agarrou a mão livre e a levou aos lábios, depositando um beijo no centro da palma.

— Como sempre, a perspectiva de abandonar sua cama é algo terrível para mim — disse e deu um sorrisinho. — Como sempre, não quero que vá. Pode ser que seja um malnascido sem princípios, mas é um amante maravilhoso.

— Espero que a função tenha atendido suas expectativas — murmurou Alec, em um tom que provocou que o sorriso felino de Georgiana vacilasse um instante.

— Espero que tenha sido mais que uma relação — disse ela. — Quando estamos juntos, sinto-me muito mais perto de você do que... nunca me senti com meu marido. Sabe como chegar ao meu coração e à minha alma. Cada vez que fazemos amor, sinto como se pertencesse a você.

Alec a olhou com os olhos cinzentos entrecerrados. Georgiana era uma boa atriz. Parecia falar com sinceridade com aquele rosto suave e cândido. Mas havia algo mais em sua expressão: uma atitude expectadora que traía seus pensamentos. Decidira que queria ser a esposa de Alec, mas não por amor como queria fazê-lo acreditar. Era de conhecimento público que suas dívidas iam aumentando, que os credores chamavam à sua porta. Se esperava que se declarasse, estava perdendo mais tempo do que podia permitir uma mulher na sua posição. Embora seu rosto e sua figura fossem atrativos, logo começaria seu declínio devido aos rigores de seu indulgente estilo de vida. Bebia muito, e passava muito tempo em festas e salões de jogos, algo que já fazia antes da morte recente do marido ancião.

— Georgia — disse com suavidade, usando um diminutivo que ela não toleraria em mais ninguém. — Por que não deixa que pague suas dívidas?

— Eu... — pareceu alarmada ante a sugestão. — Eu... não entendo por que aborda este tema, querido.

Tomou um sorvo de café, e fechou os olhos enquanto engolia.

— Deixemos de jogos — disse Alec com voz baixa. — Rechaça meus presentes pela mesma razão pelas quais não permite que salde

suas dívidas..., porque você gosta de imaginar que é algo mais que minha mantida.

— Não sou sua mantida! — exclamou Georgiana ficando em pé. — Sou sua amante.

— Georgia, não desejo nem preciso me casar com ninguém — esclareceu com firmeza. — Chama-o como quer, mantida, amante ou amiga, mas não troca os fatos, nossa relação não vai ser mais profunda. Em outras palavras, as coisas não vão mais longe do que já foram, assim pode se aproveitar da situação, já que jamais receberá a proposta de matrimônio que deseja. Nunca será a duquesa de Stafford, mas pode se beneficiar por ser minha amante. Estou disposto a ser generoso com você...

— Por favor. Por favor, não diga isso — disse, enquanto os olhos azuis claros nublavam. — Não compreendo o que...

— Não servirá de nada recorrer às lágrimas — disse Alec, com um pingo de brincadeira na voz. — Sou insensível a elas.

— Bastardo.

As lágrimas de crocodilo de Georgiana desapareceram imediatamente, e o brindou com um olhar frio enquanto se aproximava da penteadeira e sentava para escovar o cabelo. Alec sorriu cinicamente, sustentando seu olhar no espelho.

— Por fim aparece a genuína Georgia — comentou. Seus sólidos ombros ondularam quando dobrou os braços detrás da cabeça. — E me parece mais interessante que nunca.

— Isso é porque é o tipo de homem que só deseja mulheres que o desprezam. Não gosta que sejam amáveis com você.

— Gosto que a pessoa se mostre tal e como é — replicou Alec, baixando os cílios grossos para ocultar a expressão de seus olhos. — Gosto de gente franca. É difícil encontrar uma mulher que não finja na cama.

— Todas o fazem — informou Georgiana laconicamente, passando a escova pelo cabelo loiro. — Os pobres estúpidos não gostam tal como somos. Gostam de ter uma virgem cada vez.

Alec sorriu amplamente.

— Deus me guarde das mulheres que fingem ser virgens quando não o são... Ou pior ainda, das damas — disse, e o sorriso desapareceu

de seu rosto como se uma desagradável lembrança cruzasse pela cabeça. — Ante a autêntica experiência, as imitações deixam muito a desejar.

— Em quem está pensando? Em uma virgem de verdade ou em uma dama de verdade? — perguntou Georgiana, trazendo-o de volta ao presente com sua voz aguda.

— Em ambas — disse Alec, passando a mão pelo peito com ar distraído. Levara o medalhão Falkner no pescoço durante tanto tempo que ainda não se acostumou com sua ausência. — Ainda não respondeu a minha pergunta. Quer que salde suas dívidas ou não?

— Pagar umas contas ridículas é tudo que me oferece? — perguntou com voz sedosa, e Alec pôs-se a rir.

— Pelo que ouvi, distam muito de ser ridículas. Mas não me importo de pagar como presente por sua maravilhosa...

— Esmeraldas.

— Diamantes — corrigiu Alec brandamente, esticando-se e ficando em pé. — Não vale as esmeraldas, Georgia, embora deva admitir que esta manhã foi mais divertida.

— Possivelmente possa convencê-lo do que valho — disse. Aproximou-se lentamente dele, com o olhar cravado nas linhas firmes e nuas do corpo de Alec. — Em uns minutos suplicará que aceite as esmeraldas.

De uma maneira tentadora, Georgiana deixou cair o robe. Os olhos cinzentos de Alec se deslizaram pensativamente por seu corpo nu. Ao cabo de um momento, sorriu com despreocupação e lhe deu um beijo na testa com uma facilidade que a enfureceu.

— Acabou-se, Georgia. Não voltarei a visitá-la. Mas obrigado pelo convite, é agradável saber que você desejam um.

— Bastardo — disse pela segunda vez, encolhendo os ombros e dando-lhe as costas. — Ficarei com os diamantes então.

As terras de Berkeley estavam cobertas por mesas, dispostas com uma enorme quantidade de comida, como Mira jamais viu em sua vida. Os presuntos assados chegavam da cozinha e eram cortados e servidos e, uma multidão de pessoas se reunia em torno dos pudins, pães e demais acompanhamentos. Depois de passar um mês com os Berkeley, Mira se acostumara, finalmente, a esta maneira de fazer as

coisas em grande estilo, mas, mesmo assim, estava impressionada pelo grande número de convidados no evento, que se concluiria com uma exibição de fogos de artifício ao cair da noite. Era uma festa para os inquilinos da propriedade, para os moradores das aldeias vizinhas e também para os membros da nobreza local desfrutarem da comida, da bebida e da diversão.

— Deve haver mais de mil pessoas aqui — disse Mira assombrada, colocando as mãos na manga de penas de cisne para resguardá-la da brisa fresca que açoitava suas faces.

Rosalie sorriu, saudando com a cabeça as pessoas que passavam a seu lado pela grama.

— Cada ano parece que há mais — admitiu Rosalie. — Mas como poderíamos deixar alguém de fora? A maioria destas pessoas são aldeãos que trabalham muito duro todos os dias do ano. Oxalá pudesse lhes oferecer algo mais que este pequeno momento de prazer.

— Ouvi muitas pessoas comentarem quão generosos são lorde Berkeley e você. Seus arrendatários devem ser os mais bem alimentados e felizes da Inglaterra.

— Rand gostaria de fazer mais por eles. Está considerando reclamar ao rei Jorge seu posto no Parlamento. Ou isso, ou encontrará um distrito para representar. Agora que a companhia naval se encontra bem e não requer sua presença constante, precisa procurar novos rumos. Alegar-me-ei quando se envolver mais na política, pois isso distrairá sua atenção de meus pequenos segredos.

Mira dirigiu a Rosalie um olhar de curiosidade.

— Tem segredos dele? Pensava que não tinham segredos um para o outro.

— Seriamente? Bom, certamente seria muito aborrecido. Não, Rand não conhece todas as minhas atividades, e espero que nunca o faça. Não quero que deixe de acreditar que é ele quem tem o comando.

— E, exatamente, o que...? — começou a dizer Mira, logo se interrompeu com uma risada abafada. — Não, melhor não perguntar.

— Contarei a você se prometer que jamais o dirá a ninguém. — Rosalie deu uma olhada ao seu redor para se assegurar de que

ninguém as estava escutando e logo baixou a voz até a converter num sussurro. — Sabe que Brummell, meu pai, está há alguns anos exilado na França. Contraiu tantas dívidas com apostas e jogo que não as podia pagar, e depois que o rei Jorge retirou seu apoio, deveria acabar no cárcere de devedores. Embora tenha muitos amigos ricos e poderosos na Inglaterra, Brummell tem péssima cabeça para dinheiro e não sabe como se controlar. Insiste em comprar só o melhor, e esbanja loucamente. E para piorar a situação, seu orgulho o impede de aceitar meu dinheiro.

— Que horrível deve ser não poder ajudar alguém a quem se quer.

— Sim, mas o orgulho de um homem é algo frágil. Em alguns aspectos, os homens são mais fracos que as mulheres. — Rosalie suspirou. — Por várias razões, meu pai e meu marido não se gostam. Quão único têm em comum é que nenhum dos dois reconhece meu parentesco com Brummell. Mas apesar de que existam boas razões para ignorá-lo, ele é meu pai! Meu pai natural. E não posso esquecer, não importa se Rand gosta ou não.

— Claro que não — murmurou Mira.

— Assim, em segredo, encarreguei-me de resolver alguns dos problemas financeiros de Brummell. Por exemplo, pagamento anônimo daquelas faturas que não podem despertar as suspeitas de Rand ou do próprio Brummell.

— E o que passa com a família de Brummell? Se dispõe de dinheiro, por que não o ajudam?

Rosalie franziu a testa, meneando a cabeça com desgosto.

— Toleravam-no enquanto era rico e influente, mas agora é só uma vergonha para eles. Gostam de fingir que não existe e, é obvio, que eu tampouco existo. Assim não se incomodam em ajudá-lo. — Um suave sorriso curvou os lábios de Rosalie. — Mireille, isto que vou contar é um segredo, mas meu pai já veio duas vezes à Inglaterra para me ver às escondidas, só durante umas horas. Reuni-me com ele sem que meu marido soubesse. Rand proibiria o encontro.

— Sem dúvida não — protestou Mira, com a certeza de que Berkeley não negaria à sua esposa nada que desejasse de verdade.

— Bom, possivelmente não — concordou Rosalie depois de pensar por um momento, — mas sei que insistiria em me acompanhar, com

o que só conseguiria piorar as coisas. Imagine como seria falar com Brummell, que sempre está alterado por algo, estando Rand do lado nos olhando com uma carranca.

— Entendo o que quer dizer — disse Mira, e ambas sorriram com ironia.

— A razão pela qual conto a você — continuou Rosalie, — é porque ontem pela manhã recebi notícias de Brummell. Parece que chegará a Inglaterra dentro de uns dias, e certamente esta será sua última visita. Quer falar com seu advogado sobre uns recursos secretos que tem em Londres, e também quer falar com um editor sobre um livro que está escrevendo sobre moda e vestuário. É um reconhecido perito no tema e possivelmente os ganhos da venda do livro o ajudem a cobrir suas dívidas e gastos.

— E como pensa em se reunir com ele sem que lorde Berkeley saiba?

— Como das vezes anteriores. Direi a Rand que vou visitar minha mãe que vive numa casa em Londres. Mas desta vez, prefiro não ir sozinha. Você se importaria...?

— Adoraria acompanhá-la — disse Mira.

O rosto de Rosalie resplandeceu de felicidade.

— Que feliz me faz! Obrigada. Adorará conhecer Brummell, asseguro-o. — Fechou os olhos por um instante, como se tentasse conter uma esmagadora onda de excitação. — Logo verei meu pai — sussurrou, como se quisesse se convencer que era certeza. — Morrerei de felicidade. Passou tanto tempo desde a última vez que o vi. Deve pensar que é estranho que queira tanto uma pessoa que apenas conheço — disse com voz fraca.

— Absolutamente — retrucou Mira, apartando o olhar e mordendo os lábios. — Absolutamente.

Depois de uma agradável, mas não menos memorável ceia em Bedford House, os convidados se retiraram para o salão de baile onde havia duas pequenas orquestras. Depois de pôr fim à sua relação com lady Georgiana Bradbourne, Alec era considerado oficialmente o solteiro mais cobiçado de Londres, e era a inconveniência de tal posição que o fazia se sentir mais incômodo conforme avançava a noite. Não podia olhar ao redor sem perceber os insistentes olhares

das mulheres. Não se viu envolto em nenhuma conversa que não incluísse temas proibidos como sua vida amorosa, suas intenções sobre alguma mulher ou seus futuros planos de matrimônio. Evitando o tema o melhor que pôde, Alec começou a se perguntar se seguiriam acoossando-o desta maneira durante o restante do inverno.

— Será ainda pior quando começar a temporada — misturou-se uma voz em seus pensamentos e Alec se voltou para encontrar com o claro e inteligente olhar de lorde Melbourne.

— Explique-se, por favor — disse Alec, permitindo que um débil sorriso curvasse os lábios.

Simpatizava com Melbourne por sua franqueza e sua risada fácil. Melbourne era um estadista que sempre dizia o que pensava, mas de uma maneira tão encantadora que inclusive quando suas opiniões não eram do agrado dos outros, respeitavam-no e tratavam-no com afeto. A ação e a honradez poucas vezes estiveram juntas numa mesma pessoa.

— Está acabado — comentou Melbourne laconicamente, agitando a mão enluvada com elegância. — Assim que chegue a primavera, estará perdido. Lançar-se-ão sobre você como os arpões de pescadores sobre uma baleia abatida. Aposto toda minha fortuna que dentro de um ano estará casado.

— Será melhor que arrisque sua fortuna em uma causa mais nobre — disse Alec com os olhos faiscantes de risada. — Não tenho intenção de me casar ainda.

— Meu querido amigo, não terá outra alternativa. Nenhum homem pensa em se casar, mas mais cedo ou mais tarde, acabamos fazendo. Maldição! Eu mesmo não pensava em me casar, mas uma manhã despertei e descobri que a mulher que dormia ao meu lado era minha esposa.

— E foi assim que terminou o agradável sonho de solteiro, não? Um belo dia despertou e já estava casado.

— Exato — disse Melbourne, a ponto de acrescentar algo mais olhou atrás de Alec. Pareceu ficar gelado. — Oh, meu Deus — disse brandamente, com o semblante carregado. — Quem é? Pensei que...

Alec virou e olhou com rapidez o homem que acabava de entrar. Apertou os dedos em torno da taça de porto que sustentava, e logo

voltou a concentrar sua atenção em Melbourne, que pareceu se recuperar com rapidez.

— É Carr Falkner. Que chega tarde, como sempre — disse Alec adotando uma atitude relaxada embora seu olhar seguia sendo duro. — Acaba de chegar de uma longa viagem pelo exterior. É o irmão mais novo de Holt, acredito que tenha vinte e dois anos.

Melbourne assentiu com a cabeça, ruborizando-se levemente. A semelhança entre Holt e Carr o surpreendera, e muito, Melbourne, já que era um homem que estava acostumado a manter a compostura em toda ocasião.

— Conhecia seu primo — disse Melbourne com voz baixa, — mas não os demais membros da família. Não sabia que tinha um irmão mais novo que se parecia tanto com ele.

— Carr jamais frequentou Londres. Sempre preferiu permanecer no campo ou encerrado em seus estudos — disse Alec aborrecido. — Até agora.

— Não se aborreça — aconselhou Melbourne com suavidade. — Completou uma idade em que todos os jovens querem experimentar as tentações da vida: mulheres, jogo...

— Acredito que suas razões para vir a Londres são mais complicadas que estas — disse Alec, recordando o frio e aflito rosto do jovem Carr no dia que enterraram seu irmão. Igual ao próprio Holt quando tinha vinte e dois anos, a mudança gradual no comportamento de Carr passou de uma tranquilidade natural a uma imprudência temerária. A mesma imprudência de Holt. — Temo que Carr está tratando de seguir os passos de seu irmão.

— De propósito?

— Não sei — admitiu Alec, tensionando os ombros ao ouvir a risada de Carr.

Era a mesma risada de Holt. E quando se dedicava a fazer palhaçadas com o mesmo sorriso torcido que seu irmão, recordava tanto Holt que Alec não podia evitar sentir um golpe de raiva e dor.

Quando era menino, Carr sempre fora um pirralho peralta, muito querido por toda a família, com seus grandes olhos verdes e seu encantador sorriso. Um pequeno peralta com cara de anjo. Holt e Alec viram mais de uma vez seus planos frustrados e seus segredos

revelados pelo incômodo costume de Carr de escutar às escondidas e repetir o que ouvia. Ao crescer, Carr se converteu em um estudioso, algo pouco surpreendente considerando sua prodigiosa memória e sua habilidade para repetir tudo o que ouvia. Agora já não era um menino, mas Alec recordava o matreiro e pouco confiável que tinha sido o irmão mais novo de Holt, e duvidava que Carr tivesse mudado muito. E se havia algo que Alec odiava eram os homens nos quais não podia confiar.

— Vejo que se aproxima com a clara intenção de falar com você — disse Melbourne, e Alec curvou a boca em um meio sorriso.

— Pergunto-me para quê. — Deus era testemunha de que não tinham tido muito o que dizer nos últimos anos, nem sequer no enterro de Holt.

— Olá, Alec — disse Carr enquanto se detinha na frente deles, estendendo-lhe a mão com ar resolvido.

Depois de umas rápidas apresentações, Melbourne deu um passo para trás e os olhou com inquietação.

— Agora devo dançar com minha esposa antes que recrimine a minha falta de atenção — disse passando o olhar de um Falkner ao outro com evidente diversão. — Alegro-me de havê-lo conhecido — disse a Carr, logo se voltou para Alec com um sorriso sardônico e o saudou com a cabeça. — Desejo a você toda a sorte do mundo.

— Obrigado — disse Alec, observando pensativamente Melbourne enquanto se afastava, sabendo por que aquele cavaleiro se alterou tanto. Havia bastante semelhança física entre Alec e Carr, pois ambos possuíam os traços distintivos dos Falkner. Igual a ele, Carr tinha o cabelo negro como azeviche, uma testa larga, a pele morena, as maçãs do rosto delgadas, e a mandíbula forte. Mas os olhos de Carr eram de um tom verde-escuro em vez de cinza como os seus, e era um pouco mais baixo. Mostrava uma graciosa elegância da qual ele carecia. — Parece que está muito bem — comentou Alec, sem perder um detalhe do novo aspecto de seu primo. Cortara as rebeldes mechas do cabelo negro, e sua roupa, em tons branco e negro, estava feita sob medida. Não parecia o mesmo menino que passava o tempo entre montanhas de livros.

— Não esperava menos — disse Carr com voz arrastada, imitando

o acento de um dândi. — Esta roupa custou uma fortuna como bem sabe.

— Que tal a viagem? — inquiriu Alec laconicamente, e Carr ficou sério imediatamente.

— Agradável. Não, tolerável. — Seus olhos verdes-escuros sustentaram o olhar de Alec, e um breve brilho de desespero iluminou seu olhar. — Foi uma merda — concluiu. — Tenho que falar com você.

— Conte seus problemas a outra pessoa — disse Alec com suavidade. — Sabe tão bem como eu que não nos damos muito bem e que não sou considerado a pessoa mais compassiva da família.

— Não, é obvio que não — interrompeu-o Carr com vacilação, como se perguntasse por que se aproximou de seu primo. — Mas é o único que pode me compreender.

Consciente de que eram o alvo de muitos olhares, Alec vacilou e logo assentiu brevemente com a cabeça.

— Se estiver disposto a arriscar que alguém nos ouça...

— Ninguém está suficientemente perto para escutar — disse Carr, percorrendo o local com o olhar antes voltar a olhar seu primo.

— Fale.

— A viagem foi um asco. Apesar de ter todas as paisagens e sons do continente aos meus pés, não era capaz de me concentrar em nada. Não ouvia nada. Não podia dormir. Todas as noites pensava no mesmo e me voltava louco. Todas estas perguntas sem resposta estão me matando pouco a pouco.

— Holt? — perguntou Alec com suavidade, e Carr assentiu com a cabeça.

— Sim... Holt. Podia aceitar sua morte, de tivesse uma razão para ela. Mas não havia nenhuma, não existe uma explicação para o que aconteceu e por que se... — Carr se deteve e se obrigou a falar com mais serenidade. — Preciso saber por quê. Tenho que averiguar quem... Por que me olha dessa maneira?

— Está sendo muito sincero. Pergunto-me se seriamente o é ou se só está atuando.

— Atuando! Por que custa tanto acreditar que me importava com meu irmão?

— Porque o conheço, e sei como eram as coisas entre Holt e você. Raramente eram sinceros um com o outro.

— Não podia falar com ele — disse Carr com um olhar franco. — Sentia-me muito impressionado com ele. Você não sabe como era realmente minha vida; todo mundo falava do quão perfeito era Holt, enquanto que eu era um zero à esquerda que nunca conseguia estar à sua altura. Mas queria a meu irmão, e tenho que averiguar quem o matou ou será algo que me perseguirá durante o resto de minha vida. Ao menos tenho que tentar, ou nunca encontrarei paz. Não sabe o que foram estes últimos meses...

— Sei — interrompeu Alec. Havia uma nota de rudeza em seu tom que silenciou imediatamente seu jovem primo. — Mas não há pistas. Nenhum rastro a seguir.

— Podemos buscá-las.

— De verdade acredita — perguntou Alec friamente — que vamos conseguir algo com tudo isso? Faz como eu e aceita o ocorrido.

— Não posso — disse Carr tristemente. — Alec, é a única pessoa que pensei que me ajudaria a procurar o assassino de Holt. Acreditava que Holt importava tanto a você como a mim.

— Maldição — disse Alec com um olhar furioso. — Segue me falando dessa maneira, filhotinho, e acabaremos esta conversa lá fora. Holt era mais meu irmão que seu. Outro comentário como este e saio aos murros com você. Acabará indo daqui com o rabo entre as pernas.

— Sinto-o — disse Carr, abaixando a cabeça.

Aquele gesto era tão similar ao de Holt quando estava arrependido que Alec afastou o olhar e apertou os dentes.

— Maldição! — repetiu.

— Esqueça o assunto por agora — disse Carr. — Vou à taberna de Goodman. Estarei ali até altas horas da noite. Se quiser se reúna comigo mais tarde, comprarei umas cervejas para me desculpar. Não devia abordar o assunto desta maneira.

Alec não respondeu, manteve uma expressão neutra enquanto Carr se afastava. Deixando a taça do porto em uma mesa, olhou a toalha sombriamente enquanto as lembranças irrompiam em sua mente: Holt entrando no escritório de Alec sem avisar, tão amável como sempre era quando estava meio bêbado.

— Sou eu, seu primo mais responsável e trabalhador — anunciava Holt, depositando uma garrafa de genebra sobre os documentos que estavam em cima da mesa de Alec.

Depois de observar como o círculo de álcool se mesclava com a tinta, Alec tinha olhado para os olhos brilhantes de Holt com fingida irritação.

— Se veio procurando dinheiro, não tenho.

— Que me condenem se vier por isso, mas não, não vim por dinheiro — informou Holt com altivez, agitando o dedo da mesma forma que o tutor severo que ensinara matemática a eles. — Vim para resgatá-lo de suas obrigações, antes que sua mente se resseque como todos esses papéis. Vou encontrar uma mulher para você. — Agarrando a garrafa de genebra, Holt tomara um bom gole antes de acrescentar. — Necessita de uma mulher, uma como minha Leila. Pensa, possivelmente Leila tenha alguma amiga que...

— Dane-se se necessito de sua ajuda para encontrar uma mulher — dissera Alec, esboçando de repente um amplo sorriso e deixando a pena sobre a mesa. Pegou a garrafa de genebra e tomou um gole. — Encontrarei a minha própria mulher esta noite, uma que fará que Leila pareça saída da carreta de um vendedor de pescado.

— Hahaha — rira Holt com satisfação, dirigindo-se à porta e a abrindo com um gesto diferente. — Só pela honra de Leila, vou chutar sua bunda, mas quando estiver sóbrio. — Dissera, esboçando um sorriso torcido que revelava seu estado de embriaguez. — Por agora não corre perigo.

Alec suspirou, voltando para presente quando a orquestra começou a tocar uma polonesa. Deu-se conta que necessitava com desespero de outro copo. Ou uma mulher. Ou algo que apagasse de sua cabeça aquelas lembranças. A culpa o envolvia com força, envolvia-o até deixá-lo entorpecido pela pressão. «Não pode fazer que retorne», disse, e se sobressaltou pela brusca pontada de solidão que o embargou. Ele estava vivo e Holt morto, e não podia fazer outra coisa que seguir em frente com sua vida. Mas sabê-lo, não aliviava sua dor.

De repente se lembrou de Mira e foi incapaz de tirá-la de seus pensamentos. Aqueles olhos escuros e brilhantes, de seu riso, seus

dedos o acariciando e massageando seus ombros, deslizando por sua pele numa doce e suave carícia. Sua boca se movendo embaixo da dele, seus lábios se abrindo para receber os seus. O tato aditivo de seu corpo, a paixão que só ela podia provocar e satisfazer com tal profundidade. Precisava voltar a abraçar aquela pequena figura e enterrar o rosto em seu cabelo. Mira podia ajudá-lo a esquecer a dor. Mas Mira não era dele. Abandonara-o, e ele se convenceu naquele momento que era melhor deixá-la ir. Não acreditara que a necessitaria tanto... e ainda seguia sem poder acreditá-lo.

Talvez, refletiu Alec com mau humor, devesse se reunir com Carr na taverna. No momento, uns quantos copos bem valiam o esforço de suportar a companhia de Carr. Endireitando os ombros e passando a mão pelo cabelo negro, começou a abrir espaço entre a multidão que se agrupava nas laterais do salão de baile.

E foi justo neste momento que Alec viu algo que provocou tremores de reconhecimento. De costas para ele, havia uma mulher com escuras mechas de cabelo confinadas cuidadosamente numa rede adornada com joias, que brilhavam sob as luzes resplandecentes do lustre. Estava sozinha e parecia esperar que alguém trouxesse uma taça de vinho ou um aperitivo. Detendo-se em seco, Alec cravou os olhos nela com uma mescla de repentina surpresa e furioso desejo. Embora não visse seu rosto, sabia que tinha que ser Mira. Era a única que recolhia o cabelo daquela maneira. Estava mais magra do que recordava, sua figura era agora menos voluptuosa, mas dava no mesmo. Sentia tal ardente desejo por ela que nada mais importava, salvo que estava ali e que ia abraçá-la, falar com ela, tocá-la de novo. Queria arrastá-la a algum lugar escondido nos jardins próximos, estreitá-la entre seus braços e esmagar-lhe os lábios com os seus, sem se incomodar em perguntar por que estava ali, nem com quem tinha vindo ao baile, aproximou-se dela em duas largas pernadas.

— Desculpe — disse e, quando a mulher se virou, o desejo de Alec se converteu imediatamente em desencanto. Não era Mira. Seu rosto era mais fino, seus traços menos marcados, suas sobrancelhas mais arqueadas. Inclusive apesar de sua decepção, Alec se deu conta de que era uma mulher atraente; possuía uns suaves olhos azuis e um sorriso convidativo, mas não tinha a beleza incomparável de Mira.

Seus olhos não brilhavam com a mesma inteligência vivaz, nem sua boca se curvava no mesmo provocador sorriso. Era uma réplica imperfeita da mulher que desejava. — Por favor, desculpe meu atrevimento — disse, enquanto o fogo de seus olhos se desvanecia com rapidez. — Temo que a confundi com outra pessoa.

— Que horror — disse a mulher com um sorriso e um ligeiro acento na voz. Evidentemente pensava que queria conhecê-la mas que não encontrou ninguém que a apresentasse da maneira correta.

— As mulheres não gostam de serem confundidas com ninguém. Fere nossa vaidade.

Alec esboçou um sorriso ao reconhecer seu acento. Francês, de origem aristocrática. Voltou a sentir um ligeiro interesse.

— É um engano que não voltarei a cometer — disse, baixando para ela seus olhos prateados.

— E por que não? — respondeu ela, agitando os cílios enquanto o observava.

— Porque jamais esqueceria um rosto tão formoso como o seu — disse, e ela soltou um riso.

— Não estou segura de acreditar.

— Então não me acredite — disse Alec, brindando-a com um sorriso que certamente acelerou o coração da dama, — limite-se a dançar comigo.

Não era Mira, mas parecia o suficiente.

— Como aprendeu a conduzir um fáeton? — perguntou Mira, agarrando-se com firmeza às almofadas do assento do veículo.

Era uma carruagem aberta, e o vento úmido e frio de outubro batia no seu rosto, enquanto Rosalie conduzia o cavalo castanho com rapidez pelas ruas de Londres. Rosalie segurava as rédeas com mão firme, inclinando-se para frente a fim de controlar melhor o cavalo enquanto as rodas voavam pelo meio-fio. Supunha-se que só os jovens temerários conduziam fáetons, não as damas bem-educadas como Rosalie.

— Não é tão difícil — respondeu Rosalie, assoprando uma mecha de cabelo que tinha caído sobre os lábios. — Quando Rand e eu passeamos por Warwickshire, deixa-me tomar as rédeas quando ninguém nos observa. Nem tenho que dizer que não sabe que

também o faço quando estou sozinha.

— Ainda me assombra que sua mãe não mencionou que saímos sem escolta nem lacaios...

— Sabe que isso tem a ver com Brummell e não se atreve a interferir. Embora não seja minha mãe natural, criou-me e sempre soube quanto desejava ter um pai. Agora que descobri quem é, crê que me impedirá de vê-lo ou fazer qualquer outra coisa, sabendo quanto desejei conhecê-lo?

— Este fáeton é dela? — perguntou Mira, segurando o capuz da capa com mais força para que o vento não o baixasse, a pesada vestimenta era feita com um tecido impermeável de lã, seda e pele de camelo.

— Quase. O certo é que pertence ao barão Winthrop, o homem que... né... paga a roupa e a casa de minha mãe... Já sabe.

— Oh.

Mira refletiu sobre a informação durante vários segundos. Não era de estranhar, pensou com ironia, que Rosalie não se sentiu escandalizada ao pensar que fora amante de lorde Sackville. Quando a própria mãe estava em uma posição similar, era difícil lançar a primeira pedra.

— Já chegamos. The Savoy Stairs — anunciou Rosalie, puxando as rédeas para frear o cavalo.

Estavam à beira do Tâmis, onde a água balançava brandamente e emergia um fedor repugnante. Mira virou a cabeça para olhar as ruínas do castelo próximo. Os muros tinham pelo menos meio metro de largura.

— Por que Brummell quer que nos reunamos neste local? — perguntou com expressão de repugnância, tremendo ligeiramente.

— Pedi que nos encontrasse aqui. É mais conveniente para ele, já que tem que passar por aqui para ir a Threadneedle.

— Este lugar deixa muito a desejar — observou Mira com inquietação. — Não é essa a rua pela qual vamos a Strand? Não é ali onde se reúnem todas as prostitutas...?

— Sim. Mas nos encontramos no West End, e os *charleys* que patrulham as ruas poderão nos proteger. Na realidade não estamos muito longe da casa de minha mãe. Vamos nos reunir com Brummell

aqui, porque cruzará o rio num barco.

— Em um desses pequenos barcos azuis? — perguntou Mira, incapaz de imaginar o famoso Brummell dentro de um dos estreitos barcos de aluguel.

— Sim — respondeu Rosalie, fixando os olhos na água escura do rio que se estendia impreciso à sua frente. — Olhe ali, aquele navio se chamava Insensato. Faz cinquenta anos alugavam botes para ir até ele. Era um antro de perdição; havia bebida, música, rameiras, quartos de aluguel. Nenhuma mulher decente ia ali, mas sim os jovens cavalheiros. — Sorriu com picardia. — Rand me contou que mais de um Berkeley esteve ali, mas é óbvio, que a família nega.

Mira lhe devolveu o sorriso. Estava a ponto de fazer mais perguntas, quando um som longínquo, como um disparo, rompeu o silêncio. O ruído a sobressaltou e se aferrou com força à sua bolsinha em formato de diamante.

— O que leva aí dentro? — perguntou Rosalie.

— Nada que queira usar esta noite — repôs Mira gravemente. Diferente de Rosalie, Mira tivera contato com a ralé de Londres. Sim, podiam estar nas ruas da classe nobre, com bonitas casas com mirantes, luzes e luxuosas galerias, mas estavam perigosamente perto dos becos e das ruelas dos bairros baixos, onde se ocultavam todo tipo de bichos, incluindo os humanos. Rosalie podia se permitir o luxo de se mostrar indiferente diante da situação, já que nunca conheceu o perigo que Mira enfrentou. Além disso, salvo algumas aventuras das quais saíra ilesa, Rosalie sempre estivera protegida e, de fato, possuía uma fé em sua própria invulnerabilidade que preocupava muito Mira. A confiança podia ajudar em algumas ocasiões, mas o excesso dela podia ser muito perigoso. — Começo a me perguntar se não fomos muito impulsivas ao nos negar a trazer uma escolta — confessou Mira. — É perigoso estar perto do rio. Está muito escuro para ver bem, e não gosto de todos esses lugares com sombras que...

— Estamos perfeitamente a salvo — afirmou Rosalie com brio. — Além disso, não posso confiar em ninguém mais com respeito a este assunto. Às vezes, a pessoa que tem toda a sua confiança é a primeira a lhe trair.

— Isso é certo — disse Mira com voz fraca. — Só espero que

Brummell chegue logo, isso é tudo.

— Chegará.

A taverna do Goodman estava especialmente concorrida esta noite, com uma provocadora combinação de empregadas descaradas e bebida sem água. Alec entrou e ignorou a maneira com que a sola de suas botas tocava o chão de madeira sem esfregar. Ele Goodman era um dos lugares mais populares e visitados nos bairros baixos, tinha a atmosfera adequada e estava localizada em uma zona onde os crimes não eram tão frequentes, como em outras partes da cidade. Carr estava sentado sozinho numa mesa, rodeado de um montão de copos vazios e garrafas abertas. Levantou o olhar com surpresa quando Alec se deixou cair ao seu lado em uma cadeira desgastada.

— Vejo que no final decidiu se unir a mim — disse Carr enquanto colocava todos os copos na frente dele e lançava a Alec um olhar enviesado.

— Vim para tomar um copo, não por sua companhia.

— Pois bem — retrucou Carr, oferecendo um copo. — Acredito que esse está quase limpo. Ou prefere que uma empregada venha para servir? Há algumas muito bonitas.

— Não, meu Deus, não mais mulheres por esta noite — resmungou Alec, tomando o copo e examinando-o sem entusiasmo. — Há *brandy* em alguma dessas garrafas?

— O melhor *brandy* de Romeville. — Carr olhou as garrafas com os olhos entrecerrados e selecionou uma. — Aí tem. — Verteu uma boa quantidade da bebida enquanto inclinava a cabeça. — Acredito que amanhã terei uma dor de cabeça dos diabos — disse com tristeza, enchendo também seu copo. — Pode ser que não note, mas estou bêbado.

— Não sabe que não há nada pior que misturar várias bebidas?

— Isso não importa para alguém que bebe pelas razões que faço.

— Suponho que não. — Alec fez uma careta ao beber um gole de brandy e logo agarrou a garrafa.

Beberam em silêncio durante uns minutos até que Alec começou a sentir o prazeroso ardor do álcool em suas vísceras. Seu estado de ânimo melhorou e se reclinou na cadeira.

— Não teve sorte esta noite? — perguntou Carr finalmente, com os

olhos verdes muito brilhantes pelo excesso de genebra. — Pouco antes de sair, vi você falando com uma morena apetecível.

— Não muita — disse Alec com uma voz enrolada ao levar as mãos aos olhos.

Tinha dançado com a jovem, tinha paquerado com ela, tinha desfrutado de um par de beijos, assim como de outras preliminares que prometiam uma noite de sexo inútil. Aborrecido. A facilidade da conquista lhe tirou todo o interesse. Não aceitou o convite de ir a um lugar mais tranquilo e privado, onde levaria a termo todas aquelas preliminares.

— Queria utilizá-la para esquecer outra mulher — resmungou. — Mas não funcionaria. Só me sinto atraído por uma mulher em particular, e não sei a razão. É uma loucura. — Alec jamais admitiria tal coisa estando sóbrio, mas a bebida forte e um pouco de companheirismo levavam os homens a confessar até as verdades mais profundas.

— Não o entendo — replicou Carr, começando a articular mal a última sílaba das palavras.

— Não faço mais que a ver por toda parte. — Alec percorreu a borda do copo com a ponta do dedo, enquanto refletia sobre aquele problema sem precedentes. — Cada vez que observo outra mulher, vejo seu rosto. Nunca pensei que pudesse me ocorrer isso.... nunca pensei que ela seria um problema. Não faço mais que me perguntar por quê. Nem sequer é meu tipo...

— Não — reconheceu Carr, negando com a cabeça.

— Não é mais alta que um menino, amaldiçoa como um diabo, não tem pais, nem família e é uma bruxa insolente. E não suporto as bruxas insolentes.

Carr levantou a cabeça e olhou Alec com uma expressão que, por momentos, era tão verde como seus olhos.

— Acredito que irei lá fora. Minha cabeça dá voltas.

Alec suspirou e chamou por gestos a uma das empregadas da taverna. Ela sorriu e lançou um olhar coquete, enquanto ele deixava cair umas moedas na palma de sua mão.

— Geralmente jogam isso no corpete — disse a empregada com um olhar sugestivo.

— Por que não? — resmungou Carr, levantando-se e procurando cambaleante a saída. — Há quartos de sobra aí dentro.

Mantendo um férreo controle sobre seu andar, Alec deu à moça outra moeda e seguiu seu primo cambaleante para fora da taverna. Sorriu levemente quando observou a saída instável de Carr.

De repente, o rápido e ruidoso movimento de um fâeton descontrolado encheu a rua, e Carr recuou para evitar ser atropelado. Enquanto os cavalos passavam, Alec fixou os olhos no condutor do veículo, cujo capuz tinha caído para trás.

— Que diabos! — exclamou Carr, olhando com os olhos entrecerrados como desaparecia o fâeton. — Vão pelas ruas como se fossem demônios do inferno. Alec, diga, bebi muito ou eram duas mulheres sozinhas?

— Eram — disse Alec, que parecia fulminado por um raio. — E não eram duas mulheres quaisquer, a não ser... — vacilou e logo soltou um monte de maldições com os olhos brilhando de desgosto. — Acredito que vejo miragens.

— Foi uma noite infernal. Vou para casa — disse Carr, apertando as têmporas com os dedos e sacudindo a cabeça.

— Pôde vê-las com clareza? — pressionou Alec, olhando fixamente a rua vazia. — Não lhe pareciam familiares?

— Quem acredita que eram?

— Alguém que me pareceu lady Rosalie Berkeley.

— Só a vi uma vez. A verdade é que não poderia assegurá-lo. Importa?

— O caso é que conheço seu marido — disse Alec com ar ausente. Berkeley jamais permitiria que sua esposa frequentasse aquela parte de Londres a estas horas da noite, em especial sem escolta. E se de verdade era Rosalie Berkeley, sua acompanhante não poderia ser outra que... Fechou os olhos soltando um suspiro de exasperação. Seguro que o era. «Maldição, essa mulher não traz mais que problemas. Mas não vou me fazer de tolo percorrendo as ruas de Londres para procurá-la. Não vale a pena, nenhuma mulher vale mais que o orgulho de um homem. Vou esquecê-la.» Olhou atrás dele, observando que seu primo desaparecera. Evidentemente, Carr decidiu partir. Alec voltou a olhar a rua vazia.

Se realmente era lady Berkeley a mulher que conduzia o fáeton, então sua acompanhante tinha que ser Mira. Se não era lady Berkeley, ele era um idiota perdido, porque já estava pensando em pedir emprestado um cavalo ou fáeton. Mas tinha o forte pressentimento de que esta noite ia ver Mira e o sangue ardia nas veias só de pensá-lo.

— Mira, em que demônios se meteu agora? — resmungou, e de repente se sentiu consumido pelo desejo.

Capítulo 8

Quando o barco azul de aluguel se aproximou, Rosalie ficou pálida e começou a tremer, como se preparando para se confrontar com uma terrível catástrofe. Esta reação foi tão evidente que Mira a observou alarmada.

— Está enjoada? — perguntou se aproximando dela.

Rosalie negou com a cabeça com os olhos brilhantes pelas lágrimas.

— Não... Eu... Não se preocupe. Estou um pouco aflita, é tudo.

Mira assentiu, evitando olhar Rosalie enquanto esta enxugava os olhos, pigarreava e recuperava a compostura. O primeiro homem que saiu do bote devia rondar os trinta, um tipo forte e alto, com o rosto redondo e atraente. Tinha um olhar agradável e um sorriso cordial. Levava o cabelo penteado como o perfeito dândi que era, e seus quentes olhos escuros brilhavam sobre um nariz ridiculamente pequeno.

— Lorde Albanley — murmurou Rosalie, estendendo uma mão que ele levou educadamente aos lábios. Mais tarde diria a Mira que Albanley era um dos mais leais amigos de Brummell, que intercedia por ele cada vez que Brummell necessitava de ajuda.

— Lady Berkeley. Sempre é um prazer voltar a vê-la — disse Albanley.

— Obrigada, milorde. Também é um prazer para mim. Gostaria de apresentá-lo à senhorita Mireille Germain, minha companheira de conspiração e pupila de lorde Berkeley.

Albanley tomou a mão de Mira com cortesia, enquanto esboçava um amplo sorriso.

— Assim é você a misteriosa mulher que os Berkeley guardam debaixo de sete chaves — murmurou. — Uma querida amiga, de fato, já que lady Berkeley lhe confiou nosso pequeno encontro. Posso ver o que a fez depositar tal confiança em você.

Mira baixou o olhar de uma maneira que esperava fosse apropriadamente tímido. Já que Albanley era uma destacada figura

social em Londres, sua aprovação era crucial. Uma boa opinião de sua parte abriria muitas portas e sossegaria qualquer rumor que circulasse sobre ela.

— Honra-me conhecê-lo — disse, olhando com modéstia e admiração ao mesmo tempo.

— Mas que vieram sozinhas... — continuou Alvanley, olhando ao redor com desaprovação. — Não está correto. Confesso envergonhado que estava muito preocupado com os assuntos de Brummell para pensar na sua segurança. Perdoem-me, mas não devia aceitar que nos reuníssemos em um lugar tão perigoso como este.

— Não se preocupe com nossa segurança — assegurou Mira com rapidez. — Manter tudo em segredo é o que verdadeiramente importa. Sei que é muito perigoso que o senhor Brummell venha à Inglaterra; é com ele que devemos nos preocupar.

Alvanley dirigiu um cálido sorriso.

— Que bom coração tem.

— Não, de modo algum.

— Lady Berkeley, devo felicitá-la por quão bem escolhe sua companhia de conspiração.

— Nesse caso, terei que felicitar também o senhor Brummell — atreveu-se a dizer Mira, provocando que Alvanley risse encantado.

Rosalie se adiantou para ajudar a sair o segundo homem do bote. O terceiro ocupante, um moço nativo do East End londrino, era quem tinha dirigido os remos; recebeu uma pequena bolsa de moedas que meteu no bolso do casaco e se separou da borda para remar de volta ao outro lado do rio.

— Senhor Brummell — disse Rosalie, com uma vozinha que surpreendeu Mira, a intrépida e sibilante Rosalie soava quase assustada, quando enfrentou o homem que a gerara.

— Lady Berkeley.

Não se tocaram. Não se abraçaram nem disseram em voz alta os pensamentos que deviam acossar suas mentes. Só ficaram ali parados e se olhando com uns olhos idênticos e muito abertos.

Brummell era a viva imagem da elegância até nos tempos mais duros, mas além disso possuía uma presença que Rosalie jamais tinha visto em outro homem. Tinha um carisma que não era produto do

que dizia ou fazia, mas sim pelo simples fato da sua existência. Sua roupa, que uma vez fora assombrosamente cara e feita sob medida, estava extremamente limpa. Sua gravata tinha um branco que ofuscava e brilhava sob a luz de gás que iluminava o lugar. Tinha o cabelo muito mais claro que o de Rosalie e perfeitamente penteado, e sua cútis brilhava com o mesmo tom pálido e aristocrático de sua filha. Tinha a boca pequena e arqueada, uns lábios que falavam de um grande engenho e encanto latente, mas também de falta de determinação e vontade. E em seu olhar refletia a mesma completa incerteza que havia nos olhos de Rosalie.

— T-Trouxe-lhe um pequeno presente, senhor. — Rosalie ofereceu um pacote simplesmente embrulhado que Mira sabia que continha uma dúzia de lenços de seda da Índia.

— Muito amável de sua parte, querida — replicou Brummell, que pareceu relaxar ao se encontrar em um terreno mais familiar. Não tinha experiência em conversar com sua filha, mas sim em receber presentes e agradecê-los como era devido. — Asseguro-lhe que não era necessário.

— Não estava segura que viesse.

— Minha vida se tornou muito irregular — replicou Brummell com tristeza. — Já não desfruto de nenhum dos pequenos prazeres que sempre dei por certo na Inglaterra. Mas tenho fé que tudo mudará depois desta visita.

— Assim espero. — Rosalie fez uma pausa e logo acrescentou com um acanhamento pouco habitual nela: — Senhor Brummell, sabe que estou em posição de ajudá-lo, se alguma vez necessitar...

— Não, não.... por favor — interrompeu, arregalando os olhos com crescente alarme. — Nunca pediria nada, salvo o privilégio de voltar a vê-la. — Vacilou uns breves instantes e logo deu um tímido sorriso — Como está... seu filho?

— Christian é um menino muito doce e brilhante. As pessoas dizem frequentemente que é muito bonito.

— Deve parecer com você.

— O certo é que se parece com o pai; loiro, encantador e muito teimoso.

— Não me surpreende. O sangue dos Berkeley é muito forte.

— Também o dos Brummell — disse Rosalie, trocando um sorriso com seu pai.

Logo houve um comprido silêncio, tão comprido que inclusive Mira sentiu a tensão quase evidente que os rodeava. Dirigindo um rápido olhar a lorde Albanley, rogou-lhe em silêncio que fizesse algo para romper aquela tensão. Ele se adiantou para tocar o cotovelo de Beau.

— Brummell, ainda ficam muitas coisas para fazer esta noite. Lamento dispor de tão pouco tempo, mas devíamos partir imediatamente a Threadneedle Street, se quisermos concluir nossos assuntos em tão pouco tempo. Entretanto, antes de ir, gostaria de apresentar a senhorita Mireille Germain, convidada de lady Berkeley, que será a sensação de Londres na próxima temporada.

Mira negou com a cabeça, envergonhada.

— Lorde Albanley, você é muito amável, mas duvido muito...

— Se Albanley diz que será a sensação de Londres — disse Brummell, tomando sua mão e fazendo uma reverência, — não tenha nenhuma dúvida de que será. Sua aprovação é tudo que necessita.

— Nunca me ocorreria contradizer algo que dissesse, senhor — disse Mira em tom respeitoso, e Brummell riu alegremente.

— Você é uma mulher encantadora, querida, não duvido que chegará longe. — Olhou-a com ar enigmático sem perder um detalhe do pequeno rosto de Mira. Quando uma rajada de ar frio fez ondular uma mecha do cabelo escuro de Mira, fazendo-o cair sobre seu ombro, Brummell falou com Rosalie com a autoridade de um homem acostumado a dar conselhos. — Não é a típica jovem e isso ajudará a dar uma boa impressão. Quando começar a temporada, assegure-se de que seu vestido seja algo exótico. Singelo, mas exótico.

— Assim farei, — prometeu Rosalie. Seus olhos azuis brilharam enquanto o olhava. — Alegrou-me muito voltar a vê-lo. A próxima vez, irei à França.

— Preferiria que não o fizesse até que melhorem minhas circunstâncias — sussurrou Brummell. — Então a convidarei para tomar chá e mantermos uma longa conversa.

— Sim, iria bem — disse Rosalie com a voz trêmula, quando agarrou sua mão e a estreitou ligeiramente.

— Bom.

Brummell soltou a mão de Rosalie e se despediu de Mira com uma cordial inclinação de cabeça antes de dar a volta e ajustar as luvas e o casaco.

— Minha carruagem particular está aqui perto — disse Alvanley a Brummell. Logo se inclinou para Rosalie e murmurou no seu ouvido: — Convença seu marido de que fale com o ministro dos Assuntos Exteriores sobre dar um cargo a Brummell. Possivelmente como cônsul em Calais. Necessita-o com urgência.

Rosalie assentiu com a cabeça, e olhou Beau, que parecia totalmente concentrado na sua aparência e não ouviu nenhuma palavra. E assim se foram lentamente.

— Rosalie? — perguntou Mira quando os dois homens desapareceram, pousando mão sobre o ombro da amiga em um gesto protetor.

— Não estou muito segura de querer que me diga. — Nos olhos de Rosalie brilhavam as lágrimas de frustração. — Mas seja o que for, nunca o diz. Sempre seremos desconhecidos um para o outro. Quando me olha com tanta tristeza nos olhos é porque lamenta não me conhecer? Ou porque lamenta meu nascimento?

Enquanto acompanhava sua amiga de volta ao fáeton, Mira observou que haviam trocado os papéis. Por uma vez, era ela quem tranquilizava Rosalie e não o contrário.

— É obvio que se alegra de que tenha nascido. Como não ia estar orgulhoso de ter uma filha como você? Possivelmente, não sabe o que dizer. Você mesma comentou que tem medo de enfrentamentos e de cenas emotivas.

— Eu sei. — Rosalie tirou um lenço de sua bolsa e enxugou os olhos.

Intuitivamente, Mira sentiu a necessidade que tinha Rosalie de falar de seus sentimentos, com alguém que compreendesse a situação melhor que ela.

— Por que não fala com sua mãe? Garanto que entende sua situação.

— Oxalá Rand estivesse aqui — disse Rosalie entre gemidos. — Ninguém me entende melhor que ele. Mas não posso fazê-lo porque

se zangaria muito se soubesse que vim aqui.

Retorceu o rosto quando uma onda de emoções a oprimiu, e neste momento riu entre lágrimas, diante da cena que estava armando. Era uma das qualidades mais encantadoras de Rosalie. A habilidade de rir de si mesma.

Mira também riu entredentes.

— É obvio que pode falar com ele. Amanhã retornaremos a Warwick. Devia dizer-lhe. Não acredito que se zangue tanto.

— Pode ser que tenha razão.

Enquanto se aproximavam do fáeton, uma voz rouca rompeu o silêncio da noite.

— Alto!

As duas se detiveram e deram a volta em uníssono. Ao lado de um charco de luz que era projetado por um poste, havia um jovem pouco maior que Mira. Estava sujo, magro e tinha o cabelo desgrenhado. Havia algo perturbador e desesperado na expressão desse rosto gasto por anos de necessidade. Mira conhecera outros como ele antes, jovens cujos olhos estavam vazios de algo que não fosse fome. Em sua mão brilhava a lâmina de aço de uma faca.

— Quero as correntes — disse com voz firme.

— Santo Deus — sussurrou Rosalie, com o rosto pálido.

— As correntes e os braceletes — repetiu o jovem com impaciência, e Rosalie negou com a cabeça, confundida.

— Não sei o que quer dizer.

— Quer as joias — traduziu Mira com suavidade, pois uns anos antes conhecera as complexidades do jargão das ruas.

Rosalie levantou os braços para tirar os brincos de safiras enquanto Mira olhava o desconhecido em silêncio. Essa tarde tivera o pressentimento de que poderia ocorrer algo assim. Por que não seguira seus instintos? Porque, pensou com frieza, durante as últimas semanas tinha deixado de escutar as chamadas de seu coração.

O rapaz se voltou para ela.

— Mova-se ou corto seu cangote. — Sua voz era áspera e tinha um profundo acento de East End.

— Não levo joias.

— Pois então darei a você uma navalhada.

— Não levo nada em cima — disse Mira, assombrada ao escutar quão calma soava sua voz, quando seu coração pulsava com tanta força em seu peito.

Era evidente que ele não acreditava numa só palavra. Quando o jovem abriu a boca para responder, voltou-se para ouvir o tinido das joias de Rosalie. Esta sustentava os brincos e o colar de safiras na mão, que tremia visivelmente, enquanto olhava o rapaz. Ele a observou de uma maneira peculiar, com olhos ardentes e insolentes.

— Que mais quer de...? — começou a dizer Rosalie com um fio de voz.

— Coloca na bolsa e traz aqui.

— Coloca-os na bolsa, mas não se aproxime dele — interpôs Mira.

Assim que ficasse ao alcance da faca do desconhecido, estariam a sua mercê... e duvidava que aquele jovem conhecesse a misericórdia. Rosalie lançou um olhar assustado a Mira antes de se inclinar e lançar a bolsa, que aterrissou no chão, aos pés do homem, com um ruído surdo.

— Recolhe e me dê — disse, com o olhar cravado na pálida face de Rosalie.

Se só quisesse dinheiro ou joias, Mira não teria feito nada. O conteúdo da bolsa de Rosalie era um preço pequeno a pagar por sua integridade física, e os Berkeley podiam se permitir aquela pequena perda. Mas Mira reconhecia o olhar nos olhos do desconhecido. Havia visto muitas vezes antes e sabia o que significava. Queria machucar Rosalie pelo que ela representava e pelo que tinha. Queria machucá-la pela sensação de controle que daria. Lentamente, Mira colocou a mão na bolsa, e moveu os dedos com cautela até sentir o tato frio da lâmina de sua pequena faca. Guillaume a presenteara fazia vários anos, e ensinou como usá-la. Não era uma perita, mas tinha utilizado antes com bons resultados.

— Por favor — vacilou Rosalie.

— Agora!

As lições de Guillaume cruzaram pela mente de Mira como um relâmpago. «Não a jogue pelo cabo, mas sim pela lâmina.» Apontaria àquela parte do corpo do jovem que não estava protegida pelos ossos. Em um veloz movimento, tirou a arma da bolsa e a lançou,

apontando à base da garganta e contendo o fôlego quando a arma sulcou o ar. Rosalie soltou um grito abafado. O desconhecido reagiu imediatamente, girando e golpeando o projétil com sua própria faca, a velocidade de sua reação foi inesperada.

— Por todos os demônios — amaldiçoou Mira sem pensar, e o jovem a fulminou com o olhar.

— Pequena cadela! — exclamou, caminhando para ela com determinação. — Pagará por isso!

No mesmo momento que Mira começou a retroceder, uma sombra escura surgiu das ruínas do castelo, movendo-se com silenciosa rapidez, que a princípio Mira pensou que era um animal. O desconhecido sujeitou e golpeou o pulso do jovem contra uma coxa poderosa. O assaltante soltou a faca, que deslizou pelo pavimento. Mira piscou com assombro, observando como seu salvador dava bom uso a seu punho. O braço sulcou o ar e logo soou um golpe surdo seguido de um repugnante rangido. Isso, junto com o chiado assustado de Rosalie, pôs Mira em ação. Agarrou o braço de Rosalie e começou a arrastá-la para o fáeton, amaldiçoando interiormente as saias e as capas pesadas que dificultavam seus movimentos. Ficou paralisada ao ouvir a voz do recém-chegado.

— Estão bem?

Mira ficou sem fôlego ao se dar conta quem era. «Não. Não podia ser ele.» Deu a volta e olhou enquanto um calafrio percorria suas costas. Oh, Deus, sim que era ele. E inclusive o desejava mais agora do que recordava haver desejado antes. Faria qualquer coisa, qualquer, para voltar a abraçá-lo de novo. Embargou-a um frenético desejo de correr para ele e se derramar em lágrimas, de procurar refúgio entre seus braços, mas a olhava como se não a conhecesse.

— Estão bem? — repetiu baixo, dirigindo-se a elas. — Estão feridas?

Rosalie negou com a cabeça ofegando.

— Estamos bem — disse Mira, com os olhos fixos no seu rosto. Tentou procurar as palavras, tentou falar e descobriu que ficara sem voz. — Como...?

Foi a única coisa que pôde dizer, e Alec pareceu compreender a multidão de perguntas que encerrava essa única palavra.

— Quase atropelaram o meu jovem primo com o fáeton quando

saíamos de uma taverna. — Seu sorriso brilhou na escuridão ao olhar Rosalie e acrescentar: — Sua maneira de conduzir é assombrosa. — Rosalie ficou vermelha com uma mescla de vergonha e consternação. Fez uma reverência e estendeu a bolsa que tinha caído no chão antes de acrescentar: — Conheço um pouco esta zona da cidade e me preocupei com seu bem-estar. Tomei a liberdade de segui-las.

— Fomos muito afortunadas que o tenha feito. — Rosalie levou a mão enluvada à face ardente.

— Suponho que seu marido não conhece suas atividades desta noite.

— Não — falou Rosalie, sem se atrever a olhá-lo. — Lorde Falkner, tem minha palavra de que não...

— Não tenho o direito nem o desejo de saber o que estavam fazendo. Só quero saber se prefere que não comente a ocorrência desta noite.

— Por favor — disse Rosalie, voltando a se ruborizar. — Estaria muito grata a você.

Mira observou Alec um pouco confundida. Jamais o tinha visto agir desta maneira antes. Certamente, nunca a tratou como tratava Rosalie, como se fosse uma criatura frágil e etérea que não tolerava a dureza ou a censura. Permanecia quieto e se mostrava cavalheiresco. Sua voz era serena, como se suspeitasse que punha nervosa Rosalie e estivesse fazendo o impossível para tranquilizá-la. «Assim é como trata uma mulher que respeita», pensou Mira, aborrecida porque ainda não reconhecera sua presença.

— Desculpem-me — disse em voz baixa, e os dois a olharam. — Enquanto falam, vou recuperar minha faca.

— Espera — disse Rosalie, cada vez mais nervosa. — Sinto muito, estou tão alterada que não me ocorreu apresentá-los. Lorde Falkner, esta é a senhorita Germain, uma amiga íntima e minha convidada. Mireille, apresento lorde Falkner.

— Senhorita Germain — saudou-a Alec, curvando a boca num sorriso preguiçoso quando Mira se negou a estender a mão.

— Nós duas estamos muito agradecidas — disse Rosalie, fazendo um apressado esforço por desculpar o mudo desprezo de Mira. — A senhorita Germain agradece sua intervenção...

— Sim. — Mira não pôde evitar notar o aroma de bebida que Alec exalava e quis ressaltá-lo. — Agradeço que estivesse suficientemente sóbrio para poder nos ajudar.

Rosalie arregalou os olhos ante a rudeza do comentário.

— Milorde — disse com inquietação, — o que a senhorita Germain quis dizer é que...

— Sei muito bem o que quis dizer — disse Alec secamente.

— Vou procurar minha faca — murmurou Mira, dando a volta e se dirigindo ao lugar onde o assaltante ainda jazia inconsciente.

— Permita que a ajude.

Alec ficou ao seu lado, olhando-a em vez do chão. Queria sacudi-la pela preocupação que causara. Tinha milhares de palavras na ponta da língua, mas com tantas emoções, tinha medo de que escapasse algum sinal do muito que sentia sua falta ou de quanto a desejava.

Mira não disse nenhuma só palavra enquanto se afastavam de Rosalie e do fáeton, até que viu a fina lâmina da faca.

— Ali está.

— Maldita idiota — disse Alec, incapaz de se conter por mais tempo. Inclinou-se e recolheu a faca. Olhando de soslaio Rosalie, baixou a voz para se assegurar que não ouvia nada do que dizia a Mira. — O que acreditava que estava fazendo? — perguntou em um sussurro abrasador. — Não pode andar lançando facas como um cigano de segunda.

— E o que queria que fizesse? — replicou Mira indignada. — Que me pusesse a tremer e desmaiasse, rezando para que alguém nos resgatasse? Não tinha nem ideia que você, de todas as pessoas do mundo estava espreitando nas sombras.

— Nem sequer devia estar aqui.

— Rosalie me pediu...

— Lady Berkeley é muito ingênua e impetuosa para seu próprio bem. Conheço os Berkeley faz tempo e não é a primeira vez que se mete em confusões. Não invejo seu marido por ter que mantê-la afastada dos problemas, mas você, você sabe muito bem que não deve se envolver neste tipo de coisas!

— Não me dê sermões. Não tem o direito de me dizer o que devo ou não devo fazer.

— Maldição! O que precisa é de uma boa surra. — Alec passou os dedos pelo cabelo negro e suave como a pele de uma foca.

— Entregue minha faca.

— Quer dizer seu brinquedo. — Alec observou com desgosto a pequena arma que tinha na mão. — O que esperava conseguir com isto?

— Pensei em atingi-lo na garganta. Tenho uma excelente pontaria.

— Não tenho dúvida de que poderia ter acertado a um alvo imóvel — disse Alec sombriamente, — mas lançou tão devagar que ele teve tempo de se esquivar. Não tem suficiente força para lançá-la com destreza. Até um menino poderia...

— Entregue-me.

— Não entende — disse Alec com paciência, ignorando sua petição. — Não é capaz de se defender com isto, e não devia se colocar em situações nas quais se veja obrigada a usá-la. Tem mais?

— Não! — disse Mira, estendendo a mão.

— Bem. — Alec meteu a faca no bolso e deu um belo sorriso ante o rosto ruborizado de Mira.

Mira demorou vários segundos para recuperar a fala.

— Maldito bastardo! Cão odioso e arrogante... Em vez de colocar o nariz em meus assuntos, por que não se ocupa de rus...?

— Bom, bom, senhorita Germain — murmurou solicitamente, ampliando seu sorriso. — Não sabia que conhecia tal vocabulário.

— Sim sabia. Chamei-o de coisas piores.

— E com menos razão — riu brandamente. — Que versátil é, em um momento é uma tímida senhorita da sociedade, e no seguinte uma malandra desajeitada.

— Não uma malandra desajeitada — replicou, chateada porque havia destacado sua estupidez.

— Não? — Os olhos de Alec a percorreram com calculada lentidão. Logo olhou as mãos que apenas tremiam. Tensionou a boca, e um músculo palpitou na mandíbula. Quando falou, sua voz soou dura, mas não pela raiva ou a preocupação, mas sim por um sentimento mais forte. — Não volte a fazer algo assim de novo, Mira.

— Algo como o quê?

— Correr riscos. Pode ser que tenha havido uma época em sua vida

que podia fazê-lo, mas agora não. Não jogue com sua vida. Sabe quantas mulheres desaparecem nesta zona da cidade a cada semana? Sabe o que lhes ocorre?

— Mas os *charleys* patrulham por aqui e podem nos proteger.

— Oh, seriamente? — Alec lançou um olhar ao redor da rua vazia.

— Já vejo que não devo me preocupar com sua segurança, com semelhante desdobramento policial.

— Não necessito de que me proteja de nada — interrompeu Mira.

Não era seu dono... Não tinha direito de dizer o que devia ou não devia fazer. Não se importava com sua segurança, ou a teria procurado quando abandonou Sackville Manor. Deixara bem claro que só tinha sido uma noite de diversão para ele.

— Claro que necessita. Não pode continuar flertando com o desastre. Alguém tem que detê-la. Se não é capaz de se controlar, necessita de alguém que o faça por você.

— Sabe o que necessita você? Necessita de alguém que o recorde que não é ninguém para dizer a outro o que deve fazer! Necessita de alguém que deixe bem claro que não se impressiona com sua presunçosa e arrogante atitude! Necessita de alguém que o ponha em seu lugar! Napoleão de segunda! — concluiu com tom triunfal.

Sustentaram o olhar, tão furiosos um com o outro como consigo mesmos, porque ainda seguiam se desejando com o mesmo desespero de antes. Porque estavam cheios de perguntas que sabiam que nunca fariam.

Como se ainda se quisessem.

— Mira? — Era a voz inquieta de Rosalie do fáeton, e Mira se afastou do olhar dele para retornar rapidamente junto a sua amiga.

— Não a encontramos — disse e Rosalie estremeceu.

— Alegro-me. Jamais imaginei que levasse algo assim na bolsa. Prometa que não voltará a fazê-lo.

— Prometo-lhe.

— Quer que as acompanhe, lady Berkeley? — perguntou Alec a Rosalie, aproximando-se da carruagem. — Posso atar meu cavalo à parte traseira do fáeton...

— Obrigada, mas acredito que posso me arrumar. Passaremos a noite na casa de minha mãe em Rede Lion Square. Acredito que

posso chegar ali sem contratempos.

— Conduza mais devagar desta vez — sugeriu Alec, e Rosalie sorriu a contragosto.

Mira tomou a mão que Alec ofereceu e subiu no fáeton, soltando-a assim que sentou. Os dedos ardiam onde havia tocado.

— Uma coisa mais — disse Mira, cravando o olhar na fisionomia inescrutável de Alec. — O que acontecerá com esse homem?

— Lorde Falkner — perguntou Rosalie com seriedade, — devíamos entregá-lo a uma dessas associações que fazem cumprir a lei?

— Se o deseje — respondeu Alec, com expressão neutra e um tom educado. — Qual prefere? A sociedade para a supressão da mendicidade ou a sociedade para a reforma de boas maneiras? — Só Mira se deu conta da mofa absoluta de suas perguntas, e desejou dizer onde podia meter suas sugestões.

— O que acontece se o entregarmos a alguma delas? — perguntou Rosalie.

— O mais provável é que acabe pendurando numa corda.

— Poderíamos deixá-lo escapar? — rogou Rosalie. — Acredito que não suportaria ter sua morte em minha consciência.

— É obvio — respondeu Alec, passando-lhe as rédeas. Olhou Mira. — *Au revoir*. — Golpeou a anca do cavalo, quando o fáeton se afastou da beira do Tâmis.

Mira tentou não voltar o olhar para ele. «*Au revoir*.» À diferença do formal *adieu*, aquela outra expressão sugeria que esperava que voltassem a se ver.

— Esteve falando com ele — observou Rosalie com as mãos brancas pela tensão enquanto sujeitava as rédeas e guiava o cavalo pelas ruas.

— Sim — respondeu Mira aturdida, perguntando-se se as duas últimas horas não tinham sido um sonho.

— Pareciam discutir.

— Tivemos uma troca de palavras.

— Conheciam-se anteriormente?

— Sim. Era um dos convidados na caçada de Sackville. Quase todos os presentes sabiam quem eu era e por que estava ali.

— Todas essas coisas que lhe disse depois que foi em nossa ajuda...

Mireille, jamais vi você agir com tal grosseria! Acredito que devia ser mais educada com ele se quisesse....

— Só estava assustada — disse Mira imediatamente. — Mal sabia o que dizia.

É óbvio que sabia perfeitamente o que dizia. Mas para a tranquilidade de seu espírito, a relação passada com Alec devia ficar no esquecimento. E a única maneira de conseguir era se assegurar de que não voltariam a se ver. A pergunta era: estaria Alec de acordo?

— Pois é um alívio — disse Rosalie sem soar muito convencida. — Certamente não gostaria de saber que esteve relacionada com ele de algum jeito.

Mira franziu a testa e olhou com curiosidade.

— Parece que não gosta dele.

— Para ser justa, temo que é verdade. Agradeço o que fez por nós, e não nego que é um homem encantador quando quer, mas... — a voz de Rosalie quase se perdeu no vento — não é um cavalheiro. Ouvi muitas coisas dele. Tem mau gênio. E não é sincero. Diz uma coisa quando quer dizer outra e parece ser um homem de pouca confiança. Circulam muitas histórias sobre sua implicação em vários escândalos, embora ninguém pode assegurar nada...

— Mas no meu caso, seria um tanto hipócrita se me preocupasse com os escândalos de outra pessoa, não crê? — assinalou Mira. Como Rosalie não respondeu, acrescentou: — Oculta-me algo? Alguma vez fez algo que a desagradasse?

Rosalie suspirou com inquietação.

— Não gosto como trata as pessoas, em especial as mulheres. Uma de minhas amigas se apaixonou por ele, agora está casada mas naquele momento não estava comprometida, e ele não correspondeu ao seu afeto. Podia tolerar sua companhia até que ela se cansasse dele, como faz qualquer cavalheiro, mas não, comportou-se de uma maneira cruel e fria com ela, rompeu-lhe o coração e fez que perdesse a confiança em si mesma. E embora saiba que pode ser doce como o mel, jamais me esquecerei do quão cruel foi com minha amiga. Trata as mulheres como se fossem objetos. Todo mundo sabe. Jamais durou com uma amante mais de uma semana, e sabe por quê? Porque as mulheres só são algo conveniente e de pouca importância para ele.

— Entendo.

Mira não podia pensar em nada que pudesse desculpar o comportamento de Alec. O que Rosalie contara era algo que ele teria feito. Sabia que era capaz de ser amável e cortês, mas também podia ser brutal, e não tolerava a companhia daqueles que o desagradavam.

— Só espero que não diga nada do que viu esta noite — disse Rosalie. — Pergunto-me onde estava quando falamos com Brummell e Alvanley. Não mencionou seus nomes, mas me pergunto...

— A verdade é que eu tampouco sei o que viu.

— Oh — gemeu Rosalie com suavidade. — Odeio pensar que meus segredos dependem do sentido de honra desse homem.

— Eu também.

Conforme passavam os dias, e logo as semanas, o medo de Mira que Alec fizesse algo desapareceu pela singela e desconcertante razão de que não ouviu falar dele; nem sequer uma frase. Parecia que Alec tinha se esquecido dela. Era estranho, mas o alívio que esperou sentir não chegou ao seu coração. Em um momento de debilidade admitiu para si mesma que estava longe de se sentir aliviada. Estava frustrada, desanimada, e muito decepcionada. Pensou que durante o tempo que passaram juntos na caçada Sackville, significava algo para ele.... que a necessitava; inclusive tinha chegado a pensar que se preocupava com ela. Ou tinha sido uma parva por acreditar naquelas palavras e nas promessas vazias?

Uma tarde, tirou o medalhão de Falkner e enrolou a corrente de ouro no pulso, sustentou o disco redondo na palma da mão. A essas alturas, o emblema do falcão lhe era muito familiar; pegava o medalhão frequentemente e pensava em Alec enquanto o olhava. Inclusive o levou sob a roupa algumas vezes, impulsionada por umas ridículas razões sentimentais. Ainda não sabia por que Alec lhe deu, imaginando que era uma relíquia familiar. Se quisesse pagar pelos «serviços prestados», poderia oferecer dinheiro ou joias, mas que a tivesse presenteado com o medalhão era certamente desconcertante.

Mira havia se sentiu muito intrigada quando, um dia antes do Natal, um menino entregou um pacote em Berkeley Hall de um remetente anônimo. O pacote estava dirigido à senhorita Mireille Germain e tinha uma nota com uma caligrafia que ninguém

reconhecia. «De um admirador.» As palavras estavam escritas com tinta negra e traços claros, em um cartão branco sem nenhuma identificação e vinha acompanhada do mais formoso lote de livros que Mira viu em sua vida. Tinham a capa de cor vermelha marroquina e os cantos das páginas dourados. Durante as festas, os parentes e convidados dos Berkeley tentaram adivinhar quem era o admirador de Mira.

Os Berkeley, os trinta membros da família que decidiram ficar em Berkeley Hall durante os meses mais duros do inverno, eram um grupo curioso, cômico e pretensioso. Sempre se sabia o que esperar de um Berkeley; só respeitavam àqueles com riqueza ou influência política, eram ferozmente protetores dos seus, embora não se importassem de fofocar sobre eles e adoravam as piadas obscenas, mas consideravam que era de mau gosto rir delas. Embora todos possuíam uma aparência impecável, os homens da família — com exceção de Rand — ganharam uma reputação de mulherengos e adúlteros, enquanto que as mulheres levavam uma vida social muito ativa. Quase todos possuíam uma inegável atração, a maioria deles era alta, de pele branca e loiro. Era tal a proliferação de loiros na família que, em uma ocasião, Rand comentou cinicamente com Mira que era uma sorte haver se casado com uma morena, pois assim podia distinguir a sua esposa das demais mulheres da família.

Frequentemente, as reuniões familiares eram acompanhadas de broncas e tolas discussões nas quais todo mundo participava, salvo Rosalie, que era a única Berkeley a quem todos os membros da família toleravam. Provavelmente assim era porque se dar bem com ela era a única maneira de ganhar a aprovação de Rand que, depois de tudo, era o cabeça da família. Ou possivelmente porque Rosalie era a única que preferia escutar o problema dos outros, a se queixar dos seus. Fosse qual fosse a razão, todos se esforçavam por agradá-la e, felizmente, aquela boa vontade parecia se estender a Mira.

Com tempo e calma, Rosalie apresentou Mira aos membros da família. Depois de várias tardes de chá, costura, música e fofocas, depois de compridos debates, nos quais Mira foi submetida a um montão de perguntas maliciosas, ela foi aceita pela família. Como Rosalie aconselhara, Mira jamais mencionou lord Sackville,

limitando-se a dizer que tinha sido uma convidada em sua caçada.

— Como vamos explicar exatamente? — perguntou a Rosalie em privado. E no momento, Rosalie adotou uma expressão envergonhada.

— Não se preocupe, Mireille, já me ocupei do assunto.

— Mas como? E por que parece se sentir tão culpada cada vez que menciono esse nome?

— Culpada? Pois não sei por quê. No final das contas não fiz nada de mal. Só movi alguns fios aqui e lá e fiz algum outro sacrifício para salvar sua reputação.

— Sacrifício? — repetiu Mira com tanto receio que um leve rubor tingiu as maçãs do rosto e o nariz de Rosalie. — Não importa a história que tenha contado, sempre e quando não tenha afetado a reputação de Sackville.

— Bom, não se zangue, mas pode ser que tenha adornado a verdade um pouquinho. Mas foi só por seu bem.

Mira a fitou então com os olhos muito abertos e horrorizados.

— Não é próprio de você contar mentiras.

— Faria — disse Rosalie suavemente, — para proteger alguém que me importa.

— Mas a reputação de lorde Sackville é o mais importante para ele! Se for prejudicada de algum jeito, sentir-me-ia muito culpada.

— Aproveitou-se de você — disse Rosalie com firmeza e qualquer rastro de culpabilidade desapareceu de seu rosto. — Rand me contou que Sackville se gabava diante de seus amigos mais íntimos. Não quero que se zangue por isso, mas é o tipo de impropriedade que nenhum cavalheiro que se preze... Bem, já sabe o que quero dizer. Utilizou-a para se dar importância, e no meu parecer, não há nada mal em fazer o mesmo para ajudá-la.

— De que maneira prejudicou sua reputação? — perguntou Mira, mas Rosalie não respondeu.

Não importou quanto insistisse Mira, Rosalie não disse nenhuma palavra mais sobre Sackville. Entretanto, a «campanha» de sua amiga fora incrivelmente inteligente e sutil, e deu como resultado o ostracismo de Sackville. Ninguém tornou a mencionar seu nome, estranha vez o via em alguma festa, e tampouco ouvia falar dele.

Remoía a consciência de Mira cada vez que pensava nele, pois direta ou indiretamente, foi a causa de sua desgraça, e se sentia ainda pior ao pensar em Rosalie que, por culpa de Mira, viu-se obrigada a comprometer sua integridade.

Um dia, depois que caíram as primeiras neves do inverno, um grosso manto branco rodeava Berkeley Hall e nas lareiras ardia um fogo brilhante e quente. Mira colocou sobre o colo um dos livros que a presentearam e começou a folheá-lo. O aposento estava cheio de membros da família Berkeley e da conversa lânguida e baixa dos mais jovens, enquanto que os mais velhos estavam adormecidos junto ao fogo. Rosalie estava sentada perto dela com Christian nos braços, acariciando o cabelo do menino com o nariz enquanto este desenhava quadrados com o dedo em uma janela coberta de geada.

— Acho que poderíamos descobrir quem enviou os livros pelos títulos e os autores — disse Wilhelmina Berkeley, enquanto fixava seus olhos azuis em Mira. — Poderia ser uma pista?

— Temo que não — respondeu Mira, suspirando para si mesma ao ver que a conversa era novamente sobre a identidade de seu «admirador secreto».

Era algo que a cansava e exasperava, já que sabia quem enviara aquelas novelas. Todas eram de Jane Austen, e Mira recordava ter comentado com Alec sobre essa autora particularmente. Mas por que a presenteou com aqueles livros e por que assinou como «um admirador»? Jamais tinha professado nenhum tipo de admiração por ela antes. Apesar de todas aquelas perguntas e incertezas, Mira não podia evitar desfrutar daqueles livros, pois eram belos e cheiravam a novo.

— Está absolutamente segura — insistiu Wilhelmina — de que não sabe que cavalheiro poderia enviar os livros?

— Totalmente — disse Mira com firmeza.

Mas ao se sentir observada, levantou os olhos e se encontrou com o olhar de Rosalie. Sua amiga parecia alterada, e era evidente que tinha uma ligeira ideia de quem enviara as novelas, mesmo não tendo feito a Mira nenhuma só pergunta a respeito.

— Lady Berkeley — a voz modulada de uma criada interrompeu a conversa, e Rosalie recolheu a bandeja de prata com convites e

cartões de visita.

Havia pouco que fazer no inverno, salvo visitar os vizinhos ou ir às festas que celebravam; assim, a chegada daquela bandeja foi recebida com um grande interesse.

— Hummm — disse Rosalie com ar distraído, levantando um cartão de cor azul clara e sorrindo, enquanto os Berkeley aguardavam em um expectante silêncio. — Parece que há uma festa de trenós esta tarde. Lorde e lady Stanford nos convidam a tomar um ponche quente em sua casa mais tarde.

Vários murmúrios do tipo «isso soa encantador» e «que ideia tão esplêndida» encheram a sala, enquanto Mira olhava Rosalie com ar inquisitivo. Salvo se relacionar com a família Berkeley, Mira não tinha participado das festas e reuniões sociais, enquanto morriam os rumores de sua relação com Sackville. Rosalie leu a silenciosa pergunta nos olhos da amiga e assentiu com a cabeça.

— Acredito que é uma boa ideia — disse Rosalie em voz alta.

E, embora falasse para todos em geral, Mira sabia que aquelas palavras foram dirigidas a ela. Sentiu um insuportável formigamento de excitação. Que classe de pessoas conheceria? O que lhe diriam? Perguntariam sobre Sackville, reconhecendo dessa maneira que sabiam que fora sua suposta amante?

Todos se foram aos seus quartos para se prepararem para a saída dessa tarde, e Mira procurou entre sua roupa algo que usar. O vestido de lã cor escarlate com cós de pele de marta era perfeito, mas aquela cor seria apropriada? Não, se havia a mais mínima dúvida sobre sua reputação não podia usar um vestido nesse tom tão atrevido. Um vestido de cor bege pálido, possivelmente? Não, aquela cor fazia que sua pele parecesse cítrica. Um azul? Não, o tecido era muito fino e não queria passar frio. Franzindo a testa, Mira se decidiu pelo vestido de cor escarlate e chamou a criada para que a ajudasse a se vestir.

Assim que se arrumou, enterrou as mãos numa pequena luva de pele e desceu as escadas para o vestíbulo principal, onde já se reuniam muitos membros da família Berkeley. Estavam em grupos de quatro ou cinco enquanto preparavam os trenós. Mira se deteve ao chegar às escadas e percebeu a inquietação das pessoas com o olhar nela. Perguntou-se se seria por sua roupa. Diferente de outras

mulheres, Mira não levava casaco nem chapéu que ocultasse seu cabelo. Em troca, preferiu uma capa curta, de pele escura, com capuz, que caía dos ombros em um estilo suave e romântico. Não sabia que a excitação da saída tingira de vermelho suas faces e que o vestido escarlate fazia realçar seus olhos castanhos escuros; e foi assim, que uma jovem tranquila e reservada se converteu em uma mulher muito formosa.

— Está encantadora — disse Wilhelmina Berkeley com uma expressão de inveja em seus traços pálidos. — Entretanto, não vamos a uma festa à fantasia, senhorita Germain. Sua capa é preciosa, mas não crê que deveria colocar um adorno mais convencional? Tenho observado antes que sua roupa, em certas ocasiões, dista do que se considera adequado.

— Aprecio sua preocupação — interrompeu Mira com voz fraca. — Mas gosto de meu traje.

— É certo que está magnífica — disse Wilhelmina com um olhar resolvido em seus olhos azuis, — mas se insistir em se vestir dessa maneira tão chamativa para os demais, poderá atrair uma atenção indevida para sua pessoa. Demonstra vaidade e projeta uma imagem que pode nos prejudicar. Não gostaria que me envergonhasse ao se exibir dessa maneira tão extravagante.

Um completo silêncio caiu sobre o vestíbulo. Wilhelmina não teria se atrevido a pronunciar tal crítica a um convidado, em especial a Mira, se Rosalie estivesse presente. Mas dado que Rosalie e seu marido estava em cima, Mira teve que se defender sozinha.

— Vestirei o que me agrada, senhorita Berkeley — retrucou com frieza. — E confio em não envergonhá-la hoje, pois sempre ouvi que na Inglaterra as pessoas são consideradas mais por suas maneiras que por sua aparência. E asseguro que minhas maneiras são impecáveis.

— Bravo — disse uma voz do alto das escadas, e todos se voltaram para ver Rand Berkeley escoltando Rosalie escada abaixo. Eram um casal muito atraente; a beleza e a delicadeza de Rosalie contrastava com o magnetismo brutal de seu marido. Uma aura rodeava Rand Berkeley, infundindo respeito nos que estavam a sua volta, pois era um homem que irradiava autoridade, que tratava os temas mais sérios com a medida adequada ou com a afiada irreverência de uma

faca. Todo mundo queria sua aprovação, uma vez que temiam sua desaprovação. Ninguém em sã consciência enfrentava Rand. — Muito bem dito, senhorita Germain — continuou com seus olhos brilhando como o ouro. — Rogo que desculpe as palavras de minha prima. Mas, como qualquer de nós sabe, quando se é um Berkeley, frequentemente tem que se desculpar pelas peculiaridades da família.

Mira lhe sorriu com gratidão. Sabia que suas palavras eram uma sutil advertência para o restante dos Berkeley. Depois disso, ninguém voltaria a dizer nada remotamente ofensivo sobre ela. Foi no trenó de Rand e Rosalie, desfrutando de uma animada conversa em que trocaram comentários sarcásticos sobre a família Berkeley, até Mira rir sem poder se conter.

— Está como quando tinha quinze anos — disse Rosalie com satisfação enquanto Mira descansava a cabeça contra o respaldo do assento e suspirava de prazer. — Cheia de alegria e vontade de viver.

— Seriamente? — perguntou Mira, começando a rir entredentes outra vez. — Faz só três meses não podia falar sem que os olhos me enchessem de lágrimas. Sentia-me muito... — fez uma pausa e adotou uma expressão pensativa — ferida e desprezada. Utilizada. Pergunto-me como mudei tanto.

— Porque já não está sozinha — respondeu Rosalie com simplicidade.

— Sempre tem a resposta perfeita — disse Mira, sorrindo.

— Certo — disse Rand, levando a mão de sua esposa aos lábios e beijando-a no dorso. — É uma das razões pelas quais me casei com ela.

O condutor deteve o trenó no meio de um grande desdobramento de transportes parecidos. Alguns tinham um terceiro assento para o condutor, enquanto que outros eram menores e foram pensados para que os cavalheiros tomassem as rédeas. Conduzir em vez de contratar um condutor era uma atividade que estava se estendendo com rapidez, devido a sua grande popularidade.

Entre os murmúrios da animada conversa dos convidados recém-chegados, Rand ajudou sua esposa e Mira a descer do trenó e as acompanhou à enorme mansão palaciana, onde degustariam uma grande variedade de comidas enquanto esperavam que os trenós

fossem dispostos em fila ao longo do caminho. Como Rosalie explicara antes a Mira, todos formariam uma longa fileira e percorreriam os campos cantando, falando e rindo.

Mira jogou um olhar ao seu redor, mas não viu nenhuma fisionomia familiar, o que era bom. Sorrindo com alegria, permitiu que Rosalie a apresentasse a várias pessoas, todas amáveis e muito simpáticas. A jovem se sentiu mais animada depois de vários minutos de alegre conversa. Caía-lhe bem aquelas pessoas! Não era difícil se encaixar ali, ao menos na aparência. Mira havia mudado. Já não era a torpe garota do povo, nem a tímida amante falsa de um velho solteirão. Era jovem e vivaz, uma «criatura encantadora» conforme ouviu alguém dizer um minuto antes. Uma mulher que vestia roupa cara com elegância e que podia falar de muitos assuntos diferentes. Sua confiança aumentava a cada minuto que passava, e se atreveu a afastar-se um pouco de Rosalie.

O bom humor de Mira se viu ligeiramente alterado quando Rosalie aproximou-se de um jovem chamado Edgar Onslow. Possivelmente algum dia seria um homem atrativo, mas neste momento não era mais que um menino nervoso que se ruborizou e apertou a mão de Mira com muita força quando os apresentaram. Tinha o cabelo vermelho, algo que não combinava bem com aquela pele rosada e brilhante.

— O senhor Onslow é um jovem muito agradável — disse Rosalie, que evidentemente desfrutava da situação. — É obvio, senhorita Germain, não podia deixar passar a oportunidade de apresentá-los.

Havia uma traçoeira nota de satisfação na voz de sua amiga, e Mira esboçou um débil sorriso quando ficou evidente que este era o tipo de homem que Rosalie considerava um candidato para um cortejo.

«Oh, Rosalie — pensou Mira com um sorriso interno, observando com pânico crescente como Edgar Onslow a olhava com óbvia fascinação, — sei que quer que me case com um jovem educado que jamais me faça mal. Mas não sou tão frágil como pensa. Preciso alguém com quem possa discutir de vez em quando, alguém que me faça frente, alguém que não se deixe intimidar por mim. Não quero alguém mais fraco que eu.»

— Bom, vou ver se encontro meu marido — disse Rosalie, e desapareceu antes que Mira pudesse dizer uma palavra.

Onslow era um jovem doce e sincero, e possivelmente o homem mais aborrecido que Mira alguma vez conheceu. Tentou envolvê-lo na conversa, mas o que recebeu em troca de suas tentativas foram respostas monossilábicas. Ou Onslow ficou cativado por ela ou não se dava bem com as palavras. Quando foi evidente que Rosalie não pensava voltar, Mira reconheceu que o excitante passeio de trenó se converteria em uma viagem aborrecida, se ninguém a resgatasse de Onslow.

— Senhorita Germain, quer um copo de ponche? — perguntou Onslow educadamente, parecendo tão frustrado como ela pelo tedioso colóquio, e Mira se assentiu aliviada.

— Obrigada, senhor Onslow.

Assim que ele se afastou, Rosalie surgiu do nada e se aproximou de Mira com rapidez.

— Pediu-lhe que vá em seu trenó? — perguntou com os olhos azuis resplandecendo de entusiasmo.

— Ainda não chegamos nesse ponto — respondeu Mira um tanto desencantada.

— E deixou que fosse embora?

— Não, foi me buscar um ponche.

— *Sacrebleu*, vou segui-lo para me assegurar de que o traz. Vi como essa lagarta da Letty Wheaton o observava de um canto.

Mira estava a ponto de assinalar que nenhuma mulher ia se matar pelos encantos de Onslow, mas notou que Rosalie estava firmemente decidida a se fazer de casamenteira. Mira suspirou, quando sua amiga disse antes de ir em perseguição ao jovem com a intenção de trazê-lo de volta: — Letty Wheaton perde tempo, — murmurou e desapareceu.

Mira ouviu neste momento uma risada surda e baixa atrás dela.

— Sempre pensei que lady Berkeley tinha um gosto perfeito. Mas bem, todos podemos cometer um pequeno engano de vez em quando.

Mira se voltou com rapidez e levantou o olhar para encontrar com o de Alec Falkner. Ele deu um lento e amplo sorriso que acelerou seu

coração.

— Rosalie é quase perfeita — conseguiu dizer Mira em resposta a seu comentário, e Alec curvou os lábios com diversão.

— Um juvenzinho com o rosto aceso que fica tão nervoso junto de você, é provável que derrube o trenó. Não, por nossa velha amizade, não posso permitir que tal coisa ocorra.

— Não temos uma velha amizade — informou Mira laconicamente.

Alec vacilou antes de responder. Ao baixar a vista para ela, sentiu uma pontada de desejo, um desejo que não podia comparar a nada que houvesse sentido antes. Que só podia aliviar ao vê-la, ouvir sua voz, inalar seu perfume. Quão último ele queria no mundo era sentir isso por ela. O amor era algo que poderia racionalizar, que podia se obrigar a esquecer, mas esse desejo voraz era uma realidade da qual não podia escapar. O amor podia ser ignorado, substituído ou esquecido. O desejo era tangível e irritante, e obscurecia os pensamentos de um homem até que este não pudesse fazer outra coisa senão o satisfazer.

— Perdoa — disse com voz rouca. — Assumi que tinha tão boa memória como eu. Não só recordo ter tido uma velha amizade com você, como também recordo ter compartilhado certas intimidades...

— Por favor, cale-se — implorou Mira, olhando ao seu redor para ver se alguém o tinha escutado. — É de má educação falar algo assim. E suas críticas ao senhor Onslow... Suponho que pensa que seria melhor que fosse no trenó de alguém como você.

— É exatamente o que penso — disse Alec.

Abalada, Mira permaneceu em silêncio enquanto fitava os olhos cinza de Alec. Não viu mofa nem brincadeira. Estava pedindo a sério que fosse no trenó dele, e não sabia o que responder.

Tinha razões de sobra para não confiar nele.

Mas também estava desesperadamente apaixonada por ele.

Tudo o que tinha que fazer era negar. Falkner não suplicaria que aceitasse, e não voltaria a pedir-lhe. Alec sorriu amplamente ante a expressão vacilante da jovem, e enquanto fixava os olhos nele, Mira não pôde evitar devolver o sorriso. Era impossível que rechaçasse a oportunidade de estar com ele.

«Está louca — disse. — Merecerá tudo o que ocorra se aceita ir com ele, está pedindo problemas aos gritos!»

— Aceito o convite — disse a Alec, e com uma risada repentina dançando em seus olhos escuros acrescentou: — mas será melhor que nos apressemos e saíamos depressa, antes que Rosalie volte com Onslow e me veja obrigada a ir com ele e escutar suas aventuras escolares.

— Pobre coitado — murmurou Alec com compaixão, e sorriu amplamente enquanto lhe oferecia o braço.

Capítulo 9

Depois de que Mira aceitou o braço de Alec, cruzaram o vestíbulo e se dirigiram às portas. Ao cabo de uns segundos Mira percebeu que atraíam uma considerável atenção. Embora fosse objeto de alguns olhares, as pessoas observavam principalmente Alec. Havia poucos homens como ele, capazes de atrair a atenção sem esforço algum; era impossível passar por cima de sua presença. Era excitante estar junto dele, era charmoso e forte, possuía um sorriso audaz e um temperamento que variava com a velocidade de um raio. Era difícil predizer que coisas tomaria como brincadeira ou a sério, mas este era um dos traços mais atrativos de seu caráter. Enquanto a acompanhava para fora, ela admirou a aparente indiferença de seu par ante aquela multidão de olhares.

— Sempre atrai tanto interesse? — perguntou com secura.

— Claro. Acaso não sabia? Sou um dos solteiros mais cobiçados da temporada. Estou no primeiro lugar da lista. Não deixarão de me olhar ou me perseguir até que alguém jogue o laço e me arraste ao altar.

— Possivelmente devia o deixar nas mãos de alguém que valorize mais sua companhia que eu. Não tenho intenção de jogar o laço em ninguém.

— Que interessante. E eu que tinha a impressão de que estava aqui precisamente para isso. Com lady Berkeley de madrinha, não seria difícil caçar marido. Edgar Onslow à parte, seria fascinante ver que outros cavalheiros atraí para si.

— Ela não fará tal coisa — disse Mira, e soltou uma exclamação sufocada antes de acrescentar. — Tinha esquecido quão desagradável é!

— Pois eu não esqueci nada de você.

— Incluindo meu gosto pela leitura? Foi você que me enviou os livros, não?

Ele não respondeu enquanto a ajudava a subir no trenó. Um laçao

colocou uns tijolos quentes no chão do veículo para que apoiasse os pés ali, e logo estendeu uma manta sobre os joelhos. Estremecendo levemente pelo prazer do calor e a comodidade do trenó, Mira enterrou as mãos nas mangas.

— Tem frio? — perguntou Alec com suavidade, e ela negou com a cabeça.

— Os livros? — recordou-o.

— Gostou deles?

— É obvio que gostei. Só que não quero.... não quero ter que dever nada a você.

— Não me deve nada — disse com ar despreocupado, — não por um pouco de papel e couro.

— Escreveu «de um admirador» no cartão — comentou, com olhos inquisitivos, e ele encolheu os ombros.

— Sinto uma grande admiração por você. — Disse com tal ligeireza que não parecia de todo autêntico. — Não importa o que passe, Mira, é a classe de pessoa que sempre vai em frente; possui talento para se fazer amiga daqueles que podem ajudá-la.

— Isso não soa muito adulator.

— Seriamente? — perguntou Alec adotando uma atitude preguiçosa. — Asseguro-o que é.

Quando os primeiros trenós começaram a deslizar pela grossa capa de neve, os sinos das bridas dos cavalos repicaram em alegre sintonia com os cascos. Contra o que Mira esperava, os trenós não formavam uma só fileira, pois alguns se desviavam do grupo principal. Uns quantos juvenzinhos começaram a jogar, a passar de um lado a outro da fila apesar dos protestos das jovens que os acompanhavam. Outros trenós ficaram suspeitosamente atrasados; não havia nenhuma dúvida do que seus ocupantes pretendiam fazer. Roubar beijos ou tomar outro tipo de liberdade era algo habitual em uma festa de trenós. Justo diante deles, um jovem de cabelo avermelhado agarrou um torrão de neve e meteu no pescoço da jovem que o acompanhava, que lançou chiados indignados em resposta. Mira riu entredentes e olhou Alec.

— Quem é?

— Spencer Whitebrook — replicou Alec com os olhos brilhantes.

— Um jovem de sua idade, conhecido por cortejar de uma maneira muito original.

— Ah... Tomo nota. Direi a Rosalie que o risque da lista de possíveis pretendentes.

— Antes que comece a tirar nomes desta lista, deveria saber que não tem muito o que escolher. E antes que me dirija esse gélido olhar, deixe-me terminar. Não é por você, bem sabe Deus que tem tudo o que é preciso para atrair a atenção de um homem, é só que este ano há muito poucos jovens casadouros.

— Isso explica por que é um dos solteiros mais cotados.

Alec arqueou a sobancelha.

— Está dizendo, senhorita Germain, que se houvesse mais solteiros disponíveis eu não estaria no primeiro lugar da lista?

— Possivelmente no meio.

— Acaba de ferir meus sentimentos — disse Alec, rendendo-se brandamente. — Por que tem uma opinião tão baixa de mim? Conforme me disseram sou muito tolerável.

— Às vezes você é. Muitas, de fato, mas outras é totalmente intolerável.

— Uma descrição justa.

— Não, porque é intolerável na maioria das vezes.

— Antes que diga que é pouco encantadora, por que não me conta como vai com os Berkeley?

— Muito bem, obrigada.

— Que comedida e educada. Nota-se a influência de lady Berkeley. Diga a verdade, estava acostumado a ouvir isso antes.

— E já vê para que serve. Esperou doze horas exatas antes de trair minha confiança.

Alec não se alterou pela acusação.

— Houve circunstâncias atenuantes. Como o fato de que a tratasse como a uma prostituta de Fleet Street diante de mim.

— Não é desculpa! Não tinha nenhum direito de fazê-lo. Intimidou-me para que revelasse o segredo de Sackville, e como uma tola acreditei que nunca o usaria contra ele. Foi algo desonroso e...

— Não se atreva a falar da honra — disse Alec com suavidade, lançando um olhar de advertência. — Não tomo a honra de

brincadeira, minha pequena amiga, e lamento haver esquecido ao conhecê-la. Apesar de todos os sentimentos que inspira nos homens, a honra não parece formar parte deles, e tampouco a honradez. Sei exatamente o que fiz, e o que fez Sackville, e por quê.

— Não me olhe como se tivesse a culpa de tudo — disse entrecerrando seus olhos castanhos. Ele estava sendo tão odioso como sempre, mas que alívio era falar com total liberdade! Era o único homem do mundo com quem podia falar com franqueza. Devido à intimidade compartilhada, podia falar com ele de um modo que jamais faria com ninguém, inclusive Rosalie. — É conveniente me culpar pela maneira que Sackville e você se comportaram, mas, sinceramente, esperava mais justiça de sua parte.

— E por quê — perguntou Alec secamente — esperava tal coisa?

— Porque não devia se atrever a me julgar quando você é ainda menos escrupuloso que eu.

Alec riu entredentes.

— *Touché.*

— Bem. E agora prefiro não falar mais deste assunto.

— Foi você quem tocou no fato.

— Falávamos dos Berkeley — disse Mira, fazendo um esforço para mudar o rumo da conversa. Não queria passar todo o passeio do trenó trocando recriminações.

— Sim, e dizia o que pensava deles. Tratam-na bem?

Olhou-o com rapidez, assombrada ante o tom de sua voz. Quase soava preocupado, embora sua expressão fosse neutra.

— O conde e lady Berkeley me tratam muito bem — respondeu, — mas todos os outros parecem muito...

— Críticos.

— Sim, isso. Cada vez que Rosalie me deixa sozinha, parece que só encontram defeitos.

— Se é tudo, então não acontece nada. Os Berkeley são conhecidos por isto. Não lançam suas críticas a uma pessoa em particular, a não ser para todos no geral.

— Bom, alegre-me saber que não é algo pessoal. Mas reconheço que não é fácil viver com eles.

— Olha pelo lado bom. Pertencço à família Falkner, que é ainda

pior que os Berkeley. Os Falkner gostam de discutir e mostrar a roupa suja dos outros, para não dizer que têm um temperamento temível.

— Como o seu?

— Pior inclusive. Sou o cordeirinho da família.

Mira riu.

— *Dieu*, isso sim que dá medo. De quem herdou esse formidável temperamento?

— De meu pai. Era muito impulsivo, enquanto que minha mãe se orgulha de ser fria e prática. Suavizou-se com a idade, mas dizem que em sua juventude era a mulher com o coração mais duro da Inglaterra.

— E como foi que casou com seu pai?

— À base de perseverança. Ela se rendeu depois de um incidente em um torneio medieval que se celebrou em Staffordshire faz mais de trinta anos. Edward Penrhyn, que sempre mostrou um grande interesse pela história medieval e que se considerava um cavalheiro moderno, foi quem auspiciou tal acontecimento. No torneio houve combates e escaramuças, tradições e roupa da época...

— Combate? Não era muito perigoso? Não teria sido mais seguro um torneio simulado?

— Suponho que dependia do que envolvesse o jogo. Penrhyn se entusiasmava com a ideia de duas coisas. A história era uma delas.

— E a outra?

— Uma mulher escorregadia e com muito caráter. Minha mãe, Juliana Penrhyn.

— Penrhyn? Eram aparentados?

— Eram primos. Depois da morte de seu primeiro marido, Juliana decidiu voltar a se casar, e tinha concentrado suas atenções em Edward. Era o partido perfeito, mas John Falkner, um jovem da área, tinha decidido que a queria para si, e a perseguiu sem descanso, embora minha mãe não quisesse nada com ele.

— Por quê?

— Meu pai era quatro anos mais novo que ela, e possuía muito mau gênio. Minha mãe, de caráter frio, considerava que tal união seria um desastre. De outro lado, John era o segundo filho de um duque, e ela jamais teria título nem dinheiro.

— Mas a quem ela amava?

— Amava meu pai — continuou Alec depois de uma longa pausa.

— Mas ela não pensava permitir que isso afetasse a sua decisão de se casar com Edward. Não acreditava no romantismo.

— Impossível — disse Mira com firmeza. — Ainda não conheci uma mulher que não seja no fundo uma romântica, por muito que diga o contrário.

— É porque não conheceu a Juliana.

Mira negou com a cabeça e sorriu.

— O que aconteceu no torneio?

— Assistiram mais de setenta mil pessoas, incluindo o rei e sua família. Meu pai se inscreveu na lista para competir no combate com o nome de Cavaleiro da Rosa Branca. Ele teve que enfrentar o que era favorito para ganhar o torneio, o Cavaleiro do Leão Vermelho.

— Que era o primo da Juliana, Edward, não?

— Exato. Juliana se sentou na arquibancada para ver o combate. Foi escolhida a rainha da beleza, por isso seria ela quem colocaria a coroa de flores na cabeça do ganhador. Depois de várias corridas e golpes certos com a lança, Edward derrubou meu pai e ganhou o torneio. Assim Penrhyn foi o vencedor do dia, enquanto que meu pai saía do campo com um braço em uma tipoia e o orgulho ferido.

— O que fez Juliana? — perguntou Mira com suavidade.

— Conforme contam minhas tias, ajoelhou-se junto dele e prometeu o céu e a terra. Pensava que estava ferido gravemente, sabe? E pode ser que temesse que o resultado daquele confronto fosse uma morte prematura. — Alec riu entredentes enquanto imaginava a cena. — Deus, teria me encantado ver.

— Parece que se fingir de doente é um talento que possuem todos os homens de sua família — observou Mira com secura.

— Funcionou — assinalou Alec. — Anunciaram o compromisso no baile e banquete que se celebrou naquela noite.

Mira sorriu amplamente.

— Acredito que apesar do que diz, sua mãe é uma romântica.

— Não mais que você.

Embora Mira tentasse ignorar o sorriso provocador de Alec, não pôde evitar que a percorresse uma onda de calor.

— Há uma coisa que não compreendo — disse ela. — Como você tem o título se seu pai era o segundo filho?

— Meu tio mais velho morreu antes de ter filhos. Meu pai morreu em um acidente de equitação faz dez anos.

Mira assentiu em silêncio. Logo se deu conta de que durante sua conversa Alec tinha diminuído o passo do cavalo e estavam no final da fila de trenós.

— Por que vamos tão devagar? O cavalo está cansado?

Havia um brilho malicioso nos olhos de Alec, um brilho que a fez recear.

— Vamos tomar um atalho.

— Não pedi a minha permissão.

— Já disse uma vez, não gosto de pedir permissão.

— Que classe de atalho?

— Todos vão circundar o bosque pelo caminho que conduz ao retorno à propriedade Stamford. Nós iremos por esse caminho e nos reuniremos com eles do outro lado.

— Escute bem, milorde, pode ser que você esteja disposto a arriscar sua reputação, mas eu...

— Já disse uma vez que me chamasse Alec e...

— Muitas coisas mudaram após.

— ...ninguém sentirá nossa falta.

— Rosalie sim!

— E acredita que dirá algo se perceber? — perguntou Alec, açulando o cavalo. — Não, a menos que esteja disposta a que o rumor de sua reunião com Brummell se estenda por toda Londres.

— Seria capaz de chantageá-la? — indagou Mira, agarrando-se na borda do trenó quando ele fez virar o veículo e o afastou com rapidez dos outros.

— Prefiro pensar que guardará meu segredo como eu guardei o seu.

— É um canalha! Não estou surpresa absolutamente que me tenha dito que você...

— Que eu o quê? — apressou Alec, sorrindo amplamente enquanto ela guardava silêncio, furiosa. O trenó avançou depressa entre uns pinheiros cheios de pedaços de gelo. — Não importa. Deixe

que adivinhe. Ponho-a nervosa, verdade? Não confia em mim.

— Evidentemente, possui um instinto excelente.

— E não me quer perto de sua pobre cordeirinha. A pobre e indefesa Mira que sempre leva uns brinquedos interessantes em sua bolsa.

— Não levo nada hoje.

— Nenhuma adaga?

— Não!

— Não importa — disse, detendo o trenó nos limites do bosque. — Pode ferir muito mais com suas palavras.

A quietude do bosque invernal foi quebrada pelo crepitar de gelo nos ramos. Era um mundo suspenso no tempo, um mundo quebradiço e formoso.

— Ninguém pode ferir você. Minhas palavras ricocheteiam como flechas sem ponta — repôs com voz baixa.

Alec negou com a cabeça e seu sorriso se desvaneceu. De repente, estava sério e a olhava com ternura como se acabasse de se dar conta de algo que não compreendia antes.

— De jeito nenhum. Cravam-se profundamente apesar de meus esforços para arrancá-las.

— Alec — sussurrou ela, — temo que não acredito.

— Tem a voz trêmula. Não terá medo, verdade?

— Tenho frio.

— Não farei mal a você. — aproximou-se dela e acariciou a curva do queixo com a ponta de um dedo enluvado.

Mira fechou os olhos ante o tato frio do couro em sua pele, e a espera a manteve imóvel quando ele inclinou a cabeça escura e roçou a boca com a sua. Os lábios de Alec eram quentes e suaves. A doçura do beijo a fez arder profundamente. Embora seus corpos estivessem separados por capas de roupa grossa. Mira sentiu que ardia suave e intensamente, ao sentir aquele quente e íntimo beijo. Passou tanto tempo, tanto tempo desde que se sentiu querida. Alec a fazia sentir-se especial, fazia sentir que era a única mulher que desejava no mundo. Despertava nela uma forte sensualidade, que nublava seus sentidos e fazia que respondesse a ele cegamente.

Quando inspirou trêmula, o puro ar do inverno inundou seu

olfato. Precisando senti-lo mais perto dela, tirou a mão da manga e levou os dedos à face de Alec. A aspereza da pele masculina raspou a ponta de seus dedos e Mira curvou a mão com suavidade tocando a mandíbula enquanto desfrutava da liberdade de tocá-lo. Alec estendeu o braço por suas costas, desejando saboreá-la com maior profundidade, e amoldou sua boca a dela procurando sua língua com a dele, pressionando os lábios até que Mira se sentiu muito desconcertada para continuar e afastou o rosto com um arquejo afogado.

— Por que me abandonou em Hampshire sem me dizer nada? — murmurou, roçando a mandíbula com seu suave e quente fôlego.

Não havia nenhuma acusação em seu tom, mas sim algo que ela não entendeu. Mira fechou os olhos ao recordar a dor que sentiu no dia que abandonou Sackville Manor.

— Não me deixou outra alternativa — disse com voz neutra. — Os Berkeley estavam ali, queriam que fosse com eles. E Sackville pedira que partisse ao fim de uns dias.

— Não me disse isso.

— Faria alguma diferença se soubesse? Jamais me prometeu nada. Não me propôs nada, nem sequer depois da noite que nós...

— Sabia que tudo o que tinha que fazer era pedir ajuda — disse Alec com voz tensa, apartando-se dela e a olhando fixamente. — Proporcionaria um lugar onde ficar, se fosse o que queria...

— Se tivesse consentido em ser sua amante. — Mira sorriu com frieza. — E naquele época era tão tola que provavelmente aceitaria. Mas não agora, nem por um palácio, nem por todo ouro do mundo. Mudei desde então, e percebi que quero mais do que você pode oferecer.

Agarrou-a pelos braços. Suas mãos enluvadas eram como grilhões de aço cobertos de veludo.

— E o que espera que ofereça? — inquiriu com um repentino ataque de ira e a voz dura pela frustração. — Conhece minha posição e a responsabilidade que implica. Meu Deus, ainda desejo você, não o duvide, mas sou um Falkner. O filho primogênito. Tenho que me encarregar da família, e algum dia ter herdeiros que levem meu nome. Se fosse diferente... Se fosse alguém distinto...

— Entendo — disse Mira com voz fraca, sentindo que gelava por dentro. — Entendo-o perfeitamente.

— Então, pelo amor de Deus, aceitará o que posso lhe dar? Poderia dar tudo, menos meu nome. Poderia fazê-la feliz...

— Não, não poderia — interrompeu com rapidez. — Antes talvez, mas não agora. Não é culpa sua que tudo tenha mudado. Não necessito roupa formosa nem dinheiro para ser feliz. Não necessito camarotes no teatro nem bailes. Não necessito de paixão. Nem ser admirada. Tudo o que quero é uma vida tranquila e minha própria família.... e isso é o que tentarei conseguir com a ajuda de Deus. Não sei por que vim aqui com você. Sei que não deveria fazê-lo. Rosalie tinha razão, seria muito melhor que tivesse ido no trenó de alguém como Onslow. — Mira sentiu que Alec ficava tenso ao seu lado, mas continuou. — Depois que voltarmos com outros e chegarmos à propriedade de Stamford, não quero voltar a falar com você. Não quero voltar a vê-lo. Felizmente, não assistirei mais que um par de festas até a primavera, e só peço que faça o mesmo esforço que para me evitar.

— Possivelmente é o melhor — concordou Alec friamente, e agitou as rédeas para se unir à fileira de trenós que se aproximava deles.

Mira permaneceu tão longe dele como foi possível durante o resto do frio passeio. Não trocaram mais palavras, nem sequer quando Alec a ajudou a descer do trenó e a acompanhou no interior da mansão com os demais convidados. Quando ela estava a salvo, deixou-a e nem sequer dirigiu o olhar durante o resto da reunião.

— Sinto-o — disse Mira a Rosalie, assim que tiveram oportunidade de falar. Sua voz continha uma sinceridade que evitou a reprimenda que Rosalie tinha na ponta da língua. — Cometi um terrível engano. Não devia ter ido com ele. Tinha razão.

Não me agrada ter razão — replicou Rosalie, olhando-a fixamente com seus olhos azuis, — não quando parece tão angustiada por isto.

O inverno não passou tão lentamente como Mira temera. Encontrou muitas coisas nas quais ocupar seu tempo, uma delas foi tratar as diversas doenças que surgiram entre os convidados e arrendatários da propriedade de Berkeley. O ar frio continha uma umidade que traspassava a roupa e a pele e chegava até os ossos e, a

sopa quente, o ânimo e o fogo das lareiras não pareciam ser suficientes para esquentar os corpos daqueles que passavam algumas horas à intempérie. Por sorte, a cozinha estava bem provida de plantas secas e ervas, das que Mira estava acostumada a utilizar para tratar os resfriados e a tosse, assim como a dor nos ossos, na garganta e nos ouvidos.

Durante estes dias, fez uma multidão de cataplasmas de linhaça e gotas para o ouvido com os sucos que obtinha das plantas esmagadas. Para os dores de artrite, reumatismo e gota fez uma loção a base de gerânio e carvalhinha. Para dor de ouvido, garganta e pescoço, fez cataplasmas quentes de cevada fervida, plantago ovata, mel e azeite de lírio. Dado que o clima era inclemente, não havia ninguém na propriedade que não solicitasse suas receitas e remédios.

Entretanto, só uma semana daquele gélido inverno foi verdadeiramente insuportável para todos os residentes de Berkeley Hall, e foi a semana de março quando Rosalie adoeceu. Só foi um resfriado com um pouco de febre, mas a enfermidade de Rosalie desordenou toda a organização e eventos de Berkeley Hall. Não obstante, o pior problema era Rand. Quando ia visitar sua esposa, febril e com o nariz vermelho, comportava-se de uma maneira terna e cortês, mas sempre que ela dormia, ou estava fora de sua vista, transformava-se em um homem caprichoso e irritável, de quem ninguém ousava se aproximar. Mira observava tudo com humor e simpatia dissimulada, sabendo por experiência que Rand não suportava que algo ameaçasse a saúde ou a felicidade de Rosalie.

— Tem que melhorar logo, Rosalie — disse Mira uma tarde, quando levou uma xícara de tisana quente ao dormitório dos Berkeley.

Rosalie franziu o nariz ao tempo que estendia a mão para pegar a xícara.

— O que tem aqui? Mais dessas ervas espantosas?

— Chá e mel.

— Oh, graças a Deus. — Rosalie tomou um grande gole do chá doce e suspirou de prazer. — Agora explique por que tenho que melhorar logo. Só levo um par de dias na cama.

— Seu marido está insuportável.

— Seriamente? Comigo se comporta de uma maneira extraordinariamente doce.

— Com você sim — disse Mira e riu entredentes. — Mas sabe de sobra como se comporta com todos os outros. As paredes não são tão grossas.

— Meu pobre Randall — disse Rosalie com suavidade, rindo-se bobamente e espirrando ao mesmo tempo. — Pode ser que proteste um pouco, mas na realidade não pretende desagradar todos com...

— Não se desculpe por ele. Limite-se a ficar boa logo que seja possível. Está tendo um comportamento aterrador com todo mundo.

— Pobre Mira. — Rosalie lançou um olhar especulativo e constrangido. — Está um pouco mais magra e não gosto disso. Passa o dia se ocupando de todo o mundo e não trouxe você aqui para isso. Precisa descansar mais e... comeu bem?

— Ainda faltam dois meses para o começo de temporada. Não se preocupe, até lá estarei apresentável.

— Não brinque com isso. Dentro de um mês começaremos a fazer visitas e apresentações sociais, e não quero que esteja cansada e ocupada com outras coisas. Parece como se estivesse sofrendo por alguém.

— Sofrendo? — burlou-se Mira, passando a mão pelo cabelo em um gesto nervoso. — Por quem? Por Edgar Onslow? — Oxalá fosse! Seria um problema de fácil solução. — Não sofro por ninguém — disse Mira com brutalidade.

— Mas há algo que preocupa você.

— Claro que há algo que me preocupa, levo semanas dizendo a você. Mira estava sentada aos pés da cama e esfregou o rosto com ar ausente, deixando um sinal dourado na ponta do nariz. — Logo começará a temporada e, por fim, porei em prática todas as regras do jogo que me ensinou — disse com suavidade, fechando os olhos e suspirando. — Jamais gostei de jogos, e menos ainda deste. Vou me converter em uma impostora, o que me faz sentir muito incômoda. Não me sinto à vontade comigo mesma. Não sei se chegarei a pertencer a algum lugar.

— Mas você já pertence a um lugar — disse Rosalie com ansiedade.
— Aqui.

— Não digo que não me alegro de estar aqui, mas este é seu lar, e sua família.

— Algum dia terá seu próprio lar e sua própria família — insistiu Rosalie. — E tudo isto deixará de preocupá-la.

Mira dirigiu um sorriso triste, e abrindo os olhos observou Rosalie de maneira inquisitiva.

— De verdade crê que a resposta é o matrimônio? — perguntou. — Eu não. Para mim só é um novo papel que terei que adotar, e embora me aterrorize fracassar, sei que não há nada que possa fazer para evitá-lo.

O matrimônio era só uma cerimônia cuja finalidade era unir duas pessoas para toda a vida, e sabia que nenhum ritual, juramento ou cerimônia podia dissipar a sensação de solidão que sentia. O matrimônio não alteraria nada, nem mudaria aquela certeza interior de que ela não se encaixava em nenhuma parte.

— Não compreendo sua fixação sobre os papéis e os lugares — disse Rosalie desconcertada. — Não desempenha um papel na vida, simplesmente vive.

— Que eu saiba, já vivi várias vidas, quando tudo o que queria era viver uma. — Esfregou a testa num gesto cansado. — Oh, que velha sou, sinto-me manchada ao lado dessas garotas de dezessete e dezoito anos. Não sabem nada do mundo, mas sabem qual é o seu lugar nele. Já sabem quem são e o que farão com sua vida. São tão maravilhosamente convencionais que não posso deixar de sentir inveja delas.

— Não acredito que possa julgar a você mesma pelos padrões convencionais.

— Mas isso é o que farão todos os outros. Não o vê? Isto é um engano.... É um engano pretender que me encaixe no seu mundo. Sinto-me como um ladrão que tentará entrar furtivamente pela porta lateral de uma casa, para ocupar um lugar que não lhe corresponde. Não seria melhor encontrar um emprego para mim em alguma outra parte? Algum lugar seguro e afastado, onde não chamarei a atenção.

— Não seria mais feliz desta maneira — disse Rosalie com teima. — E se o que diz é certo, e em realidade não pertence a nenhum lugar, então bem pode aceitar os planos que tenho para você. Tanto

faz se se casar com um barão ou com um padeiro.

— Não crê que está sendo um pouco extremista?

— Você não é uma pessoa convencional. Tem suas próprias regras, e pensa e sente de acordo com elas. É muito mais bonita que as jovens que diz invejar, é muito mais interessante e digna de amor que elas. É... — Rosalie suspirou e a olhou com impotência. — É Mireille Germain, é diferente e especial. E isso não vai mudar.

Mira guardou silêncio durante um bom momento, meditando sobre as palavras de sua amiga, até que adquiriram um estranho sentido para ela. Com a inata praticidade que herdou de seus antepassados franceses, Mira começou a perceber quão inútil era se lamentar pelo que nunca poderia chegar a ser. Ela era quem era e, como Rosalie ressaltara, não podia fazer nada para mudar. Tão difícil era tirar partido da situação? Acaso tinha outra opção?

— Sim, sou Mireille Germain — disse com um sorriso cansado — e suponho que poderia ser alguém muito pior, não é?

Carr entrou no escritório de Alec enquanto ajustava o nó da gravata. O aposento onde Alec trabalhava era muito singelo, quase espartano. Estava decorado com motivos egípcios e tinha uma ampla mesa de mogno entre duas janelas. Alec passava muitas horas trabalhando ali, quer seja em seus desenhos arquitetônicos ou na contabilidade familiar, ou mesmo em diversos interesses nacionais e internacionais. Assumiu suas responsabilidades quando tinha dezoito anos e se acostumou a exercer total autoridade e absoluto controle das posses e propriedades dos Falkner.

— Então, você recebeu uma mensagem de Juliana — disse Alec, levantando a vista da mesa.

— É sua mãe — disse Carr em tom razoável, inclinando-se sobre a mesa e dando a Alec um sorriso conciliador. — Gosta de vê-lo de vez em quando. Especialmente depois da última vez que a visitou; quanto tempo faz? Três meses?

— Dois meses.

— Que seja. Ficou preocupada. Disseme que parecia um condenado francês, pálido e magro.

— Como é que agora se converteu no mensageiro de minha mãe?

— Grunhiu Alec — Não tem nada melhor a fazer?

— Mas pelo que posso ver tem melhor aspecto. Ganhou peso e volta a ter boa cor.

— Quando quiser um diagnóstico, chamarei um médico.

Alec sabia que estava com mau aspecto da última vez que tinha visitado a mansão Falkner. Umas semanas de dissipação e bebida costumavam provocar isso num homem. Depois do perturbador episódio com Mira na festa de trenós, passou um mês em Londres, bebendo sem parar, para afogar os pensamentos e o insaciável desejo que sentia por ela. Passou as noites no Brooks, jogando com seus companheiros de farra até altas horas da madrugada, deitando-se quando chegava a alvorada. Mas não importava quão cansado estivesse, pois nem sequer em sonhos pôde escapar da lembrança de Mira. Quão único conseguiu com aquela atitude era que seus olhos se aprofundassem e sua tez empalidecesse, e que sua boca franzisse com insatisfação.

Mas depois que o inverno deu lugar à primavera, examinou a si mesmo e se sentiu enojado. Ele não podia gemer e suspirar como Byron por uma mulher que jamais seria dele. Nunca foi dado a cair na melancolia, nem à dissipação dos dândis, e cortou pela raiz aquele comportamento. Havia tornado a beber moderadamente, e a montar a cavalo com frequência. Buscou melhores companhias que os jogadores e dândis do Brooks. E quando ia ao clube era para jantar, não para apostar. Estava em forma de novo e seu aspecto era totalmente diferente. Oxalá fosse tão fácil voltar a ser o mesmo por dentro como o fôra por fora. Não era capaz de mentir dizendo que alguma outra mulher poderia substituir Mira.

— Pode dizer à minha mãe que visitarei o campo neste fim de semana.

— Estará encantada de voltar a ver você — disse Carr com um sorriso descarado e os olhos verdes faiscantes.

— Alguma coisa mais? — perguntou Alec, agarrando uma pena e passando o polegar por ela.

O sorriso de Carr mudou, voltando-se precavido e um pouco na defensiva.

— Sim. Queria fazer uma pergunta a você. Outro dia falando com o Jules Wyatt, sabe quem é, aquele homem alto que seguia Holt a

todos os lugares, que tentava imitar...

— Recordo-o.

— Fiz perguntas aqui e lá. Nada concreto, só para satisfazer minha curiosidade. Falei com o Wyatt sobre Holt, recordando os velhos tempos. Surpreendeu-me que Wyatt mencionasse algo que jamais soube antes de Holt.

O olhar prateado de Alec se aguçou.

— O que disse?

— Que antes de morrer, Holt estava vendo uma jovem, uma garota chamada Leila. Pareceu que era muito importante para ele. Wyatt me disse que Holt estava louco por ela. Mas Holt nunca a mencionou para mim e, geralmente, costumava fazer alarde de suas conquistas românticas. Ele disse que parecia que essa Leila lançou algum feitiço sobre ele. Wyatt me disse que Holt inclusive, falou em casar com ela.

— Sim — disse Alec, encolhendo os ombros com despreocupação. — Mas que importa agora?

— A mim. Qual era o seu sobrenome? Sabe? Disse alguma vez a você?

— Não o recordo. Por que ela parece importante?

— Segundo Wyatt, Leila desapareceu uma semana antes que Holt morreu. Quando digo que desapareceu, quero dizer que desapareceu por completo. Foi como se a tivessem apagado da face da terra. Como se nunca tivesse nascido. — Carr franziu a testa, visivelmente alterado pelo rumo que tomavam seus pensamentos. — Se pudesse averiguar o que lhe aconteceu, encontraria a chave para saber por que Holt foi assassinado. Sinto-o nas vísceras!

Alec entreceitou os olhos e o encarou. Por uma vez, descobriu que não podia ignorar as palavras de seu jovem primo; também desconfiava que o suposto desaparecimento da Leila e o assassinato de Holt estavam relacionados.

— Leila Holburn — disse com suavidade.

— Holburn. Está seguro? — perguntou Carr, balbuciando de excitação.

— Sim, estou seguro. Jamais a vi nem a conheci. Mas sempre me falava dela.

— Tenho que encontrar a sua família... Possivelmente possam me

contar...

— Não. — Alec se reclinou na cadeira, apoiou as botas em cima da mesa e observou os pés com ar pensativo. — Eu farei. — Alec sempre estabelecera sua autoridade com tanta firmeza, que nenhum homem da família Falkner, nem sequer os próprios tios de Alec, punham em julgamento suas decisões. Mas, de improviso, cravou os olhos cinzentos em Carr e acrescentou muito devagar: — Se não tiver nada a objetar a respeito, é claro.

Carr piscou, evidentemente surpreso. Alec o convidava a se mostrar em desacordo, a perguntar, a comentar o assunto. Era um privilégio que só Holt desfrutou, e Carr era plenamente consciente do fato.

— Não, não tenho nada a objetar — disse, mas não pôde evitar acrescentar, — sempre que me deixe tomar parte.

Para alívio de Carr, seu primo riu a contragosto.

— Por que não?

Alec percebeu que não o incomodava a presença de Carr tanto como temia. Carr era diferente de Holt, mas possuía um tipo de atitude temerária que Alec começava a apreciar.

— Começava a me perguntar — disse Juliana com frieza, — o que aconteceu com você.

Alec sorriu e se inclinou para beijar a mãe na face. Ela deu o rosto com ar régio e os lábios de seu filho só roçaram o ar, mas Alec não se incomodava com aquela frieza, esperava-a. Havia coisas nas quais Juliana jamais mudaria. Embora seus olhos, de um azulado cinza metálico, perdiam o brilho com a idade, ainda possuíam uma expressão aguda, firme e inteligente. Juliana era a única pessoa que Alec conhecia que jamais se preocupava com o que as pessoas pensavam dela; sua mãe sempre acreditava ter razão e que qualquer um que fosse contrário estava equivocado. Só admitia ter cometido um engano em sua vida, e foi quando pensou em se casar com Edward Penrhyn em vez de John Falkner. Mesmo assim, considerava que só fora um passo em falso, pois retificou a tempo.

O maior elogio que fez alguma vez a Alec era admitir que se parecia mais a ela que a seu pai. Seu irmão mais novo, Douglas, era muito mais parecido com John Falkner, com um temperamento

contido e doce, conciliador e complacente, e inclusive autodepreciativo. Embora tenha amado com loucura seu marido, Juliana não tinha qualquer consideração por suas qualidades, pois nenhuma delas a ajudou a se converter numa das mulheres mais poderosas e influentes de sua época. Sempre obrigava as pessoas a competir por sua aprovação, a ganhar sua estima e afeto. Em sua opinião, a melhor arma que alguém podia possuir era a habilidade de conseguir que os demais o necessitassem. Ninguém era tão arisca e enérgica como Juliana, que fazia qualquer coisa que se propusesse, menos mostrar ternura materna.

— Carr comentou que você...

— Carr — bufou Juliana, pegando sua xícara de chá da mesa Sheraton que tinha ao lado. — Surpreende-me inclusive que conseguiu transmitir a mensagem. É um rapazinho banal e caprichoso. Mas não se pode esperar mais de um Falkner que se casa com outro Falkner.

O tio do Alec, Hugo, casou-se com uma prima longínqua dos Falkner, uma união que na opinião de Juliana só produziria crianças simplórias. Depois de ter observado a imprudência de Holt no passado e a crescente irreverência de Carr, concluiu que não se equivocara muito.

— Por que está aí de pé? — perguntou Juliana de repente, olhando Alec com os olhos entrecerrados e assinalando o elaborado sofá de brocado. — Sente-se aí para que possa vê-lo.

— Não ficarei muito tempo — disse Alec com voz suave, sentando-se onde ela havia indicado. A vista de Juliana começava a falhar, um fato que se negava a reconhecer. Submeteu Alec a um intenso escrutínio e logo assentiu com aprovação.

— Observo que seguiu meus conselhos da última vez que nos vimos.

— Sempre escuto seus conselhos.

— Agora parece meu filho outra vez; forte e saudável. Novamente volta a correr sangue Penrhyn por suas veias.

— Deve correr — concordou Alec, com os olhos brilhantes de zombeteiro.

— Pode ser que pareça um Falkner, mas no fundo é um Penrhyn e

sempre o será. — Juliana baixou conspiradoramente a voz. — E embora sempre considere que casar entre parentes produz mau sangue, não me importaria que acrescentasse um pouco de sangue Penrhyn mais a esta família. Viu a filha de minha sobrinha Elizabeth ultimamente? Converteu-se em uma juvenzinha atraente e...

— Não vou casar com uma Penrhyn — disse Alec com firmeza. — Nem tampouco com uma Falkner, algo que suponho me agradecerá. De fato — acrescentou com secura, — Estou considerando seriamente a perspectiva de seguir solteiro toda minha vida.

— Tolices, quero que case. E mais, quero que case logo.

— Por alguma razão em particular?

— Tem vinte e oito anos, é três anos mais velho do que era seu pai quando se casou comigo.

— Mas você já tinha completado os vinte e nove quando se casou com papai — disse Alec com fingida inocência.

— Jovenzinho provocador... Não vai me distrair desta vez. Direi o que tenho a dizer.

— Jamais me atreveria a dissuadi-la.

— Durante os últimos anos observei passar temporada atrás de temporada sem assentar a cabeça. Vi como perdia tempo com essas jovens loiras e tolas, e me revolia o estômago ao pensar que alguma delas pudesse se converter em minha nora.

Alec clareou garganta, parecendo um pouco divertido.

— Vejo que decidiu falar com franqueza.

— É muito teimoso e orgulhoso para cortejar o tipo de mulher que mais convém a você... uma mulher como eu. Essas garotas loiras e tolas são muito populares, é obvio e, embora saiba que você sempre quer *la crème de la crème*, uma dieta à base de creme e sem leite é ruim para o estômago. Espero que compreenda o que quero dizer.

— Que desaprova meu gosto em mulheres — indicou Alec, adotando uma expressão de educado interesse a qual sua mãe respondeu com brio.

— Desaprovo-o energicamente. São todas vazias. Não têm coração, nem guelra, nem força. Esmagaria qualquer uma delas sem nem sequer tentar, e do que serviriam então?

— Aprecio sua preocupação maternal — disse, brindando-a com

um cálido sorriso. — Mas duvido que fique satisfeita com alguma...

— Ficarei satisfeita — interrompeu Juliana, — quando escolher suas mulheres com o mesmo critério que escolhe seus cavalos e seus licores.

Alec riu jogando para trás a cabeça escura. Depois a olhou com um sorriso nos lábios.

— Farei uma promessa. Dou-te permissão para que nesta temporada procure a quem considera adequada para mim. Quero satisfazer minha curiosidade sobre o tipo de mulher que aprovaria. E oferecerei a essa candidata a atenção devida. Minha única condição é que não seja nenhuma Penrhyn, nenhuma Falkner... e que leve em conta minha predileção pelas loiras.

— Loiras — resmungou Juliana. — Que asco, os homens são criaturas odiosas. Todos e cada um deles, incluindo meus próprios filhos.

O Pavilhão Real de Brighton parecia um templo erguido com o único fim de estimular e celebrar os diferentes tipos de prazeres que os sentidos podiam experimentar. Era um monstro criado a partir de uma delirante mescla de exóticos estilos arquitetônicos, que desconcertava a vista. Uma parte do edifício foi construída em estilo grego, outra em estilo chinês e egípcio e a enorme cúpula central, em estilo turco. Era um desenho do famoso arquiteto John Nash e custou uma quantidade exorbitante, só para satisfazer o capricho do rei Jorge. Adornado com palmeiras, dragões e estranhos funis invertidos, o edifício provocou em Mira uma sensação de admiração e inquietação. Tinha a impressão de ter entrado em um suntuoso harém.

— Adorará o lugar — disse Rosalie com a fisionomia radiante de excitação enquanto atravessavam a galeria da China e levantavam a vista para os dragões verdes e dourados que os olhavam do teto.

— Sim — acrescentou Rand Berkeley com os olhos dourados brilhando maliciosamente, enquanto acompanhava as duas mulheres por várias galerias orientais. — É insípido, mas divertido.

— Sempre há algum evento interessante — continuou Rosalie animadamente. — Festas, leilões, jantares ou banquetes, concertos, dança, atuações...

— Sinto-me exausta só em pensá-lo — disse Mira, mas sorriu enquanto falava, imaginando todos os sons e imagens que experimentaria no Pavilhão durante os próximos dias.

Detiveram-se para admirar uma parede grafite com discretos desenhos orientais.

— E sempre há algum concerto, pois o rei é um apaixonado por música e tem uma orquestra privada que atua todas as manhãs e tardes.

— Estou desejando conhecê-lo — confessou Mira.

Ouvira tantas histórias sobre o rei Jorge que já não sabia no que acreditar. Robusto e bem vestido, era conhecido por ter o melhor porte e as maneiras mais elegantes de toda a Inglaterra. Durante sua conversa na comprida viagem de Warwick a Brighton, Rand explicara que Jorge IV só convidava a Brighton àqueles que poderiam ser de utilidade em algum momento. Um grande número de proeminentes figuras sociais e políticas estavam ali. Mira sabia que Rosalie esperava que George Canning, o ministro dos Assuntos Exteriores, também estivesse. Rosalie estava resolvida a falar com ele para pedir que desse um posto a Brummell na França, e Mira estava disposta a ajudá-la nessa missão.

— Gostaria que ambas vigiassem seus passos durante os próximos dias — disse Rand.

Rosalie e Mira trocaram um olhar culpado. Rand seguia sem saber nada do encontro secreto com Brummell, nem do plano de Rosalie para falar com o ministro a sós, e ambas ficavam nervosas ao ter que ocultar esse segredo. O marido de Rosalie não era tolo e muito poucas coisas escapavam dele.

— O que quer dizer, milorde? — perguntou Rosalie com um falso sorriso.

Rand dirigiu a sua esposa um olhar escrutinador antes de responder.

— Só quero que estejam cientes que o gosto do rei pelas mulheres mais velhas mudou. Agora parece se sentir atraído por jovens atraentes com boa disposição. Sentir-se-ia facilmente animado por uma palavra amável ou um simples sorriso... e nem sequer eu as poderia livrar de tal situação; seu orgulho é muito frágil e não é um

homem que perdoe facilmente.

— Sabemos. — Rosalie ficou nervosa. — E provavelmente o divertirá me ver numa situação comprometedora, já que deve ter ouvido os rumores sobre mim e Brummell. Jamais perdoou meu pai depois que suas relações se esfriaram, embora Brummell lhe tenha enviado sua melhor caixa de rapé, e feito o impossível para recuperar sua amizade. O rei podia obter facilmente a volta de meu pai à Inglaterra, mas não o fará, porque é um ingrato e sente ciúmes dele...

— Chsss — sussurrou Rand com suavidade, deslizando a mão na nuca de Rosalie e acariciando a base da garganta com o polegar. — Sei, *fleur*.

Compreendia melhor que ninguém o que Brummell significava para Rosalie, e sabia o quanto ficava alterada quando surgia o nome de seu pai. Respirando fundo e se tranquilizando com a carícia do marido, Rosalie levantou seus olhos azuis para ele.

Mira afastou o olhar daquele gesto íntimo, sobressaltada e afetada pela reveladora cena. Às vezes, Rand e Rosalie pareciam se desconectar do resto do mundo. Em segundos eram capazes de ler os pensamentos e de sentir as necessidades do outro, sem importar onde ou com quem estivessem. Como neste momento, conforme pôde observar Mira.

Ao afastar os olhos do casal, Mira ouviu o som de passos no final do corredor, firmes e longos. Olhou para a figura que apareceu, e seu coração começou a pulsar a toda velocidade. Alec. Levou a mão à garganta, sentindo que o sangue abandonava seu rosto. Tinha que ser Alec. Tinha passado tanto tempo, que morria por voltar a vê-lo. Era ou não era Alec? O cabelo era escuro como o carvão, alto, de ombros amplos, traços perfeitos e com um branco e radiante sorriso; mas, quando se aproximou, Mira percebeu desconcertada que o recém-chegado não era Alec. Era muito jovem, e de algum jeito parecia menos refinado, sem a segurança em si mesmo que Alec possuía. E seus olhos... não eram cinza prateado, mas sim de um verde profundo.

O jovem se deteve em seco ao vê-la. Piscou umas quantas vezes e logo sorriu.

— Parece que me perdi — disse, cravando os olhos em Mira com

muita atenção.

Ela, confundida, não respondeu.

— Ah... Carr Falkner — disse Rosalie, aproximando-se de Mira. — Alegro-me de encontrá-lo aqui.

— Lady Berkeley — respondeu o homem sem deixar de olhar Mira. Parece ser um dia de gratos encontros.

Dando a Mira uma cotovelada imperceptível, Rosalie os apresentou e Mira permitiu que o estranho tomasse sua mão fria na dele, maior e cálida. «Carr Falkner», pensou, recuperando-se lentamente da surpresa. Rezou para poder reagir melhor se tropeçava com algum outro Falkner no Pavilhão Real; encontrar-se cara a cara com outro homem tão parecido com Alec seria mais do que podia aguentar. Não importava quão atrativos e misteriosos fossem os outros Falkner, nenhum seria nada mais que uma áspera e decepcionante imitação de Alec.

— É primo do duque de Stafford — murmurou Rosalie no ouvido de Mira. — Recorda do duque?

«Refere-se ao homem que me acompanhou na festa de trenós? — pensou Mira com frieza. — Por quem me apaixonei na caçada de Sackville? Que conhece todos os meus segredos? Que me arrebatou a virgindade? Sim, acredito que o recordo...»

Capítulo 10

— Devemos ter cuidado — disse Rosalie, — olhando-se no espelho de corpo inteiro e ajustando o cordão do corpete de seu magnífico vestido de veludo. Mary, a criada que as tinha acompanhado de Berkeley Hall, ajoelhou-se atrás dela com agulha e fio para fazer alguns ajustes na prega da saia. — Esta noite tratarei de achar uma maneira de falar com o ministro sobre Brummell, possivelmente durante o baile. Mas necessitarei sua ajuda e, lembre-se que terá que agir com absoluto sigilo. Qualquer comportamento incomum será notado imediatamente, já que sempre há pessoas observando essas coisas, e não há melhor lugar que este aqui para explodir um escândalo.

— Não me surpreende — respondeu Mira, prendendo no cabelo um pequeno chapéu de veludo verde em um ângulo coquete. — É uma festa de disfarces e qualquer pessoa é atrevida atrás de uma máscara. Todos acham que podem reconhecer os outros, sem que sejam reconhecidos.

— Não é correto — disse Rosalie com firmeza. — Sou capaz de reconhecer quem está atrás de uma máscara, inclusive do mais elaborado disfarce. Sempre há pistas. Por exemplo, o rei será o único com uma enorme barriga e a loira que estiver ao seu lado será lady Conyngham.

Mira se sobressaltou ante o venenoso comentário de sua amiga. Não era próprio dela falar mal de ninguém, mas notou que não só o rei era objeto de seu desprezo, mas também os mais próximos a ele.

— Quem é lady Conyngham?

— Sua última amante. Concedeu-lhe o título de «lady Steward», fingem que só é uma dama da corte, embora todo mundo saiba, inclusive seu marido, que compartilham a cama. — Rosalie negou com a cabeça, enojada. — Não sei o que veem os homens nessas mulheres. É frívola, tola e ambiciosa, e fomenta os piores hábitos do rei. Esse homem come muito e logo cura a indigestão com uma boa

dose de ópio e brandy...

— Brandy e ópio para curar a indigestão!? — exclamou Mira enrugando o nariz. — Uma xícara com pó de galanga seria melhor para esse tipo de doença.

— Por mim pode beber todo o brandy do mundo — disse Rosalie, encolhendo os ombros com ar indiferente. — Espero que engorde tanto que não possa nem se mover. Viu como Brummell estava magro? Deve ter perdido pelo menos treze ou quatorze quilos. E já parecia pele e osso da última vez que o vi!

— Rosalie — disse Mira com cautela, — recomendaria que baixasse a voz quando falar de Brummell e o rei.

De repente, Rosalie riu.

— Teme que me acusem de traição, Mira?

— Não. O que temo é que lorde Berkeley a ouça mencionar nossa pequena reunião.

Ao ouvir mencionar o nome do marido, Rosalie arregalou os olhos.

— Por todos os céus! É tarde. Me deixe terminar de contar meu plano antes que Rand apareça. Assim que consiga ficar uns minutos a sós com o ministro, vou lhe pedir que arranje a Brummell um posto em Calais, tal como sugeriu lorde Albanley. Ou possivelmente em Caen...

— Mas como pretende fazer tal coisa se seu marido não lhe tira os olhos de cima? Ou o que é pior, se alguém a vir saindo com Canning farão uma ideia equivocada da situação.

— É aí onde necessito sua ajuda — começou Rosalie e justo nesse momento, ressoou um leve golpe na porta. — É Rand — sussurrou com frustração, levantando o olhar ao teto. — Deixe-o entrar, Mary — disse à criada, e Mira olhou para o espelho com consternação.

— Estamos atrasados — disse Rand, enquanto entrava no aposento e se detinha para tomar nota do aspecto de sua esposa. Um lento sorriso se desenhava em seu rosto moreno e bonito. — Lady Berkeley, como sempre, está impressionante — disse com suavidade.

Mira não pôde evitar sorrir ao observar os Berkeley; faziam um casal perfeito.

Rosalie ia disfarçada de Marguerite de Valois, a esposa de Henrique IV da França. Seu vestido era uma magnífica criação de

veludo vermelho com adornos dourados e pedraria. Delineava a cintura antes de cair em uma ampla e brilhante saia armada. O corpete tinha o decote baixo com um pico alto no meio, enfeitado com o mesmo desenho de pedraria da saia. Os ombros ficavam a descoberto e estavam debruados com um delicado encaixe e as mangas largas e avultadas se cingiam aos pulsos. Rosalie sorriu provocativamente e abriu o leque de plumas douradas. Tinha o cabelo recolhido no alto da cabeça, e os cachos negros sustentavam uma coroa adornada com diminutas joias.

— Esta noite estarei acompanhada do homem mais atraente da Inglaterra — disse Rosalie, olhando encantada para o marido. Rand, é obvio, disfarçou-se de Henrique IV, e seu impressionante corpo resplandecia vestido num traje do século XVI, que incluía uma túnica de cor escarlate, uma jaqueta dourada e botas altas. Na perna esquerda levava uma jarreta e três galões no braço esquerdo. Seus olhos leoninos, seu cabelo e sua pele, ficavam enfatizados pela riqueza do disfarce. — Só falta um corcel branco — continuou Rosalie com suavidade, e Berkeley deu um sorriso zombador.

— Tudo o que preciso é da minha rainha — replicou, estendendo o braço. — Agora, vamos ao baile, antes que comece a me sentir um completo estúpido.

— Espera um momento, o que parece a você o vestido de Mireille?

Mira se ruborizou ligeiramente, quando Berkeley a percorreu com o olhar. Ante o gesto de Rosalie, agarrou as saias e girou para exibir o disfarce.

— Lady Marian — disse Rand, sorrindo com aprovação. — Perfeito. Não me teria ocorrido um disfarce melhor para um duende do bosque.

— Preocupava-me o comprimento da saia, pois é bastante atrevida — disse Rosalie com ar crítico.

Berkeley negou com a cabeça.

— É perfeito — repetiu.

O disfarce de lady Marian possuía um descarado encanto, que assentava bem em Mira. Estava confeccionado em veludo tingido com os ricos tons verdes do bosque, e se completava com um pequeno arco e flechas nas costas. A saia e a linha do busto estavam

adornadas com pele escura e o chapeuzinho era uma versão menor de Robin Hood, com uma pequena pluma na ponta. A saia só chegava até a panturrilha, deixando à vista botas de cor marrom. Tinha um aspecto exótico e travesso, especialmente com os cachos castanhos caindo pelas costas.

Mira alisou o disfarce com nervosismo enquanto desciam as escadas; abaixo, em falsos altares em honra a Baco, Apolo, Vênus, Minerva e Marte, queimavam incenso, que enchia o ar com seu aroma picante. A música ressoou no pavilhão quando a orquestra começou a tocar. O rei ainda não tinha aparecido, mas corria o rumor de que um enorme turco, embelezado com um adornado turbante, fora visto nos quartos anexos ao enorme salão de baile. Mira olhou ao seu redor com deleite e admiração, assombrada com a criatividade, as cores e a escassez de tecido na maioria das fantasias. As mulheres de mais idade, as viúvas com ou sem título, estavam sentadas nas laterais do salão para controlar a atividade de suas pupilas; as mulheres mais jovens giravam ao redor da pista, guardadas por magos, bestas, heróis de lenda, vilões e figuras mitológicas.

Perto de entrar no salão de baile, um cavalheiro do século XV aproximou-se de Mira. Era Carr Falkner trajado numa cota de malha, meias negras e botas curtidas. Seus olhos de cor verde-escuro, emoldurados por largas pestanas negras, faiscaram alegremente ao vê-la. Mira devolveu o olhar, encontrando seu atrevido encanto muito atrativo. Era óbvio que estava esperando sua chegada.

— Senhorita Germain — disse, dando-lhe um sorriso que recordou Alec e a deixou sem fôlego. — Ou minha memória não é o que era, ou você está ainda mais deslumbrante que esta tarde.

Mira sorriu e dirigiu um rápido olhar a Rosalie, que parecia estar muito satisfeita pelo evidente interesse que Carr Falkner mostrava por sua protegida. Carr também olhou Rosalie, arqueando as sobrancelhas.

— Dado que já fomos apresentados, gostaria de reclamar, com sua permissão, a primeira dança da senhorita Germain.

— Somente uma — disse Rosalie, com seus olhos azuis faiscantes de risada. — A senhorita Germain só pode dançar uma vez com o mesmo cavalheiro ou ficará numa situação comprometida.

— Mas não é justo — protestou Carr olhando Mira.

— Temo que sim — disse Mira. — Não quero estar comprometida antes do primeiro baile da temporada.

Ele sorriu amplamente e ofereceu o braço em um gesto galante. Mira respondeu com uma reverência e passou as flechas a Rosalie antes que Carr a conduzisse à abarrotada pista de baile. Quando a fez girar em meio dos reluzentes casais, Mira se deu conta de que era um bailarino consumado e que seus passos se ajustavam perfeitamente aos dele. Depois de um minuto em silêncio, Mira deu um olhar provocador.

— Parece que o deixei sem palavras.

— Não, não... Absolutamente — apressou-se em dizer. — Só estava pensando.

Mira olhou por baixo dos cílios e sorriu. Embora Carr não o soubesse, sua semelhança com Alec era fascinante. Era possível, refletiu ela, que Alec fosse assim quando era mais jovem. Um pouco vulnerável, e ligeiramente torpe e alegre de uma só vez, com um belo rosto que refletisse a inocência da juventude. Seria Carr uma réplica exata do Alec mais jovem?

— Pensando? — repetiu, obrigando-se a retomar a conversa. — Em algo ou em alguém em particular? — Carr negou com a cabeça lentamente. — Que decepção — disse Mira coquete. — Esperava que me dissesse que estava pensando em mim.

Ele riu, e uma mecha de cabelo negro como carvão lhe caiu sobre a testa ao baixar o olhar para ela. Apesar de sua juventude, era mais alto que a maioria dos homens do salão e, é obvio, muito mais alto que ela.

— Se pensasse em você, senhorita Germain, pararia em seco, boquiaberto, já que a única coisa que poderia fazer seria contemplar sua beleza com abobalhado assombro.

— Pois seria o primeiro a fazê-lo, — assegurou.

— Com todo respeito, duvido muito.

Carr deixou os elogios de lado, porque não queria dar a impressão de estar encantado como um tolo. Conseguiu se conter com muita dificuldade. Esta era sua segunda temporada em Londres, e se considerava um professor na arte do flerte. Acreditava ter se tornado

um cínico como o primo, sem ter ainda alcançado o mesmo grau de apatia dele. Geralmente as mulheres tinham a habilidade de fazê-lo se sentir acanhado e tímido e, justo agora, quando acreditava ter superado tal infortúnio, aquela pequena moça que estava dançando em seus braços provou o contrário. Estava deslumbrado com ela. Podia sentir os olhares invejosos de seus amigos enquanto os observavam dançar. Uma noite como aquela era a fantasia de qualquer jovem. Carr prescindiu de iniciar uma conversa e se concentrou em memorizar cada detalhe do rosto daquela jovem.

Satisfeita por dançar em silêncio, Mira o seguiu com facilidade, apoiando os dedos ligeiramente na malha metálica do disfarce de Carr e, ficou decepcionada quando a valsa terminou. Retornou lentamente com ele para onde estavam os Berkeley, que falavam com Helena de Troia, Shakespeare, Dalila e Henrique VIII.

— É perfeito para você — sussurrou Rosalie a Mira atrás do leque.
— É jovem e doce, e muito bonito. Jogue suas cartas com sabedoria.
— Farei — sussurrou Mira em resposta, sem mencionar que Carr estava muito longe de ser o par perfeito, não só porque era muito jovem, e sim e mais importante, porque era primo de Alec.

Deixando à parte o fato de que não podia evitar comparar seu par com o primo mais velho, sabia que Alec jamais consentiria que se convertesse num membro de sua família. E o que aconteceria se Carr chegasse a se interessar seriamente por ela? O pensamento era, de uma só vez, divertido e aterrador.

Estava rindo de um comentário sarcástico que Carr fazia quando, de repente, sentiu um formigamento na nuca, como se alguém cravasse os olhos nela. Olhando por cima do ombro, viu Alec no meio de um grupo de pessoas. Dirigiu-lhe um longo e intenso olhar antes de apartar a vista. Seus olhos cinza ardiam de ciúmes. Uma onda de excitação percorreu Mira. Nada mudou, disse a si mesma com severidade. Não importava o muito que podia desejá-la ainda, seria uma idiota se ainda acreditasse que... Mas não podia negar o quanto gostava daqueles olhares... Sim, gostava e muito. E embora não tivesse nenhum vínculo com ele, não pôde reprimir uma pontada de orgulho ao observá-lo; estava muito bonito esta noite, inclusive mais do que era habitual nele.

Havia algo inenarrável na sua poderosa presença, uma masculinidade que muito poucos homens possuíam. Não era um homem que fazia pensar em contos de fadas e cavaleiros de armadura brilhante. Quando uma mulher o olhava, pensava em prazeres proibidos e encontros clandestinos. Era o típico destruidor de corações. E, sabendo disso, como podia se sentir atraída por ele? Estar com um homem assim, embora por pouco tempo, era a fantasia de qualquer mulher.

Parece que Rosalie também notou a presença de Alec, pois arqueou suas finas sobrancelhas ligeiramente, e olhou Mira com expressão decepcionada.

— Vi antes esse traje... — disse em voz baixa, assegurando-se que Rand e Carr conversavam animadamente antes de continuar, — mas admito que nunca vi ninguém que o apresentasse tão bem. E temo que ele o veste demasiado bem.

Alec, alto e elegante, estava vestido com calças negras, um colete vermelho de damasco, luvas com franjas e botas de cano alto com esporas. Seu cabelo negro, sem chapéu que o cobrisse, brilhava como obsidiana. No pescoço levava uma cruz de ouro e na cintura usava uma espada.

— Do que está fantasiado? — sussurrou Mira, tentando não separar o olhar do rosto de Rosalie.

— Do capitão Bartholomew Roberts; pode distingui-lo pela cruz. Foi um pirata, muito moreno segundo as lendas, que morreu em um combate no século XVI. Uma figura heróica embora, conforme dizem, não fosse um homem muito amável.

— Se me convidasse, não me importaria de dançar com ele toda a noite — disse Helena da Troia, seguindo o olhar de Rosalie e suspirando enquanto observava com atenção Alec.

— *Bonne chance* — murmurou Mira, desejando de verdade boa sorte e olhando o chão, enquanto tentava evitar sem êxito sorrir. Essa noite não importava que todas as mulheres do Pavilhão Real suspirassem pelos cuidados de Alec Falkner... porque ele só tinha olhos para ela, só para ela, e sabê-lo, fazia que seu coração palpitasse.

Enquanto o baile continuava, apresentaram Mira a uma multidão de cavaleiros, dos quais recebeu inúmeros convites para dançar.

Rosalie se mostrou claramente encantada pela popularidade de Mira, sobretudo ao se dar conta de que Carr fazia o impossível para monopolizar a atenção de Mira. O baile interrompeu-se durante alguns minutos, enquanto os assistentes recebiam a notícia de que o rei se sentia indisposto e não poderia assistir aos festejos dessa noite. Algumas pessoas pareceram penalizadas pelo anúncio, mas nenhuma pareceu surpreendida, algo que confirmava o que Rosalie tinha comentado anteriormente, sobre a indolência do rei.

Parada junto a uma mesa de bebidas e degustando uma taça de ponche, Mira permaneceu junto a Carr e conversou amigavelmente com um grupo de pessoas. Só trocaram comentários mundanos, o que permitiu que Mira relaxasse. Escutou as últimas fofocas e riu quando correspondia, até que aconteceu uma pequena catástrofe. A senhorita Henrietta Lester, uma coquete de cabeça oca, deixou cair seu copo de ponche no chão, fazendo que o cristal estalasse em mil pedaços e o líquido se derramou por toda parte. Totalmente envergonhada, o rosto da senhorita Lester ficou rubro, enquanto os criados corriam para limpar a desordem. Depois de se desfazer em desculpas, explodiu nas habituais lágrimas. Carr e os outros homens do grupo se aproximaram para consolá-la, enquanto Mira se retirava para um canto e examinava os danos sofridos por seu vestido. A prega e as botas estavam salpicadas de ponche e possivelmente ficariam manchados permanentemente.

— *Nom de Dieu* — disse, enquanto limpava a roupa com um guardanapo sem pensar que alguém a podia escutar. Ouviu outro dos dilacerados lamentos da senhorita Lester por cima da música e franziu a testa com desgosto. — Oh, é mais suave que o patê — resmungou. — Deixará todos surdos se continuar chorando dessa maneira.

Justo nesse momento os resmungos de Mira se viram interrompidos por uma gargalhada.

— Sou da mesma opinião.

Mira se virou e viu uma mulher sentada numa mesa diminuta. Estava sozinha, e Mira se perguntou por que não havia ninguém sentado com ela. Era pequena e magra, tinha o cabelo da cor da ardósia e, uma curiosa e calculadora expressão em seu rosto

aristocrático. Parecia possuir uma firme e vital personalidade.

— Desculpe-me, não sabia que havia alguém me escutando — conseguiu dizer Mira. — Acreditará que sou mesquinha...

— Acredito que encurtará — replicou a mulher, assinalando o vestido de Mira. — Continue com o que estava fazendo. É provável que consiga tirar parte dessas manchas de... o que quer que seja que estivesse tomando.

— Ponche — disse Mira, inclinando-se de novo e continuando a tarefa, enquanto sorria com pesar. — Era um ponche delicioso até que respingou na minha saia.

— Precisa de um lenço? — perguntou a mulher, tirando um quadrado de tecido branco e estendendo. O lenço escorregou da mão pálida e cheia de veias da mulher e caiu no chão. — Maldição! Caiu — disse, e Mira sorriu com deleite ao descobrir que, naquele salão havia outra mulher além dela, que sabia maldizer como um cossaco. — Onde diabos está? — A mulher inclinou um pouco para frente entrecerrando os olhos até que localizou o lenço branco no chão e o assinalou com o dedo. — Aí está. Pode recolhê-lo? Minha acompanhante se ausentou uns minutos e não está aqui para me ajudar. Essa maldita garota nunca está quando a necessito.

Mira se inclinou e recolheu lentamente o pequeno lenço de renda, olhando o rosto da mulher antes de se endireitar. Tinha uma ligeira neblina nos olhos, e o coração de Mira suavizou ao compreender que a mulher não via muito bem.

— Senhora — disse, deixando o lenço no colo com suavidade, — posso fazer uma pergunta?

— Suponho que sim — respondeu a mulher bruscamente, como se fazer perguntas fosse um aborrecimento do qual gostava de prescindir.

— Pelo que vejo não parece uma mulher que se ofenda facilmente.

— É obvio que não! — foi a indignada resposta — Bom — continuou Mira, — não pude evitar notar que você... er... não vê muito bem.

— Jovenzinha impertinente. É obvio que vejo bem. Basta de bate-papo, siga dançando e converse com seu...

— Alegra-me saber que vê bem — disse Mira, limpando de novo a

saia, cujas manchas quase tinham desaparecido. — Pareceu-me que via borrado, e que poderia ajudá-la de alguma forma.

— Você? Mas és uma cria. Agora, vá.

— Sim, senhora. Obrigada por me oferecer seu len... — A voz de Mira se apagou ao perceber que a mulher a despedia com gestos impaciente.

Dando de ombros, Mira retornou lentamente para onde se derramou o ponche e se encontrou com Carr, que finalmente consolara Henrietta Lester pedindo que dançasse com ele. Enquanto dava voltas pela pista com a garota entre seus braços, lançou um breve e angustiado olhar, que provocou que Mira risse contida. Depois viu que Rand estava dançando a valsa com uma de suas primas Berkeley e que mostrava uma expressão cansada e educada no rosto, sinal de que estava muito aborrecido. O sorriso de Mira se transformou em carranca imediatamente. Se Rand não estava dançando com sua esposa, onde estava Rosalie?

Com aquele vestido vermelho e dourado, sua amiga não foi difícil de localizar no meio da multidão. Dançava com um homem que Mira não reconheceu, mas pela expressão satisfeita de Rosalie, era mais que provável que seu par fosse George Canning.

— Ponho a mão no fogo de que é ele — disse em voz alta, utilizando uma expressão popular em certos distritos de Londres, e cruzou os dedos.

Se era realmente Canning, parecia muito mais acessível do que ela esperava. Vestido de filósofo grego, era bonito e forte, embora não muito alto. Possuía uma aura de confiança e segurança inata, mas se atreveria a conceder aquele favor a Rosalie com o risco de desgostar o rei?

A dança terminou e, em meio a uma chuva de aplausos, o par de Rosalie saiu do salão com discrição. Mira levou menos de um minuto para chegar ao lado de Rosalie, e ambas se encaminharam à mesa de ponche, falando entre sussurros.

— Canning — disse Rosalie entrecortadamente — aceitou falar comigo. Espera-me em uma das salas próximas. Não podemos deixar que ninguém descubra...

— Chsss... Aí está seu marido — sussurrou Mira, e lançou um

ansioso olhar ao rosto de sua amiga, enquanto Rand se aproximava delas com largos passos.

— Rose? — perguntou Rand, observando sua esposa com um preocupado olhar em seus olhos cor avelã.

— Não se encontra bem — disse Mira com suavidade, adotando uma expressão cândida e sincera. — Provavelmente se deve à mistura de vinho e dança.

— Sim, certamente — disse Rosalie sem se atrever a olhar Rand, que sempre sabia quando mentia. Manteve seus temerosos olhos azuis na face de Mira.

— Eu a levarei para cima para que descanse... — começou a dizer Rand, segurando a sua esposa pelo braço.

— Eu a acompanharei — interrompeu Mira, pegando o outro braço de Rosalie.

— Sim, Mira me acompanhará — apressou-se a intervir Rosalie, dando a seu marido um sorriso nervoso. — Fica um momento mais. Recorda que ainda não dançou com sua prima Thalia, e não quero que se sinta como um vaso.

— Não penso em dançar com Thalia — disse Rand, arqueando suas sobancelhas leoninas. — Não quando se encontra mal e, que ainda me lembro do costume de Thalia de pisar nos pés de seu par.

— Pobre Thalia — disse Rosalie, reprovando com tristeza. — Carinho, não podia pedir a um de seus amigos que dance com ela? Importa fazer esse favor?

Berkeley olhou-a fixamente durante um bom momento, e depois soltou uma imprecisão e deixou cair o braço.

— Acompanhe-a até acima — disse a Mira, fazendo o gesto de negação com a cabeça enquanto se afastava, resmungando baixo.

— Está preocupado com você — disse Mira.

Rosalie esboçou um sorriso torcido.

— Não se preocupe com meu marido — disse, golpeando o braço de Mira. Depois apertou as têmporas fingindo que doía a cabeça. — Conheço-o muito bem. Sabe que ocorre algo e não gosta que o mantenha à margem — suspirou. — Mas não posso pensar nisso agora. Devo falar de meu pai com Canning.

Fizeram o caminho através do abarrotado salão de baile, e Mira

começou a se preocupar ao notar que a palidez de Rosalie tinha aumentado.

— É verdade que não se encontra bem, não é ? — disse, perguntando-se por que Rosalie parecia tão cansada. Seria produto da tensão ou estaria realmente doente?

— O ar está carregado com tanto incenso que mal posso respirar.

— Está melhor aqui fora — respondeu Mira.

Pararam, e depois viraram à direita, para um comprido corredor com um montão de salas privativas.

— A segunda porta à esquerda. Disse que me esperaria ali durante uns minutos. — Rosalie vacilou diante da maçaneta em relevo da porta. — De repente me sinto muito culpada, mas não estou fazendo nada de mal! Não é como se fosse a um encontro amoroso. Só trato de ajudar meu pai.

— Quer que entre com você?

— Não, por favor, não o faça. Disse a Canning que se tratava de um assunto particular.

— Bom, então o que quer que faça? Não posso retornar ao salão de baile, supõe-se que estou com você.

— Poderia se manter fora da vista durante um momento?

— É obvio.

— Encontramo-nos aqui às onze.

— Boa sorte — disse Mira, observando como Rosalie deslizava para dentro da sala.

Mira avançou pelo corredor e experimentou algumas portas até que uma se abriu. Colocou a cabeça no interior e observou que se tratava de uma pequena galeria de retratos, com móveis almofadados e pesados adornos em filigrana. O brilho dourado era visível, inclusive na semiescuridão da sala. Era o lugar perfeito para se esconder até que Rosalie terminasse de falar com Canning. Entrou e começou a fechar a porta devagar, mas esta arranhou as dobradiças e se deteve. A ponteira de uma bota com esporas foi colocada com firmeza no batente da porta.

— Alec — sussurrou sem olhar o rosto.

Ele empurrou a porta bruscamente sem lhe responder, fechando-a com o pé. Os painéis da porta chiaram quando se apoiou na folha e

dobrou o joelho em uma postura relaxada.

— Que demônios está fazendo? — Embora a atitude dele parecesse indiferente, sua voz soou rouca.

— Eu... Você... Rosalie está... Esteve espiando!

— Importa um caralho o que esteja tramando Rosalie Berkeley, ou como diabos se envolveu nisso — disse Alec com uma violência logo contida. — Estou falando de Carr.

— Carr? — repetiu estupidamente. — Seu primo?

— Sim, de meu primo. Mantenha-se afastada dele.

— Por quê? É tão fácil de corromper que uns minutos em minha companhia fazem danos para seu caráter?

— Você o está usando.

— Pode ser que pense que não sou suficientemente boa para ele — disse, sentindo como a raiva se estendia por todo seu corpo, — mas nem sempre as coisas têm o resultado que você quer. Por desgraça, lorde Falkner, desfruto da companhia de seu primo e ele parece desfrutar da minha. Tenho intenção de passar muito mais tempo com ele, e não há nada que possa fazer para impedir.

— A próxima vez que veja você com ele torcerei seu pescoço — prometeu ferozmente.

— Não poderá. Sou a pupila dos Berkeley — disse em tom triunfal. — Não sou uma mulher indefesa que...

— Berkeley pode ir ao inferno. Nem ocorra se aproximar de um rapaz que é incapaz de se defender de você.

— Está protegendo-o de mim? Vamos ver, diga, como acredita exatamente que poderia prejudicá-lo?

— Utilizando-o como substituto do homem que deseja de verdade.

Ela o olhou com incredulidade, e logo uma risada seca saiu de sua garganta enquanto se separava dele.

— Mas como é arrogante.

Alec perdeu o controle quando ela deu as costas. Aproximou-se dela com tal rapidez que Mira não teve tempo de reagir. Imobilizou-a contra a parede e sustentou os pulsos por cima da cabeça.

— É verdade — disse, com a voz rouca enquanto reprimia os movimentos de Mira com a pressão de seu corpo e a esmagava contra a parede. Todo seu ser estava centrado no corpo pequeno que tinha

entre seus braços. — Sabia o que aconteceria se o incentivasse enquanto eu olhava. Sabia como me sentiria...

— Importa-me um nada como se sente — disse entre arquejos, lutando contra ele na escuridão.

— Mentirosa. Sabia perfeitamente o que estava fazendo.

— Solte-me.

— Mantenha-se afastada dele — disse com voz rouca. — Pode manipular as coisas e as pessoas o quanto quiser, mas não permitirei que a tenha, não deixarei que ninguém...

— Tornou-se louco — cuspiu e logo, como se desse conta do alcance da fúria de Alec, mudou bruscamente de tática, suplicando para que se acalmasse. — Alec, por favor, esqueceu onde estamos? Recorda o que dissemos na última vez que nos vimos... — Os frenéticos movimentos de Mira se acalmaram ao sentir a pressão das musculosas coxas masculinas contra as suas, e como a imobilizavam os braços de Alec. — Não estou manipulando ninguém — disse, tentando reprimir um gemido ao notar a ardente masculinidade de Alec pulsando entre suas pernas e a fazendo arder inclusive através das camadas de roupa. — Alec, tem que parar. — Mira enterrou o rosto na firme coluna do pescoço de Alec e se sentiu ligeiramente embriagada pelo aroma de sua pele. — Não posso pensar e você não sabe o que está fazendo...

— Nada mudou — disse com voz trêmula, apertando cada centímetro de seu corpo contra o dela e esticando os dedos ao redor dos pulsos de Mira. — Pensei que podia me esquecer de você. Pensei que só seria questão de tempo, mas agora é ainda pior, muito pior que antes.... algumas noites a desejo tanto que posso senti-la ao meu lado. Inclusive quando estou com outra, sinto...

— Oh, para, não diga nada — gemeu Mira, tornando a chorar. Pensar nele abraçando a outra mulher, fazendo amor, fazia com que quisesse morrer. — Não quero saber. Não quero que me importe. Só quero que me solte e...

— Desejo você. Levo meses desejando e o que tivemos...

— Jamais voltaremos a ter.

— Não, maldição, não... vou ter você agora mesmo. — Esmagou a boca de Mira com a sua, e a apertou contra a parede com seu corpo

enquanto ela tentava escapar; forçou-a a abrir os lábios e saqueou sua boca com avidez. Ela se negou a responder, apartando a boca dele e ofegando freneticamente. — É minha — resmungou ele, apertando os lábios contra a garganta dela. — Como pode negá-lo quando nem sequer eu posso? Não minta, maldição, não me dê as costas.

Mira lutou contra ele até que a boca de Alec se apoderou da sua mais uma vez. Então, repentinamente, ficou imóvel ao sentir que a atravessava uma cálida sensação e soltou um soluço de impotência. Tinha nascido para ele, e era inútil negá-lo. Sem forças, inclinou a cabeça e se entregou, separando os lábios e permitindo que a língua dele acariciasse a sua. Ele sentiu sua resposta e gemeu de alívio, deixando de esmagá-la com seu corpo. Alec afastou a boca da dela respirando entrecortadamente, e cravou os olhos nos punhos fechados que ele sustentava com suas mãos.

A expressão de Alec mudou, e um estranho estremecimento atravessou Mira ao sentir o roçar de seus lábios contra as mãos. Mordiscou a suave pele dos nódulos e deslizou a língua entre seus dedos. Mira soltou um trêmulo som e o coração palpitou dentro do peito, fazendo que se encolhessem os dedos dos pés. Logo sentiu o calor da boca nas palmas das mãos antes que soltasse os pulsos e a atraísse para si. Mira ficou rígida durante uns segundos, sabendo que deveria se negar, segura de que lamentaria o que estava a ponto de ocorrer. Mas ao observar como Alec a olhava, ao ver o desespero em seus olhos, sentiu-se perdida. Lentamente, deslizou os braços ao redor do pescoço e atraiu a cabeça escura para ela.

— Mira — sussurrou ele, e suas bocas se abriram e amoldaram de vez, saboreando, movendo-se, acariciando-se apaixonadamente em uma expressão física de seu amor.

Às cegas, Alec afundou as mãos no cabelo de Mira, arrancando as forquilhas e enterrando os dedos entre as espessas madeixas. Qualquer outra realidade, qualquer outra paixão, desapareceu como se nunca tivesse existido ninguém mais que ela. Mira o abraçou com mais força, permitindo acesso total a sua boca, a seu corpo. Possivelmente ela não merecesse aquele êxtase, mas o necessitava, e se podia tê-lo, embora só fosse durante os próximos minutos, teria sem titubear. Beijaram-se e se tocaram com abrasadora ferocidade,

oferecendo e recebendo, fundindo seus corpos. Mira sentiu que Alec tirava sua roupa com tanta urgência que o disfarce corria perigo de rasgar, mas não se importou.

Alec liberou os ombros do corpete do vestido e pressionou a boca contra a vulnerável curva de sua garganta, fazendo-a arder com seu ávido roçar. Mira ficou paralisada em um estado de desconcertado prazer, e logo afundou a face no sedoso cabelo de ébano, quando inclinou a cabeça sobre ela. Já não fingiam, nem perguntavam, não havia nada salvo a nua sinceridade: desejavam-se, nenhum dos dois podia resistir... e tampouco queriam fazê-lo.

Alec a levantou em seus braços e a levou até um dos sofás onde a depositou e cobriu-a com seu corpo. Gemendo, Mira elevou os seios contra o calor envolvente de suas mãos, impaciente por se liberar das camadas de tecido que os separavam.

— Os cordões — disse, ofegando contra seus lábios e lutando com os cordões do corpete.

Ele separou-lhe as mãos com impaciência e tirou os cordões com o rosto duro pelo desejo. Ambos suspiraram quando a cinta cedeu e a roupa de Mira se abriu como as pétalas de uma flor. Ele curvou as palmas sob os seios de Mira e os elevou para sua boca, roçando os delicados picos com os dentes. Mira cravou os dedos no brocado do sofá, quando Alec acariciou seus mamilos com sua língua aveludada e introduziu o cume de um seio em sua boca com ar possessivo. Logo deslizou as mãos pelas costas nuas e a elevou.

— Levante a saia. — O sussurro de Alec fez cócegas no suave vale entre seus seios. Mira sentiu que o rubor cobria suas bochechas, inclusive na escuridão, mas obedeceu com uma pressa desajeitada, sentindo o roçar do ar frio nas zonas de seu corpo que o veludo tinha coberto. Alec a recompensou com um comprido e profundo beijo, saboreando sua boca e apertando os braços em suas costas. — Agora os calções — disse com voz rouca.

Ela vacilou e logo desatou peça de roupa branca com dedos trementes, baixando-os pelos quadris até os tornozelos. Alec não disse nada, mas o som áspero de sua respiração se fez mais audível no silêncio da sala. Mira levou a mão à braguilha de suas calças e estremeceu ao sentir a pulsante dureza que o tecido cobria. Abriu os

botões um a um, liberando a cálida ereção, e a acariciou delicadamente com a ponta dos dedos. Alec gemeu profundamente, aproximando seu quadril nu do dela. Afogou com seus lábios o grito que Mira lançou quando a penetrou tenso, pesado e duro de excitação. Apesar da intensidade de seu fremente desejo, Alec entrou nela muito devagar, dando tempo para albergá-lo por completo. Mira tinha a respiração entrecortada e ardia de desejo. Separou as coxas com avidez, sentindo como entrava em seu corpo até que ele já não pôde lhe dar mais, mais do que ela podia tomar.

Entrelaçaram-se em uma úmida dança, e Mira sentiu a violenta força das investidas de Alec em seu corpo. Lutou com a roupa dele, tentando inutilmente deslizar as mãos debaixo dela para acariciar a sua pele, mas seus afligidos sentidos só podiam se concentrar na possante força com que se movia dentro dela, e não foi capaz mais do que se firmar nele. Abraçou-o e circundou os quadris com os joelhos, arqueando-se contra ele. Envoltos em uma sensação febril, Mira respondeu a seus poderosos movimentos com força e dureza até que se sentiu sobressaltada e assustada pela intensidade de suas sensações. Arqueou-se com um rouco gemido quebrado, enquanto Alec murmurava algo terno em seu ouvido, embalando seu estremecido corpo entre os braços, prolongando o prazer dela tanto quanto era possível. Beijou-a na garganta nua, negando-se a segui-la em sua liberação e movendo-se nela com investidas lentas e profundas.

— Deixa que dure — murmurou ao ouvido, recreando-se na sensação de senti-la lânguida e estremecida debaixo dele.

E logo, quando se permitiu segui-la nesse clímax selvagem, Mira sentiu a descarga quente em seu interior. O enorme corpo de Alec se apertou contra ela, e Mira sentiu como se esticavam os músculos dos ombros sob as palmas de suas mãos.

Inconscientemente, Mira murmurou seu nome, sentindo a umidade que corria das comissuras dos olhos até as têmporas. Saboreando suas lágrimas com a língua, Alec sustentou sua cabeça entre as mãos enquanto deslizava os lábios pelo rosto. O prazer a atravessou em sedosas ondas, como se sulcasse brandamente a água. Alec percorreu o corpo com as mãos e seus dedos atrasaram entre as

quentes e úmidas dobras femininas; Mira se encontrou flutuando num mundo de sonho, formando parte do silêncio e da escuridão, retorcendo-se sob os movimentos lentos e indagadores das mãos de Alec, que voltou a explorar com a língua o interior de sua boca. Logo deslizou as pontas dos dedos desde a suave pele do abdômen à entreperna, acariciando-a brandamente até que o fogo voltou a arder no interior de Mira.

— Oh — gemeu ela, arrancando a boca da dele, — não pode fazer isso.... não podemos...

— O que me fez? Maldição, nunca foi assim. Com ninguém. Sabe que é a única mulher que desejo? Depois daquela noite, não pude esquecê-la, não posso me separar de você. E que me condenem se não consigo que volte a alcançar o êxtase.

Deslizou o dedo do meio entre os suaves cachos da união de suas pernas até o pequeno lugar secreto que era tão dolorosamente sensível. Mira sentiu uma sacudida e tentou se afastar dele.

— Não faça isso!

Ela ofegou em sinal de protesto e a carícia de Alec foi tão suave que mal podia senti-la. Respirando fundo, relaxou e aceitou a suave provocação, concentrando-se nos suaves círculos que desenhava aquele dedo. Começou a gemer sob Alec e ele absorveu os inquietos sons com sua boca enquanto continuava massageando-a com aquela suave carícia até que Mira sentiu uma cálida e escorregadia umidade entre as pernas.

Elevou o olhar para Alec com as pupilas tão dilatadas que seus olhos pareciam negros.

— Alec? — disse quase sem fôlego, enquanto começava a se retorcer debaixo dele.

— Não lute contra — sussurrou, — quero observar quando alcança o êxtase.

Baixou a boca até a dela, amortecendo seus gritos de prazer, e o corpo de Mira estremeceu com violência, aceitando o profundo clímax que a atravessou. Ele a abraçou com força, sustentando-a entre seus braços com firmeza, e ela relaxou contra ele, com os membros trêmulos. Mira enterrou o rosto no pescoço de Alec e se deixou levar pela confusa mescla de emoções que inundou de lágrimas seus olhos,

e soluçou por alguma razão que não podia compreender, enquanto apertava a face contra a cálida pele dele.

— Mira..., carinho. Não chore. — Alec deslizou as mãos debaixo da enrugada roupa da jovem e acariciou-a brandamente.

— Antes desta noite pensava que... pensava que por fim conseguia controlar...

— Igual a mim... meu Deus, não chore. Não posso suportar vê-la chorar.

— Por que permiti? — perguntou, inspirando profundamente.. — Jamais devia ter acontecido.

— Não havia maneira de evitá-lo — disse Alec contra sua têmpora, procurando um lenço no bolso do colete.

Ela aceitou o linho branco e assoou o nariz, franzindo a testa ao notar que Alec, salvo pela calça aberta, seguia estando vestido.

— N-nem sequer tirou as botas — disse com voz chorosa, enxugando as lágrimas com a ponta do lenço. — Oh, que horror...

— Mira. — A voz de Alec continha agora uma trêmula risada. — Se sentiria melhor se tivesse tirado a roupa?

Ela não sabia o que ele achava divertido naquela situação.

— É obvio que sim. Acredito que... Não sei...

— Minha preciosa diabinha, não podia pensar nem em minha roupa nem em minhas botas.... nem em nada que não fosse me desfazer do que se interpunha entre nós.

— Oh, deixa de se mostrar tão condenadamente satisfeito consigo mesmo e... e deixa que me levante. Tenho que pensar no que fazer. — Mira cobriu os olhos com a mão e soltou um trêmulo suspiro. — O que diabos foi que eu fiz?

Alguma vez estivera numa situação tão espantosa? Estava totalmente desarrumada, tinha a roupa revolta e, em alguns minutos, teria que se reunir com Rosalie, que tinha bom olho para os detalhes e seria capaz de detectar até o menor fio fora do lugar. E logo teria que voltar para um baile cheio de pessoas que certamente saberiam o que estivera fazendo.

— Já sei que está acostumada a se arrumar sozinha — disse Alec, sentando-se e a segurando quando tentou escapar de seu colo, — mas por uma vez, deixe que a ajude, fique quieta. — Muito cansada para

lutar contra ele, Mira permitiu que a embalasse contra o peito. Falou-lhe com voz tranquila e segura, como se estivesse acostumado a se encontrar nessa classe de situações. E provavelmente estava, pensou Mira com tristeza, apoiando a cabeça em seu ombro. — Só levará uns minutos para arrumar o vestido, bem a tempo para se reunir com lady Berkeley. Se não tiver ouvido mal, está reunida com Canning...

— É um asqueroso espião — disse com brutalidade.

— Sou um estupendo espião — corrigiu Alec brandamente. — Depois de que se reúna com lady Berkeley, diga-lhe que deseja se retirar cedo. Diga que dói a cabeça...

— Não posso dizer isso. Supõe-se que é a cabeça dela que dói.

— Então diga que está nesses dias do mês...

— Direi que dói a cabeça — interrompeu Mira com rapidez. — Mas não importa que desculpa dê, assim que me olhe, saberá que ocorreu algo, e não sei que explicação vou dar.

— Não tem que explicar nada.

— Claro que sim.

— Não.

— Entendo. A única pessoa a quem devo explicações é você, certo?

— Assim é — respondeu Alec, atando os cordões do vestido.

— É o mais arrogante...

— E agora, já que recuperou o fôlego e a capacidade de soltar comentários sarcásticos, chegou o momento de enviá-la de novo aos leões. Pobrezinhos.

Alec era mais eficiente que uma criada, atou e ajustou a roupa com a mesma rapidez que a tinha despido. Mira deu as costas enquanto voltava a prender o chapeuzinho no cabelo e olhava com atenção a porta fechada.

— Obrigada por uma festa tão interessante — disse com a voz rouca, cravando uma forquilha sem querer no couro cabeludo, quase agradecendo a pontada de dor.

Algo que afastasse de sua mente o pensamento de que perdera a batalha outra vez. Sua vida parecia estar destinada a girar sempre em torno do mesmo; discutir com ele. Teria que suportar uma derrota atrás de outra até que acabasse se queimando no inferno do querer e não ter?

— De nada — sussurrou Alec em seu ouvido, e ela deu um salto quando sentiu suas mãos na cintura. Agora não temos tempo, mas temos que falar. Estou farto de desejar e perseguir você como um condenado Don Juan. Falaremos amanhã durante o passeio nos botes e as atividades aquáticas que terão lugar pela tarde.

— Acredito que devíamos nos esquecer do ocorrido esta noite.

— Sabe que é impossível. Não fique difícil agora, carinho... Por favor, siga a corrente por uma vez.

Ela suspirou e se apoiou nele.

— Onde quer que nos encontremos?

— Eu encontrarei você. — Virou-a e a beijou profundamente, e Mira não pôde evitar correspondê-lo. Quando sua boca se fundiu com a dele, um novo fogo surgiu entre eles, e Alec dirigiu um olhar de pesar ao sofá onde tinham jazido. — Oh, sim, claro que a encontrarei — murmurou, inclinando-se para morder o lábio inferior com os dentes.

Ele duvidava que toda a satisfação do mundo pudesse se comparar ao que havia sentido esta noite. Mira era dele, e ela sabia tão bem como ele. E, de algum jeito, encontraria a maneira de mantê-la a seu lado.

Capítulo 11

— Necessita algo mais, senhorita? — perguntou Mary, e Rosalie negou com a cabeça.

— Obrigada, isso é tudo.

Sentou-se na penteadeira, agarrando a escova com o cabo de marfim esculpido que a criada deixou, e passou pelo cabelo com gesto distraído. Não queria que Mary saísse, já que a criada tinha sido uma firme barreira entre Rand e ela desde que se retiraram do baile. Seu marido a observava desde então com um olhar agudo e crispado que conhecia muito bem, e não havia maneira de predizer como reagiria ante este óbvio intento de subterfúgio. Algumas vezes Rand encarava os problemas que surgiam entre eles com uma desconcertante franqueza, enquanto que em outras ocasiões se limitava a observá-la em silêncio e reunir informação suficiente para confrontá-la.

Rosalie fixou o olhar no espelho, observando-o caminhar para ela. Seu robe de seda azul brilhava sob a tênue luz da lamparina. Os olhos de Rosalie, que neste momento adquiriram um tom violeta azulado, cruzaram-se com o olhar leonino de seu marido no espelho.

— O que disse a você? — perguntou Rand, observando a veia que palpitava agudamente na garganta de sua mulher.

— Quem me disse o quê? — inquiriu Rosalie fracamente.

— Ah... Esta foi uma interessante pergunta. Por que não a responde?

Ficou evidente que não podia seguir fingindo.

— Sabe...? Sabe o que fiz esta noite? — Umedeceu os lábios ressecados com a ponta da língua.

— Querida, diferente de sua amiga Mira, é uma péssima atriz. Não que me importe muito, mas tampouco suporto ver como tenta me ocultar algo. Sim, sei de Canning. Cinco minutos depois de dançar com ele, os dois desapareceram às escondidas do salão de baile. Deus ajude a Inglaterra se Canning não mostrar mais sutileza em suas missões diplomáticas.

— Rand, não acredita que me reuni com ele para...

— Não tenho nenhuma dúvida sobre sua fidelidade, carinho — interrompeu Rand secamente, e ela soltou um suspiro de alívio. — Já que nunca se interessou pela política externa, suponho que falou com Canning sobre certo residente na França.

— Sim. Perguntei se poderia encontrar um posto para Brummell como cônsul em Calais. Meu pai se encontra em uma situação desesperadora, e dado que nem você nem ele permitem que me envolva, nem emotiva nem financeiramente, tive que pensar em outra alternativa.

O rosto moreno e afiado de Rand parecia esculpido em mogno.

— De quem foi a ideia de que Brummell exerça o cargo de cônsul? — perguntou com ameaçadora suavidade.

Rosalie encolheu os ombros e afastou o olhar do reflexo de seu marido.

— De Alvanley. Quando Mira e eu fomos visitar minha mãe em Londres, encontramos-nos com Brummell e Alvanley de noite.

O grunhido de desgosto que surgiu da garganta de Berkeley ressoou no quarto, seguido por um suspiro de exasperação.

— Por todos os Santos, está me dizendo que se dedicou a fazer cambalhotas por toda Londres com Mira como única acompanhante? Meu Deus, mulher, com todos os criminosos que há soltos... Não se pôs em perigo, verdade?

— Em realidade, sim — admitiu Rosalie com um fio de voz, e ele esfregou os olhos com ar cansado.

Logo a olhou, não com a ira que ela tinha esperado, a não ser com um ar preocupado que lhe encolheu o coração.

— Crê que há algo mais que importe para mim que sua felicidade? — e suspirou, mostrando um olhar escuro e preocupado com os olhos cor de avelã. — Sempre estamos discutindo por seu pai, Rose, e acredito que chegou o momento de resolver o assunto. Não vou impedir que o veja, nem vou me intrometer em sua relação com ele. Tem direito a resolver tudo como melhor lhe convenha. Mas não penso deixar que se ponha em perigo, nem que ele se aproveite de você.

— Jamais fez nada disso...

— Realmente acredita?

Depois de trocar um longo olhar com seu marido, Rosalie baixou os olhos. Não era necessário que Rand expressasse sua opinião sobre Brummell, pois já o fizera em outras ocasiões e considerava seu pai um sanguessuga, vil e egoísta. E inclusive Rosalie tinha que admitir que Brummell teve um pequeno papel no complô que Guillaume Germain tramou para sequestra-la. Mas para ela, o sangue e a família estavam por cima de outras considerações e, não importava o que seu pai fizera, perdoaria. Rosalie sabia que Brummell era seu ponto débil e também sabia que Rand só pretendia protegê-la. Ah, em que situações mais complicadas a pessoa se metia.

— Não voltarei a fazer nada parecido sem antes falar com você — prometeu.

— Não, é obvio que não o fará... — concordou laconicamente.

— Além disso, não acredito que serviu de nada que falasse com Canning esta noite. Disseme que consideraria interceder por Brummell, mas que também devia pensar no bem-estar da Grã-Bretanha e não nas necessidades de uma só pessoa.

— No jargão da política quer dizer não.

— Temia isso. — Rosalie ficou em pé e se aproximou dele com vacilação. — Segue zangado?

Ele a olhou com o cenho franzido. Seu cabelo dourado, seus olhos e sua pele morena se esvaneceram nas sombras, quando deu as costas à luz.

— Só porque a amo, moça teimosa, e me deixa louco pensar que possa ocorrer algo a você.

— Me perdoa por não ter dito, Rand. Não é que não confie em você, mas sei o que...

Rand a fez guardar silêncio pondo o dedo indicador nos lábios, e logo levou as mãos às amarras da camisola transparente de Rosalie. Os olhos cor avelã de Berkeley brilharam frente as curvas e sombras do corpo de sua esposa, apenas visíveis entre as dobras da roupa. De repente, as mãos dele se mostraram rudes pela impaciência e, ao lutar com os laços e fitas, rasgou o delicado tecido. Rosalie ficou sem fôlego quando a camisola caiu no chão como um véu levado pela brisa, e sentiu os olhos de Rand em sua pele. Ele elevou seu corpo nu entre os

braços e murmurou: — Não me diga quanto o sente. Demonstre-me.

Cobriu a boca com a sua, e Rosalie se viu envolta em uma vertiginosa corrente de paixão, enquanto seu marido a levava à cama.

— *Mon Dieu.*

Mira moveu-se quando a luz do sol iluminou sua cama com a afiada intensidade de uma faca. Olhou de esguelha a Mary, que tinha entrado com a bandeja do café da manhã e estava abrindo as cortinas. A criada se deteve com o protesto de Mira e lançou-lhe um olhar compreensivo.

— Ontem à noite me pediu que a despertasse às dez — disse Mary, — Prefere que volte a fechar as cortinas e que retorne mais tarde?

— Não, não. Já senti o cheiro do café. — Mira se obrigou a levantar da cama. Sentia-se desalinhada e irritada. O que ocorreu com aquela sensação de bem-estar que sentira depois da primeira noite com Alec fazia já tanto tempo? Por que agora se sentia tão nervosa e culpada? Recostou a cabeça contra os travesseiros e fechou os olhos. — Mary? — perguntou-lhe com suavidade. — Poderia me trazer um pouco de água quente? Gostaria de fazer uma infusão. Minhas ervas estão em uma bolsa no armário.

— Encontra-se mal?

— Dói-me a cabeça.

— Trarei a água imediatamente.

Mira se perguntou por que a criada a olhou daquela maneira especulativa antes de sair do quarto. Geralmente, os serviçais estavam acostumados a conhecer os segredos das pessoas que atendiam. Por ter sido ela mesma uma criada, Mira podia constatar esse fato. Perguntou-se se Mary suspeitou de algo após ver a roupa interior enrugada de Mira na noite anterior, para não mencionar aquelas marcas diminutas em seu pescoço e na curva superior de seu peito que só podiam ser produzidas pela aspereza da barba de um homem. Mary devia ter suas suspeitas, pensou Mira, lançando um gemido gutural. Rosalie também suspeitava de que algo aconteceu, enquanto falava com Canning. Mesmo preocupada com seus próprios problemas, não havia maneira de interpretar mal o olhar que a amiga lançou-lhe, quando se reencontraram junto ao salão de baile.

Mary retornou com um pequeno bule de prata e uma pequena

bandeja de porcelana com massas e uma colherinha de prata.

— Obrigada. — Mira abriu a bolsinha de ervas com cuidado, titubeando ao observar a variedade de plantas secas, pós, cascas e raízes. O que precisava era girassol, uma flor com raízes filiformes, que era muito abundante na França mas que jamais encontrou na Inglaterra. — Que mais? Que mais? — resmungou, levando a mão à têmpora e observando as ervas.

Apesar de todas as curas que sabia preparar, de todas as poções e elixires, nunca prestara atenção aos remédios para impedir a concepção. Até esse momento não tinha necessitado tal receita. Possivelmente já era muito tarde, pensou, e mordiscou o lábio enquanto acariciava o ventre. Pensar em ter um filho, o filho do Alec, enchia-a de um estranho desejo, mas não o podia ter, a menos que o *bon Dieu* já houvesse decidido por ela. Lentamente deixou cair as flores vermelhas de tomilho na água, assim como a arruda e as fibrosas folhas de tormentilha. Acrescentou violeta, rosa mosqueta e erva-doce para melhorar o sabor da infusão, que exalava um aroma amargo.

— Acrescente mais arruda — disse Mary, que estava se ocupando de pequenas tarefas no quarto.

— Mais... — começou a repetir Mira, incapaz de dissimular o rubor culpado.

A expressão da criada era perfeitamente calma e franca quando a olhou.

— Apreendi essa receita antes de saber como se amassava o pão. Jogue mais arruda.

Mira inclinou a cabeça e acrescentou à mescla mais daquela raiz de intenso aroma, mexendo-a com a colher antes de tomar um gole.

— Uf. — O sabor pareceu grudar na garganta e respirou fundo. — Desce muito mal.

— Tome-o todas as manhãs — disse Mary e Mira fez uma careta quando a criada saiu da habitação.

Fechou os olhos e, apertando o nariz, tomou o restante da infusão.

O dia era abafadiço e úmido enquanto as competições, festas e festividades aconteciam ao longo do rio e nos campos, nos arredores de Brighton. Mira e Rosalie mantinham uma conversa amistosa mas

precavida, sem falar do ocorrido na festa à fantasia. Esta era uma das melhores qualidades de sua amizade, o respeito mútuo que tinham; não se intrometiam nem exigiam nada. Rand as acompanhou a um dos muitos jardins próximos ao Pavilhão Real, e Mira foi se afastando alguns metros dos Berkeley, que pareciam especialmente unidos este dia e mantinham uma absorvente conversa. Enquanto se dedicava a examinar algumas plantas que cresciam ao longo da região, Mira ouviu uma voz vagamente familiar.

— Vá, se não é a pequena jovem das manchas de ponche. — Dando a volta com rapidez, Mira viu a mulher mais velha que conheceu na noite anterior, sentada em um pequeno pátio anexo ao jardim. Seus olhos de cor cinza-escuros se entrecerraram enquanto franzia a testa.

— Aproxime-se, jovem, mal posso vê-la com tanto sol. — Dirigindo um olhar dubio ao céu nublado. Mira se aproximou da sombra da árvore e das cadeiras onde a mulher e sua acompanhante estavam sentadas. — Onde está sua dama de companhia? Por que sempre a encontro perambulando sozinha de um lado a outro?

— Não gosto que ninguém me controle.

— Pelas barbas de Lúcifer, tampouco gosto que me controlem. Sente-se do meu lado e fale comigo.

Mira obedeceu imediatamente.

— Minha acompanhante é lady Berkeley.

— Lady Berkeley... — refletiu a matriarca. — Demônios, assim é você. Ouvi muitos rumores sobre você, querida.

— Espero que não tenha acreditado neles.

— Não duvido de que em cada rumor há um pinga de verdade. Poucas pessoas possuem a imaginação necessária para criar um rumor falso por completo. É obvio, quando era jovem circularam alguns rumores sobre mim que eram mentiras categóricas, mas que de certo modo me favoreciam mais que a verdade.

— E qual era a verdade?

A mulher a olhou com aprovação.

— É estranho que alguém se atreva a me perguntar tal coisa. Não vou responder, claro, mas diz muito a seu favor que tenha perguntado a respeito. — A mulher inclinou a cabeça grisalha em que luzia um elaborado penteado. — Ouvi muitos cavalheiros elogiarem

você. Parece que os rumores não danificaram absolutamente sua popularidade.

— Que adulator.

— Nem tanto. Para um homem é mais fácil elogiar uma mulher que a escolher por esposa.

— Não me preocupa muito encontrar marido.

— É uma mulher encantadoramente atípica. Não teme se tornar uma líder dos macacos?

— Líder dos macacos? — perguntou Mira, sorrindo ante o estranho termo. — Temo que desconheço essa expressão.

— É a punição da solteirona por se negar a ser 'frutífera e multiplicar'. Como castigo, é claro, irá ao inferno, onde sua obrigação será chefiar os macacos por perto.

A matrona dirigiu um olhar malicioso, esperando evidentemente escandalizá-la. Mira a brindou com um amplo sorriso.

— Suponho que foi um solteiro que idealizou esse castigo, não?

A pergunta provocou que a mulher risse e que sua companheira tossisse no lenço.

— Vá procurar meu filho — disse a dama a sua arisca acompanhante. — Deve estar junto ao rio com o resto da família.

— Seu filho? — perguntou Mira com receio.

— Sim. Gostaria de apresentá-lo.

— Sim, senhora.

Outro mais. Mira conteve um suspiro enquanto a acompanhante se levantava da cadeira e se afastava. Por um momento contemplou a ideia de dizer àquela inteligente, provocadora e ardilosa mulher que não queria conhecer ninguém. Perguntou-se como seria o filho de uma mulher como aquela, tímido e submisso ou arisco e resmungão?

— Não é inglesa.

— Não, senhora — respondeu Mira com suavidade.

— Francesa?

— Sim, senhora.

— Francesa... — repetiu a mulher com desgosto. — Bom, suponho que não pode evitá-lo.

— Não — conveyo Mira com gravidade, sorrindo ante aquela típica atitude inglesa.

Por que razão os britânicos se consideravam superiores ao resto do mundo? Na França, os ingleses eram considerados uns incultos de maneiras acanhadas e comida insípida, gente que possuía uma considerável falta de elegância e uma vulgar inclinação pelo comércio.

— Jamais ouvi falar dos Germain da França.

Mira arqueou as sobrancelhas com surpresa, logo encolheu de ombros.

— Imagino — disse educadamente. — Os Germain são muito conservadores e discretos. Jamais consentimos que o sobrenome familiar se visse vinculado a um escândalo.

— Até você, não?

— Ah, aí tem razão, senhora. Mas a gente não pode fazer caso dos desagradáveis rumores que circulam por aí, não é certo?

Aquele interrogatório continuou por vários minutos, e Mira começou a desfrutar da instigadora conversa. E a matriarca também parecia desfrutar pois seu interesse por Mira crescia cada instante que passava. De que parte da França era Mira? Que cavalheiros a cortejaram até aquele momento? Por quem estava interessada? De onde conhecia sua família aos Berkeley? Mira teceu umas dramáticas e intrincadas respostas a todas aquelas perguntas. A conversa entreteve a mulher porque franziu a testa ao observar que retornava sua acompanhante.

— Que diabos. Teremos que continuar nossa conversa em outro momento. Já estão aqui.

— Senhora, antes de que me presente a alguém, recordo que não me disse seu nome.

— Não sabe? Não sabe quem sou? Pensei que todo mundo sabia. Ajude a me levantar, jovem.

— É obvio. E não, não sei quem é... — começou a dizer Mira, ajudando a levantar a mulher. Interrompeu no meio da frase ao ver quem havia trazido consigo a acompanhante da mulher e piscou com surpresa enquanto fixava o olhar em uns claros olhos cinza.

— Alec — disse a matrona energicamente. — É essa.

E indicou a sua acompanhante que a conduzisse longe dali enquanto o casal seguia se olhando em meio a um aturdido silêncio.

Essa era a ideia que tinha Juliana de uma apresentação.

— É... essa mulher... é sua mãe? — Mira sentiu que avermelhavam suas bochechas.

— Por desgraça, assim é.

— Oh, nem imagina as coisas que lhe disse — gemeu Mira, cobrindo a boca com a mão. — Oh, meu Deus!

— Escolheu a você. — A voz de Alec continha uma seca resignação. — Devia imaginar.

— Escolher para quê?

— Escolher para mim.

— Para você... — gaguejou Mira, olhando-o agora com uma confusão tão absoluta que Alec começou a rir.

— Mira, *ma chérie*, não me peça que explique. Eu tampouco estou seguro de entendê-lo. Nem tampouco de querer fazê-lo.

Olhou-o presa daquela enorme confusão, e enquanto o sol se refletia no cabelo e nos olhos do Alec, pensou que a noite anterior só tinha sido um sonho. À luz do dia parecia impossível que a tinha amado, acariciado e saboreado da maneira mais íntima possível. Mas dera esta liberdade na noite anterior, verdade? Acaso não a animou a amar e a responder a ele?

— Qual foi seu primeiro pensamento esta manhã? — perguntou, sorrindo lentamente.

— Quão horrível foi a noite passada. E o seu?

— Sentime acossado por um grande número de perguntas importantes.

— Como quais?

— Tais como, como seria despertar entre meus braços — respondeu pensativamente. — E se daria chutes enquanto dorme ou se roncava, se apropriaria de todas as mantas ou...

— Não faço nenhuma dessas coisas.

Os olhos de Alec brilharam com calidez.

— Gostaria de ter a oportunidade de comprovar.

Justo então a voz de Rosalie interrompeu a conversa.

— Mireille?

— Os Berkeley — disse Mira girando a cabeça para observar Rand e Rosalie se dirigindo a eles.

— Não pareça tão culpada. — Alec esboçou um amplo sorriso ante a inquieta expressão de Mira. — Não é nenhum crime que a encontrem em minha companhia.

— Para Rosalie sim — assegurou, e durante uns minutos não pôde olhar a nenhum deles. Nem a Alec nem Rand, que trocaram saudações educadas e cordiais, nem Rosalie que a olhava com intenso interesse.

— Esperava ter a oportunidade de falar com a senhorita Germain em privado — disse finalmente Alec, dirigindo a Rosalie a cortês petição. — Gostaria de passear com ela pelos jardins para manter uma conversa a sós. É obvio, dou-me conta de que poderia prejudicar sua...

— Sim, sua reputação — concluiu Rosalie por ele.

— Não pretendo que isso ocorra — disse Alec com firmeza. — Minhas intenções são honradas, mas espero que compreendam meu desejo de não ser incomodado nem interrompido...

— É suficiente, Falkner — disse Rand, com um sorriso brilhando em seus olhos cor avelã. — Estou seguro de que minha mulher estará de acordo.

— Sim — murmurou Rosalie, com os olhos azuis muito abertos pela surpresa de ter ouvido as palavras «intenções» e «honradas» na mesma frase. Todo mundo sabia o que significavam quando se empregavam juntas. Morta de curiosidade, dirigiu a Mira uma inclinação de cabeça.

— Obrigado. — Alec ofereceu seu braço a Mira. — Senhorita Germain? — Insistiu.

Quando Mira pousou a mão em seu antebraço, empreenderam o caminho do jardim com passo lento.

— Pensei que havia dito que nunca pede permissão para nada. — Mira tinha o olhar fixo no chão à sua frente.

— Não disse que não o faria se fosse necessário.

— Que formal e educado. Estou tentando recordar se alguma vez me pediu algo com tanta amabilidade.

— Senhorita Germain, alguma vez lhe disseram que tem as maneiras de uma megera?

— Pelo que recordo, não.

Detiveram-se em um lugar escondido, e Mira se sentou em um pequeno banco de mármore enquanto Alec apoiava o ombro em uma árvore.

— Então, o que lhe disseram? — continuou com suavidade, — que seus olhos brilham como duas estrelas e que seu cabelo é mais suave que a seda?

— Sim, mas não tanto como eu gostaria. — Mira sentia que um estranho acanhamento a cobria como um véu diáfano.

— Mira... — Alec abriu a boca e logo a fechou, olhando-a como se não soubesse o que dizer a seguir. Era a primeira vez que Mira o via titubear, parecia quase nervoso, e ficou olhando em silêncio sem saber onde queria chegar. — Acredito que chegou o momento de sermos francos — disse finalmente. — Já confabulamos o suficiente, basta de segredos, de subterfúgios emocionais. Chegou o momento de enfrentarmos as coisas com franqueza. De que sejamos sinceros, não só um com o outro, mas também conosco.

— Tentarei, mas possivelmente seria melhor que me dissesse do que estamos falando.

— Bom, algumas coisas são evidentes. Já sabe o que sinto por você...

— É claro que não, não sei — disse Mira, notando que seu coração pulsava com nervosismo. — Não sei nada absolutamente.

— Desejei você desde o primeiro momento em que a vi. Sempre existiram muitíssimas razões práticas pelas quais não deveria fazê-lo, mas nada muda o fato de que a desejo mais do que nunca desejei a outra mulher. Foi uma invasão interminável, implacável, incansável... sobre a qual não pareço ter nenhum controle. Já havia dito antes que gosto de você, mas é algo mais que isso. É a única mulher que conheço que sabe amaldiçoar como um carregador no cais. Também é a única que de algum jeito incompreensível conseguiu ganhar a aprovação de minha mãe, embora não sei se isso é um ponto a seu favor ou não.

— Eu o consideraria um ponto a meu favor.

Alec sorriu, e pareceu que começava a se sentir mais confortável.

— Recorda a manhã que Soberano me jogou no chão? Depois de como me comportei com você, esperava que se aproximasse de mim

correndo e me chutasse. E devia ter feito, mas se mostrou compassiva comigo. Suponho que tudo começou naquele momento.

— Sim, recordo-o.

— E logo, a primeira vez que... Foi melhor do que esperava, mas descobrir que era o único homem que tinha tido... Fui o homem a quem se entregou voluntariamente, sem se sentir obrigada, sem ganhar nada, sem exigir nada em troca. — Seu olhar, tão brilhante e intenso, prenderam Mira. Qualquer rastro de humor se apagou da expressão de Alec. — Desejo-a, sim — disse murmurando. — E quero que seja minha esposa. Apesar de tudo que disse em ocasiões anteriores, é a única maneira que tudo vá bem entre nós.

Mira o olhou muda de assombro.

— E bem? — pressionou-a depois de uns minutos de silêncio. — O que responde?

Pouco a pouco ela recuperou a fala.

— O que respondo a quê? — Perguntou-lhe, tentando ganhar tempo para pôr em ordem seus pensamentos. — Que eu saiba não me fez nenhuma pergunta.

— O que parece a ideia?

— N-não estou segura. — Mira ficou em pé, muito agitada para seguir sentada. Aquele momento era algo que nem sequer se atreveu a imaginar. Acabava de pedir que fosse sua esposa! Mas algo estava mal, sentia que não era para ela, e não sabia como explicá-lo, nem a ele nem a si mesma. — Estou mais que surpreendida, acaba de me pedir que me case com você?

— Sim — disse com impaciência. — Agora, responda.

— Não posso responder imediatamente, não sem dizer primeiro o que sinto — disse ela. — Pediu-me que seja honesta e vou sê-lo.

— E?

— Alec — disse, resultando doloroso continuar porque de repente compreendeu a verdade com muita dor de si mesma. — Quero dizer essa palavra mais que nada no mundo.

— Então, diga.

— Não posso. Não quando sei que seria um absoluto desastre. Nem pensou bem, de verdade que não o fez.

— É obvio que fiz — sussurrou. — Não sou tolo, sei que não será

fácil, que teremos que enfrentar muitas coisas...

— Duvido-o muito — disse Mira, procurando as palavras corretas.

— Segue ainda sem se dar conta do quão diferentes somos. É impossível que compreenda quão diferente é minha vida da sua. Disse que me deseja e... eu sinto o mesmo por você. Mas não sou o tipo de mulher que deseja converter em sua esposa.

— Por que não deixa que seja eu quem julga isso?

— O que sente por mim mudará com o tempo — disse, com tão absoluta convicção que Alec guardou silêncio, estupefato. — E se me convertesse em sua esposa, despertaria uma manhã para se dar conta do trágico engano que cometeu, e que devia ter se casado com uma mulher de sua classe...

— Mira — interrompeu-a suavizando a expressão, como se suspeitasse que se se zangasse sua obstinação aumentaria ainda mais. Falou com voz doce e persuasiva. — Você é a classe de mulher que quero, sabe que não sou um pirralho impetuoso que não sabe o que quer. Pensei em tudo, incluindo seu passado e, mesmo assim, quero me casar com você. Teme que ele se interponha entre nós. Mas não tem por que se preocupar. O que sinto a respeito de seu passado é meu problema, não seu, e encontrarei uma maneira de resolvê-lo.

— Não acredito que possa. Há barreiras insuperáveis entre nós... Há coisas de mim que jamais poderei mudar, coisas que você jamais aceitará. Não existe um futuro para nós, e não sabe quanto desejaria o contrário, mas não posso me casar com você. A resposta é não. «Não posso.»

— Como pode dizer isso? Depois de tudo o que houve entre nós, como pode me rechaçar dessa maneira? Santo Deus, por acaso pensa que fiz esta proposta sem pensar? Não foi fácil para mim tomar esta decisão! Posso escolher entre as mulheres com a melhor linhagem da Europa e escolhi propor matrimônio a uma jovem sem título, sem nome, sem família... uma mulher que apenas não me disse sobre si mesma ou seu passado.

— É exatamente o que tratei de explicar.

— O que quero dizer é que tudo isso não me importa. Crê que proporia matrimônio sem estar seguro de que é o que quero?

— Meu passado...

— Seu passado — repetiu com desgosto. — Que demônios há em seu passado que possa ser tão horrível? Que ocultas? Por que não me conta e deixa que decida se é algo que possa ou não assumir?

Arderam as bochechas de Mira, e foi incapaz de sustentar o olhar dele. Não podia lhe dizer. Não queria ver o asco em seus olhos quando dissesse que era filha de uma prostituta. Deveria ser sincera com ele, mas se Alec conhecia sua infância e em que lugares vivera não poderia suportar voltar a olhar seu rosto. Lamentaria havê-la tocado alguma vez, e ela não poderia resistir. E se fazia o que seu coração ditava... se casava com ele e não contava nada, o medo constante que descobrisse a verdade não a deixaria viver em paz.

— Não — sussurrou. — Sinto muito.

Alec passou a mão pelo cabelo e soltou uma maldição.

— Deixa-me sem opções — disse laconicamente. — Deixou muito claro que não queria ser minha amante, que queria algo mais. Estupendo. Ofereci matrimônio mas tampouco quer porque diz que somos muito diferentes para vivermos juntos, embora isso é questão de opiniões. Teme que seu passado poderia nos fazer, mas não quer me contar nada sobre ele. A conclusão mais evidente é que não quer nada de mim... Mas como, minha querida senhorita Germain, custa-me muito acreditar.

— Estou falando a sério. Não quero nada...

— Cale-se. — A voz do Alec soou estranhamente vazia, como se estivesse exercendo algum tipo de controle sobre si mesmo para não deixar transparecer nenhuma emoção. — Não diga mais nada. É evidente que precisamos pensar.

— Acabou.

— Não. Voltaremos a falar mais adiante, quando eu tenha tido tempo de entender que demônios está passando.

— Acabou — repetiu com suavidade.

— Antes de levá-la de volta aos Berkeley — disse, com um intenso e gelado olhar, — quero que saiba algo mais. Nos últimos anos perdi ou negligenciei quase tudo que é importante para mim. Mas a você não vou perder.

Capítulo 12

Rosalie se deteve ante a janela do salão privado e abanou com força as bochechas ruborizadas.

— Senhor, por que tudo está tão fechado e escuro em Brighton? É que ninguém gosta que entre a luz do sol?

— Danifica os móveis. — Mira se sentou em uma cadeira, agradecendo o ar fresco que trazia o abanar do leque de sua amiga.

— Mireille, está tão branca como...

— Não me encontro bem.

— Deveria se sentir aliviada e muito orgulhosa de si mesma.

— Orgulhosa? — A voz de Mira entrecortou com uma mescla de risada e desespero. Levou a mão à testa e fechou os olhos em um gesto de impotência. — Sinto-me muito desgraçada. Sei que tenho fiz o certo, que pensei com a cabeça, que tomei a decisão correta, mas então meu coração não faz mais que me dizer: «Como pôde tê-lo rechaçado, Mira? Deveria dar graças a Deus e aceitar a proposta de lorde Falkner imediatamente.» Mas sei que não sou bastante boa para ele, e quando Alec descobrir o de...

— Mireille, detenha-se. — Rosalie deixou de se abanar e lançou um olhar irado. — É obvio que é bastante boa para ele. Esse não é o problema. Fez bem rechaçá-lo pelo tipo de homem que ele é. Há algo que qualquer matrimônio deve ter, algo que é mais essencial que o amor ou a paixão. E é o respeito. É o mais importante de tudo, e ele não parece capaz de respeitar nenhuma mulher.

— Equivoca-se com Alec — balbuciou Mira atropeladamente. — Jamais faria mal a alguém que não pudesse se defender. Em realidade é muito educado e amável, e embora possa ser muito impulsivo, não é cruel. Respeita a qualquer um que não o tema enfrentar. Eu... — sua voz vacilou e logo acrescentou com suavidade: — Intimamente sei que é digno de confiança, mas me dá medo confiar nele.

— Estamos falando do mesmo lorde Falkner? — perguntou Rosalie. — Mireille, não o conhece, não sabe o que está dizendo!

Educado? Amável? Não é o que eu ouvi. Por acaso não sabe quão cruel esse homem pode chegar a ser? Quão insensível é em realidade? Os Falkner não só são temidos e respeitados, são arrogantes, egocêntricos e desumanos, e Alec Falkner é o pior de...

— Pode ser muitas coisas, mas não é desumano. — Mira esfregou a fronte com ar distraído. — De fato acredito que é um incompreendido.

— Incompreendido! Mireille, sabe o que está dizendo?

— Crê que não sou objetiva com ele, mas sou.

— Se o que dizem dele não é certo, se toda Londres, inclusive eu, estamos equivocados, se de verdade acredita que poderia ser um bom marido, por que não o aceitou?

— Já disse isso. Não merece... não merece amar alguém que não seja perfeito, e estou muito longe de sê-lo. E mais, não quero ser a esposa de um homem de sua posição. Não estou preparada.

— Mireille, tampouco foi fácil para mim — apressou-se em dizer Rosalie em um tom diferente do que tinha usado antes. — Não estava preparada de maneira nenhuma para ser a esposa de um conde, e muito menos de um Berkeley! É maravilhoso em alguns aspectos, e horrível em outros, mas suportaria tudo para estar casada com o Rand.

— *Sang de Dieu*, não deveria ter rechaçado lorde Falkner. — Mira dobrou os joelhos sobre a cadeira e afundou a cabeça entre os braços, sem se importar com a indignidade da postura. — Devia ter dito que sim, mas só podia pensar em todas as razões pelas quais não devia fazê-lo. Devia ter aceitado. Devia dizer que sim e ignorado todo o resto, oxalá alguém pudesse tomar esta decisão por mim.

— Se esquecerá dele com bastante rapidez. Há tantos cavalheiros que quererão...

— Não, nenhum cavalheiro mais. Não poderia. Nem sequer posso pensar em que outro homem me toque... — Mira levantou o olhar com as pupilas tão dilatadas que seus olhos parecia totalmente negros. Estavam cheios de lágrimas. — Sem ele, estarei sozinha — sussurrou. — Mesmo que me torne a esposa de outro homem, mesmo que tenha filhos e crie uma família.... seguirei estando sozinha. Nunca poderia me esquecer dele.

Alarmada, Rosalie a encarou e negou com a cabeça boquiaberta.

— Como diabos pode sentir algo tão profundo por ele? Se apenas o conhece!

— Claro que o conheço. É ele quem...

Embora Mira não terminasse a frase, Rosalie compreendeu o que queria dizer e a olhou aturdida.

— Mireille... Que idiota fui. Não entendia como podia ocorrer isto de maneira tão repentina. Pelo que eu sabia, só tinha visto lorde Falkner em duas ocasiões, uma na caçada de Sackville e outra na noite do encontro com Brummell; mas parece que não é assim, verdade? Viu-o muitas vezes mais, deve ... Oh, que estúpida fui! Nunca se tratou de Sackville. O homem que se apaixonou em Hampshire é o mesmo lorde Falkner, não é?

— Sim. — Mira afundou o rosto entre seus braços outra vez, enroscando-se como uma pequena bola.

— Por que não me disse?

— Você não pensava bem dele... e além disso, queria esquecê-lo. Tentei com todas as minhas forças.

— Posso aceitar, se for o único homem que a faz feliz — disse Rosalie com vacilação. — Sei que tem bom olho para julgar as pessoas, que não amaria alguém que carecesse de boas qualidades. Não é tarde para que mude de ideia. Abandonaremos Brighton em umas horas. Talvez devesse vê-lo agora, e dizer que estive pensando em sua proposta e...

— Não posso. É melhor deixar as coisas assim. Ele tem razão: os dois precisamos pensar. E se ainda me quiser, saberá onde me encontrar.

— Deveria ter visto como me despediu! — disse Carr, com a vitalidade de um homem jovem e caprichoso. — Estava desolada. Olhou-me com esses grandes olhos escuros e sua voz soou triste, quando disse que esperava voltar a me ver.

— Está seguro de que não confunde simples cortesia com uma declaração de afeto?

Alec cruzou as pernas, apoiando os pés no assento diante dele. Carr observou as botas enlameadas com desdém e se afastou uns centímetros para evitar que lhe manchasse o casaco.

— Muito seguro. Falava com o coração na mão.

— Que comovedor.

Ignorando a fria resposta de Alec às extasiadas descrições de sua despedida de Mireille Germain, Carr lançou um suspiro de felicidade e repousou a cabeça escura no estofamento azul da carruagem.

— Não compreende o que sinto por ela. Mireille é diferente de qualquer mulher que conheci. Tímida e coquete, engenhosa... e tão doce...

— Até onde chegou com ela? — perguntou Alec, repentinamente tenso.

— É algo sério, Alec! Com outra mulher possivelmente tomasse alguma liberdade, mas não com ela. Quero que saiba que a respeito.

Alec se reclinou no assento.

— Espero que o fato não o impeça de contatar uma moça do Rummer esta noite.

— Não — falou Carr com o ar de um homem resignado a cumprir com seu dever. — Vou flertar e conversar com Jane para averiguar mais sobre Holt, mas porque devo fazê-lo, não porque queira. — Carr sorriu lentamente. — Seus enormes seios não significam nada para mim.

— O esforço não terá sido em vão se em troca consegue uma pista — disse Alec, sorrindo amplamente.

Holt também sentia uma grande fascinação pelos peitos grandes, um interesse que foi motivo de piadas e comentários sarcásticos em seu círculo de amigos.

— Na realidade espero surrupiar alguma informação interessante — disse Carr em tom sério. — Acredito que Holt começou a frequentar o local depois de que Leila desapareceu. Talvez Jane possa me dar alguma pista sobre o que fazia, ou se tinha algum inimigo. — Suspirou, seus olhos verdes brilharam travessos. — Embora não possa acreditar que tivesse verdadeiros inimigos, pois se dava bem com todo mundo.

— Não. Não se dava bem com todo mundo. — Alec estudou seu jovem primo, sentindo uma pontada de compaixão por ele. Não se dera conta de quanto Carr idealizou seu irmão. — Holt não era perfeito. Era um bom homem, mas tinha seus defeitos como todo

mundo. Em algumas ocasiões se comportava como um autêntico bastardo, igual a todos nós. — Não houve nenhuma reação em Carr salvo conter com dificuldade o fôlego, e Alec soube quanto o incomodou o comentário. — Não posso permitir que o idealismo com que vê seu irmão o converta em um condenado mártir — continuou com suavidade. — Ele não quereria.

— Prefiro não falar disso.

— Para não recordar como era em realidade. Prefere recordar Holt como um santo em vez de uma pessoa normal.

— Já basta — disse bruscamente Carr num arrebatamento de ira.

— Sei que não é fácil para você compreender...

— Compreendo-o perfeitamente — disse Carr com brutalidade, e logo permaneceram vários minutos em silêncio.

Finalmente, a carruagem se deteve. Alec olhou seu primo enquanto o lacaios abria a porta.

— Ainda prefere ir num carro de aluguel até o Rummer?

— Não posso me apresentar lá nesta carruagem.

— Tome cuidado. Os choferes de aluguel são conhecidos por sua habilidade em despojar seus clientes de tudo o que levam em menos de cinco minutos. Mantém os olhos bem abertos e vigia o que bebe.

— Já estive antes no Rummer — disse Carr aborrecido. — E, embora não creia, às vezes sou capaz de pensar com a cabeça.

Alec sorriu a contragosto.

— Já demonstrou com acréscimo que posso confiar em você. *Bonne chance*, primo.

Os dois homens saíram da carruagem, e Alec esperou que Carr subisse num veículo de aluguel cujo chão foi coberto de palha para tentar ocultar a porcaria que havia nele. Suspirando, Alec se encaminhou à padaria mais próxima e olhou através da porta da vidraça em forma de diamante antes de entrar.

Uma fina capa de farinha flutuava no ar e cobria as janelas, o chão, as mesas e as paredes. O aroma de levedura e manteiga alcançou as narinas de Alec, fazendo que inspirasse profundamente. A loja estava bem iluminada e era confortável; estava animada por meninos de todas as idades, que claramente eram membros da mesma família.

— Senhor?

Uma mulher de cara redonda e enorme busto se aproximou dele com um sorriso. Com as faces suaves e os olhos castanhos, mostrava uma aparência cálida e maternal e possuía umas maneiras tão ternas que todo mundo devia se sentir deslumbrado com ela. Alec a comparou mentalmente com a inteligente e voluntariosa Juliana e esboçou um ligeiro sorriso.

— A senhora Holburn?

— Falkner — começou a dizer ela, levando as mãos à garganta e com os olhos brilhantes por causa do medo. — Pensei que tinha morrido... Ouvi que se reuniu com o Criador. Oh, Deus santo.

— Senhora Holburn, não sou Holt — disse Alec com rapidez, tomando a liberdade de sujeitá-la pelo cotovelo ao ver que a mulher estremecia com tanta violência. — Sou seu primo, lorde Falkner. Não tinha intenção de assustá-la. Gostaria de se sentar?

— Mamãe? — Interrompeu-o a voz de uma jovem. Uma garota loira com os mesmos traços arredondados da padeira se aproximou correndo e afastou a mão de Alec com um tapa. Deslizou um braço ao redor da cintura da senhora Holburn e lançou a Alec um olhar de cautela. Seu rosto perdeu qualquer rastro de cor ao reconhecê-lo. — O que ocorreu a Leila? — perguntou-lhe bruscamente.

— Não é ele — disse a senhora Holburn, olhando Alec com uma mescla de pena e medo. Retorcendo as mãos sobre o avental, tentou se tranquilizar. — Sei que Holt Falkner está morto, mas por um segundo acreditei estar equivocada e logo pensei que era seu fantasma.

— Não. Ele morreu. E não sou um fantasma. — Alec tratou de esboçar um sorriso tranquilizador, mas não pareceu surtir efeito. — Vim esperando encontrar algumas respostas sobre meu primo. Importa que faça algumas perguntas?

A mulher não respondeu imediatamente. Mordiscou os lábios e logo perguntou com vacilação, como se temesse conhecer a resposta.

— Lorde Falkner, você também veio falar de minha filha? Sabe algo de Leila? Averiguou onde está? Sabe quem poderia...?

Alec negou com a cabeça, com um olhar de causar pena.

— Não sei nada dela. Sinto muito.

— Temos uma mesa na parte de trás — disse a senhora Holburn

com os olhos empanados pelas lágrimas contidas. — Meu marido está fora, mas falarei com você.

Uma grande parte da família se juntou ao redor da mesa, deixando Alec sozinho num extremo. As duas garotas de mais idade se encarregaram de atender os clientes que entraram na loja, mas logo retornaram para escutar a conversa.

Meia hora depois, Alec começou a entender por que Holt mantivera aquela parte de sua vida em segredo. Este era seu refúgio privado, um lugar livre das maneiras refinadas e sofisticadas das pessoas com as quais sempre se relacionou. A maioria de seus amigos zombaria dele ao saber que se apaixonou pela filha de uma padeira e que tivesse passado tantas horas na cozinha de uma sólida família de classe média. Aquela família, aquela loja, aquela casa, tão cálida e singela, era totalmente estranha para os Falkner. Não era impossível a Alec imaginar seu primo ali sentado, balançando um menino sobre os joelhos e sorrindo com provocação à jovem que conquistou seu coração.

— Pedi a Leila que o deixasse — disse a senhora Holburn, com um débil sorriso no rosto. — Disse que arruinaria sua vida e, mesmo o senhor Holburn pensando o mesmo, não pudemos impedir que o visse. Com o tempo, seu primo começou a ganhar nosso afeto, e percebemos que Leila lhe importava seriamente. Entretanto, não sabíamos como terminaria tudo aquilo. Leila era uma boa garota, sabia que não queria que ele a mantivesse. Nunca esperei que se casasse com ela, mas aqui mesmo pediu sua mão ao senhor Holburn.

— Não sabia.

Alec tentou recordar algum fato que não percebeu. Em algumas ocasiões, Holt foi muito sincero com respeito a seus sentimentos por Leila. Sim, teve algumas semanas de paz e satisfação absoluta, mas durante os dois últimos meses de sua vida, Holt se comportou de maneira desenfreada, bebeu e fez loucuras, sofreu mudanças de humor constantes.

— Pois o fez. E parecia sincero, lorde Falkner. Acredito que se casaria com ela. Mas no dia seguinte enviei Leila para um recado, costumava ir sozinha, pois jamais se afastava muito, e ela... ela...

— Nunca retornou — disse com simplicidade um dos meninos.

Alec arregalou os olhos. Escutou atentamente quando a senhora Holburn clareou a garganta e disse: — Jamais voltamos a saber dela. Desapareceu sem deixar rastro. Todos ficamos consternados, em especial seu primo. Disse que a encontraria. Que passaria o resto de sua vida...

— Que passaria o resto de sua vida buscando-a — disse Alec impassível, fazendo um gesto com a cabeça para que continuasse. A mulher tinha os olhos cheios de lágrimas outra vez.

— Mantinha-nos informados de suas pesquisas. Até que um dia deixamos de ter notícias dele. Enviamos uma mensagem, mas não obtivemos resposta. Pensamos que se esqueceu dela, ou que perdeu o interesse. Tentamos contato com ele e, finalmente, inteiramo-nos do que aconteceu a ele. — Suspirou brandamente. — Uma horrível tragédia. Era um bom moço e muito bonito. Quando vi você hoje, pensei que era ele que tinha vindo me dizer...

— Sinto muito. Mas vou tentar averiguar o que aconteceu a sua filha.

— Sim? Fará?

— Se descobrir algo farei com que saiba.

Olharam-se e sorriram sem que nenhum dos dois dissesse mais nada. Não era necessário.

Carr se reuniu com Alec no escritório de sua casa em Londres umas horas depois. Cheirava a rum, mas parecia surpreendentemente sereno. Depois que um lacaios levou uma grande bandeja carregada com pães doces e café, os dois Falkner trocaram informação.

— Pediu que se casasse com ele? — perguntou Carr, negando com a cabeça surpreso, enquanto passava as mãos pelo cabelo negro. — Pobre Holt, propor matrimônio à jovem que amava e ela desaparece no dia seguinte. Crê que fugiu dele?

— Não tinha nenhuma razão para fazê-lo. Era filha de um padeiro. Ele era rico... Era um Falkner. Seria uma estúpida se fugisse dele depois que propôs matrimônio. — Alec baixou o olhar sombrio para o café fumegante. — Não, ela não fugiu. De fato, não acredito que Holt pediu que se casasse com ele, embora a senhora Holburn acredita o contrário.

— Por que crê que não pediu?

— Porque não me disse nada. E Holt me contava quase tudo.
— Meu Deus, como não ia dizer — exclamou Carr com sarcasmo dando uma dentada em um pão doce.

Alec franziu a testa.

— Asseguro que contaria algo tão importante como isso.

— Se eu fosse Holt, não o faria. Permitiria que se casasse com a filha de um padeiro? Tentaria fazê-lo trocar de opinião. Alec... não o negue. Diria que podia aspirar a algo melhor, e que seu dever como Falkner era se casar com alguém de sua classe. Assinalaria cada um dos defeitos da garota até que Holt tivesse claudicado. Faria o possível para separá-los.

— Não sou um demônio! — explodiu Alec, ficando em pé bruscamente e se aproximando bruscamente da lareira apagada. Apoiando os cotovelos no suporte, afundou a cabeça entre as mãos.

— Maldição, por que todo mundo me considera um esnobe insensível? — perguntou com voz rouca.

— Porque o é.

— Demônios — resmungou Alec.

— Aceitaria?

— Não o sei.

Alec se negava a admitir em voz alta que um ano antes não aceitaria que Holt se casasse com Leila Holburn. Definitivamente não aprovaria. Mas após tudo mudou. Tudo era diferente agora. Ou não?

Pensou em tudo o que disse a Mira, e aquelas palavras pareceram rasgar seu coração. De repente, ficou aturdido pelo que tinha feito ou, o que era pior, pelo que não tinha feito. Havia muitas coisas que não disse, e que ela rogou em silêncio que o fizesse. Mas foi muito teimoso, estava muito cego. Não importava o passado de Mira e algo que faltasse empalidecia ante suas outras muitas virtudes. Existia alguma outra mulher capaz de lhe dar o que ela dava? Seria alguma vez feliz se Mira não chegava a ser dele? Não.

«Outra oportunidade — pensou com desespero, enquanto em sua cabeça encaixavam todas as peças do quebra-cabeças. Respirou fundo.

— Tenho que conseguir outra oportunidade.»

— Bom, falei com Jane durante toda a tarde e, sem dúvida, é uma amante do rum — disse Carr, e Alec se obrigou a escutar.

- O que averiguou?
- Sabe algo. Tentei-a com rum de boa qualidade para que falasse do Holt. Disse-me que conhecia alguns nomes interessantes. Mas não me disse quais, tenho que retornar amanhã para ver se averíguo mais.
- Certo. Faça. Eu volto a Staffordshire.
- Esta noite?
- Sim, esta noite. — Alec elevou a voz um pouco e chamou seu criado pessoal. — Ouviu, Walter? Tira a orelha da fechadura e se ponha a fazer a bagagem.
- Sim, milorde — respondeu uma voz amortecida atrás da porta.

Pode ser que para outros homens o amor fosse um presente, uma bênção, uma fonte de alegrias, um milagre, mas para Alec foi um desastre. Sabia que Mira estava perto, em Warwick, uma distância que poderia ter cortado rápido e facilmente, mas permaneceu na fazenda Falkner, pensando no que dizer, sabendo que tinha que escolher as palavras adequadas, pois eram de vital importância.

Possivelmente seria mais fácil se fosse um homem mais humilde, mas a humildade não era para ele. Não estava acostumado a pedir algo que sempre deu por certo, como obter o favor de uma mulher. Assim que passou todo esse tempo amaldiçoando ou desejando Mira, condenando-a ou amando-a em sonhos. E aquela tortura teria durado para sempre se não fosse pela intervenção de Juliana.

Sua mãe se aventurou a descer as escadas uma noite, ainda vestida e com o cabelo cinza cuidadosamente recolhido num diadema. Ao olhar seu filho, que dormiu no sofá com uma garrafa de brandy sobre o estômago, a expressão de Juliana passou de uma sombria confiança a uma mais suave. Os traços morenos de seu filho, que nos últimos dias estiveram tensos pela obstinação e frustração, estavam agora relaxados pelo sono. Aqueles lábios plenos, que normalmente se curvavam em um sorriso cético, mostravam uma vulnerabilidade que jamais revelaria voluntariamente.

— Meu menino... — murmurou Juliana, percorrendo com o olhar aquele atraente desconhecido em que se converteu seu filho. — Seria muito mais fácil se parecesse mais com seu pai. Mas se parece muito comigo, o que é uma bênção e uma maldição ao mesmo tempo, e a

razão pela qual está demasiado bêbado para me ouvir.

Conhecia-o melhor que ninguém, e no entanto, ainda não o conhecia. Enquanto se inclinava para tirar a garrafa das mãos, Alec se mexeu, e um som sonolento escapou de seus lábios.

— Mira... — Lentamente abriu aqueles prateados e sonolentos olhos. Enfocou Juliana e piscou, endireitando-se em silêncio e sem deixar de olhá-la.

— Temos que falar, Alec — disse num tom de voz que não admitia réplica. — Não tem por que me contar tudo, só o justo e necessário. Não obstante, terá que responder a várias perguntas.

— Mireille. — Rosalie apareceu na porta do dormitório de Mira, mostrando-se inusualmente nervosa. — Tem visita.

Mira levantou o olhar do livro que estava lendo e enrugou as páginas ao esticar os dedos, inquieta. O normal era que uma criada a avisasse. Que fosse Rosalie que subia para dizer, indicava a importância da visita.

— Quem é?

— Lady Falkner. Jamais faz visitas, mas está aqui e exige vê-la.

— Acalme-se! Só preciso de um minuto para me arrumar.

— Depressa, por favor. Sempre me consideraram uma perita anfitriã, mas ela me desafia cada vez que intento cercar uma educada conversa. Não, não se penteie assim, só arrume um pouco os cachos, depressa!

Dando a volta, Rosalie desapareceu pelas escadas e desceu a toda pressa. Mira examinou seu aspecto no espelho, agradecendo internamente por eleger esta manhã um primoroso e elegante vestido de cor amarela pálida. Alisando os ombros e as mangas, analisou seu reflexo, presa de pânico. É sua mãe, pensou, levando os dedos aos lábios em um gesto nervoso e logo se obrigou a relaxar. Havia simpatizado com ela bem antes de saber que era sua mãe, recordou a si mesmo. Arqueou as escuras sobrancelhas quando a golpeou um inesperado pensamento. Sem titubear, Mira se aproximou do armário e tirou uma bolsinha de tecido. Levando-a consigo, desceu para saudar a visita.

Mira se encontrou com dois amplos sorrisos ao entrar no salão rosa. A diferença do de Rosalie, que só poderia ser descrito como de

alívio, o sorriso de Juliana era calculador. Mira recordava ter visto antes esse mesmo sorriso no rosto de Alec.

— Lady Falkner, que encantadora surpresa.

— Parece que se tornou um costume nos surpreendermos mutuamente — disse a senhora, reclinando-se no sofá e assinalando uma cadeira próxima. — Vim comentar com você a interessante coincidência de que fomos vítimas. — Lançou a Rosalie um olhar intimidante. — Jovem, vim sem acompanhante porque desejava manter uma conversa privada, poderia...?

— É obvio — disse Rosalie imediatamente, dirigindo a Mira um olhar alentador antes de abandonar o salão e fechar a porta em silêncio.

— Lady Falkner, seu filho sabe que está aqui? — perguntou Mira, sentando-se com as costas rígida e a bolsa de tecido no regaço.

— Não sabe. Suponho que ainda siga dormindo ébrio já que passou a noite bebendo.

Mira estranhou ao saber que Alec esteve bebendo e logo pela nota crítica na voz de lady Falkner ao falar de seu filho.

— Por acaso ninguém sente compaixão dele? — por que parecia que todo mundo, incluindo sua mãe, considerava-o um ser tão independente e carente de moral?

— Não tem que sair em sua defesa, menina, para isso já estou aqui — assinalou Juliana e Mira elevou o queixo.

— Não tinha intenção de sair em defesa de ninguém. De fato, não desejo falar de lorde Falkner.

Juliana inclinou a cabeça inquisitivamente, reagindo favoravelmente ao tom implacável na voz de Mira.

— Tem força e guelra, senhorita Germain. Dava-me conta desde o começo, e essa é a razão pela qual a apresentei ao meu filho. Entretanto, não sabia que já se conheciam.

— Não sabia quem era você.

— Agora não importa. Temos muitas outras coisas das quais falar.

— Lady Falkner, fui sincera ao dizer que não quero falar de seu filho.

— Então, por que demônios está aqui?

Mira a olhou com firmeza. Abriu a bolsa e tirou um caule seco de

cor verde escura com as folhas afiadas e pequenas flores brancas e púrpura.

— Eufrásia. — Depois tirou um punhado de pétalas secas. — Celidônia, arruda, rosas e...

— Já basta. — Embora uma traidora expressão de interesse cruzou por seu rosto, Juliana franziu o cenho sinistramente. — Sei que tem boas intenções, mas sou muito velha para perder o tempo com disparates...

— Não são disparates. Muitas pessoas ficam com os olhos debilitados com a idade, e sei que a ajudará o que fiz. Vi surtir efeito muitas vezes. Se me deixasse aplicar agora...

— Se deixo que me ponha esse cataplasma nocivo nos olhos, ouvirá o que vim dizer, mas ponho Deus por testemunha que se essa coisa me fizer mal, irei imediatamente.

— Parece um trato justo.

Mira preparou a mescla de ervas em um lenço com ar satisfeito.

— Não acredito. Você não perde nada com este trato, enquanto eu arrisco a pouca vista que fica por essa sua inexplicável obsessão de me curar os olhos.

— O que estava dizendo sobre lorde Falkner? — Apressou-a Mira, levando o lenço à bandeja de chá intata na mesa Sheraton.

— A razão pela qual vim vê-la tão logo foi a descoberta que fiz ontem à noite sobre o medalhão.

Mira se deteve no processo de molhar o lenço com água quente.

— O medalhão. — ruborizou-se e voltou a face, sentindo o agudo olhar de Juliana sobre ela.

— Depois de muitas perguntas indiretas e ardilosas hipóteses, consegui surrupiar a verdade de meu filho. Já me tinha dado conta da ausência do medalhão e comecei a suspeitar o que meu filho fez com ele. Alec admitiu que o deu a você.

— Quer que o devolva? — perguntou Mira com dureza. Tirou a corrente de ouro que ocultava sob o vestido e tirou o medalhão do sutiã. — Tome-o. Não o quero. — Aquele gesto foi um grave engano tático. Juliana respondeu à revelação com um sorriso alegre e zombeteiro ao mesmo tempo.

— Vejo que o leva. Não, fique. Mas, por favor, apague essa

carranca do rosto.

Murmurando algo baixo, Mira terminou de umedecer o lenço e se aproximou com ele da senhora. Juliana apoiou o pescoço no respaldo do sofá com atitude de mártir e deixou que pusesse o lenço sobre os olhos fechados.

— Pode colocar — observou com suavidade.

— Só serão uns minutos — replicou Mira se sentando e olhando-a com cautela. Depois de um momento em silêncio, não pôde resistir a perguntar. — Se não quer que devolva o medalhão, por que o mencionou?

Juliana levou uma elegante mão ao tecido que cobria os olhos e apalpou com suavidade.

— Querida, sou muito velha para me envergonhar por ninharias. Mas inclusive eu, admito que esta situação contagia por seu excesso de melodrama. Reconheço que é culpa de meu filho. É um Falkner, e como descobrirá, é uma pessoa teimosa, orgulhosa e muito sentimental, com um desenvolvido sentido de melodrama. Estou segura que quando entregou esse medalhão a você pensou que era um adorno muito bonito. O que não sabia é que esse presente possuía para Alec um significado digamos... simbólico.

— Simbólico?

— Esse medalhão passou de geração em geração como símbolo de uma união duradoura. Depois de recebê-lo de seu pai, meu marido me deu de presente quando tivemos nosso primeiro filho. Dei-o a Alec quando completou dezesseis anos para celebrar sua maioridade. Quando Alec entregou a você, marcou-a como dele. Não foi um gesto corriqueiro e, por isso sei que meu filho jamais permitirá que se afaste dele.

Nervosa, Mira tirou o medalhão que estava pendurado no pescoço.

— Tenho que devolvê-lo.

— Imagino que ele propôs matrimônio.

— Sim.

— Rechaçou-o?

— Sim.

— Por quê?

— Lady Falkner... Sinto-me muito incômoda me queixando de seu

filho com você.

— Sou perfeitamente consciente dos defeitos de meu filho, jovem, e não considerarei suas queixas como um insulto sobre minhas capacidades como mãe. Sempre fui uma mulher competente. Os defeitos de meu filho não são devidos a nada do que possa ter feito, mas sim, herdou-os de seu pai. Assim, se não importar, conte por que o rechaçou.

— Bom... Sei que apesar de estar interessado em mim, sei que não sou o mais conveniente para ele. Sou muito consciente da linhagem de sua família e do patrimônio que possui... Também sei que seria melhor que se casasse com uma mulher de sua classe. Alec não escolheu querer a mim, algo que deixou muito claro, e sei que se casarmos seria um engano. Não quero que logo lamente, o que sem dúvida, acabaria por fazer.

— Se o comportamento de meu filho foi como acredito que foi — disse Juliana, — é uma sorte para você que esteja aqui para lhe explicar. Alec é um Falkner dos pés à cabeça, e os varões Falkner são ciumentos, umas criaturas brutas...

— Não diria isso.

— Não me contradiga, jovem. Sei o que digo. Casei com um e criei dois. E levo anos convivendo com os membros da família Falkner. Mas Alec cresceu e amadureceu sob circunstâncias muito especiais. Suponho que sabe que o pai de Alec morreu quando ele era ainda jovem, não?

— Sim.

— Meu filho se viu forçado a se converter em homem antes do tempo, e tal fato o fez único. Converteu-o em um homem duro que exige muito, não só de si mesmo, mas também de todos que o rodeiam. É muito cínico e, também, muito idealista. Direi a razão pela qual ainda está solteiro: sempre quis a mulher perfeita, embora no fundo de seu coração acreditasse que tal mulher não existia. É obvio, é mais que natural, querida, que todos os homens sonham em se casar com um anjo loiro. E, para sua desgraça, meu Alec não foi diferente. Mas logo conheceu você. Não é loira nem, suspeito, um anjo. Descobrir que a quer apesar de tudo jogou por terra todas suas convicções. Tais coisas vão contra seu sentido de correção e da ordem

estabelecida.

— Compreendo-o. — O sorriso de Mira era estranho e desconcertado. — Mas, milady, o que não entendo é por que você... por que tem...

— Por que minha lealdade está com você? Porque meu filho a quer e a necessita e quero o melhor para ele. Não prestei atenção aos rumores que ouvi sobre você porque não acredito nisso, sabe? Mas depois de tê-la conhecido, tenho a certeza de que se viu envolta em muitos mais escândalos dos que saíram à luz. Entretanto, não posso condená-la quando eu mesma protagonizei meus próprios escândalos. Acaso pensa que nasci com as mãos brancas como lírios ou que estive protegida e mimada toda minha vida? Pois se equivoca! Nós duas nos parecemos muito, embora você possui uma ternura que fui suficientemente afortunada de perder faz já muito tempo, enquanto que você, provavelmente, jamais a perderá. Sim, parecemo-nos muito, mas na sua idade era feita de uma massa mais dura e embora meu rosto não fosse tão formoso como o seu, minha figura era melhor. Pode me tirar já esta coisa dos olhos?

Surpreendida pela brusca mudança de assunto, Mira permaneceu em um estupefato silêncio até que Juliana voltou a repetir a pergunta.

— Sim... er... sim — disse, levantando-se de um salto e se aproximando da senhora. — Mantenha os olhos fechados um momento, senti-los-á muito sensíveis à luz. Lacrimejarão um pouco, mas isso é bom.

Lentamente levantou o lenço e o colocou na mesinha, onde o depositou sobre a bandeja de prata. Ofereceu a Juliana um lenço seco e se sentou no sofá com as mãos apertadas no regaço. Juliana abriu lentamente as pálpebras e Mira enfrentou esses olhos prateados tão parecidos com os de Alec. Estavam um pouco vermelhos pelo ácido das plantas, mas muito mais claros e brilhantes que antes.

— Sim — disse Juliana, com a voz um pouco ofegante. — Sim, funcionou. Vejo melhor. — Piscou e olhou ao redor lentamente, com um olhar agudo e ardiloso e ligeiramente surpreendido. Logo enxugou a umidade das faces e disse bruscamente. — Ainda lacrimejam os olhos por culpa dessa endemoninhada mescla.

— Parará de lacrimejar logo — disse Mira respeitosamente.

Depois de que lady Falkner saiu, Mira não soube como responder às impacientes perguntas de Rosalie. Mesmo que a mãe de Alec tenha ido embora com um sorriso satisfeito nos lábios, ela continuava sem resolver nada. Juliana disse que nãoalaria a Alec sobre aquela visita, e que tampoucoalaria com seu filho de Mira. Então para que serviu aquela conversa? Para muito pouco, embora Mira se sentisse mais tranquila ao saber que Juliana Falkner era sua aliada.

No dia seguinte, Rosalie começou a fazer alarmantes intentos de resolver o dilema. Sugeriu dar um passeio a cavalo e se deter na propriedade dos Falkner com o pretexto de que o cavalo de Mira tinha perdido a ferradura. Ou visitar lady Falkner quando Alec estivesse ali. Horrorizada ante a perspectiva de que sua bem-intencionada amiga se intrometesse, Mira rechaçou as sugestões de Rosalie com veemência. Inesperadamente, Rand apoiou Mira, dizendo à sua esposa que Alec não era um homem que se deixasse enganar por um truque tão evidente.

— Mira tem direito a ter seu orgulho — disse a Rosalie em privado, sentando-se na borda da cama que compartilhavam e a atraindo para ele.

— Orgulho! Isto não tem nada a ver com orgulho. Só terá que a olhar para ver quão infeliz é.

— *Fleur*, compreendo seus motivos, mas...

— Só quero que seja tão feliz como nós. É verdade que jamais teria escolhido um homem como lorde Falkner para ela, mas Mira parece acreditar que é o único que sempre amará. Oxalá, a pudesse convencer de que em alguma parte há um homem a quem poderá entregar seu coração por completo.

— E por que não pode ser Falkner?

— Porque é um Falkner.

— Possivelmente ela veja de modo diferente.

— Ela não o vê. Ponto. Está cega no que diz respeito a ele. Rand, de verdade, crê que ele a ama?

Berkeley sorriu e depositou um beijo na testa de sua esposa, fechando os olhos com satisfação.

— O amor é algo que não pode se forçar — murmurou, beijando-a no pescoço e no lóbulo da orelha. — Surge quando ninguém o espera

e morre quando parecia destinado a sobreviver. Não está — roçou seus lábios com suavidade — de acordo?

Rosalie envolveu seu pescoço com os braços.

— Não — disse com suavidade.

Rand riu entredentes enquanto sustentava seu olhar azul.

— Carinho.... asfixiaria uma flor lhe dando muito amor, muita água e luz. Permite que esta crie raízes por si mesma. De acordo?

A contragosto, Rosalie assentiu em silêncio, sorriu e levantou a face para receber outro beijo.

A mensagem estava assinada só com a inicial A. Mira examinou a nota que Mary entregou cedo naquela manhã. As letras eram claras e firmes. Não conhecia a letra de Alec, mas essa bem poderia ser ela. Pedia que se reunisse com ele às três no extremo noroeste da propriedade dos Berkeley. Por que elegera se encontrar com ela dessa maneira? Não teria sido muito mais fácil uma simples visita? Intimidade. Mira pensou que ele queria intimidade. Ficou tensa dos pés à cabeça ao imaginar o que podia querer dizer.

— Rosalie — disse, como quem não quer nada, na hora da comida.

— Depois de comer, sairei para dar um passeio.

— Parece-me uma ideia estupenda. Irei contigo.

— Na realidade — disse, ofertando um sorriso conciliador, — gostaria de ir sozinha. — Oh, devia ter se calado e saído às escondidas.

— Sozinha? — Rosalie recorreu a seu marido. — Rand, crê que é seguro que saia a passear sozinha?

— Pensa ir muito longe? — perguntou Rand com ar indolente.

— Não, não — disse com rapidez. — Não penso em me afastar muito. De fato, nem sequer devia ter mencionado, não tem importância.

— Nesse caso, não tenho objeção alguma — ele falou, e Mira baixou o olhar enquanto suspirava de alívio.

— O que estava dizendo antes sobre as docas? — perguntou Rosalie a Rand, que lançou uma sombria descrição sobre o aumento de roubos que começava a afetar a sua companhia de navegação.

Recentemente, contratou os detetives de Bow Street para proteger algumas cargas, já que apanharam um grande número de ladrões nas

docas. Muitos deles confessaram pertencer ao Stop Hole Abbey, uma das maiores organizações criminosas de Londres. Fizeram-se passar por caçadores de ratos, e depois de apanhar os roedores nos navios, tinham-nos usado para se infiltrar em outros navios e roubar. Também encontraram algumas aves de rapina.

— Aves de rapina? — perguntou Rosalie, e Rand respondeu que se chamava assim às mulheres e meninos que esperavam em pé junto aos navios que atracavam, e que agarravam os artigos roubados que os ladrões jogavam no chão.

Mira escutou sem entusiasmo o que Rand dizia, enquanto mastigava e engolia sem se fixar no que estava comendo. Tinha a impressão de que aquela comida não acabaria nunca. Geralmente desfrutava dos largos debates que surgiam na mesa dos Berkeley, mas este dia parecia que a palavra «depressa» estava impressa em cada um de seus pensamentos e ações. «Depressa», pensava olhando o relógio cujos ponteiros se moviam lentamente. «Depressa!»

O extremo noroeste da propriedade não ficava muito longe de Berkeley Hall. Mira chegou exatamente às três. Levantou a barra do vestido verde pálido para evitar que se enganchasse nos arbustos. Alec já estava ali, meio apoiado em uma rocha que provocara que a árvore próxima se inclinasse em um gracioso arco. Observou-a chegar com os braços cruzados sobre o peito e uma expressão insondável na face. Mira se deteve a vários metros dele e ficou em silêncio. Fundiu-se com a quietude do bosque com tal perfeição que Alec se sentiu tentado a tomá-la entre seus braços para comprovar se era real. Mira inclinou a cabeça ao ouvir um relincho, e olhou com atenção ao redor para descobrir um brilhante cavalo castanho.

— É Soberano? — perguntou.

Alec assentiu com a cabeça.

— Esta paisagem me traz muitas lembranças.

— A mim também.

Mira recordava cada uma das conversas que mantiveram na propriedade de Sackville. Aqueles breves encontros cheios de perguntas e respostas, de incontrolável curiosidade, e da insistente atração que haviam sentido cada vez que se olharam.

— Por isso quis que nos encontrássemos aqui?

— O quê? — perguntou Alec arqueando as sobrancelhas.
— Por isso quis que...?
— Vim aqui porque recebi sua nota.
— Minha nota? — repetiu desconcertada. — Não enviei nenhuma nota, não a enviou você?
— Acredita que o fiz?
— Bom, sim, você... Não fez? — Mira o olhou consternada e logo a ruborizou. — Não, claro que não o fez. — Jamais se sentiu tão tola, tão envergonhada. — Oh, maldição. Condenada Rosalie. Vou estrangulá-la por isso!
— Possivelmente tenha sido minha mãe — assinalou Alec, torcendo a boca em um gesto sarcástico. — Adora se intrometer.
— Mas este encontro não resolverá nossos problemas.
— Não, problemas, não. Problema no singular. Só há um obstáculo em nosso caminho. Você.
— Eu!? — exclamou ela. Com uma só frase, Alec conseguiu pô-la furiosa. Depois de tantas lágrimas, de tanta pena contida, plantava-se diante dela e a acusava de criar problemas, como se... como se o recusara só por um mesquinho desejo de incomodar. — Alegro-me que tudo seja tão simples para você. Que maravilhoso acreditar que tem toda a razão do mundo. Que sou eu a única que está equivocada.
— Pedi que se casasse comigo — assinalou com voz cortante. — Rechaçou-me. É simples assim. Mas você complica tudo com seus medos infundados e suas tolas preocupações...
— Está claro que não escutou nada do que disse. Não escutou absolutamente. Minhas preocupações são reais. Não tem nem ideia...
Para seu absoluto horror, Mira sentiu que lágrimas de frustração enchiam seus olhos, e inclinou a cabeça, tentando contê-las. Uma vez mais perdeu a paciência diante dele, mas desta vez não pôde conter a raiva e o sofrimento, e tremeram os ombros quando deixou escapar um soluço. Ouviu-o dizer seu nome e sentiu que se aproximava dela, mas deu a volta às cegas para escapar dele e retornar correndo a Berkeley Hall. Não chegou a dar nem um só passo mais, pois enredou o pé em uma raiz e caiu no chão com um grito que era mais fruto da fúria que da dor.

Seu orgulho ficou totalmente destruído, pensou Mira friamente

enquanto se sentava no chão. E ainda por cima, doía o tornozelo.

— Se tiver um pingo de compaixão de mim, vá embora — disse com voz rouca. O cabelo, livre da rede que o confinava, cobriu a face como uma cortina escura e brilhante quando abaixou a cabeça. Tirou a sapatilha e massageou o pé. Alec se aproximou dela lentamente, com passos muito silenciosos para um homem tão alto. Percebeu seu olhar fixo nela, e se sentiu furiosa de novo. — Vá, vá e me deixe sozinha. Volta para seus malditos estábulos e seu maldito brandy...

— Sim, sei, sei... Pelo amor de Deus, Mira, qualquer marinheiro ficaria orgulhoso de suas maldições. Aconteceu algum dano ao seu tornozelo?

— Não — disse a contragosto.

— Venha, dê-me a mão. Ajudarei a se levantar.

— Não quero sua ajuda.

— Mira... — advertiu-a, — estou começando a perder a paciência. — Estendeu-lhe a mão com firmeza e ela deu as costas, negando-se a aceitá-la.

Soltou um grito afogado quando ele se inclinou e a levantou nos braços, estreitando-a contra seu peito enquanto a levava para uma enorme rocha arredondada.

— Não quero... — Mira começou a protestar fracamente, mas ele a silenciou com um ardente e penetrante olhar; estreitou-a entre seus braços para que soubesse que já aturara demais os seus comentários.

— Vai me esmagar... — começou de novo, e ele a estreitou com mais força, fazendo que Mira se calasse com um som de protesto. Era evidente que Alec não estava com humor para escutar seus argumentos. — Por favor... — pediu-lhe submissa, e ele afrouxou os braços imediatamente. Então ele queria brincar, pensou Mira, e decidiu se calar, atraída pelo que sua temporária submissão proporcionaria.

Alec se sentou na grande rocha arredondada, embalando-a brandamente entre os braços e a olhou com olhos emoldurados por negras pestanas. Mira jamais desejou alguma vez alguma coisa, tanto, como desejava aquilo. Que Deus a ajudasse, mas nada podia ser melhor que estar entre seus braços. Incapaz de sustentar seu olhar, Mira afundou o rosto em seu ombro e na cálida pele dourada de seu

pescoço. Passaram uns minutos enquanto Alec esperava. A cor voltou para rosto de Mira, cobrindo-o de um resplendor rosado e seu corpo se amoldou ao dele.

Uma fresca brisa atravessou o bosque, fazendo sussurrar as folhas como se fossem ondas. Lentamente, Mira levantou a face do ombro de Alec, pressentindo sua intenção, mesmo antes que começasse a se mover. Abriu os olhos e viu que Alec abaixava a boca para ela. Fechou as pálpebras de novo e abriu os lábios, aceitando com ânsia o calor e a promessa de seu beijo. Ele deslizou a mão pelo quadril de Mira e o elevou brandamente, alavancando as nádegas com os dedos. Alec estremeceu e inclinou a boca mais firmemente sobre ela, inclinando a mandíbula para beijá-la com um ânsia que só ela podia apaziguar. Vagamente, Mira foi consciente do quão facilmente surgia o desejo entre eles, e de quão fácil Alec podia impor sua vontade sobre ela. De algum jeito conseguiu afastar os lábios dele enquanto seus seios baixavam e subiam a um ritmo irregular.

— Não, outra vez não... — murmurou entrecortadamente, fechando os punhos nas dobras da camisa de Alec. — Não posso ter você e voltar a perdê-lo. Não vê que me faz mal?

Ele baixou o olhar e viu a emoção nua do rosto de Mira, e algo em seu interior pareceu se romper.

— Jamais quis fazer mal a você.

— Já sei. Mas fará no futuro...

— Não penso fazê-lo. As coisas só podem melhorar entre nós. Maldição, não me olhe assim! O que quer que faça? Como posso convencê-la de que tudo ficará bem? O que posso fazer para que confie em mim? Mostrei o que sinto, tenho feito todas as promessas... Quão único não tenho feito foi dizer as palavras.

Pareceu a Mira que seu coração deixava de palpitar e escutou sua própria súplica desesperada como se fosse outra pessoa.

— Diga-as, por favor...

— Mira, amo você — disse com voz rouca. — É minha outra metade. Não importa se sente o mesmo por mim ou não, porque tenho suficiente amor para os dois. Não me interessa de onde vem, nem quem é, nem o que fez. — Alec enterrou o rosto no cabelo de Mira, acariciando-a com o nariz até chegar ao pescoço. Seguiu

sussurrando contra o frenético pulsar dela. — Não posso continuar vivendo, sabendo que está em outra parte, longe de mim. Sempre me perguntaria, sempre temeria que pudesse me necessitar e não estar ali para você. Quero que seja minha por completo, quero que seja minha mulher, não minha amante nem uma lembrança, não...

— Mas meu passado...

Alec ouviu o medo em suas palavras, e deu-lhe uma pequena sacudida.

— De agora em diante nunca falaremos do passado. Nem do seu nem do meu. Não me importa. Jamais a julgarei. E não me importa o que faça, sempre estarei do seu lado. Sempre.

— Inclusive se me equivocar?

— Especialmente se equivocar-se — prometeu, e ela riu entre lágrimas. Agora me diga que casará comigo.

— E se não for uma boa lady Falkner?

— Não terá que aprender tudo imediatamente. E não pedirei nada que não possa dar.

— Mas discutiremos frequentemente. Seguirá sentindo o mesmo por mim se...?

— Adorarei sempre você, não importa as vezes que discutamos. E amarei como nenhum homem amou sua esposa. Agora, responda.

— A sua família gostará de mim?

— Carinho, se nem sequer gostam de mim.

— Promete que me dará filhos?

Alec sorriu ante o tímido olhar que lhe deu.

— Sim.

— Muitos?

— Minha pequena e exasperante diabinha, responda, e nos poremos imediatamente a prepará-lo.

— Alec, não.

— O quê?

— Sim, casarei com você, mas não, não podemos fazer agora. Não aqui... — disse, e sentiu que afrouxava as costas do vestido.

Alec o desabotoara enquanto estavam falando. Ele o baixou e deixou os ombros a descoberto; ela ficou sem fôlego.

— Alec...

— Alec não. Marido — disse, tirando o corpete até deixar seus seios nus agarrando seus braços ao mesmo tempo.

Inquieta, Mira olhou ao redor do bosque tranquilo, sentindo centenas de olhos postos neles.

— Marido — sussurrou, com o coração palpitando como louco quando a cabeça de ébano se inclinou sobre seus seios.

Alec procurou com seus lábios os nervos mais delicados e brincou com eles, excitando o desejo feminino.

— Agora diga o que você sente por mim.

— Amo você. — Mira arqueou o pescoço quando o prazer a atravessou em cálidas ondas. De repente conseguiu liberar os braços das mangas que os capturavam, e rodeou os ombros com eles. — Amo você tanto. E desejo... Alec...

Subindo uma das pernas, Alec apalpou as nádegas com as mãos e elevou os quadris para colocá-la escarranchada sobre seu colo. Através das camadas de roupa, Mira sentiu como a forma grande e poderosa do sexo masculino se elevava contra ela, e curvou os dedos nas costas de Alec enquanto o desejo a atravessava.

— Agora me diga — disse ele com voz rouca, empurrando contra a suavidade dela em um movimento lento e enganosamente tranquilo — que me deixará possuí-la onde queira.

Mira estremeceu, agarrando-se a ele com força.

— Onde você queira.

Apesar do entristecedor desejo que sentia, Alec sorriu amplamente e estendeu a mão, ajudando-a a desabotoar suas calças.

— Oh, como vou desfrutar sendo seu marido, senhorita Germain.

Capítulo 13

Alec acompanhou Mira no retorno a Berkeley Hall, e comunicou o compromisso a Rand e Rosalie com um pragmatismo que a divertiu muito. Agora que concordou e que não pôs nenhuma objeção, a atitude de Alec com o matrimônio parecia ser de puro alívio.

— Comporte-se — queixou-se Mira a Rosalie logo depois — como se acabasse de resolver um pequeno e aborrecido problema! Pensei que seus sentimentos por mim eram mais evidentes.

— Possivelmente lorde Falkner é dessa classe de homens que se sente atraído pelo inalcançável e perde o interesse depois da conquista. Está segura que quer se casar com ele?

— Parece que não sou eu quem tem dúvidas — disse Mira à defensiva.

No momento, Rosalie lançou um olhar contrito.

— Mireille.... por favor, não comecemos a discutir outra vez. Tente compreender quão difícil é para mim mudar minha opinião sobre Falkner quando sabe o que sempre pensei dele durante tanto tempo.

— Entendo-a. Mas muito em breve perceberá quão equivocada estava com respeito a ele.

— Se o quer tanto é porque, sem dúvida, deve ser digno do seu amor.

Mira assentiu, esboçou um sorriso e se aproximou da janela para observar o brilhante céu azul. Tinha que confiar em Alec, pensou, mordendo o lábio inferior. Não havia maneira de predizer que classe de marido seria Alec, nem o tipo de matrimônio que teriam. Possivelmente Rosalie tivesse razão, mas o que podia fazer Mira ante tais dúvidas? Só ter fé nele.

Depois que Mira relatou a história do encontro tão misteriosamente organizado no bosque, Rosalie jurou uma e outra vez que não tivera nada a ver com as notas falsas. Tendo em conta que sua amiga não sabia mentir, Mira não teve mais remédio que acreditar. Com certeza, fora Juliana quem enviou as notas, embora

Alec assegurasse que sua mãe jamais o reconheceria. Entretanto, em vista do resultado final, pouco importava saber quem tinha orquestrado o encontro e, depois disso, Mira se viu imersa em outros assuntos mais inquietantes.

Na manhã depois do encontro, Alec se apresentou em Berkeley Hall com o típico aspecto de um prometido correto e respeitoso, que todos os que o conheciam sabiam que não era. Pediu permissão para falar com Mira em privado, algo que Rosalie permitiu de muita má vontade. Rosalie decidiu de antemão que seria uma diligente acompanhante até o dia das bodas, depois de tudo, teria que vigiar mais ainda as atividades dos casais comprometidos que os que ainda se cortejavam. Depois que Rosalie o conduziu à sala onde Mira esperava, o casal trocou uma saudação cortês com a cabeça.

— Lorde Falkner — disse Mira com acanhamento.

— Senhorita Germain.

— Sei que toda essa cortesia é por mim — disse Rosalie, levantando o olhar ao céu como pedindo ajuda divina. — Entretanto, sei de primeira mão o que fazem os casais comprometidos. Por isso, vou lhes deixar a sós por quinze minutos. Depois insistirei em acompanhá-los.

Lançando a Alec um olhar entre tímida e suspicaz, saiu da sala e fechou a porta. Nesse momento, o controle do Alec desapareceu e lançou a Mira um olhar ardente.

— Um quarto de hora — disse, apoiando as costas contra a porta fechada e cruzando os braços sobre o peito.

— Sabe que não podemos fazer muitas coisas em quinze minutos — advertiu Mira, esboçando um suave sorriso enquanto se sentava em uma cadeira de brocado bordado e o olhava.

— Não sabe quão rápido posso chegar a ser.

Olhou-o de cima a baixo com insolência.

— Mas eu sim.

Alec riu com suavidade. O brilho de seus olhos prometia vingança.

— Moça descarada, vêm aqui. Já desperdiçamos cinquenta segundos e ainda não a beijei.

— E vai me beijar ou pensa em me pôr sobre seus joelhos? — inquiriu sem se levantar ainda.

— Quaisquer das duas coisas. Possivelmente ambas. Vêm aqui e averigua.

Mira sorriu lentamente e se aproximou, detendo-se frente a ele e deslizando os braços em volta do pescoço. Alec pousou as mãos na cintura de Mira para sustentá-la quando ela ficou nas pontas dos pés, inclinando-se para ele.

— Estou suficientemente perto? — sussurrou. Alec baixou o olhar ao rosto arrebitado e familiar, tão incrivelmente formosa para ele, e envolveu Mira possessivamente em seus braços. Algumas vezes parecia uma menina, embora em seus olhos seguissem brilhando as emoções de uma mulher. Inclinou a cabeça para beijá-la tão brandamente que seus lábios apenas se roçaram.

— O que foi que pensou primeiro esta manhã quando despertou? — murmurou ela, repetindo a pergunta que ele fez em outra ocasião.

Enquanto seus fôlegos se uniam em um só hálito, ele sorriu e esfregou seu nariz brevemente contra o dela.

— Que não me importa se existe ou não o céu sempre que possa viver com você. Qual foi o seu?

— Pensei várias coisas de uma vez. Não recordo uma só.

— Mas suponho que todas tinham a ver comigo — disse ele com sua arrogância habitual.

— A maioria sim. Como bonito fica quando sorri... quão maravilhosos são seus beijos...

— Só meus beijos?

Separou os lábios com os seus e saboreou sua boca, movendo-se lentamente sobre os dela. Seus corpos pareceram se fundir ali onde se tocavam, esforçando-se por tocar ainda mais, como se não pudessem estar suficientemente perto. Mira rompeu o beijo com um pequeno gemido, ruborizando-se de excitação quando a virilidade de Alec se apertou contra ela.

— Mais que seus beijos — disse entre arquejos, e quando seus lábios se voltaram a tocar, foi a língua dela que entrou na abrasadora umidade da boca masculina.

Ele gemeu e a estreitou com mais força ainda contra seu corpo, continuando o beijo tanto tempo como foi possível até que foi necessário se deter.

— Deus.... será logo as bodas? — perguntou, fechando os olhos e afastando Mira a uma prudente distância enquanto tentava retomar o controle sobre si mesmo. — Não devíamos decidir já a data?

— Não... Rosalie disse que o correto seria esperar uns seis meses.

— Seis meses!?! — repetiu com indignação. — Diga que não penso esperar nem seis semanas. Não, melhor, direi eu mesmo.

— Mas logo disse que pensava que deveria ser antes, embora teríamos que esperar um mês pelas convenções sociais.

— Não sabia que tínhamos infringido as normas do decoro. Lady Berkeley acaso teme que podemos ter antecipado nossa noite de bodas?

— Na realidade disse que quem quer que fosse sua prometida não demoraria para andar por aí com a palavra «deflorada» estampada na frente.

Alec riu entredentes, e se inclinou para depositar um beijo em sua testa.

— Qualquer homem que pudesse resistir a você seria um santo.

— Teremos que conseguir que mude de opinião sobre você — disse Mira com ar pensativo.

— Não vejo por quê. Até agora não se equivocou.

— Pretende ser uma estrita acompanhante e nos vigiar muito de perto. Considera sua responsabilidade.

— Pobre diabinha. — Abraçou-a com força e sorriu contra o cabelo de Mira. — De verdade acredita que alguém poderia impedir que achasse uma maneira de estar com você?

Mira se animou imediatamente.

— Então conseguirá que...

— Na realidade estou de acordo com sua amiga. Esperaremos estar casados.

— Está de brincadeira? Por quê? Por que está de acordo com ela? É só para me incomodar ou existe uma razão mais profunda, como por exemplo, desinteresse...?

Ele interrompeu suas palavras com um beijo que pareceu durar horas.

— Parece uma boa amostra de meu «desinteresse» para você? — perguntou Alec quando ambos estavam ofegantes e excitados. — Que

Deus me ajude se isso não é interesse. Nem ao menos consigo me manter são a maior parte do tempo. E não, não decidi esperar a noite de bodas só para incomodá-la. Mas a próxima vez que fizermos amor, tenho a intenção de ser seu marido. — Mira o olhou com o cenho franzido. Juliana tinha tido razão. Os Falkner eram criaturas teimosas e sentimentais. — E há mais outra razão — acrescentou ele com suavidade. — vou me ausentar por uns dias, não muitos, mas...

— Aonde vai?

— Irei a Londres. Você estará muito ocupada aqui, planejando nossas bodas com Rosalie e Juliana.

Mira permaneceu em silêncio, estranhando o quanto se continha para não soltar todas as perguntas que passavam por sua cabeça. Não deixaria que visse o quanto se sentia ansiosa para saber onde iria, nem o quão possessiva se tornara. Alec se apaixonou por uma mulher forte e independente. Não iria se converter numa criatura insegura, que passaria a vida junto dele para estar tranquila.

— É verdade — disse ela com voz fraca. — Estarei muito ocupada.

— Tenho que resolver alguns assuntos.

— Sim. Imagino que terá que se despedir de alguém.

O comentário escapou de seus lábios antes de poder contê-lo. Mira se amaldiçoou em silêncio. Agiu como uma bruxa ciumenta. *Dieu*, que coisas fazia o amor ao caráter de uma mulher!

— O que quer dizer? — inquiriu Alec, aproximando-se dela.

— Nada.... nada absolutamente — resmungou ela.

— Crê que decidi dar uma última volta antes de ficar só na sua cama?

— Não é algo inaudito num homem recentemente comprometido.

A expressão de incredulidade de Alec se transformou numa profunda exasperação.

— Maldição, Mira, que diabos pensa que vou...? Pelo amor de Deus, por que, simplesmente, não me pergunta o que vou fazer em Londres em vez de me julgar, condenar e enforcar sem provas?

Ela o olhou com rebeldia.

— Para que vai a Londres? — perguntou com ar indiferente, como se já não a interessasse conhecer a resposta.

Alec não respondeu, mas sim continuou observando-a com aqueles

insondáveis olhos. Mira se arrependeu de sua atitude ao se dar conta do que conseguiu com suas irrefletidas palavras. Supunha-se que devia ter mais confiança nele que em qualquer outra pessoa e, imediatamente, pensou o pior dele. Ele prometeu no dia anterior que nunca a julgaria, e ela acabava de julgá-lo sem nenhuma razão, como tantos outros antes dela. Que classe de confiança era essa? Reprovou a si mesma.

— Alec — disse com voz trêmula, aproximando-se dele novamente e apoiando uma mão no braço. Mira sentiu a dureza do músculo sob a palma de sua mão e a tensão a que estava submetido. — Falei sem pensar. É obvio que não acredito que vai ser infiel a mim. Mas no que concerne a você, não posso evitar de ser ciumenta. Deve lembrar o quanto é nova para mim, como o é para você esta situação. Jamais estive apaixonada antes e ainda ficam muitas coisas para aprender. — Enquanto falava, Mira se aproximou ainda mais e apertou seus seios contra ele. — Estivemos tão pouco tempo juntos... Por favor, não se zangue por minha falta de consideração. — Buscou um sensível lugar no pescoço e acariciou com a boca. — Diga — murmurou brandamente, — por que vai a Londres, deixando-me aqui só e sentindo falta de você?

Alec estava sendo submetido às suas sedutoras e suaves carícias e ao calor de suas palavras, sucumbindo ao feitiço de Mira sem deixar de se maravilhar com sua habilidade para conseguir que esquecesse o aborrecimento. Era um talento que sua prometida continuaria aperfeiçoando conforme o conhecesse melhor; podia enfeitiçá-lo como nenhuma outra pessoa, e fazer que a reconciliação depois de uma discussão fosse tão doce, que quase agradeceria o que tinha originado a briga. Quase, refletiu com uma careta, valia a pena fazer um extraordinário esforço para estar em desacordo.

— É pelo Holt — disse, passando os braços pelos ombros e a aproximando mais de seu corpo. — Carr e eu tentamos averiguar quem o matou, ou ao menos as razões pelas quais...

— Não — interrompeu, estremecendo ao sentir uma fria premonição ante estas palavras. Possivelmente era um engano ter tanto medo do futuro, mas sabia o que era perder a felicidade. Tinha ocorrido antes a ela, e certamente podia voltar a ocorrer de novo. —

Alec, não. Está procurando vingança por algo que devia deixar no passado.

— Não procuro vingança. Só respostas. Isto é o único quero.

— Isso não fará que Holt volte. As respostas não mudarão nada. Pelo amor de Deus, sei que é egoísta de minha parte dizer isto, mas sou quem o necessita agora, não ele. Sei que você e seu primo estavam muito unidos, mas...

— Fomos como irmãos — disse Alec com voz fraca. — Não pode compreender o que foi, como me senti quando foi assassinado. Não sabe o que se sente quando alguém próximo a você morre... sem dignidade, sem aviso.

Mira ficou branca como o papel e em seus olhos brilharam lágrimas. Uma estranha sensação a tomou e lhe oprimiu a garganta. Era uma mescla de medo e raiva impotente. Sim, sabia o que ele sentia. Sua mãe tinha morrido com menos dignidade que Holt Falkner. E o que era pior, viveu sem nenhuma dignidade.

— Não, suponho que não sei o que sente — disse laconicamente. Separou-se dele e se dirigiu ao outro lado da sala. — Sei que não tenho nem o direito nem a habilidade para impedir que faça o que se propôs. A única coisa que vou perguntar é por que se põe em perigo sem necessidade?

Alec perscrutou o olhar dela, mas por uma vez não pôde ler nem seu estado de humor nem seus pensamentos.

— É obvio que não vou me pôr em perigo desnecessariamente. O que farei será conversar com algumas pessoas, fazer algumas visitas e algumas perguntas.

Ela assentiu lentamente, com uma expressão grave no rosto, como se soubesse que não estava dizendo toda a verdade. Alec não sorriu, perguntando-se o que diria Mira se soubesse aonde ia na realidade. O som dos passos de Rosalie os alertou de que os quinze minutos tinham terminado. Alec lançou um olhar irritado à porta.

— Direi que necessitamos uns minutos mais a sós — disse, e Mira negou com a cabeça.

— De verdade não necessitamos.

— Demônios, é obvio que sim. Não vou, sem deixar de resolver este assunto.

— Não há nada a resolver. Você vai e eu fico, e aqui estarei quando retornar.

Aquelas palavras deviam ter aliviado a estranha sensação que Alec sentia nas vísceras. Por que, então, tinha a impressão de que Mira se distanciara dele? Era ela que estava intranquila ou era ele?

— Mira... — disse, chiando os dentes e atravessando a sala na direção dela.

A porta se abriu.

— Espero que tenham tido uma agradável conversa — disse Rosalie alegremente.

Seu comentário foi seguido por uma extensa pausa.

— Com efeito — resmungou Alec.

Sentindo a explosiva tensão na estadia, Rosalie clareou a garganta, passeando o olhar da distante expressão de Mira ao sombrio semblante de Alec.

— Querem que volte um pouco mais tarde?

— Não, obrigado — disse Alec, tentando ocultar sua frustração enquanto olhava fixamente Mira. — Parece que nossa conversa terminou. Lady Berkeley, irei em breve a Londres, entretanto, antes de ir, gostaria de falar com seu marido.

Rosalie pareceu alarmada.

— Oh, sim... É obvio. Está na biblioteca. Se desejar, acompanho-o até lá.

— Gostaria de ficar aqui um momento — disse Mira, com voz rouca apesar de sua fingida compostura.

— É obvio — murmurou Rosalie e com ar inseguro precedeu Alec para fora da sala.

Ele se deteve na soleira e olhou Mira.

— Adeus — disse.

Ela o olhou, mas não respondeu. A palavra não conseguiu sair de seus lábios por muito que tentasse. Com um sorriso vagamente sarcástico, ele saiu e fechou a porta.

Sem olhar a nada em particular, Mira se reclinou no sofá. Sustentou uma almofada bordada contra o peito e apoiou o queixo nela; subindo as pernas ao sofá, se acomodou no meio das almofadas. Não deixava de voltar na memória o que havia dito.

«Não sabe o que se sente quando alguém próximo a você morre... sem dignidade, sem aviso.»

Sem dignidade. Alec não conhecia o significado dessas palavras tão bem como Mira. A dignidade era muito mais esquiva para as mulheres que para os homens; elas a perdiam muito antes. Ainda podia recordar com detalhe o bordel onde sua mãe trabalhou na França. A proprietária do lugar tinha sido uma mulher gorda e mal-humorada. Todo mundo a chamava madame, mas às suas costas referiam-se a ela como a «abadessa» ou a «cafetina». A madame permitiu que Mireille passasse as noites num lugar tranquilo do bordel sempre e quando se mantivesse fora de sua vista. E Mireille dormiu perto da cálida estufa da cozinha, escutando as idas e vindas, o chiar das tábuas no chão do piso superior, as vozes, os sons e estranhos gemidos amortecidos que procediam de cima.

Poucas vezes tinha visto sua mãe, pois durante o dia Mireille vagava pelo povoado e os campos, longe do bordel, e de noite dormia enquanto sua mãe trabalhava. Nos primeiros anos de sua infância tinha ido à escola local, onde tinha aprendido a ler. Ao ficar mais velha, sua educação se converteu no produto de muitas e variadas experiências. Jamais lhe tinha ocorrido abandonar a mãe, o bordel ou o lugar. Não sabia que existia um mundo diferente.

Mas uma manhã sua mãe já não estava ali, e madame se aproximou para falar com Mireille, agitando furiosa o dedo diante de sua cara. Eram tempos de guerra e num ataque surpresa a um acampamento de soldados ingleses detiveram a mãe de Mireille e a executaram como às demais prostitutas. Conforme contou a madame, tinha sido mau para o negócio que a mãe de Mireille fosse uma antipatriota porque agora havia menos mulheres para poder atender aos clientes; e o que era inclusive pior, sua mãe atendeu homens às escondidas para ficar com a percentagem de lucros que correspondia ao bordel.

Então a madame disse que teria que ficar e trabalhar lá em cima. Mireille se rebelou violentamente diante da ideia; sem dúvida alguma, não desejava fazer o mesmo a que sua mãe se dedicou. Temia o que acontecia no andar de cima — os quartos estavam cheios de aromas estranhos e grunhidos, — e ao negrume asfixiante do

vestíbulo. E então, enquanto resistia, um homem com os olhos castanhos e cabelos negros compridos entrou no casa, como se fosse o dono do lugar. Parecia muito com Mira. Olhou com reprovação à madame e disse: — Procure outra. Nenhuma Germain mais se prostituirá para você.

E logo olhou Mireille. Jamais o vira antes, mas aquele olhar estava cheio de afeto, algo que fez que Mireille guardasse silêncio, assombrada e confusa.

— *Sang de Dieu*, é muito pequena para ter doze anos, não é? — perguntou, segurando-a por debaixo dos braços e levantando-a no ar. Os pés ficaram pendurados, enquanto ele a olhava com ar crítico. Logo deu um radiante sorriso. — É muito pequena para um nome tão comprido como Mireille, chamarei de Mira até que seja mais alta. Mira, sabia que sou seu meio-irmão?

Mesmo agora se perguntava as razões pelas quais Guillaume a procurara e se encarregara dela. Não importa o motivo, seu afeto por ela foi real; mas jamais vira seu irmão se preocupar com outra pessoa, ou demonstrar um mínimo de bondade ou compaixão. Talvez tivesse sido diferente com ela por ser o único parente vivo que tinha. Ou porque foram cúmplices em tantos planos. Ou ainda, quem sabe, porque até que ficou mais velha, Mireille dependeu por completo dele para comer, beber e sobreviver.

Sua mãe morreu sem dignidade. E uns anos depois, Guillaume se converteu num completo desconhecido para ela. Os dois a abandonaram, e enquanto pensava, Mira descobriu algo sobre si mesma: dava-lhe terror voltar a ficar sozinha.

Alec tinha recebido uma mensagem de Carr nesta mesma manhã: *Alec, finalmente tenho um nome para começar as investigações. Tom Memmery, um gatuno que Holt encontrava várias vezes no Rummer. Agora mesmo se encontra internado num colégio...*

Apesar da seriedade da informação, Alec esboçou um sorriso. Era certeza que o colégio a que fazia referência era uma prisão. Continuou lendo a nota: *Mas qual? E se conseguirmos encontrá-lo, como fazer cantar o canário?*

C.F.

Em todas as relações que Alec tinha adquirido e fomentado, não

havia ninguém que fosse membro da comissão das prisões nem da magistratura. Conhecia muitos advogados; no passado, os Falkner tiveram que recorrer a eles com frequência. Mas nenhum advogado podia ajudar a obter a informação que necessitava agora. Rand Berkeley, entretanto, poderia sim. Alec lembrava ter ouvido certa vez que havia um magistrado de nome Berkeley. Depois de manter uma tranquila e amistosa conversa com Rand, Alec falou finalmente sobre o assunto pretendido.

— Sim — disse Rand, em resposta à sua pergunta, com os olhos cor avelã cheios de curiosidade e um agradável sorriso no rosto. — Meu tio avô Horace é magistrado, e além disso está envolvido em toda classe de sociedades reformistas. É provável que tenha acesso aos registros e que esteja disposto a nos ajudar se oferecermos o incentivo correto. Os Berkeley são muito receptivos aos métodos de persuasão, já sabe.

Alec riu.

— Memmery — disse, oferecendo a Rand uma parte do papel com o nome escrito. — É um ladrão, gostaria de falar e que inclusive faça um trato com ele. Seu tio faria vista grossa quanto a isso?

— Sei que fará. Fez por antes. Entretanto, devo advertir que certamente vai querer um favor em troca.

— Não esperava menos.

Rand sorriu de novo, lançando um olhar à porta fechada antes de acrescentar em voz baixa: — Não acredito que agradou a Mireille a notícia de sua iminente partida.

— Não agradou — repôs Alec laconicamente. — Por outra parte, não tenho muito que fazer aqui. São as mulheres as que se encarregam de organizar as bodas, as que discutem sobre vestidos, penteados e adornos. Quão único pode fazer um homem nestes casos é esperar de pé ante o altar.

Rand soltou uma gargalhada.

— Estou de acordo. Entretanto, sei por experiência que o noivo deve mostrar ao menos um pouco de interesse nestas coisas. Não entendo por que, mas assim é. Quer que lhe dê um pequeno conselho?

— Só se não estar obrigado a segui-lo.

— Umas semanas antes de nos casar, minha mulher estava muito... muito sensível. Lágrimas, arrebatamentos... Esse tipo de coisas. Sentia muita pressão e necessitava muito apoio. Disseram-me que acontece com todas as noivas. Possivelmente devia...

— Devia o quê?

Quando os pálidos olhos cinzentos se encontraram com os dourados, Rand se conteve e mudou de assunto. Alec Falkner, decidiu Rand com ar pensativo, não era o tipo de homem a quem devia dar conselhos que não pedira.

— É um homem obstinado, Falkner — murmurou Rand, tamborilando com os dedos na mesa. Era evidente que Alec não permitiria nenhuma interferência em sua relação com Mira, não importava quão bem-intencionada fosse. Rand esperava que entre os Berkeley e os Falkner se forjasse uma boa amizade, assim seria melhor guardar silêncio e deixar que Alec resolvesse sozinho seus problemas. — Talvez deva partir a Londres agora mesmo. Enfrenta uma desagradável tarefa. Deus sabe que não o invejo.

Se existia um lugar a que chamar inferno, Newgate era o mais parecido que havia na terra. Exalava sofrimento e miséria. Em seus abarrotados e labirínticos corredores e passagens se amontoavam os refugos mais imorais da sociedade, imundos criminosos que tinham nascido em ruas e sarjetas, e que morriam num lugar muito pior. Era possível que alguns deles conservassem ainda restos de humanidade, mas pouco provável. Depois de um par de meses em Newgate — conhecida também como «a prisão de pedra» — até o homem mais honrado se converteria em um maníaco furioso ou em um assassino de sangue frio. Tinham juntado todos os prisioneiros: os delinquentes comuns com os assassinos experimentados, os que esperavam sentença com os já sentenciados, os fortes com os fracos, os velhos com os jovens. Todos eram encerrados atrás daqueles muros escuros infestados de insetos e roedores ruidosos. Enquanto Carr e ele eram conduzidos pelos corredores, nem sequer Alec pôde evitar tossir pelo fedor de excrementos humanos e urina que se incrustaram em cada poro dos tijolos e pedras de tal maneira que nenhuma lavagem poderia jamais tirá-los.

— Seguiremos fedendo uma semana depois de sair daqui —

murmurou Carr, que parecia arrasado pelo pestilento aroma que os rodeava.

Alec assentiu, fazendo um esforço para apagar o asco de sua expressão.

— Devemos estar loucos — resmungou. — Ninguém entra em Newgate por vontade própria.

Por uma vez Carr não tinha uma resposta arrogante e sábia para tal comentário. Manteve os olhos fixos na corpulenta figura do guarda que os guiava pelo labirinto de corredores. Passaram diante de ruidosas celas, cheias de homens que exigiam água e comida, homens que os insultavam com o fechado acento *cockney*, homens de peitos amplos que saíam vitoriosos das brigas diárias pela comida, homens de ossatura grande que perdiam com rapidez a força para sobreviver. A expressão de Carr se tornou neutra e fria, mascarando assim a inquietação que sentia ao adentrar mais fundo na prisão. Pela mente de Alec cruzou o pensamento de que não devia ter permitido que Carr o acompanhasse. Dois anos antes, o mundo de Carr fora inocente e seguro, cheio do tranquilo prazer da vida no campo, dos livros de história e das horas de estudo. Agora estava tendo que aprender lições muito difíceis.

— Memmery.

O guarda se deteve numa cela e chamou o detento através das barras. Ouviu-se um ruído de pés se arrastando e agudos assobios enquanto o infeliz Memmery aproximava-se penosamente da porta.

— Esta noite já não poderá assobiar.

— Mem, dentro de uma hora seus pés estarão pendurados.

— Pobre Memmy, a boca seca e as calças mijadas.

— Depressa, Jack Ketch está esperando!

Notando o confuso olhar de Carr ante aquelas frases, Alec esclareceu com suavidade: — Acreditam que viemos buscá-lo para o enforcar.

— Pois esse é o ânimo. — O asco brilhou nos olhos verdes de Carr.

Depois que Alec assentiu com a cabeça, o guarda tirou um tipo magro de pele cítrica e cheia de caroços para fora da cela e o conduziu a outra desocupada. Era uma sala sem armários com um pouco de palha no chão, e uma pesada porta de grade. O guarda

colocou Memmery de um empurrão e se afastou para deixar entrar Alec e Carr.

— Deixe-nos cinco minutos com ele. Não feche a porta com chave — disse Alec em voz baixa e autoritária.

Embora fosse contra as regras da prisão, o guarda fechou a porta sem passar o ferrolho. Não obstante, Carr deu um salto quando ficaram encerrados no local. Com uma súplica muda nos olhos disse a Alec que fizesse a entrevista com rapidez.

— Diga seu nome — disse Alec ao pálido prisioneiro que não aparentava mais de trinta anos.

— Memmery, senhor — resmungou o homem. — Tom Memmery. — Algo na voz do Alec pareceu despertar o interesse do homem, pois o observou com atenção. A cara do prisioneiro pareceu empalidecer ainda mais, se possível. — Santo Deus — jurou com expressão temerosa.

— Pareço familiar? — perguntou Alec. — Deveria. Entendi que meu primo e você se conheciam.

— É mentira.

— Seriamente? Isso não é o que me disseram.

Silêncio.

O rosto de Alec continha toda a calidez e a vivacidade de uma pedra de granito. Carr se mexeu inquieto, olhando a porta com uma expressão de desejo.

— Ouviu alguma vez o nome da Leila Holburn? — perguntou Alec em voz baixa embora as palavras ressoassem na pequena sala.

Memmery estudou o chão com expressão absorta.

— Alec, não vai falar... — começou a dizer Carr, fervendo de impaciência.

— Oh, claro que o fará — disse Alec, dirigindo a seu jovem primo um olhar de advertência. — De fato, vai se converter no mais loquaz residente de Newgate.

— Saia — disse Memmery.

— Porque se não o fizer — continuou Alec como se o homem não tivesse aberto a boca, — assegurarei que cada assassino e ladrão deste inferno saiba que Memmery traiu Stop Hole Abbey. Em outras palavras, Carr, vão pensar que disse tudo o que sabe, incluindo

nomes, datas e lugares.

— Maldito bastardo! — cuspiu Memmery estremecendo repentinamente com uma mescla de ódio e horror.

— Sabe o que ocorrerá então, Carr? — continuou Alec. — Estriparão, arrancarão os membros um por um após longas horas de tortura. Pelo que pude observar, seus companheiros de cela não parecem os tipos que apreciam como nós, os mexeriqueiros como Memmery. Sabe por que encerraram a alguns deles? São cortapESCOÇOS, homens que se divertem percorrendo pelas noites os becos mais escuros para fatiar os cangotes dos inocentes transeuntes com suas facas. O que será divertido para eles ter um companheiro para se enfurecer. De fato, já despertou suas suspeitas ao estar aqui dentro conosco, não está de acordo, Tom?

— E se falar, o quê? Isso tampouco me salvará, não? — perguntou Memmery sombriamente, adotando a expressão resignada de um homem condenado.

— Quem sabe? Se a informação que der, for útil, farei que o levem imediatamente as docas de Berkeley onde embarcará num navio rumo à Austrália. Ao menos ali terá a oportunidade de desfrutar de alguns anos mais de sua miserável vida. Pelo que vejo ainda é muito jovem para morrer. Entretanto, se não me disser o que quero ouvir, irão levá-lo de volta à sua cela onde estará a mercê de seus companheiros.

— Como sei que não está mentindo?

— Terá que confiar em mim.

Decidindo, evidentemente, que o risco valia a pena, Memmery assentiu brevemente com a cabeça.

— Que quer saber?

— É membro do Stop Hole Abbey — disse Alec.

— Sim.

— Conheceu meu primo, Holt Falkner.

— Não com esse nome, mas se parecia com você.

— Pagou-o por certa informação.

— Sim.

— Qual?

— Estava procurando essa garota que mencionou.

— Leila Holburn?

— Sim.

— O que disse a ele?

— Naquela época não pertencia ao Stop Hole Abbey. Mas depois que seu primo me explicou a maneira que desaparecera, respondi que pensava que poderia ter sido batizada.

— Batizada? Que demônios significa? — perguntou Carr bruscamente.

— Tráfico de brancas — respondeu Alec, curvando o lábio em uma careta zombadora. — É um negócio lucrativo, agora está mais no auge que nunca. Dedicam-se a sequestrar as jovens mais atraentes para enviar às Índias Ocidentais e a certas partes da Ásia. É muito possível que a prometida do Holt acabou em algum bordel exótico ou, se tiver sorte, num harém.

— Como podemos saber onde acabou? — inquiriu Carr com os dentes apertados.

— É o que ele queria saber — disse Memmery. — Disselhe que procurasse um francês alto que responde pelo nome de Tilter, é quem mais sabe do Stop Hole Abbey.

— Qual é o verdadeiro nome de Tilter? Onde podemos encontrá-lo?

— Não sei — Memmery se apoiou na parede, com a cara muito pálida. — Não sei.

— Não é suficiente — disse Alec com crueldade. — A menos que possa me dar mais informação, temo que sua viagem a Austrália corre perigo de ser cancelada.

— Espere um momento, posso dizer onde o encontrar. — O sentenciado tirou alguns naipes gastos da camisa e os estendeu a Alec. — Pode encontrá-lo nos tugúrios. Tilter vive num deles. Mostre o sete de ouros e poderá entrar em qualquer parte. Mostre o valete e isso indicará que procura informação. Mostre o rei e o levarão até o peixe gordo.

— Chama o guarda — disse Alec a Carr, que obedeceu no ato. A porta se abriu e Alec deu uma bolsinha ao carcereiro. — Leva-o as docas do oeste — disse em voz baixa. — Se me inteirar pelos oficiais de Berkeley que Memmery não embarca esta noite, assegurarei de

que o preguem na parede e o deixem secar ao sol.

— Sim, senhor.

Carr seguiu Alec fora de Newgate. Assim que saíram da prisão, os dois respiraram fundo, enchendo seus pulmões com o ar limpo.

— Até agora não me percebia o quanto cheira bem aqui fora — disse Carr, forçando um sorriso embora seus olhos verdes seguissem cheios de tristeza.

— Sim.

— Como Holt pôde fazê-lo? — disse Carr de repente. — Como pôde relacionar-se com canalhas assim e não dizer a ninguém? — Enfrentar os prisioneiros de Newgate o fez notar a classe de pessoas com as quais teve que tratar Holt para encontrar Leila. Pela primeira vez soube que tipo de homens assassinou seu irmão. — Quaisquer desses miseráveis poderia matá-lo. Fariam se ganhassem alguma coisa com isso.

Quando Alec observou o jovem, que estava perdendo seu idealismo com tanta rapidez, a habitual frieza de seu olhar cinza foi substituída por uma cálida simpatia.

— Fez o que tinha que fazer. Porque sentia uma grande lealdade para aqueles que amava. E porque teria feito qualquer coisa para recuperar Leila.

— Não valia a pena. Tentar recuperá-la não valia sua vida — disse Carr com rudeza.

Alec pensou em Mira. Ele também faria qualquer coisa para encontrá-la. Não duvidava nem um instante. Holt amava realmente Leila Holburn até o ponto de que preferia morrer a esquecê-la ou tentar viver sem ela?

Antes de conhecer Mira, não compreenderia um sentimento como esse. Como Carr, sentir-se-ia confuso e cético com a emoção que, indiretamente, conduziu Holt à morte. Mas como fazer Carr compreender que uns meses desfrutando essa classe de amor valia a pena uma vida? Seu primo era muito jovem para considerar essa declaração de uma maneira que não fosse banal. Alec deu de ombros.

— Para Holt, Leila valia a pena — disse simplesmente, sem entrar em mais explicações.

— O que vamos fazer agora?

— Encontrar Tilter.

— Por quê? Não estamos procurando Leila, só queremos saber o que aconteceu a Holt.

— Seguindo os passos de Holt, poderemos averiguar o que aconteceu a Leila e de passagem o que aconteceu a ele. — Alec esboçou um triste sorriso. — Embora prefira não ter que passar pela mesma experiência.

Mira se moveu entre sonhos, entrecerrando os olhos ante a brilhante luz do sol que esquentava sua pele, fazendo-a se sentir lânguida. Depois de ler quase uma hora no jardim, mudou de lugar e abandonou o assento junto ao relógio de sol para se deitar na espessa grama que beirava um dos muitos caminhos do jardim que rodeava Berkeley Hall. Muito perto dela, havia algumas aves que revoavam ao redor de um pequeno lago de pedra cheio de flores em forma de estrela. Sorrindo sonolenta ante o som das asas, o salpico da água e os gorjeios indignados, Mira deslizou o braço atrás da cabeça e se acomodou sobre a grama, deixando-se levar por um sonho ligeiro. Mas então ressoou um brusco bater de asas seguido dos chiados das aves que empreendiam voo. Embora não ouvisse nada mais, Mira soube que alguém ou algo se aproximou e abriu os olhos. Alec estava ali, com o cabelo negro e liso brilhando como a asa de um corvo sob o sol e um suave sorriso nos lábios. Já retornou, pensou com uma sensação de plenitude. Estava tão bonito que Mira sentiu que seu coração se oprimia de puro prazer. Mesmo sabendo que o amaria igualmente se fosse menos agradável à vista, não podia negar que seu aspecto era algo que a enchia de orgulho.

— Que injustiça — disse com suavidade, e Alec se deixou cair do seu lado em um ágil movimento.

— O que é injusto? — apoiou-se num cotovelo e a observou fixamente.

— Que foi abençoado com tanta formosura, e que todos outros tenham que repartir as sobras que você deixou.

— Mira — sussurrou, acariciando-a com o olhar. — Como vão os preparativos das bodas?

— Estupendamente. Encomendei o mais maravilhoso vestido de noiva que possa imaginar... e vamos decorar a igreja com preciosas

retamas verdes. Certamente, a você não importa nada disso porque não estava aqui para me ajudar a escolher...

Alec abafou o resto da declaração com um beijo ardente e um profundo gemido que surgiu do mais fundo de sua garganta. Quando levantou a cabeça, olharam-se com um novo entendimento. A separação da última semana tinha sido diferente das demais separações anteriores e os dois sabiam por quê.

— Lamento a maneira como nos separamos — disse Mira com suavidade.

— Jamais deveria ir daquela maneira. Tinha que fazê-la entender que...

— E o entendi, mas não pude evitar me comportar como uma egoísta.

— Não me importo que seja egoísta comigo.

— Sou muito. Se pudesse, encerraria você num aposento comigo e jamais o deixaria sair.

— Só se for o dormitório.

— Alguma vez faremos amor no quarto como as demais pessoas?

— perguntou Mira sonhadoramente. — Não seria maravilhoso?

— Já fizemos uma vez. E sim, foi maravilhoso. — Mordiscou-lhe o lábio inferior. — Indescritivelmente maravilhoso.

Passaram o resto do tempo murmurando carinhos acompanhados de lentos e suaves beijos e carícias roubadas. Mira não perguntou sobre o que esteve fazendo aquela semana em Londres nem se descobriu algo sobre Holt. Possivelmente o faria mais tarde, mas por agora Alec tampouco o mencionou.

A noite anterior às bodas, Mira era incapaz de conciliar o sonho. Desceu as escadas com uma vela na mão com a intenção de esquentar água e fazer uma infusão relaxante. De caminho à cozinha, chamou-lhe a atenção a luz suave que brilhava na biblioteca, e se aproximou para investigar. Silenciosamente, entreabriu a porta.

— Entra — convidou Rosalie, e Mira entrou com vacilação na sala, descobrindo sua amiga sentada em uma poltrona de pele com um livro aberto no colo e uma taça de vinho na mão. — Não podia dormir — confessou Rosalie com acanhamento, fechando o livro. — Sabe Deus por quê. Quero dizer, são suas bodas... Enfim, descii para

ler pensando que assim me distrairia um pouco.

— Eu também não posso dormir — disse Mira. Deslocou o olhar à garrafa de vinho e às taças brilhantes na bandeja de prata. — Ia tomar uma infusão, mas acredito que teve uma ideia melhor.

— É obvio — disse Rosalie, e as duas riram entredentes. Enquanto Mira se acomodava no canto do sofá, a expressão de Rosalie ficou tensa um pouco. — Mireille, estive pensando que esta é a noite antes de suas bodas e, tradicionalmente... Já sabe que há certas coisas sobre as quais deveríamos falar para que suas expectativas como noiva não se vejam afetadas pelo que na realidade vai ocorrer. Sei que você... Bom, nunca falamos de suas relações passadas com os homens, assim não sei o que pode ter feito com... — clareou a garganta e se obrigou a olhar Mira nos olhos. — O que trato de dizer com tanta inépcia é que se tiver alguma pergunta sobre o que vai ocorrer amanhã à noite, pode fazê-la.

— Rosalie — interrompeu Mira com um ligeiro sorriso. — Não tenho nenhuma pergunta a fazer sobre amanhã de noite.

— Temia isso — disse Rosalie e, de repente, as duas soltaram uma gargalhada. Tomando um sorvo do vinho doce e frutado, Rosalie relaxou e suspirou. — Mesmo assim gostaria de ter certeza de que não se sinta insegura sobre a noite de bodas. Disseram-me coisas atrozes. Coisas sobre as responsabilidades de uma esposa e os deveres conjugais no leito nupcial. Sobre o que uma mulher decente deve ou não deve fazer.

— E o que se supõe que devem fazer as mulheres no leito nupcial?

— Segundo minha mãe, uma mulher decente tomba na cama e pensa na Inglaterra.

Mira soltou um risinho.

— Por fortuna — continuou Rosalie, — quando me disse isso, Rand e eu já tínhamos feito amor. Há muita que se escandalizariam saber que tínhamos intimidade antes de nos casar.

— Sabia como eram as coisas entre vocês quando estávamos em Anjou — disse Mira, agitando o vinho na taça e o provando com ar perito.

— Sabia? Como...?

— Pela forma que ele a olhava. E pelas olhadas que você devolvia.

— Oh — Rosalie sorriu. — Não sabia que éramos tão indiscretos. — Com vacilação, acrescentou: — Mireille, acredito que minha opinião sobre lorde Falkner mudou bastante. Durante suas visitas, observei que é muito diferente de como acreditava que era. Ao menos, quando está contigo é diferente. E é o suficiente para notar o que realmente sente por você.

— Alegra-me que pense assim.

— Espero que a faça feliz. Espero que a encha de felicidade, de conforto e que a faça alcançar o mesmo prazer que ele.

— Sim. Oh, sim, claro que o faz — apressou-se a assegurar Mira. Logo se ruborizou. — Quer dizer, fará...

— Entendi-o — disse Rosalie com ironia.

As bodas tiveram lugar na manhã seguinte na pequena igreja de Warwickshire. Foi uma cerimônia exclusiva e privada; assistiram os Falkner, os Berkeley e alguns convidados cuidadosamente escolhidos por sua categoria e posição. Foi muito importante para Mira — que se sentia muito nervosa pelas responsabilidades sociais que teria como esposa de Alec — obter uma cerimônia tão íntima como foi, evitando dessa maneira os aspectos mais solenes da ocasião. Alguns ecos de sociedade e numerosas publicações londrinas trataram seu matrimônio com um Falkner como um drama sensacionalista. Escreveram um monte de títulos populares que foram muito comentados. Havia um certo toque de mistério em Mireille Germain, pois ninguém sabia exatamente quem era ou de onde era. Alguns rumores a situavam como descendente de uma enriquecida família francesa, e outros faziam referência sobre sua relação com Sackville, e existia uma grande controvérsia a respeito de onde e quando foi «descoberta» pela primeira vez na Inglaterra. Mas não se provou nem se desmentiu nada. Para a maioria das pessoas, era uma figura misteriosa que foi conhecida primeiro por sua relação com os Berkeley e agora com os Falkner.

Em privado, Alec se negou categoricamente a receber um dote de Rand e Rosalie. Entretanto, assegurou o futuro de Mira para que, em caso de ficar viúva, recebesse terras e um castelo no sul da Inglaterra.

— No caso de que me ocorra algo — disse com gravidade, — será seu e ninguém poderá tirar. Não importa o que os Falkner ou

qualquer outra pessoa possam dizer.

— Não quero nem terras nem um castelo — disse, estremecendo só de pensar em perdê-lo. — Só quero que esteja sempre comigo.

— Não vou separar me de você, moça.

E apesar da maneira zombadora que disse, Alec a tomou entre seus braços com ternura, tentando consolá-la com a força de seu abraço, pois a última coisa que queria era separar-se dela.

Mira pensou naquela conversa enquanto Alec e ela estavam em pé ante o altar da igreja. Embora milhares de pensamentos discorriam por sua mente como uma interminável corrente, era consciente de cada pequeno detalhe da cerimônia. Como o brilho das velas no mogno escuro dos bancos da igreja, o aroma de madeira velha destes, o farfalhar de seu vestido de noiva de cor marfim, a deliciosa fragrância das rosas. Tinha as mãos frias e trêmulas e apesar de ter a certeza de que tudo estava indo bem, estava muito nervosa. No momento indicado da cerimônia, Alec tomou as mãos entre as suas, cálidas e fortes, e Mira observou como tirava as alianças de casamento das páginas da Bíblia onde foram colocados. Os anéis eram duas alianças de ouro que se uniam em uma. Como os dedos de Mira eram mais menores e mais delicados que os de Alec, adaptaram a aliança que seria dela ao tamanho de seus dedos. Lenta e solenemente, Alec repetiu seus votos: — Eu, Alexander Reeve Falkner, tomo a você, Mireille Germain...

Ela levantou os olhos para ele, inundando-se em seu cristalino olhar, incapaz de acreditar que aquilo estivesse ocorrendo de verdade. Em uns minutos, Mira pertencer-lhe-ia e ela, por sua vez, poderia reclamá-lo como nenhuma outra mulher tinha feito antes.

Pronunciaram os votos e trocaram os anéis, recitaram as orações e fecharam a Bíblia. Quando o noivo teve permissão para beijar a noiva, Mira se ruborizou ao notar que todos os olhos estavam cravados neles. Alec sorriu brandamente, vacilando antes de emoldurar sua face com as mãos e roçar os lábios com os seus. Assim que Alec sentiu a calidez e suavidade da boca de Mira, beijou-a durante mais tempo do que pretendeu, tomando seus lábios entreabertos com mais desejo do que era correto demonstrar em público. Alec ouviu os sons afogados de algumas anciãs scandalizadas que mais tarde

comentariam entre sussurros o imperdoável daquele ato, e também escutou os risinhos afogados de outros convidados. Quando os lábios úmidos dos dois se separaram, Alec sentiu um impulso de impaciência ao pensar no interminável dia que se estendia ante eles. Mira sorriu como se soubesse o que pensava, e seus olhos brilharam divertidos quando a soltou com relutância.

Capítulo 14

As inquietações nupciais de Mira se viram aumentadas em grande parte ao ver a propriedade dos Falkner. O denso e extenso bosque que a rodeava continha mais espécies de árvores e plantas que ela jamais viu, muitas delas vindas de lugares longínquos. Quando dobraram a última curva do amplo caminho de acesso, Mira ficou sem fôlego ante a visão de um castelo que se elevava majestoso no meio de uma colina baixa. As pálidas torres cinzas ameaçavam atravessar as preguiçosas nuvens que sulcavam o céu. Um par de lagos artificiais flanqueavam o edifício a este e a oeste; suas superfícies refletiam os arcos abobados e as janelas com divisórias nas fachadas de granito. Mira não tinha nenhuma dúvida de que naquele castelo poderiam viver folgadoamente centenas de pessoas e, de repente, quis rogar a Alec que a levasse a uma humilde casa no campo e que ficasse ali com ela para sempre. O que a esperava naquele lugar? Como ia se adaptar a esta classe de vida?

Dado que levaria vários dias para explorar o castelo por completo, Mira só fez uma breve excursão guiada por Juliana, enquanto outros Falkner a seguiam observando suas reações. A esposa de Alec era objeto de fascinação por parte de todos, já que levavam anos debatendo sobre o tipo de mulher que Alec escolheria. Ela não viu sinal algum em seus rostos, inexpressivos e curiosos, de que se cumpria ou não suas altas expectativas.

Embora Mira conseguisse tomar nota das mais impressionantes características de seu novo lar, prestou mais atenção aos membros da família Falkner. Eram tão morenos como loiros eram os Berkeley, a maioria tinha o cabelo negro e os olhos verdes. Mira os achava fascinantes, pois apesar de mostrar uma fachada educada, refinada e arrogante como os Berkeley, possuíam uma energia vibrante. Embora não estivesse com eles tempo suficiente para fazer um julgamento crítico, os Falkner pareciam voláteis e irascíveis. Depois de conhecê-los, Mira compreendeu de repente como seu marido aperfeiçoara

aquele olhar gélido e inflexível, seu ar autoritário e a habilidade para reconhecer as debilidades daqueles que o rodeavam. Para dirigir os Falkner e as enormes e complexas responsabilidades que suportava, por ser o cabeça de família, era necessário que Alec os intimidasse, persuadisse ou adulasse segundo o que fosse necessário.

Foi um constante motivo de interesse e diversão para Mira observar como Alec tratava as diferentes pessoas que se aproximavam dele e com o passar dos dias descobriu que seu marido tinha qualidades para ser um excelente político. Quando o administrador, os serventes ou os habitantes das aldeias próximas vinham ao castelo para falar com ele, Alec se mostrava sério e tranquilo. Com Juliana, seu tio Hugo e seus muitos primos, era cortês e inflexível. Com as duas grisalhas irmãs de Juliana, Letitia e Jessamine Penrhyn, era educado. Tratava seu irmão de dezoito anos, Douglas, um jovem tímido e bastante estudioso, com uma atitude quase paternal. Com seu primo Carr, entretanto, era sarcástico, franco e endemoniadamente divertido. Compreendia as necessidades de cada um deles e os dirigia com tato e firmeza, mas sem privá-los de certo grau de liberdade. Mira era a única que não podia manipular e nem sequer o tentava. Ela não era uma responsabilidade e sim, uma necessidade. Era um luxo essencial para ele. E na intimidade de seus aposentos, uma parte privativa do castelo que só eles frequentavam, Alec a mimava, agradava-a e a amava.

Em sua noite de bodas, Alec lhe concedeu tempo para que se preparasse em seus aposentos, e enquanto se entretinha no andar de baixo, ela vestiu uma camisola de renda branca. O dormitório ducal resplandecia com a mesma dignidade que o restante do castelo, com um teto adornado com intrincadas molduras de gesso, móveis Luís XIV, uma tapeçaria francesa e um tapete Aubusson. Mary, que foi sua criada no lar dos Berkeley, acompanhou-a para atendê-la em seu novo lar, arrumou os compridos e perfeitos cachos de Mira e ofereceu um frasco de cristal cheio de perfume. A fragrância, de sândalo e rosas, era fresca e límpida, e Mira inalou com apreço antes de aplicar um pouco no pescoço e nos pulsos.

— Quer que fique até que...? — começou Mary com suavidade ao observar o ligeiro tremor na mão de Mira enquanto sustentava o

frasco de perfume.

— Não, obrigada. — Mira lhe dirigiu um leve sorriso. — Acredito que gostaria de estar a sós um momento, Mary.

A criada fez uma reverência e saiu em silêncio. Tombando-se na cama e apoiando o queixo nas mãos, Mira ficou olhando o fogo que crepitava na lareira. Não era uma noite fria, mas agradecia aquela pequena e quente labareda. Conferia um ar acolhedor ao quarto, iluminava as paredes e suavizava o que poderia ser um denso silêncio com o crepitar das chamas. Uns minutos depois, ouviu o som de uns passos que se aproximavam da porta. Houve uma breve vacilação antes que soassem uns ligeiros golpes na madeira.

— Entre — disse Mira, surpreendida com o som frágil da própria voz.

Deu um pulo e cruzou os braços protetoramente sobre o peito quando Alec entrou no aposento.

Os olhos masculinos absorveram a visão dela e um sorriso curvou os lábios enquanto fechava a porta.

— Já não podia esperar mais — disse com suavidade.

Mira observou em silêncio como ele tirava a casaca, e se perguntou se deveria oferecer sua ajuda. O que faziam realmente as mulheres casadas? Devia perguntar se tinha que fazer algo especial? Deveria se meter sob os lençóis da cama? Ou devia...?

— Mira, está nervosa? — perguntou Alec, com um sorriso nos olhos prateados, enquanto deixava cair a casaca na cadeira e se inclinava para tirar as botas.

— Não, claro que não. Por que ia a...?

— Não tem razão para estar. Já sabe o que ocorrerá entre nós.

— É que aconteceu há muito tempo — indicou com voz débil, e riu nervosa, aproximando-se descalça de uma mesinha de licores, desenvolveu uma garrafa de vinho e pegou duas taças esculpidas com joias e incrustações de ouro que formavam parte de um jogo que Rand e Rosalie deram a eles.

— Sim, passou muito tempo — disse, enchendo uma das taças e estendendo-lhe. — Pelo menos um mês. Só Deus sabe tudo o que pode ter mudado em um mês. Está sorrindo? Esta é uma ocasião solene, lady Falkner. O matrimônio é um assunto muito sério. Agora

que é minha mulher, tem que aprender a ser recatada e formal.

— Serei — prometeu, tomando um gole do vinho e sentindo o suave líquido descendo por sua garganta. — A partir de amanhã.

— Bem — aprovou com firmeza. — Dizem que é uma terrível carga ser a esposa de um Falkner, mas a recompensarei tanto quanto possa. Você gosta do vinho?

— É muito bom. Mas, pelo que passei hoje mereço mais compensação que uma simples taça de vinho.

Ele sorriu amplamente e começou a desabotoar a camisa.

— Não se preocupe. Esta noite conseguirá tudo que queira.

— Assim espero.

Percorreu-o dissimuladamente com o olhar e uma diminuta chama de ansiedade estendeu como fogo pelo corpo de Mira. Nunca aproveitaram a intimidade ou o tempo necessário para observar um ao outro com atenção, e ele, certamente, era um homem muito atraente. Tinha um corpo grande e musculoso, com a cintura delgada, o abdômen plano e os músculos marcados; os largos ombros e as costas eram de uma simetria incomparável. Tinha o peito coberto de pelo escuro e Mira se sentiu tentada a se aproximar e estender os dedos sobre sua pele para conhecer sua textura, queria esfregar sua face contra seu torso como uma gata necessitando de afeto. Mas o olhou por cima da taça e terminou o vinho. Consciente de sua curiosidade, Alec tirou a camisa lentamente e a deixou cair na cadeira. Logo levou as mãos muito devagar ao botão das calças, mas se deteve quando viu o olhar que brilhava nos olhos de Mira.

Arqueando uma sobrancelha, Alec se aproximou de onde ela estava, tirou-lhe a taça dos dedos trêmulos e a deixou na mesinha. Mira ficou boquiaberta quando viu que seu marido se aproximava da cama e tirava a colcha com um movimento ágil.

— O que faz? — perguntou-lhe.

Alec estendeu o grosso e elaborado tecido diante da lareira.

— Troco nosso ponto de encontro.

— Alec — murmurou, dirigindo um olhar horrorizado à colcha. — Essa colcha tão cara em cima do tapete *Aubusson*... é um sacrilégio...

— Mira — interrompeu com suavidade. — Não são relíquias sagradas. São só artigos, objetos, coisas que usar.

— São objetos caros. Tem que cuidá-los. Jamais serei capaz... — apertou as palmas das mãos contra a testa num repentino gesto de ansiedade e fechou os olhos com força. — *Dieu*, como vou viver aqui? Não quero viver em um castelo! Desde que chegamos me dá medo quebrar algo ou derramar qualquer coisa, como vou viver aqui?

Os dedos firmes de Alec se fecharam com suavidade em torno dos frágeis pulsos de Mira e afastaram as mãos do rosto.

— Não é um castelo. É uma casa, é nosso lar. Não há nada que não possa ser substituído se quebrar. De fato, podemos nos permitir o luxo de mobiliar este condenado lugar várias vezes. Faz com que se sinta melhor?

— Não. É um palácio. É muito grande e me põe nervosa. Preferiria viver em uma casa no campo.

— Meu doce amor, é uma casa no campo. Uma casa tem quatro paredes e uma porta. Nosso lar é só uma variação sobre o mesmo tema, salvo que tem mais paredes e mais portas. Conheço bastante bem os princípios da arquitetura, confia em mim.

Olhou-o desconfiada.

— Diria qualquer coisa para que me resigne a viver aqui.

— Qualquer coisa — concordou imediatamente.

— Mas tenho uma visão diferente sobre estas paredes e portas. É duque e está acostumado a tudo isto, criaram-no para...

— Não quero que me veja como um duque. Sou seu marido. Deu-lhe um sedutor sorriso. — E agora, não quer se sentar ante o fogo com o homem que a ama?

— Sobre esta colcha tão cara?

— Colcha e só. — Ela sorriu a contragosto, o ligeiro pânico que a sobressaltou começava a se dissipar, e permitiu que Alec a ajudasse a se sentar sobre a colcha suave. Mira se reclinou contra o peito masculino e olhou sonhadoramente o fogo; a calidez das chamas penetrava em cada poro de sua pele. Alec tinha razão. Os nomes e os objetos não tinham importância. Só isso tinha importância. Só ele. — Pensava que todas as mulheres se sentiriam entusiasmadas ante a ideia de viver em um castelo — disse Alec, inclinando a cabeça para beijá-la no suave lugar onde o pescoço e o ombro se uniam. — Que as faria se sentirem seguras e protegidas.

— Enquanto você está ausente?
— Sim, combatendo os dragões.
— Não. Tenho intenção de permanecer do seu lado, combatendo-os com você.

— Mas que injusto para os dragões.

Ela se virou para ele com uma risada afogada, tentando golpeá-lo com os punhos de brincadeira. A camisola de Mira se enredou em suas pernas e seus seios roçaram o torso de Alec. A fina seda que separava suas peles não fazia nada para amortecer a sensação que provocava o contato. O corpo de Alec era quente, firme e duro contra o dela. Mira absorveu as bruscas sensações que formavam redemoinhos em seu ventre provocando um rápido palpitar entre suas pernas. A jovem tomou ar entrecortadamente.

— Não, não é nada justo para os dragões — disse, fascinada pelo preguiçoso sorriso do Alec.

— Nem, pelo que parece, para os maridos.

Alec a fez girar sobre as costas, e ficou observando-a com os olhos brilhantes como o mercúrio. Enganchou os dedos no corpete da camisola e a deslizou pelo corpo feminino, usando mais força quando se prendeu nos quadris de Mira. Nesse momento a seda rasgou; ela estremeceu quando Alec se inclinou, apertando seu tórax contra ela, e a beijou lentamente.

Era tão doce aquela proximidade.

O corpo de Mira era tenro e flexível sob o seu.

E o de Alec estremeceu alterado pelo alívio.

Desfizeram-se do resto da roupa.

— Amo você — ela sussurrou, pronunciando as palavras sem expectativas, sem exigências, sem temor, como deviam ser ditas, como um presente de amor, uma declaração que para ele era de um valor incalculável.

Alec respondeu com as mesmas palavras, com seu corpo e com um coração que uma vez considerou o amor como algo inexistente. A razão se esvaiu, como tantas vezes antes, convertendo o sexo em um ato sem premeditação. Uma cega excitação se derramou sobre eles, rodeando-os com seu branco fulgor. Todos os sentidos de Alec estavam centrados nela... Mira sob a luz do fogo, seu cabelo

emaranhado em longas mechas de seda escura, suas delicadas mãos percorrendo sua pele tensa.

A pele de Mira era suave. Alec deslizou as mãos sobre ela em uma carícia sensual dos quadris aos ombros. Um mudo gemido escapou dos lábios quando ele colocou a mão sobre o suave montículo de seus seios, roçando o topo divertidamente. Alec enterrou a boca no oco da garganta dela e o roçar de sua língua acendeu todas as terminações nervosas de Mira. Logo lambeu entre os seios até que ela se arqueou cheia de desejo debaixo dele, gemendo seu nome enquanto Alec deslizava sua boca lentamente pela suave e cálida curva, fazendo que ela desejasse o que ele sabia que cobiçava também. Finalmente, os lábios de Alec alcançaram o mamilo, e Mira ronronou de prazer. A língua masculina roçou timidamente, movendo-se ao redor do excitado pico.

Sem forças, Mira se abandonou nele e à tortura que prodigalizava habilmente a seu corpo. A luz das chamas arrancava brilhos de ébano do cabelo de Alec, e Mira afundou os dedos nele antes de deslizar para os poderosos ombros que tensionaram sob suas carícias. Alec elevou a cabeça, e fechou os olhos quando as pontas dos dedos de Mira percorreram sua coluna, recreando-se nos pequenos espaços. Logo voltou a cobrir a pele dela com a boca, desejando ardentemente degustar seu sabor.

— É tão formosa — resmungou com voz ofegante. — Quero conhecê-la melhor que qualquer ser humano conheceu outro.

— Já o faz. Não tenho mistérios para você.

Alec a olhou com olhos brilhantes e ardentes, e um vago sorriso curvou seus lábios ao ler a sinceridade nas palavras de Mira, em sua expressão.

— Não os tem? — perguntou e, para demonstrar que estava equivocada, tocou-a como nunca antes tocara, despojando-a do pouco controle que ficava. Espalmou as nádegas com as mãos, massageando-as e, sem avisar, afundou os dedos na fenda entre elas, fazendo que Mira ruborizasse e se retorcesse em seus braços.

— Alec — protestou atropeladamente, sobressaltada por tal intimidade, e ele riu brandamente, levando as mãos a um lugar menos perturbador para ela. Sem esforço algum, separou os joelhos

de Mira com os seus.

— Não se mova — sussurrou, acariciando os quadris. — Não se mova absolutamente.

— Por quê? — sussurrou Mira, mas ele não respondeu, Alec foi traçando um caminho com sua língua até chegar ao abdômen. Cada músculo de Mira se esticou quando Alec introduziu a língua no umbigo, e ela ficou rígida ante a estranha sensação. Ele apertou as mãos em seus quadris, imobilizando-a e, gradualmente, ela sentiu um estranho prazer enquanto ele lambia e saboreava aquele pequeno buraco. — Alec, por favor, faça amor — disse Mira trêmula, desejando que se detivesse e a esmagasse com seu corpo, afundando-se nela. Mira estava úmida de suor e estremecia de desejo.

— Já o estou fazendo — disse, interpretando-a mal deliberadamente, com o coração palpitando de excitação.

Mira engoliu, aliviada, quando a língua de Alec abandonou seu umbigo, segura de que agora o teria, que uniria seus quadris aos dela e que encheria aquele vazio atormentador que sentia em seu interior. Mas em lugar de se elevar sobre seu corpo, Alec levou a cabeça mais abaixo e, de repente, sua boca estava brincando com a suavidade entre suas pernas. Mira emitiu um som de surpresa, embargada por uma fria confusão e um transbordante prazer. Às cegas, procurou as mãos que prendiam seus quadris e entrelaçou seus dedos com os do marido. Alec a continuou devorando docemente, até ela pensar que desfaleceria. Muito excitada e chocada, não se moveu nem protestou quando ele deixou de acariciá-la e subiu a boca por seu corpo até a garganta. Os olhos dela procuraram os dele, com um olhar tão escuro que parecia negro. Lentamente deslizou os braços pelo pescoço.

— Deixe levá-la para a cama — sussurrou.

Ela assentiu em silêncio, afundando o rosto em seu pescoço enquanto a levantava com facilidade. O colchão afundou ligeiramente debaixo deles, e ele a estendeu de costas, enfiando as coxas entre as dela. Devorou sua boca em um beijo lento e devastador, e sua paixão se aguçou pela resposta ansiosa. Penetrou-a lentamente até que ela ficou sem fôlego.

— Mira? — murmurou, permanecendo imóvel dentro da palpitante pele que o rodeava, e logo emitiu um comprido gemido

quando ela levantou os quadris contra ele, urgindo que a penetrasse mais profundamente.

O calor fervilhante do membro de Alec se afundou nela, e seus corpos se moveram em uníssono, com surpreendente perfeição. Moveram-se e tocaram-se com urgência, aprendendo os segredos que só os amantes podiam conhecer.

Alec descobriu que Mira gostava de acariciar com os dedos o pelo de seu peito, e que suas pernas tinham o comprimento perfeito para envolver seus quadris. Mira, por sua vez, soube que ele tremia de prazer quando roçava as costas com as unhas. E Alec, que jamais perdeu o controle, deu-se conta de que os roucos soluços que ouvia procediam de sua própria garganta. Enterrou o rosto no cabelo de Mira quando sentiu que ela ficava tensa em torno dele. Ela tremeu e conteve o fôlego, estremecendo de novo quando seu corpo se viu submetido a um brutal prazer. Nesse momento, ele também se permitiu alcançar o êxtase que o tomou com um violento jorro.

Durante muito tempo abraçou Mira sem falar, acomodando a cabeça dela contra seu ombro e suspirando com satisfação quando ela passou o delgado braço sobre seu peito largo. Feliz, Mira se dedicou a desenhar padrões sem forma determinada sobre a pele de Alec com a ponta dos dedos, e estendeu as longas mechas de seu cabelo sobre o poderoso torso de Alec como se fossem uma rede. Ele agarrou a mão de Mira e beijou a ponta de cada dedo, antes de se apoiar em um cotovelo e baixar o olhar para ela. Sorriram-se com os olhos. Mas, pouco a pouco, a diversão abandonou a expressão de Alec e seu olhar se voltou grave e escrutinador.

— Como pude viver tanto tempo sem você? — perguntou com voz rouca. — Como pude viver pensando que era feliz? Não sabia. Não sabia que a necessitava tanto.

— Não poderia viver sem você — disse, com os olhos repentinamente brilhantes pelas lágrimas. — Não depois desta noite.

Tocou os lábios com a ponta dos dedos, fazendo-a guardar silêncio.

— Não diga isso. Não tema mais o futuro. Agora é minha, e nada poderá mudar o que sinto. Nem sequer você poderia alterá-lo, mesmo que o tentasse.

Ela assentiu, e piscou para que as lágrimas desaparecessem. Neste

instante, se sentia esmagadoramente tentada a se desabafar com ele. Mais que nada no mundo, queria lhe contar cada detalhe, cada segredo de seu passado. Parecia natural agora, nesse momento de intimidade, compartilhar seus pensamentos mais profundos. As palavras foram aos seus lábios, lutando para escapar das apertadas rédeas do silêncio.

Não. Não o diria. Jamais poderia dizer.

— Nunca me deixe — sussurrou ela.

— Nunca o farei. — Com profunda ternura, Alec beijou as faces úmidas de Mira.

— Temo por você. Não quero que continue procurando o assassino de Holt com Carr...

— Tenho que fazê-lo.

O olhar dela era amargo e choroso quando o olhou e insistiu: — Não o deixarei ir tão facilmente, Alec.

— Não penso ir a nenhum lugar por vários dias.

— Montarei uma horrível cena quando for.

Ele riu de sua ameaça e depositou vários beijos no rosto e na garganta de sua esposa.

— Mas me aceitará de novo quando voltar.

— Aceito você agora mesmo — disse com voz afogada, e ele sorriu amplamente. Seus lábios se retiveram muito tempo nos dela, e suas mãos vagaram por todo o corpo, antes de voltar a deita-la debaixo dele.

Mira assumira que, depois de casada, conheceria e compreenderia seu marido por completo. Depois de tudo, viver juntos como marido e mulher produziria uma absoluta familiaridade entre eles, e ela poderia aprender tudo sobre ele. Entretanto, não demorou a perceber que era um homem mais complicado e multifacetado do que pensara a princípio. Jamais sabia se o Alec que deitaria com ela de noite, seria o amante terno e apaixonado, ou o patife sedutor que não deixava nenhuma parte de seu corpo sem explorar.

A maioria das vezes se sentia inclinado a mimá-la de maneira escandalosa. Cobria-a de joias, de veludo e cetim, levava-a para dançar e a mantinha acordada até o amanhecer, sussurrando-lhe poemas de amor absurdos e elogios extravagantes, ao ouvido. Outras,

a instigava a montar a cavalo com ele, a pular pelo bosque como um moleque; e era quando ela brincava com ele, mostrando vislumbres de suas pernas nuas, enquanto chapinhava na corrente de um riacho, ou se esgueirava pelas ensolaradas clareiras do bosque.

Uma tarde depois de que prepararam seu banho, Mira se afundou na água vaporosa e imediatamente lutou por escapar das mãos perscrutadoras de Alec; banhá-la era uma das atividades favoritas de seu marido.

— Deixe-me em paz... Quase me afogou da última vez — acusou-o, salpicando-lhe água alegremente.

Em resposta, Alec deslizou suas escorregadias mãos pelo corpo de Mira, provocando suas risadas e sua resistência para escapar. Mas depois de uns minutos, ela apoiou a cabeça de novo na borda da banheira de porcelana e pronunciou seu nome quase entre suspiros. Alec esfregou a mão com sabão e a deslizou pelo interior da coxa de Mira, que separou as pernas sob a água quando acariciou a parte mais suave de seu corpo. Beijando-a com paixão, Alec afogou seus próprios gemidos e se deleitou na tumultuosa paixão de sua esposa.

Como ela aprendeu com rapidez, fazer amor com Alec era sempre prazeroso, mas nem sempre sério. Na cama, era ardente e loquaz, e também brincalhão e muito carnal. Era um amante seguro de si mesmo, e pouco a pouco as inibições dela foram se desfazendo, até que compreendeu que o ato de amor era uma arte e uma maneira de expressar as emoções.

Por sua vez, Mira empregou as lições aprendidas com uma habilidade que jamais deixava de assombrar Alec. Quando estavam na companhia de alguém, Mira interpretava o papel de dama de alta linhagem com total perfeição, recatada e formal e com a quantidade adequada de tímido engenho. Mas quando estavam a sós, mostrava-se tal como era, capaz de uma sedução descarada ou de uma ternura radiante, caprichosa um momento e atrevida no seguinte. Costumavam falar de política e compartilhavam um profundo entendimento, que nenhum deles experimentou antes com um membro do outro sexo. Um dos temas que discutiam com frequência era o alarmante aumento de crimes em Londres, não só porque havia vários debates sobre esse tema na mesa do Parlamento, mas sim

porque cada um deles tinha seus próprios motivos para se interessar por ele.

— Leu o artigo no Times desta manhã sobre os navios antigos? — perguntou Mira enquanto jogavam cartas depois do jantar no aposento chamado zodíaco.

As sombras da noite cobriam os cantos da sala octogonal e faziam mais escuras as figuras astrológicas esculpidas nos painéis de madeira. A mesa estava iluminada pela luz de um lustre.

— Não, não o fiz. — Alec estudou as cartas com ar pensativo.

— É verdade que há quase cinco mil prisioneiros encerrados em dez navios ancorados no Tâmis?

— Sim. Não há celas suficientes nas prisões.

— Mas no artigo dizem que estão amontoados nos navios. E que todas as noites fecham as escotilhas. Como esses homens podem respirar? E o que acontece se ficarem doentes? E se ocorre um incêndio?

— Só sobrevivem os mais fortes. Nesses velhos navios muita gente morre. — Alec negou com a cabeça ligeiramente, perdendo o interesse nas cartas e as deixando de barriga para baixo em cima da mesa. — E o pior são os meninos, embora seja melhor morrer que se ver forçado a viver esse tipo de vida. As únicas atividades que conhecem são os jogos de apostas ou o assassinato entre eles. Os de mais idade são obrigados a dragar e limpar o rio enquanto outros fazem os uniformes dos sentenciados.

— E logo que são postos em liberdade — disse Mira, muito alterada por suas palavras.

— Igual aos prisioneiros de Newgate. Os homens que são libertados do inferno dessas prisões, saem dispostos a se vingar do sistema e da sociedade que os encerrou ali.

— Por isso se unem a essas organizações criminosas? Para se vingar da sociedade?

Alec assentiu, e Mira pensou no irmão, com uma pontada de tristeza. Rezou para que não tivesse se unido a nenhuma organização desse tipo, depois que saiu do seu lado. Embora Guillaume tenha feito muitas coisas imorais e ilegais em sua vida, Mira esperava que ainda houvesse decência suficiente nele para evitar tal destino.

— No que está pensando? — perguntou Alec em voz baixa.

— Em nada — replicou com rapidez forçada, dando um sorriso que ele não devolveu.

Alec manteve expressão neutra, enquanto continha uma inesperada onda de frustração. Perguntou-se, com tristeza, quando Mira confiaria nele. Faria alguma vez?

— Vou pedir o chá — disse, jogando a cadeira para trás e se levantando.

Ao passar junto à mesa, roçou com a manga de seu vestido o baralho de naipes e algumas cartas caíram no chão revoando como um bando de pássaros.

Alec baixou o olhar à cascata de cartas caídas e se lembrou de algo. Durante um segundo, Mira viu um brilho parecido ao medo ou ao horror escurecendo os olhos de seu marido, e se aproximou dele imediatamente. Mas ele não a olhou, ainda olhava fixamente o chão.

— Alec? O que acontece? — inquiriu.

Ajoelhou-se junto à cadeira e olhou-o. Ele fechou os olhos e afastou o rosto.

— Meu Deus. Não recordei até agora. — A voz de Alec era rouca e baixa.

— Não lembrou o quê? O que recordaram essas cartas? — Mira observou os naipes caídos com preocupação, recolheu-os com rapidez e os afastou de sua vista.

— Eu fui um... fui um dos que encontrou o corpo de Holt — resmungou Alec. Ela lhe deu um olhar compreensivo e acariciou seu braço em um gesto de consolo. — Encontrei-o em um beco escuro, já de noite. Então não me fixei em nenhum detalhe... Para começar estava meio bêbado. Mas agora, acabo de recordar algumas coisas que não percebi antes. Havia sinais de briga, de uma cruel briga. Meu primo estava cheio de machucados... — interrompeu-se bruscamente e logo continuou com mais calma: — E havia cartas esparramadas pelo chão.

Mira não compreendia por que aquele detalhe era tão importante para ele.

— Talvez fossem de Holt — sugeriu, e ele olhou-a com calma.

— Talvez.

Uma vez mais, Mira teve a sensação de que a observação de seu marido tinha um significado oculto que não podia compreender.

— Por que foi buscá-lo ali?

— Tinha que me reunir com ele no Rummer; não está muito longe de onde o encontrei. Enviou uma mensagem que dizia que tinha algo muito importante para me contar.

— O quê?

— Queria me falar de uma jovem chamada Leila. Estava apaixonado por ela, e Leila desapareceu. Ele a estava procurando. — Alec pareceu olhar através dela enquanto acrescentava com ar distante: — Acredito que averiguou o que aconteceu, que sabia quem a levou.

Mira voltou a acariciar seu braço e suspirou.

— É muito tarde. Vamos nos deitar.

— Por que não vai na frente? Seguirei em seguida.

Agarrando uma das cartas, Alec a observou com ar distraído, parecendo se esquecer da mulher ao mergulhar em suas preocupações. Mira lhe dirigiu um sorriso inseguro e saiu da sala.

Alec se deitou muito tarde. Mira se mexeu adormecida enquanto ele se deitava ao seu lado e se esforçava para relaxar. Tentando dormir, Alec deixou de lado a multidão de pensamentos que assolavam sua mente e fechou os olhos com força. Mas nem sequer em sonhos podia escapar das perguntas e das lembranças que o angustiavam. Inquieto, lutou para escapar dos perturbadores sonhos, chutando as mantas e movendo a cabeça de um lado para o outro. Despertou em meio a um pesadelo com uma afogada maldição e totalmente alerta. Incômodo e acalorado, passou o braço pela testa úmida de suor, afastando o cabelo que grudou na pele.

Mira, que sofrera suas cotoveladas, patadas e empurrões durante toda a noite, levantou a cabeça e o olhou exasperada.

— Estará mais fresco se deixar de se mover — disse.

— Estarei mais fresco se deixar de subir o maldito lençol! — exclamou.

— Teve um pesadelo sobre Holt? — perguntou, ignorando seu arrebatamento de mau gênio.

Ele suspirou com cansaço e deixou cair a cabeça de novo nos

travesseiros.

— Em parte.

Como parecia não ter vontade de falar de seu pesadelo, Mira se acomodou do seu lado da cama e voltou a dormir. Alguns minutos depois despertou de novo com os inquietos movimentos de Alec. Bocejando e sussurrando sozinha, aproximou-se dele. Ao ver o ar de preocupação na fisionomia de seu marido, esqueceu sua irritação. Tirou o despenteado cabelo negro da testa dele, numa carícia tranquilizadora, e o despertou com um sussurro. Ele moveu os espessos cílios e abriu os olhos.

— O quê? — murmurou.

— Estava sonhando outra vez.

— Desculpe. — disse com cansaço, fechando os olhos de novo. Aquela desculpa foi a perdição de Mira.

— Vem aqui, no centro da cama. Os lençóis estão mais frios.

— Não há nada que possa fazer para...

— Me deixe arrumar os travesseiros. Melhor agora?

— Um pouco — admitiu, aplacado pela cortesia dela. Mira sorriu, enquanto ele afundava ainda mais as costas no colchão.

— Devia deixar de pensar nisso durante um momento — ela disse com suavidade ao que ele respondeu com um som sarcástico, voltando a face para o travesseiro.

— Não é fácil.

Inclinando-se sobre ele, Mira roçou os lábios de Alec com os seus. Sua boca estava fria e doce, e a suave e tranquila carícia o fez esquecer suas preocupações momentâneas. Roçou a comissura dos lábios com a ponta da língua, e depois o interior de sua boca, degustando o familiar sabor aditivo. Alec girou a cabeça no travesseiro, procurando a boca de Mira com crescente interesse. Ela percorreu as mãos por seu peito, pelo ventre plano e explorou seus músculos tensos com a ponta dos dedos.

— É muito fácil — sussurrou, beijando a linha da mandíbula enquanto aspirava o aroma de sândalo de sua pele. — Só tem que pensar em mim.

Quando Mira se aproximou mais dele, fez que os seios e mamilos esfregassem e apertassem o peito de Alec, que ficou sem fôlego.

Segurando-a pelos cotovelos, acomodou-a sobre seu peito e atraiu sua cabeça para ele. Mira o beijou profundamente e, cada pensamento, cada pergunta, cada problema que estavam perturbando Alec durante toda a noite, desapareceu imediatamente.

As mechas dos cabelos de Mira deslizaram como fogo sedoso pelo corpo de Alec enquanto as mãos de sua esposa, pequenas e suaves, percorriam-no de cima abaixo. Embora pedisse e murmurasse sua impaciência, ela não o atendeu. Ela levou os dedos frios até o pênis de Alec e o envolveu brandamente, enquanto ele mordia os lábios, excitado. Mira fechou os olhos ao sentir o poderoso membro contra a palma da mão. Queria tê-lo dentro de seu corpo, mas de alguma forma conseguiu evitar os esforços de Alec para pô-la em cima dele. Como uma mariposa brincando com um gato disposto a dar o bote, Mira escapuliu de suas mãos e o continuou torturando delicadamente. O silêncio da noite foi quebrado pelos bruscos arquejos, e o prazer se prolongou até que Mira se rendeu às mãos que agarraram seus quadris e a elevaram sobre o corpo dele. Jogou a cabeça para trás quando sentiu que ele deslizava quente e duro dentro de seu corpo. Logo começou a mover com rápidas investidas. Ela sentia um prazer tão intenso que mal podia respirar, e sua mente abandonou qualquer tipo de pensamento coerente quando alcançou o clímax.

Pouco a pouco, os corpos relaxaram e ela foi capaz de voltar a pensar; e se deixou cair ao lado de Alec, com um suspiro exausto. Seu marido não se moveu. Procurando seu rosto na escuridão, observou que dormia, dormia profundamente, em um estado que rivalizava com a inconsciência. Tinha os braços lânguidos e os dedos ligeiramente curvados e relaxados. Já não haveria mais pesadelos nem agitações na cama esta noite. Mira sorriu para si e se aconchegou junto à figura imóvel de Alec.

— Ficam ainda mais antros de iniquidade para visitar? Já fomos a quase quarenta — queixou-se Carr, lançando um áspero olhar verde à carruagem de aluguel com a qual percorriam as ruas. — Maldição, já estou farto. Durante dias estivemos em quase todos os tugúrios de Londres, relacionamo-nos com toda classe de escória imaginável. Bebemos com assassinos e estrangulares, acotovelamo-nos com

ladrões e falsificadores profissionais, combinado com mais prostitutas que vi uma vez em minha vida e que, por certo, deveriam tomar um bom banho. E nem rastro de Tilter. Ninguém ouviu falar desse bastardo. Dá-se conta de quantos lugares estivemos? Estamos a tantos dias nesses antros que me esqueci de como é a luz do sol, e respiramos mais fumaça e ar putrefato que...

— Não se queixe — disse Alec com expressão pensativa e séria. — adquirimos o tom pálido dos detentos.

Carr o olhou com o cenho franzido, mas tinha que reconhecer que aquela palidez os beneficiava, já que o contrário lhes dificultaria se infiltrar nos refúgios e se mesclar com os criminosos que os frequentavam. Para completar o disfarce, Alec e Carr puseram roupas velhas e usadas, embora de boa qualidade.

— Elegância até o final — observou Carr, e até agora fora de suma utilidade.

Durante os últimos dias, os dois Falkner tinham averiguado muitas coisas sobre os tugúrios de Londres. Um tugúrio servia de refúgio aos criminosos contra as forças da lei. Frequentemente eram utilizados como centro de operações de alguma organização em particular, que oferecia informação e ajuda aos homens que acabavam de sair da prisão, quer fossem falsificadores, criminosos ou assassinos. Ali era onde levavam a mercadoria roubada que logo ofereciam aos receptadores. Qualquer um podia ir ao tugúrio e contratar alguém para que cometesse um roubo, ou para que proporcionasse falso testemunho em um julgamento. Era o lugar de reunião por excelência dos infratores da lei, o abrigo de encontro, de amizade e entretenimento.

O tugúrio a que Alec e Carr se dirigiam neste momento era um dos favoritos dos membros do Stop Hole Abbey. Esperavam encontrar ali alguma informação sobre Tilter, alguma pista sobre sua identidade ou seu paradeiro. A carruagem avançava agora por um labirinto de pátios, ruelas e casas que a Alec recordavam uma toca de coelhos. Era um dos distritos onde mais tugúrios havia, já que aquela área podia ser evacuada com mais facilidade durante uma incursão policial, e todo mundo podia escapulir com a mesma rapidez que os ratos num naufrágio.

— Meu Deus, parece o pior de todos que vimos até o momento.

— Nenhuma palavra mais — replicou Alec bruscamente, virando-se e lançando a Carr um olhar gelado. — Deixa de se queixar. Se não quiser entrar, então retorna para casa. Já sei que leva dias sem ver o sol, que não dormiu bem e que está compreensivelmente zangado pela escória que teve que frequentar. Mas levo três dias sem ver minha mulher! Crê que prefiro estar aqui com você ou retornar para casa com ela?

— Certo. — Carr recuou seu olhar e fitou para o chão coberto de palha da carruagem. — Perdoa — resmungou, — não pensei que era tão desagradável para você quanto para mim.

Alec o olhou com dissimulada surpresa; não esperava tal admissão de seu primo. Carr não era um homem modesto, mas abordava a vida com uma franqueza que era incomum em um jovem como ele.

— Muito honesto — disse Alec com voz rouca. — Sempre quis perguntar de onde tirou esse seu costume de dizer a verdade. Certamente, bem sabe Deus que não é frequente entre os Falkner.

— Holt sempre foi muito franco — disse Carr, um pouco sobressaltado, perguntando-se se recebeu um elogio ou uma repreensão.

— Ah, sim, seu santo irmão.

A carruagem se deteve e Alec pagou o cocheiro antes de preceder Carr no tugúrio. Tiveram que atravessar duas portas até chegar à principal, que estava entreaberta vários centímetros. Uma cara suja e disforme apareceu com cautela.

— Trazem o sinal?

Alec tirou uma das cartas que Memmery tinha dado, um sete de ouros e a sustentou entre os dedos. A porta abriu e acessaram o interior. No ar flutuavam os aromas de pescado e bebida, o ruído das conversações e das canções de botequim. Imediatamente ambos os homens se separaram, seguindo a rotina que desenvolveram durante os dois últimos dias. Investigando cada um por conta própria havia mais probabilidades de obter informação. Enquanto Carr se dirigia ao bar, Alec foi abordado por uma prostituta corpulenta que apesar de seus traços comuns, tinha uma pele sem mácula e bons peitos. Forçou um sorriso, ocultando o asco que sentiu ante o evidente convite nos

seus olhos.

— Sim, jovem e atraente, procura alguém? — sugeriu a prostituta com voz suave e rouca de uma vez, como um gato ronronando.

— Obrigado, querida, agora não.

— Um gole possivelmente?

— Mais tarde.

— E um pouco de companhia? É grátis.

Rechaçar a oferta seria um insulto. Aceitá-la era inconcebível. Alec sorriu e deslizou o braço ao redor da redonda figura, aproximando-a para colocar um par de notas no corpete. O roçar de sua pele o deixou indiferente.

— Mais tarde — disse, apertando brandamente a cintura e observando com alívio como ela se afastava meneando os quadris.

As horas passaram lentamente. Como convencionaram, Alec e Carr jamais se perdiam de vista. Carr se entregou por completo a seu papel, bebendo e falando com uma linguagem vulgar cheia de maldições obscenas, intercambiando coloridas histórias com os jovens que o rodeavam e paquerando descaradamente as mulheres. Alec manteve os olhos e ouvidos abertos, captando fragmentos de conversas aqui e lá, e fazendo algumas perguntas discretas. À meia-noite, Carr percorreu o local com o olhar e observou que seu primo tinha uma atitude diferente da habitual. Em lugar de seguir bebendo e jogando, Alec mantinha uma tranquila conversa num canto, com os pés sobre uma mesa em uma pose relaxada. Junto dele tinha sentado um homem grisalho e com a tez esbranquiçada de quem via pouca luz do sol.

Enquanto Carr o observava dissimuladamente, Alec deslizou uma bolsinha de couro a seu companheiro de mesa e inclinou a cabeça escura para ouvir um breve sussurro. Inclusive através da distância que os separavam, Carr pôde ver como Alec ficava repentinamente pálido. Zumbiram os ouvidos de Carr quando o sangue correu pelas veias.

Descobriu algo. Alec averiguou algo, pensou, e escapou sigilosamente do grupo de bêbados com que estivera falando. Fingindo cambalear, Carr se aproximou sem pressa da mesa e se apoiou nela, enquanto cravava o olhar em Alec. Quando seus olhos se

encontraram, Carr observou inquieto que os pálidos olhos cinza de seu primo pareciam vazios pela surpresa.

— Estou terrivelmente bêbado, primo — anunciou Carr. — Já não sou capaz de beber mais.

Sua voz tirou Alec de seu transe.

— Vamos — disse Alec laconicamente.

Com inquietação, Carr seguiu fora do local.

A rua parecia estranhamente tranquila depois do ruído sufocante que acabavam de abandonar. Alec olhou ao redor.

— Necessitamos de uma carruagem de aluguel — disse.

— Alec, encontra-se bem?

— Não.

— Esse malfeitor disse algo sobre Tilter?

Alec riu baixo, mas não foi um som agradável.

— Sim.

— Era Tilter?

— Não. Mas confirmou o que Memmery nos disse e acrescentou algumas coisas mais.

— Algumas coisas mais? Que mais? — inquiriu Carr exaltado. — Que mais? — insistiu.

— Tilter é membro do Stop Hole Abbey — disse Alec com rigidez.

— É um dos peixes graúdos na trama do tráfico de brancas. Também é quem se encarrega de se desfazer dos que fazem muitas perguntas, por isso é muito provável que foi ele quem matou Holt.

— Bastardo! — exclamou Carr. — Mal posso esperar encontrá-lo e dar su... Espera, por que está tão estranho?

Alec se aproximou lentamente à fachada do edifício e apoiou o antebraço nela. Afundou a testa no braço e suspirou com força.

— Bom, como podemos encontrá-lo? — continuou Carr. — Conhece seu verdadeiro nome? Se podemos averiguar quem é em realidade, então...

Alec soltou uma risada entrecortada e logo deu a volta com o rosto pálido e os olhos muito brilhantes.

— Carr, sabe o que é o destino em realidade? É um pequeno intrigante que dos céus se esforça em nos fazer ver quão insignificantes somos...

— E isso tem a ver com...?

— ...os ridículos que somos em realidade. E cedo ou tarde, tem êxito.

Carr sentiu-se irritado e desconcertado por aquele crítico comentário.

— Alec, importa um nada o destino. Eu só quero saber quem é Tilter para poder encontrá-lo e fazê-lo pagar o que fez a me...

— Chama-se — disse Alec com suavidade — Guillaume Germain.

— Germain...

— Sim. Este sobrenome deve soar familiar. É meu cunhado.

Capítulo 15

Na carruagem que os levava de volta a Staffordshire o silêncio era esmagador. Alec mal percebia a presença de Carr, pois não fazia mais que dar voltas às perguntas que rondavam sua cabeça. Mira e os anônimos fantasmas de seu passado — fossem os que fossem, — quase tinham impedido de se casar com ela. O passado era tão aterrador para sua mulher que não contou nada sobre ele. Sabia que seu irmão matou Holt? Sabia o tempo todo?

Fechou os olhos com força, meneando a cabeça como se dessa maneira pudesse negar tudo o que tinha averiguado. Podia ver o rosto de Mira como se estivesse diante dele, com as faces úmidas e brilhantes pelas lágrimas e os olhos cheios de angústia, enquanto tratava de convencê-lo de que não fosse a Londres, como se a assustasse muitíssimo que fosse procurar o assassino de Holt. Temia que descobrisse que era seu irmão? Aqueles pensamentos o destroçavam, mas não podia ignorá-los, e em sua mente ressoavam aquelas palavras que disse em algumas ocasiões: «Está procurando vingança por algo que devia ficar no passado.»

«O que sente por mim mudará com o tempo.»

«Outra vez não... Não o posso ter e voltar a perdê-lo.»

— Crê que Mireille sabe? — pergunto Carr com vacilação, e Alec manteve os olhos fechados para esconder a dor que a pergunta tinha causado.

— Meu Deus, não sei. Não sei.

Alec tratou de recordar Holt. Tratou de recordar a imagem do assassinato de seu primo que torturava sua mente: a escuridão, o beco, o sangue... Mas não, agora não era uma imagem nítida, a não ser imprecisa. Holt tinha ido e o passado ficou para trás. Era livre e nada era mais importante para ele que o que tinha com Mira, o futuro que compartilhariam, os filhos que teriam, as lembranças que rememorariam juntos. E se ela sempre soubera o que Guillaume fez a Holt? Amava suficiente a Alec para se arriscar a que ele nunca

descobrisse. Alec esperava que Mira não soubesse nada sobre Guillaume. Se assim fosse, indubitavelmente teria medo, e ele jamais a convenceria a que confiasse nele.

— O importante agora — disse Carr, — é como encontrar Guillaume. Não deve ser difícil se nós...

— Não — interrompeu Alec, abrindo os olhos e respirando fundo, mais aliviado agora ao compreender qual era sua única opção. — Para mim há algo muitíssimo mais importante que Guillaume. Você pode buscá-lo se quiser e desejo toda a sorte do mundo. Mas terá que fazê-lo sozinho. Não posso ajudar.

— Mas é o assassino do Holt! — disse Carr estupefato.

— Sim, e sua irmã é minha mulher... e não quero perdê-la. Se decido seguir a pista de seu irmão, se fizer algo que a induza a acreditar que a culpo, se por acaso não sabe nada disso e se inteirar por mim, pode fugir.

— Fugir para onde?

— Onde jamais a possa encontrar — respondeu Alec, dando-se conta de que aquele pensamento o aterrava.

Mira já fugiu de seus problemas no passado, e era muito provável que voltasse a fazê-lo. Levavam pouco tempo casados. Não tiveram tempo suficiente juntos para que estivesse segura do amor de Alec e do lugar que ocupava no coração de seu marido. Os laços que os uniam eram ainda muito frágeis e delicados para resistir a tal prova.

— Jamais o abandonaria — arguiu Carr. — É evidente que o ama.

— Faria, se acreditasse que é a única opção que tem. — Mira era jovem e forte, mas também era uma perita em lutar suas próprias batalhas, sozinha. Ainda não se acostumou a confiar sua segurança a outra pessoa. — Não penso arriscar, Carr — disse com firmeza. — Mira não deve saber nada do que averiguamos hoje, entendeu?

— Mas como pode descartar a possibilidade de que saiba um pouco de Guillaume e não o diga?

— Não posso. Mas não importa.

— Não entendo por que não.

— Sim o fará. Entenderá quando se apaixonar. — Alec fez uma pausa e esboçou um sorriso torcido. — Então compreenderá um montão de coisas.

— Não, não o farei. Não me darei por vencido quando por fim tenho a oportunidade de me vingar.

— A vingança é doce — reconheceu Alec tristemente, — e a desfrutei no passado.

— Mas?

— Mas como descobrirá no seu devido tempo, não há muito futuro nela.

Mira não deveria ter se perturbado tanto ao ver aquela singela nota branca. Conforme havia dito Mary, um menino do povoado trouxera. Mira recebeu na bandeja do café da manhã ao lado do último exemplar do Times. Pegou-o com curiosidade, observando a aspereza do papel e o selo do lacre, mas por alguma estranha razão, decidiu atrasar sua leitura. Terminou de tomar o café da manhã, lavou o rosto e escolheu o vestido que usaria neste dia e, enquanto se ocupava dessas tarefas tão simples, a mensagem permaneceu lacrada em cima da cama, observando-a como um olho diabólico que seguia todos os seus movimentos. Por fim, a pegou e abriu.

O primeiro e estranho pensamento que teve foi que embora rara vez falasse em francês e já tivesse perdido quase todo o acento — de fato sonhava em inglês, — não teve nenhuma dificuldade em reconhecer seu idioma materno. Era mais familiar para ela que a imagem de sua fisionomia no espelho.... tão familiar, que leu a nota e compreendeu seu significado antes de perceber que estava escrita em francês.

Estarei no limite do jardim toda a manhã. Esperarei o tempo que for necessário. Por favor, venha sozinha. Necessito de sua ajuda.

Não estava assinada. Não era necessário, sabia que ela reconheceria quem a escreveu.

Jamais sentiu tanto frio em sua vida. Os dentes batiam enquanto segurava a nota. O coração retumbava com ímpeto, os fortes batimentos causavam dor no peito e os joelhos enfraqueceram. Retrocedeu até uma canto do aposento como um animal preso, apoiou-se contra a parede e cruzou os braços sobre o peito.

— Por favor, Deus, não me arrebate tudo — disse com voz afogada e as lágrimas escorregaram de seus olhos. — Por favor, não deixe que faça de novo.

Uma rajada de vento agitou as árvores, e as primeiras folhas do outono caíram ao redor de Mira, enquanto se aproximavam lentamente um do outro, uns olhos escuros cravados em outro par idêntico. A brisa despen-teou o cabelo negro de seu irmão, da mesma cor que o dela.

— Mira, *ma soeur...*, *c'est vous, vraiment?*

— Guillaume... *Qu'est-ce que tu veux?* — disse Mira com voz trêmula, perguntando-se de verdade se era ele, ao mesmo tempo que retrocedia quando viu que se aproximava mais dela. Agora sou uma Falkner, pensou, como se este fato a pudesse salvar de um horrível destino. Obrigou-se a falar em inglês com ele, embora custaria menos falar em francês. — O que quer?

— Sabia que viria me ajudar — disse, devorando-a com os olhos. — Mira..., *c'est impossible...* não pude acreditar quando me inteirei como ficou bem. Olhe-se! É toda uma mulher, e ainda era uma garota quando me abandonou.

— Quando você me abandonou.

Mira se perguntou se sentia mais medo que pena por ele. Guillaume era um homem arrumado cinco anos antes, forte e cheio de vida, com os olhos brilhantes pela ambição e o desejo.... desejo por mulheres, por luxo, por dinheiro... Sim, sobretudo por dinheiro. Agora estava muito magro e parecia muito mais velho do que os seus vinte e tantos anos. Só o olhando sabia que seguia o mesmo caminho que tomou cinco anos antes. Pensou com tristeza que aquilo não era só culpa dele. As circunstâncias desempenharam um papel importante no que ele era agora, no que ela era agora. Ao sentir que seu coração começava a se abrandar, Mira endureceu. Cinco anos antes, Rand e Rosalie ofereceram aos irmãos Germain uma nova vida na Inglaterra, uma vida em que não teriam que roubar o que necessitavam, nem fraudar àqueles que não podiam se defender. Mira desejou desesperadamente aceitar aquela vida, mas Guillaume não duvidou em destruí-la.

— O que quer, Guillaume? — perguntou de novo com voz tremida. — Se está aqui é porque quer algo de mim, não?

— Não sei por onde começar.

Parecia que os papéis mudaram. Agora ela parecia a mais velha e

ele, o irmão mais novo.

— Começa por contar o que fez depois que nos separamos — apressou Mira. — Tinha se unido a um bando...

— Sim, à organização Stop Hole Abbey. Estive com eles desde que você me deixou. Durante os últimos cinco anos me converti em alguém relevante. Comecei fazendo coisas sem importância...

— Ah, coisas sem importância — repetiu com frieza. — Como tentar sequestrar Rosalie? Como me utilizar para trair lorde Berkeley e ela?

Guillaume pareceu surpreso pela rudeza de sua irmã. O que tinha esperado?, perguntou-se Mira furiosa. Que correria para seus braços chorando de alegria? Que teriam um reencontro emotivo depois do que fez? Seu irmão era como um menino que sabia que agiu mal, mas que não se arrependia por isso.

— Tive que fazê-lo — disse. — *Dieu*, prometeram-me muito em troca. Não podia rechaçá-lo. Disseram-me que algum dia seria muito rico e queria compartilhar com você.

— Não tem aspecto de rico — observou, olhando de cima abaixo sua magra e esfarrapada figura.

De repente, os olhos escuros de Guillaume brilharam de ressentimento.

— Ao contrário de você. Casou-se com um Falkner. Como conseguiu? Que mutreta usou? Ou foi só sorte? Sempre teve sorte... Foi meu amuleto. Mas assim que me abandonou...

— Não o abandonei porque quis fazê-lo. Vi-me obrigada a escolher entre ir ou afundar com você.

— Não afundei — disse com indignação. — Justamente o contrário. Agora sou um membro importante no Stop Hole Abbey. Tenho novas responsabilidades...

— Que classe de responsabilidades? Coisas tão ruins como as que fazíamos antigamente? Enganar as pessoas, extorquir seu dinheiro, fazê-las sofrer...

— O que fizemos eram só jogos de meninos — disse com desdém.

Ela assentiu lentamente. Jogos de meninos... Essa era uma boa maneira de defini-lo. Enquanto outros meninos jogavam palitos chineses ou liam livros, ela aliviava os bolsos das pessoas. Mas

Guillaume e ela sempre tiveram seus limites. Até onde ele chegou depois de ultrapassar esses limites?, perguntou-se desesperada. Afastou o olhar de seu irmão enquanto tentava engolir o nó que tinha na garganta.

— Quer saber a que me dedico agora? — perguntou seu irmão com expressão zombeteira. — Estou a cargo de um grupo de homens. Fiz-me amigo do líder do Stop Hole. Aquele que dá as ordens e toma todas as decisões. Qualquer coisa que queira é seu, e me encarrega de todos os seus projetos especiais. Meus homens e eu recolhemos garotas diretamente das ruas, algumas vezes de suas casas, outras raptamos assim que saem das lojas. Só as que são formosas, é obvio. E logo as vendemos e as enviamos...

— Não me conte isto! — gritou, estremecendo. — Para que está aqui? Por que me conta tudo isto? Para me assustar? O que é o que quer?

— Tenho um problema. E só você pode me ajudar. Tinha algumas dívidas... Aproprie-me de algum dinheiro dos lucros do Stop Hole para cobri-las. Mas agora, alguns dos membros da organização suspeitam de mim, e só é questão de tempo para que saibam que fui eu quem os roubou e, quando o fizerem, sou um homem morto. Se não me der dinheiro para substituir o que subtrai do Stop Hole, terá que viver com minha morte em sua consciência.

— Não. Encontrará outra maneira de conseguir o dinheiro, mas não será por mim. Jamais se deteria.... sempre estaria me pedindo mais.

— Assim que se tornou ambiciosa, *petite soeur*. Tem mais dinheiro do que jamais poderá gastar e está casada com um homem poderoso, mas nega uns trocados para me salvar a vida. Temo que não terei mais remédio que pedir ajuda a seu marido.

— O quê? — sussurrou.

— Ouvi que os Falkner cuidam dos seus, e já que sou seu irmão, terei que reclamar a ele, sim. Terei que contar a lorde Falkner todos os meus problemas... e nossos antecedentes familiares.

— Acredita que pode me chantagear? — disse Mira, sentindo uma onda de pânico em seu interior, um terror que inclusive nublava a visão. — Acaso pensa que não contei tudo, inclusive de mamãe?

— Se a conheço bem, não fez. Mas se o que diz é certo, não se importará que fale com ele, não é? Esta mesma tarde, o verei. Riremos juntos da maior piada da Inglaterra. De todas as mulheres que podia eleger, Alec Falkner se casou com a filha de uma prostituta francesa.

— Não.

— Devia dizer também que mamãe se ocupava de seus clientes com você perto quando foi um bebê? Que dormiam no mesmo quarto até que foi um pouco mais velha e a enviou a um canto da cozinha?

— Cale-se!

— E é obvio direi que você também se converteria numa prostituta se não me encarregasse de você quando mamãe morreu. Que hoje estaria nesse bordel, abrindo as pernas para qualquer um que tivesse dinheiro suficiente no bolso.

— Não! — gemeu Mira, cobrindo o rosto com as mãos e rompendo a chorar. Chorou sem poder se controlar, enquanto dava as costas a seu irmão para que não visse seu medo e sua culpa. Depois que o pranto se converteu em soluços, Mira se aproximou cambaleando junto a uma árvore e se apoiou nela, sem importar que a casca arranhasse sua pele. Não olhou Guillaume, mas sabia que estava esperando ali. — Tenho um pouco de dinheiro — sussurrou ela, — mas não posso dar mais que algumas centenas de libras em efetivo.

— Joias. Sem dúvida alguma a presenteou com elas.

— Sim.

— Então, traga-as aqui amanhã. Só levarei as que necessito.

— Alec retorna esta noite. É provável que amanhã esteja todo o dia comigo.

— Então vá agora buscá-las. Esperarei aqui.

Mira sentia como se estivesse no meio de um pesadelo. Em questão de segundos os anos se evaporaram, e ela já não era Mira Falkner a não ser Mireille Germain, uma garota indefesa; muito assustada para ficar, muito assustada para fugir.

— Guillaume — implorou. — Sei que voltará mais vezes... Sei que o fará. E isto jamais terá fim, não até que dê tudo o que tenho e destrua meu matrimônio, e isso me matará. Não volte de novo, por favor.

— Mira, vá buscar as joias.

Guillaume acabaria se apropriando de todas as suas posses, pensou Mira com desespero. Como ia justificar o desaparecimento das joias? Sempre podia dizer que as roubaram, mas sabia que nesse caso jogariam a culpa em um dos criados e ela não o podia consentir. Sentou-se no dormitório depois de retornar de seu encontro com Guillaume, sentia-se tão desesperada e doente que nem sequer foi capaz de descer para o jantar. Ao cair a noite, ouviu uns débeis sons procedentes do exterior e se aproximou da janela. Retornaram. Viu como se abria a porta da carruagem e aparecia a escura cabeça de Alec. Mira virou com rapidez e correu para as escadas, chegando ao vestibulo ao mesmo tempo que Carr e Alec entravam pela porta. Jamais esteve tão contente ao vê-lo, jamais necessitou tanto que a envolvesse com seus braços.

— Alec! — gritou transbordante de alegria, e seu marido riu quando correu para ele.

Agarrou-a entre seus braços e a fez girar um par de vezes antes de baixá-la ao chão e cobrir a boca com a sua. Mira envolveu seu pescoço com os braços e moldou seu corpo ao de Alec. O beijo podia ter durado vários minutos mais, se não os interrompesse o pigarro de Juliana.

— Que ridículas são essas demonstrações em público. Mira, quão único conseguirá recebendo-o desta maneira, é que parta com mais frequência. Deveria repreendê-lo por deixá-la, não gritar de alegria e correr para ele como se...

— Não precisa me repreender por deixá-la — interrompeu Alec, estreitando Mira entre seus braços e sorrindo. — Já estive eu mesmo me repreendendo a cada minuto que permaneci longe dela.

— Teve sorte nas investigações sobre a morte de Holt? — perguntou, e ele a silenciou com um beijo rápido.

— Não, carinho. Mas não importa... Tinha razão: é melhor deixar o passado atrás. Não vou seguir com isso. A resposta a tudo o que realmente importa, tenho aqui entre meus braços.

Oh, quanto o amava! Ali, diante da Juliana, Carr e qualquer outra pessoa que os estivesse observando, Mira fez que Alec inclinasse a cabeça para ela, para seus lábios doces e apaixonados. Roçou a boca

masculina com a ponta da língua em uma promessa secreta e sentiu que ele estremecia em seus braços antes de se separar com um tímido sorriso.

— Já comeram? — perguntou olhando Carr, que negou com a cabeça de uma maneira quase retraída. — Vou pedir à cozinheira que prepare algo agora mesmo — disse ela. — Sei que a viagem foi longa...

— Obrigado, mas estou muito cansado para comer — disse Carr, enviando um sorriso agradecido. — Quão único preciso são várias horas de descanso.

— Quão único verdadeiramente pode fazer por mim... — sussurrou Alec muito perto do ouvido — é acompanhar-me à cama agora mesmo.

Todos se retiraram a seus aposentos e foi Mira quem se fez de criado para seu marido, tirando as botas e colocando sua roupa cuidadosamente dobrada no respaldo da cadeira. Mas as coisas se complicaram, quando ele insistiu em tirar a roupa dela ao mesmo tempo, o que produziu alguns emaranhados de braços e pernas, risadas amortecidas e botões arrancados. Finalmente completaram a tarefa, e Alec caiu em cima da cama em uma magnífica postura desajeitada, puxando o pulso de Mira até que ela caiu em cima dele com uma risada nervosa.

— Amo você, lady Falkner — murmurou, enredando os dedos no sedoso cabelo escuro que caía em cascata sobre seu corpo.

— Amo você, milorde. — Mira curvou os lábios em um sorriso quando Alec os acariciou brandamente com o polegar.

— Não me chame milorde. Chame carinho, marido...

— Minha vida — sussurrou com os olhos resplandecentes, — meu amor, minha alegria — ela cobriu de beijos o pescoço e os ombros, — meu coração, minha força — beijou o peito antes de apoiar ali a face, — ou possivelmente simplesmente deveria chamá-lo de meu.

— Chame-me idiota por deixá-la sozinha — disse com voz rouca, depois de se virar para ela. As coxas de Mira se entrelaçaram com as dele e seus quadris embalarão a cálida e pulsante longitude do membro. Ambos estavam excitados pelo contato, mas nenhum deles se moveu, permaneceram intimamente abraçados até que Mira

começou a se retorcer impaciente para completar a união. — Sempre tão impaciente — murmurou, movendo-se para penetrá-la.

— Sempre — admitiu com presteza, arqueando os quadris contra os dele até que sentiu a dureza entre suas coxas e ofegou de ansiedade.

Alec sorriu e se inclinou para beijar os seios, abaulando-os com as mãos. Embora suas carícias não fossem rudes, Mira não pôde evitar dar um pulo. Imediatamente, Alec se deu conta do desconforto de sua esposa e a acariciou com tal suavidade que mal a tocou.

— Estão mais sensíveis do que o habitual — disse em tom inquisitivo e ela assentiu ofegando, estremecendo-se quando a acariciou com uma gentileza incrível.

Alec deslocou a boca brandamente sobre os tenros picos até endurecer os topos rosados. Ela gemeu, arqueando-se para ele, aproximando-se da fonte do prazer feminino, Alec deslizou a palma da mão pelo ventre e a apertou contra a suave curva de seu estômago. A mão dele era indagadora e um pouco protetora. Mira ficou paralisada com esse gesto, arregalando os olhos enquanto os cravava nos dele. O olhar de Alec era cálido e penetrante, tocava-a como se pensasse que...

— Mira — perguntou com suavidade, — é possível que esteja...?

— Não.

— Conheço cada centímetro de seu corpo, e está diferente.

— Não, equivoca-se.

— Quando teve o último período? Não teria que o ter agora?

— Atrasou por causa das bodas. Estive muito tensa e nervosa, estou segura de que o terei em uns dias. Conheço meu corpo muito melhor que você, e não há nada diferente, nada absolutamente.

— De acordo — tranquilizou, deslizando a mão pelo braço. — É obvio que tem razão. Era só uma pergunta.

— Será muito em breve — disse, tentando explicar sua repentina apreensão. Suspirou interiormente ao pensar que teria que se preocupar também com um bebê. — Preciso de mais tempo a sós com você, sentir-me-ia impotente e incapaz, e não me desejaria durante meses. Além disso, não sei como cuidar de um bebê...

— Mira, se cale... Um momento, como que não a desejaria? De

onde tirou uma ideia tão ridícula? Nunca deixarei de desejar você.

— Terei o dobro de tamanho quando estiver grávida...

— E o dobro de beleza.

— ...e caminharei bamboleando como um pato.

— Isso fará que seja mais fácil apanhá-la quando me fizer persegui-la por toda parte...

— Não brinque com isto! Só a um homem ocorreria algo assim!

— Só trato de dizer que não tem que se preocupar. Sim, ainda a desejaria. Sempre a considerarei a mulher mais formosa que vi em minha vida, ande se bamboleando como os patos ou não. E que não saberia cuidar de um bebê, haverá tanta gente o adorando, mimando-o e o monopolizando que teríamos que pedir entrevista para vê-lo.

— Não saberia ser mãe.

— Todas as mulheres sabem por instinto.

— Quem quer que diga isso não sabe o que está dizendo. Não tenho nenhum desses instintos.

— Fá-lo-ia condenadamente bem. Jamais conheci ninguém que goste tanto de cuidar de outras pessoas como você.

— Sim, mas...

— Carinho, tem tanto amor para dar... Sério, não conheço ninguém mais perfeita que você para ser mãe.

— Não é que não queira ter filhos — disse Mira, cada vez mais tranquila, — é que não os quero ter justo agora.

— Também prefiro que seja mais tarde — admitiu, alisando o cabelo dela e beijando-a na testa, — mas se já não é possível, aceitaremos o que venha e nos encarregaremos juntos, certo?

— Certo — disse, e ele a envolveu em seus braços. Quando Alec a abraçou, Mira fechou os olhos e quase estremeceu pela satisfação de senti-lo entre seus braços, de se sentir protegida pela força de seu marido. — Suponho que em algumas coisas tem razão — murmurou.

Separou as coxas e enterrou a boca no vale entre seus seios.

— É obvio que tenho.

— Ainda teríamos tempo para nós, inclusive depois que o bebê nascesse, não é?

— É obvio que o teríamos.

— Adoraria ter um menino.

— Ou uma menina.

— Sim.... qualquer dos dois seria maravilhoso.

— Maravilhoso — conveyo com voz rouca, sorrindo com tal calidez que ela teve que elevar a cabeça para beijá-lo. Suas bocas se uniram quando respondeu lentamente, beijando e saboreando com tal destreza que Mira sentiu como uma brilhante bola de fogo se estendia por todo o seu corpo. Alec levantou a cabeça e a olhou com uns faiscantes olhos prateados. — Meu amor — sussurrou, — tem entre seus braços um homem que não tem feito amor com você durante dias, e que se encontra bastante desesperado. Podemos deixar esta conversa para mais tarde?

— É claro — disse, abraçando-o.

Alec não voltou a mencionar a possibilidade de que estivesse grávida, mas cada dia que passava, Mira percebia outras sutis mudanças de seu corpo e logo estava segura de que esperava um filho. Quando visitou Rosalie em Berkeley Hall confiou a notícia. Rosalie pareceu extremamente encantada, e disse que ela mesma estava esperando um filho e que tinha sido em Brighton que ocorreu o feliz acontecimento. Diplomáticamente omitiu perguntar a Mira de quanto tempo estava, o que foi um alívio pois concebera o bebê um mês antes de se casar com Alec.

Podia ter sido uma época feliz para Mira, cheia de expectativas e novos começos, mas se abatia sobre ela a longa sombra de Guillaume. Era difícil não desanimar ao se perguntar o que seria dele e quando voltaria a vê-lo. Agora tinha muito mais a perder, muitíssimo mais. Alguns dias mal podia comer um pouco, nem se distrair com um livro ou uma conversa, nem relaxar o suficiente para dormir. Algumas vezes percebia Alec a olhando com uma expressão insondável, como se suspeitasse algo mas não se atrevesse a perguntar a respeito.

Os únicos momentos nos quais não pensava em Guillaume ou se permitia não se preocupar com ele era quando Alec fazia amor com ela. Só então era capaz de escapar. Sabia que seu marido suspeitava que algo a preocupava, mas por alguma razão não a pressionava para que contasse. Todas as noites parecia concentrado em extrair cada gota de prazer do corpo de Mira. Atormentava-a, jogava com ela,

amava-a até que ela perdia o sentido com o êxtase mais espetacular que alguma vez experimentou. Os dias que mais estava preocupada era quando Alec estava ausente, quer fosse para se ocupar dos negócios da família ou para fiscalizar a propriedade. Como esperava e temia, foi numa destas manhãs em que Alec estava fora que recebeu outra nota de Guillaume. Com o coração cheio de temor, foi ao encontro sem dizer a ninguém. Não tinha alternativa e nada com o que negociar.

Guillaume estava esperando no final do jardim com um estranho sorriso em seu rosto afinado e um olhar atento em seus olhos escuros. Mira se sentiu dividida entre a dor e o ódio enquanto o olhava; não podia acreditar que chegaram a isso, não quando uma vez estiveram tão unidos quanto podiam estar dois irmãos. Ajudaram-se mutuamente para sobreviver, e tinham defendido um ao outro diante do resto do mundo. Mesmo assim, Mira sempre teve um pouco de medo, pois viu o que ele era capaz de fazer a outras pessoas. Sabia que Guillaume antepunha seus interesses aos de qualquer outra pessoa, inclusive aos dela.

— Tem mais dívidas? — perguntou fracamente. — Sabia que queria mais dinheiro de mim. Mas a verdade é que não tenho muito para dar.

— O restante de suas joias seria um bom começo.

— Trouxe-as, estão na bolsa. Mas depois que as pegue não tenho mais o que oferecer.

— Está casada com um maldito duque, Mira. Com certeza tem mais. Venha, dê-me. — Depois de abrir a bolsa e examinar seu conteúdo, Guillaume lhe dirigiu um olhar desdenhoso. — São bagatelas. Necessito de muito mais.

— Não tenho nada mais!

— Que lástima. Não gostaria de falar com seu marido, *petite*, mas parece que não vai ficar mais r...

— Espera — disse, mordendo o lábio enquanto os olhos se enchiam de lágrimas.

Com mãos trêmulas, desatou a corrente de ouro que levava no pescoço, tirando o medalhão Falkner do sutiã. Sob a sombra das árvores, o pesado e valioso medalhão, com perfeitas gemas lavradas,

tinha um brilho quase sobrenatural e conservava o calor da pele de Mira, mesmo depois que ela o tirara. Era seu desde a primeira noite que passou com Alec, durante meses tinha sido seu único vínculo com ele. Sustentou-o com firmeza no punho, antes de dar a Guillaume, sentindo uma dor dilaceradora quando seu irmão o arrebatou da mão, obrigando-a a renunciar a ele.

— Sim, isto já é outra coisa — disse Guillaume o examinando apreciativamente. — Bastará por agora.

— Já não tenho nada mais — falou Mira com voz embargada pelo ressentimento. — Jamais voltarei a vê-lo, Guillaume, não me importa o que diga a meu marido. Não obterá nada mais de mim.

— Equivoca-se — contradisse com voz suave e fria. — Encontrará algo mais que me trazer. Esperarei por você aqui amanhã pela manhã.

— Não virei.

— Se não o fizer, direi tudo.

— Fale de mamãe. Não me importa. Subestima-o e a sua capacidade de entender e perdoar os que ama. E a mim, é obvio, ama-me.

— Pode ser que a perdoe por mamãe — concedeu Guillaume. — É possível.

— Fará.

— E estou seguro de que a ama. Mas o amor sempre tem seus limites.

— Para você, possivelmente. Mas não para...

— É realmente uma criatura adorável, Mira. Sempre o pensei, assim imagino que ele poderia perdoar quase tudo. Mas não o assassinato.

— Assassinato? — perguntou Mira com voz aguda, sentindo que ficava pálida. — Está louco.

— O assassinato de seu primo — disse Guillaume aparentemente satisfeito pelo olhar atônito de sua irmã.

— Mas... isso ocorreu antes de que me conhecesse. Não tive nada a ver com o acontecido. Por que o mencionou? Não tenho nenhuma relação com o assassinato de seu primo.

— Sim, tem — murmurou Guillaume. — Fui eu quem o matou.

— Está mentindo — disse com voz agitada.

— Não. O primo dele fez perguntas nos tugúrios do Stop Hole Abbey, procurando uma das garotas que foi raptada... Fez muitas perguntas a muita gente. Aproximou-se muito. Naturalmente não permitiríamos que isso acontecesse. É parte de meu trabalho resolver esse tipo de problemas, assim me encarreguei dele. Nesse momento não sabia que estava relacionado com você, mas tampouco importaria.

— Mente. Não é o mesmo homem.

— Chamava-se Holt Falkner, alto, magro, com o cabelo negro. Era muito forte, lembro que tivemos que o segurar entre três para submetê-lo e...

— Oh, Deus... — exclamou Mira com voz entrecortada, se deixando cair no chão e colocando a cabeça entre os joelhos quando uma sensação de náuseas, atravessou-a. A história de Guillaume era muito horrível, muito rocambolesca para não acreditar. — Oh, Deus...

— Sim, sabe perfeitamente o que significa. Se ele averiguar o que fiz, pensará nisso cada vez que a olhe, cada vez que vá à sua cama.

Sim. Ela sabia o quanto Alec amava Holt. Conhecia a profunda lealdade de Alec, sabia as noites em claro que seu marido passou se perguntando por que e quem matou seu primo... Não, não poderia perdoar. Nem que o quisesse fazer.

— Fui tão tola — sussurrou, ao pensar que tinha uma oportunidade de ser feliz.

— Você ainda o tem... se for capaz de ocultar este segredo. E isso significa me manter contente, pequena. Assim até manhã e enquanto isso, pensa o que vai me trazer. *Au revoir*.

Ela não levantou o olhar enquanto ele se afastava. Sentia-se muito fraca, muito derrotada para se mover. Perguntou-se onde iria agora que sua vida acabou.

— Alec — sussurrou, — sinto muito. Sinto-o muitíssimo.

Era a primeira vez que Mira não o esperava na porta ao retornar para casa. Alec estranhou ligeiramente; acostumou-se a que sua esposa descesse da torre quando chegava e o saudasse na entrada principal. Carr, que deixou Londres e descansava uns dias no castelo, apareceu nas escadas e se apoiou no corrimão de ferro forjado.

— Olá, Alec. Tenho que perguntar algumas coisas...

— Onde está Mira? — inquiriu Alec a seu primo.

Carr encolheu os ombros despreocupadamente ao mesmo tempo que acrescentava: — Não a vi o dia todo. Desde esta manhã. Disse que doía a cabeça e que se encontrava indisposta. Não queria que a incomodássemos.

— Parecia indisposta esta manhã...? Estava de bom humor ou...?

— Não reparei muito. A maioria das mulheres sofre indisposições temporárias.

— Não a viu em todo o dia?

— Assim é. Agora, o que queria perguntar é...

— Mais tarde — disse Alec com ar distraído, olhando as escadas. — Antes quero ver minha mulher. — Estava acontecendo alguma coisa, aquele silêncio, a ausência de Mira... Seu coração lhe dizia que algo não andava bem. Contendo o impulso de correr a seu quarto, subiu as escadas com o cenho cada vez mais franzido e se deteve ante a porta. Girou o trinco e entrou, lançou uma rápida olhada no dormitório mas não viu nada mais que sombras vazias. — Mira? disse em voz alta; entretanto uma parte de sua mente já sabia que ela não estava.

Lentamente se aproximou da penteadeira e com mão trêmula segurou um pedaço de papel dobrado pela metade com seu nome rabiscado na parte superior.

Alec,

Se ficasse mais tempo com você, teria que mentir todos os dias, para manter em segredo coisas que não devia ocultar. Estará de acordo que é melhor para os dois que eu vá. O que devo dizer fará que mude o que sente por mim, tal como disse uma vez a você que aconteceria...

Escreveu mais, porém, de repente os olhos de Alec se encheram de lágrimas e não pôde continuar lendo. O grito que lançou ressoou no aposento como o disparo de um rifle.

— Mira!

Uns segundos depois, Carr apareceu na porta com os olhos muito abertos e cheios de preocupação. — O quê? O que aconteceu? Está...?

Com rapidez, percebeu o quarto vazio e a nota na mão de Alec. Procurou o olhar de seu primo que adquiriu um tom cinza absolutamente gelado.

— Foi — disse Alec com voz rouca. — Tenho que partir imediatamente.

— Encontraremos — replicou Carr com rapidez, sem se incomodar em fazer perguntas desnecessárias. — Não foi muito longe em um dia, não levou a carruagem, esteve aqui o dia todo.

— Irei na carruagem até a parada mais próxima e ali alugarei um cavalo. Se tiver razão, não pode ter ido muito longe. Terá que passar a noite em alguma pousada.

— Descerei e me encarregarei de que preparem a carruagem.

Quando Carr se afastou, Alec baixou o olhar à nota e seguiu lendo cheio de estupor. A pena, a angústia, o amor e o medo o ameaçaram, afligindo-o, e logo o ocultou tudo com uma grande raiva que apareceu em seu rosto. Tão pouca fé tinha sua mulher nele que fugia nas primeiras intempéries? Depois de todas as declarações de amor que fez, de todo o consolo, o apoio que lhe deu, ela voltava a reagir como uma menina assustada, e a impotência se somou à raiva que sentia. Baixou as escadas com rapidez, agarrou o casaco e estendeu a nota a Carr com uma careta de desgosto. Carr a tirou de maneira automática e olhou Alec com cara sombria.

— Vou com você — disse.

Alec negou com a cabeça.

— Não, irei sozinho.

— Levará um par de dias para averiguar onde se meteu.

— Não levará mais que umas horas. Eu a encontrarei antes que anoiteça, ainda que tenha que pesquisar a área.

— Alec — disse Carr com vacilação, cada vez mais preocupado. — Sei que está furioso com Mira, mas não deve ser fácil para ela. Seja indulgente...

— Serei indulgente — assegurou Alec laconicamente. — depois de torcer seu pescoço.

— Conforme me disse uma vez, não é a primeira vez que foge. Não é fácil perder os velhos costumes, só necessita...

— Este vai perder... — disse Alec sombriamente. — E muito em breve.

— Acredito que deva ir com você.

— E acredito que deva ficar aqui e ler esta nota.

— Por quê? — Carr olhou o papel que sustentava na mão.

— Considera-o um presente. Guillaume esperará Mira no final do jardim amanhã pela manhã. Já que minha fugitiva esposa não estará aqui para recebê-lo, acredito que não se importará em ocupar seu lugar.

— Que me crucifiquem! — exclamou Carr, esquecendo sua preocupação por Mira ao olhar a nota com uma vibrante expressão de grata satisfação.

— Que se divirta — disse Alec com suavidade, fechando a porta atrás de si.

Mira se aproximou do fogo e estremeceu quando um trovão retumbou fora da estalagem e começou a chover muito. Era noite fechada e fazia frio. O vento batia com força e sabia que tinha sorte de encontrar refúgio horas antes que a tormenta piorasse. Seu quarto era pequeno e confortável, tinha uma diminuta cama e lençóis limpos, uma lareira, uma mesa com uma cadeira e um lavatório. Entretanto, as comodidades que a rodeavam não significavam nada para ela. Olhou o fogo sem vê-lo e abraçou os joelhos, pensando em tudo o que ocorreu neste dia, dando voltas uma e outra vez, vendo o rosto de Guillaume, perguntando-se o que Alec faria agora. Não tinha dúvidas de ter feito o correto. Sabia que Alec não ia querê-la depois de que lesse a nota, mas também sabia que devia ter dito tudo em pessoa, devia-o. Fugiu sem enfrentá-lo, mas fazê-lo e presenciar sua ira, seu desprezo e seu rechaço, era mais do que podia suportar. Mira conhecia seus próprios limites, sabia que coisas podia suportar e quais não, e ver o ódio de Alec seria pior que uma bala atravessando seu coração. Seguiu com seus tortuosos pensamentos até que um golpe na porta a tirou de seus pensamentos. Pensando que era a servente, Mira ficou em pé e se aproximou da porta, pousando os dedos sobre o ferrolho.

— Sim? Quem é? — perguntou, e se alarmou ao ouvir a voz do outro lado da porta.

— Mira, abre.

A voz de Alec. Sentiu-se assombrada de que a tivesse encontrado tão depressa, e ficou olhando a porta, incapaz de se mover. Mesmo assim, esta se abriu com um forte estrépito, o frágil ferrolho saltou e

caiu no chão. Mira fugiu para o outro lado do quarto tão rápido como um coelho assustado, com as pupilas tão dilatadas que a íris castanha parecia quase negra. Alec estava na porta, com o cabelo negro caindo sobre a testa e a água escorrendo por sua roupa até formar um atoleiro a seus pés. Seus olhos cinza estavam avermelhados e brilhavam de uma maneira estranha, um rosto com um ar tão áspero que ela mal o reconheceu. Jamais parecera tão grande e aterrador. De repente, teve medo dele. Não encontrava naquela aparição nem um rastro do homem que conhecia e amava. Era um desconhecido que fixou os olhos nela e falou com tal frieza que Mira se sobressaltou como se a tivesse golpeado.

— Deu o nome de sua donzela ao estalajadeiro — disse. — Esperava um pouco mais de originalidade de sua parte. — Alec a observou com um olhar gelado, percebendo a maneira que a luz do fogo fazia brilhar a camisola branca de Mira e iluminava sua figura. Logo olhou ao redor. — Chá e um bom colchão de plumas, um bom fogo, um periódico. Muito acolhedor, sobretudo numa noite tão tempestuosa como esta.

— Sua roupa — disse com voz vacilante. — Está todo encharcado, ficará com frio...

— Guarde a cena de esposa abnegada.

Existia entre eles um muro que jamais estivera aí antes, e parecia impenetrável, tão inquebrável que Mira retrocedeu uns passos, meneando a cabeça com impotência. Seu movimento pôs Alec em ação. Aproximou-se da cadeira em três passos, agarrou-a e a colocou debaixo do trinco da porta, deixando-os encerrados no aposento. Mira inclinou a cabeça a vários passos dele.

— Como me encontrou?

— Não foi difícil deduzir que tinha se encaminhado ao povoado e que ali encontrou transporte. Sabia que não podia ter ido muito longe. Esta é a segunda estalagem que pergunto. O estalajadeiro foi muito prestativo e não duvidou em me falar de uma mulher chamada Mary Cobbett, pequena e de cabelo escuro...

— Paguei-o para que não falasse com ninguém!

— Se pode comprar um homem uma vez, pode comprá-lo duas. Paguei mais que você.

Ela inclinou a cabeça, cravando o olhar no chão.

— Leu minha carta? — perguntou com voz rouca.

— Sim, eu a li. Uma carta muito interessante. Esclareceu-me um montão de coisas.

— Já sabe por que... depois que me inteirei que Guillaume...

— Oh, entendo — disse com voz sedosa, tirando o casaco e o jogando num canto com tal força que ela estremeceu. — Sei muito bem quanto confia em mim... e o que pensa de mim.

— Alec, amo você, mas não podia ficar depois de...

— Amor? — burlou-se. — Não me venha com desculpas. Se o que tiver feito hoje é por amor, então não o quero. Não necessito desse amor. Mira, faz semanas que sei de seu irmão, inclusive tudo o que fez a Holt.

— Não é possível — disse sem fôlego, quase cambaleando pela confusão. — Não é possível que todas essas noites... que todas as vezes...

— Descobri durante a última viagem a Londres com Carr. Não sabia se você tinha conhecimento do que fez Guillaume ou não. Mas isso não pareceu esfriar minha paixão por você, verdade? Parece muito surpreendida, lady Falkner.

— E ainda seguia me querendo depois de sabê-lo? Não entendo... Tem todo o direito do mundo de me desprezar pelo que meu irmão fez... e o que era minha mãe...

— Tenho direito de açoitá-la por escapar como uma covarde sem me dar a oportunidade de falar com você. Está claro que não tem muita fé em mim, verdade? Estava condenadamente segura de que a culparia por tudo, e que não era digno de sua confiança...

— Não foi assim! — gritou Mira. — Preocupava-me com você... E é obvio, não esperava que seguiria me querendo depois de ler a carta.

— Então que diabos esperava de mim? — inquiriu furioso. — Em que demônios pensava? Deixa que seu irmão a chantageie, abandona-me com a firme intenção de me negar a oportunidade de ver alguma vez meu filho, e tudo por quê? Porque pensa que não posso amá-la sem reservas. O que a faz pensar que seu amor é maior que o meu? Disse que jamais falharia com você. Que sempre estaria a seu lado. Que necessitava de você, de você e a... a... — De repente falhou a voz

de Alec e ele lhe deu as costas com uma maldição afogada, com os ombros rígidos pela tensão e a cabeça inclinada. — Tinha medo de não a encontrar — acrescentou com voz emocionada.

Mira se aproximou dele lentamente, com os olhos úmidos e o rosto ruborizado pela esperança. Invadiu-a um doce alívio e o amor que sentia era tão intenso que quase doía. E compreendeu o dano que tinha feito, entendeu o muito que Alec a queria e o terrível engano que tinha cometido. Qualquer mulher venderia sua alma para que a quisessem dessa maneira.

— Alec... — disse com voz tremente, — pensar em não voltar a vê-lo rompia meu coração.

Ele se manteve de costas, com os punhos fechados com tal força que tinha os nódulos brancos.

— Como pode partir dessa maneira? — resmungou.

— Não entendia.... não sabia como você se sentiria. Desejava fervorosamente que fosse feliz. Pensei que poderia ser feliz sem mim. Agi como uma covarde, mas não podia enfrentar o que perdi, o que pensava ter pedido. Mas de agora em diante, tudo será diferente. Conhece todos meus segredos, e já não tenho medo de nada.

— Não volte a me deixar — sussurrou ele.

— Não o farei, juro-lhe.

— A próxima vez, eu a castigarei de uma maneira que nunca esquecerá.

— Não haverá uma próxima vez.

— Farei com que cumpra sua promessa.

— Cumprirei — prometeu chorando e, de repente ele a tomou em seus braços e a beijou.

Abraçou-a com tal força que Mira mal podia respirar. Os braços de Alec estavam duros e tensos, e trêmulos pela força de sua paixão. A camisola de Mira ficou molhada pela água da chuva que empapava a roupa de Alec, mas enquanto deslizava os dedos pelo cabelo negro de seu marido, ela não sentiu frio, pois um fogo ardente crescia em seu interior. Aceitando aquele beijo punitivo, entreabriu os lábios e ofereceu a doçura de sua boca, e ele a tomou, não com apreço ou gratidão, a não ser com forte exigência. Os lábios de Alec se separaram dos dela e deslizaram pela garganta e mais abaixo. Mira

cambaleou debaixo daquela boca saqueadora, e logo que teve forças sussurrou: — Leve-me à cama, Alec. Desejo você. Desejo senti-lo dentro de mim.

Sem falar, ele levantou a cabeça e olhou enquanto a envolvia os braços em torno de seu corpo. Em um ágil movimento a ergueu e a levou à cama. Os olhos de Alec, resplandecentes de desejo, olharam-na como se temesse que pudesse desaparecer e não separou os olhos dela enquanto se despojava de sua roupa. A pequena cama pareceu se tornar ainda menor quando Alec a deixou cair no colchão. Mira ficou sem fôlego quando ele rasgou a delicada camisola branca, muito impaciente para desabotoar os diminutos botões da parte da frente. Afastando para um lado os restos da camisola, Alec se inclinou sobre ela, e Mira sentiu que calafrios percorriam suas costas quando a pele nua de seu marido cobriu a dela. Era tão sinuoso e forte como uma pantera que exigia aplacar sua fome, alheia ao mundo que havia além da porta deste pequeno quarto. A pele de Alec estava úmida e, logo, a pele dela ficou tão molhada como a dele. Mira pressionou a boca aberta contra a pele de Alec; sábia chuva e tormenta, e lambeu aquela umidade com delicadas investidas da língua.

Alec gemeu seu nome e inclinou a cabeça sobre seus seios, deslizando a boca ao redor da aréola do mamilo, desenhando-a com os lábios, jogando com a língua até que a carne respondeu se excitando e se contraindo em um duro broto. Alec parecia desfrutar dos sons impotentes que sua mulher emitia, e continuou brincando com os seios, enquanto deslizava as mãos pelo resto de seu corpo. Passeou a ponta dos dedos pelas pernas e os quadris de Mira, riscando um caminho desde seu estômago ao interior de suas coxas, onde seguiu brincando com ela. Mira se arqueou para ele com avidez, gemendo de prazer, desesperada por alcançar o alívio que só suas carícias podiam proporcionar, mas as mãos de Alec se moveram lenta e prazerosamente, até que suplicou que terminasse com aquela tortura. Ela gemeu quando sentiu que a penetrava com um dedo e fez ondular os quadris em resposta. De repente, ele retirou o dedo e o ardente vazio a atravessou. Aferrou-se às nádegas do marido e insistiu que a cobrisse com seu corpo.

— Deveria fazê-la sofrer mais — sussurrou, com o desejo brilhando

em seus olhos, enquanto baixava o olhar para ela. — Passei tão mal esta noite que merece provar um pouco de seu próprio remédio.

— Não me castigue. — Mira se arqueou para ele, apertando os lábios entreabertos contra a garganta de seu marido. — Não me castigue por amá-lo muito.

— Oh, Deus, Mira — suspirou, enterrando-se nela com uma profunda e dura investida que a deixou sem fôlego e a fez se contorcer para acolhê-lo por completo.

Com compridos, poderosos e lentos movimentos, Alec ajustou seu corpo ao dela. Enquanto a fazia se aproximar cada vez mais da borda do precipício, ela apertava-lhe as costas com mãos trêmulas. Mira enterrou a face em seu pescoço e soluçou sobressaltada pelo êxtase mais perfeito e completo que alguma vez tinham compartilhado. Sua vagina apertada palpitou convulsivamente em torno dele, e estremecimentos profundos agitaram o corpo de Alec enquanto a abraçava com força, sussurrando seu amor contra a umidade de sua pele.

Quando se recuperou o suficiente para se mover, Alec virou de lado e se acomodou contra os travesseiros antes de embalar Mira contra seu peito. Mira apoiou a face no ombro do marido, suspirando de satisfação.

— Amo você — disse ele com voz rouca, desfazendo a larga trança e brincando com as escuras e sedosas mechas. — Não o duvide nunca. Um dia a farei acreditar, mesmo que tenha que passar a vida toda convencendo-a.

— Agora acredito — replicou Mira, dando-lhe um beijo nos lábios e sustentando seu olhar. — Mas será necessário que recorde constantemente.

— Eu o farei.

— É um bom trato — murmurou. — Seu amor pelo meu.

— Não é um trato, carinho... é uma garantia.

Os gritos que saíam da saleta chegavam até o grande vestíbulo, onde ressoavam de tal maneira que todos os habitantes do castelo Falkner podiam ouvir a discussão, mas não havia ninguém nos corredores; quando Alec e Juliana discutiam era o momento de procurar refúgio e fechar as portas. A férrea vontade Penrhyn contra

o explosivo temperamento Falkner era uma combinação aterradora, mesmo que nenhum deles ganhasse. Enquanto discutiam, Mira estava sentada num canto do sofá, rebuscando em sua bolsa de ervas com a intenção de preparar o cataplasma para os olhos de Juliana. Carr — que era o objeto do debate, — estava sentado perto dela com uma taça na mão, sem poder opinar na discussão. Alec percorria a sala de um lado ao outro, enquanto Juliana defendia sua postura sentada numa cadeira junto ao fogo.

— Não vejo como vai impedir que Carr vá — disse a matriarca. — E esse irado temperamento seu não o convencerá a mudar de ideia. Não quer nem pensar nisso.

— Carr — interveio Mira, — tem certeza de que quer abandonar a Inglaterra para procurar Leila Holburn?

— Sim — disse Carr com um olhar sincero em seus olhos verdes. — Sei que pensam que o faço por obrigação a Holt, mas é algo mais.

— Pedi a Juliana que me ajudasse a fazê-lo mudar de ideia — disse Alec com uma careta de desgosto, — pensando que mostraria uma visão prática do assunto. E em vez disso, dedicou-se a tagarelar com ele durante uma hora sobre cavalheiros e buscas, e um montão de bobagens do estilo, que só serviram para confundi-lo mais.

Juliana soltou um bufo.

— Eu não tagarelo, Alec. E me indigna que insinue que meus conselhos não são bons para ele. Além disso, Carr já não é um menino, e tem direito a decidir o que quer, sem que você, eu, ou qualquer outro intervenha.

— Não quando não tem nem ideia do tipo de problemas que procura! — exclamou Alec com o cenho franzido. — Não estamos falando de uma viagem de puro prazer ao estrangeiro! Pensa ir a um lugar onde nenhum de nós pode ajudar se estiver em apuros.

— Estou certa de que estará mais seguro que em Londres — disse Juliana.

— E eu de que não é o mais adequado para um juvenzinho como Carr!

Se Guillaume não mentira, Stop Hole Abbey sequestrou e vendeu Leila, enviando-a ao norte da África. Não havia maneira de saber quem a tinha ou onde estava agora, mas Carr surpreendeu todo

mundo ao anunciar que a procuraria. Possivelmente queria fazê-lo por sua recente visita à família de Leila, ou porque se sentia obrigação por Holt mas, fosse qual fosse a razão, Carr resolveu procurar a jovem. Mira sentia uma grande simpatia e compreensão pelo jovem primo de Alec. Nos últimos dias deixou para trás sua inocência. Tratou Guillaume com uma inesperada maturidade; decidiu não acabar com sua vida e se ocupou pessoalmente que o irmão de Mira fosse posto num navio rumo à Austrália. Ali, Guillaume enfrentaria uma vida dura, de trabalho e penúrias, algo que talvez o mudasse para melhor. Mira sempre agradeceria a Carr a misericórdia que mostrou para com seu irmão.

— Alec só quer protegê-lo — sussurrou a Carr no ouvido enquanto Juliana e Alec continuavam discutindo. Sente-se responsável por seus entes queridos e, embora jamais o admitirá, tem muito carinho por você.

— Eu sei — disse Carr, rendendo-se entredentes. — Ficaremos muito alegres quando nascer o bebê. Estará muito ocupado com seu filho para andar se metendo na vida de outros.

— Não apostaria nisso — falou Mira, e ambos sorriram.

— Está contra que eu parta? — perguntou ele.

Mira vacilou um momento, logo tirou a corrente de ouro pendurada em seu pescoço e tirou o medalhão Falkner com discrição. Depois de enrolar a corrente, sustentou o brilhante pendente na palma da mão.

— Você me devolveu isto — disse, olhando-o com firmeza. — Uma vez o deram a Alec como símbolo de sua maturidade — continuou, — e quero que o leve com você na sua viagem como símbolo de minha fé em você. De meu marido e minha — sorriu. — E traz de volta sem um arranhão ou Alec pedirá minha cabeça.

— Obrigado — disse Carr com simplicidade, pegando o medalhão e o colocando no bolso enquanto inclinava a cabeça para ocultar a emoção que sentia.

Mira sorriu e falou com seu marido.

— Alec, vou me retirar. Foi um dia muito longo.

— Acompanho-a — disse Alec imediatamente, lançando a Juliana e a Carr um olhar ameaçador. — Terminaremos esta discussão

amanhã.

Mira deslizou sua mão na dele enquanto se dirigiam aos seus aposentos.

— Juliana encheu a cabeça dele — murmurou Alec. — Pode imaginar buscando essa garota por toda a África? Nem sequer sabe que aspecto tem!

— Talvez devesse ir. Considerou o que quer fazer agora? Já esclareceu a morte de seu irmão. Perdeu interesse pelos livros e agora parece acreditar que não tem nada em comum com seus amigos. Está ansioso para pôr à prova sua independência. Talvez precise mesmo fazer essa viagem.

— Há coisas mais práticas nas quais poderia concentrar suas energias — disse Alec, tomando-a em os braços quando chegaram no alto das escadas e a levou ao quarto.

— Estou de acordo. — Mira o abraçou. — Mas nenhuma de suas propostas é tão romântica como a ideia de resgatar uma donzela em apuros, é?

Alec esboçou um sorriso a contragosto; seus olhos faiscaram.

— Não, não o é.

— Pois aí tem a resposta. — disse. — Agora, prefere seguir falando disto durante as próximas horas ou tem alguma outra sugestão sobre como poderíamos passar o resto da noite?

— Tenho algumas — admitiu, deixando-a sobre a cama e se sentando do seu lado. — Só há um problema.

— Qual?

— A noite não é o suficientemente longa para o que tenho em mente.

— Temos muito mais que uma noite — disse Mira, estirando-se com languidez. — Temos todo o tempo do mundo.

O sangue de Alec ferveu nas veias quando a olhou. Era tão bela, tão especial para ele... Ela era a única coisa que jamais deu como certo, e nunca o faria.

— Todo o tempo do mundo não será suficiente também.

— Oh, mas podemos tentá-lo — disse, e ele sorriu enquanto se inclinava sobre ela e a beijava.

FIM